

Elias Abifadel

PESQUISA, REDAÇÃO E EDIÇÃO
Antonio Carlos Cunha

REVISÃO
Sonia Cardoso

REVISÃO EDITORIAL
Maria Fernanda

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO
Trama Criações

Ficha catalográfica
ISBN

FOTO DA CAPA
Marfisa Bertora

Elias Abifadel

RIO DE JANEIRO
2019

Sumário

Meu pai (por Maria Fernanda)	7
Capítulo 1 – Elias Abifadel	9
Capítulo 2 – Raízes	25
Capítulo 3 – Empreendedor	41
Capítulo 4 – Líder apartidário	59
Capítulo 5 – Legado	75
Capítulo 6 – Bierklause e Boate Fossa	95
Capítulo 7 – Casamento e filhos	121
Capítulo 8 – Oba Oba	149
Capítulo 9 – Vida em movimento	177
Bibliografia de apoio	193

Meu pai

POR MARIA FERNANDA

MEU PAI foi uma pessoa extraordinária. Cresci ouvindo o quão generoso, amigo, agregador, visionário e empreendedor ele era. Ainda assim, me surpreendi com a grandiosidade e alcance de todas as suas conquistas ao longo dos seus 57 anos de vida.

Eu tinha 8 anos de idade quando ele morreu. No entanto, sinto-me perto dele diariamente. Orgulho-me de seu legado, um enorme incentivo para ser uma pessoa melhor e me desafiar. Mas, principalmente, sinto-me grata de tê-lo tido como pai. Lembro-me que muitas vezes só ele entendia os sentimentos que eu tentava expressar. Como um cúmplice era bom em me ouvir e me dizer o que precisava saber.

Meu herói de infância ensinou muito a mim e aos meus irmãos. Durante a minha adolescência e vida adulta inspirei-me por seus exemplos e senti o meu amor por ele aumentando ainda mais. Aprendi que nas relações humanas a gentileza recíproca é essencial e nos permite apreciar o ponto de vista do outro, levando-o em consideração.

Ele sempre soube conviver com as diferenças de pensamentos entre as pessoas, nutrir o respeito ao próximo. Desde cedo teve a lucidez e a capacidade de ouvir, de caminhar junto à sua família e à sua comunidade. Sabia que para ser uma pessoa admirável — coordenar equipes e programar ações inovadoras – não poderia jamais ser autoritário.

Não consigo imaginar sua dor ao descobrir que tinha pouco tempo de vida. Como que Elias Abifadel iria se render a um câncer? Foi difícil, mas ali estava ele, ao lado da esposa, dos filhos e das irmãs, sempre de bom coração, fazendo tudo que estava ao seu alcance para deixar a todos seguros de que ficaria tudo bem após sua passagem.

Foi uma honra tê-lo como pai, esposo, irmão, amigo, sócio, e esta biografia expressa um pouco do nosso amor e admiração por ele. Tivemos um curto convívio, e o conheci melhor através deste livro. Espero prolongar as boas lembranças que deixou na memória dos que conviveram com ele e registrar às novas gerações de nossa família a história deste antepassado tão expressivo.

Minha mãe, meus irmãos e eu somos gratos a todos os que colaboraram para a realização desta obra, destinada a familiares e amigos de Elias Abifadel.

Elias Abifadel

1

PRAÇA DO Lido, Copacabana, Rio de Janeiro; 1º de dezembro de 1970, noite de terça-feira. A inauguração da Boate Fossa, na Rua Ronald de Carvalho, 55 – pavimento superior do célebre e acolhedor restaurante e cervejaria Bierklause – ocorria de forma memorável. De carros particulares e táxis desembarcava ali gente da alta sociedade carioca. Lotavam a casa políticos, artistas, jogadores e dirigentes de futebol, personalidades das colunas sociais, empresários, produtores, celebridades do *show business* do Rio e jornalistas. O governador Negrão de Lima foi representado por seu vice, Erasmo Martins Pedro... e este, por ser véspera de seu aniversário, aproveitou o momento para comemorar a data ao lado de familiares e amigos.

Não perdeu a estreia badalada da casa quem foi privilegiado com o convite do anfitrião Elias Abifadel, o jovem empresário de 37 anos dono do Bierklause e personagem de uma rica história como comerciante e líder empresarial em Copacabana.

Elias abriu a porta da sua boate protagonizando uma recepção de gala a quem chegava, e não lhe faltaram carisma e um jeito espontâneo de dar alegres boas-vindas aos convivas abrindo os braços e os envolvendo com afeto e gentileza. Apreciador da fina alfaiataria, Elias vestia terno risca de giz, cinza escuro, camisa lisa clara e em tom azulado, gravata vermelha com listras diagonais em cinza claro.

A festa causou alvoroço no entorno da praça, embora por ali fossem comuns acontecimentos similares devido à proximidade ao suntuoso hotel Copacabana Palace, templo do luxo e glamour do bairro e palco frequente de elegantes celebrações da sociedade carioca e de pessoas do chamado *jet set* internacional.

Na calçada, em frente ao Bierklause, policiais militares, auxiliados por seguranças da casa, controlavam a chegada e saída dos carros, organizavam o acesso dos

convidados à boate e monitoravam a movimentação na praça, cuja tranquilidade há algum tempo vinha sendo afetada – de dia, de noite e mesmo de madrugada – pelo deslocamento de máquinas e veículos pesados que operavam nas obras de alargamento da Avenida Atlântica. O capítulo 4 dará conta destes fatos.

O burburinho local era típico de uma noite de espetáculo, mas desta vez tinha um ingrediente incomum: curiosos, acostumados a assistirem na calçada do prédio à chegada para jantares e eventos privativos no Bierklause de personalidades, sobretudo, de políticos, como os ex-governadores Carlos Lacerda e Negrão de Lima e o ex-presidente Juscelino Kubitschek, nesse 1º de dezembro estavam com a atenção voltada para os canarinhos, tricampeões no México. Elias convidou todos os jogadores e equipe técnica e apareceram os que moravam no Rio. Os primeiros a chegar foram o goleiro Félix, o capitão do time Carlos Alberto Torres e o preparador físico Admildo Chiról. Quem estava na calçada vibrava cada vez que um atleta ali desembarcava e, dentro da boate, o público se emocionava por estar ao lado das estrelas de uma seleção brasileira considerada por muitos a melhor de todos os tempos.

Não faltaram motivos para a alegria que fez da abertura da boate uma festa grandiosa com uma agitação acima do previsto. O Brasil vivia o chamado milagre econômico; os juros internacionais baixos elevaram os investimentos internos e externos no país; a produção em alta, sobretudo a industrial, melhorava o emprego e a renda salarial. Para Elias, isso era traduzido em mais consumo e faturamento no comércio. Sentia-se eufórico por estar abrindo uma casa noturna em momento tão propício. Empolgado, ele andava, quase que deslizando, entre os convidados, acomodando os recém-chegados no imenso salão, e respondendo, sorridente e triunfal, aos cumprimentos pelo clima de alto astral da festa.

Agregador, ele conhecia e juntava os grupos. Boa parte dos presentes era de convidados da sua sócia na boate, a cantora e compositora Waleska, a Rainha da Fossa, apelido que lhe foi dado pelo seu amigo, o poeinha Vinicius de Moraes. Waleska se apresentava e encantava a todos. O público mergulhava com ela em seu repertório de canções românticas e apaixonantes da MPB, ao lado dos cantores Stauber e Everardo, do violinista Josemir e de Juarez, no sax. Nos intervalos, ela dividia com Elias as glórias do evento, recebendo felicitações, retribuindo as amabilidades e espalhando simpatia, como se verá no capítulo 6 deste livro.

A boate era um espaço aconchegante, com mesas confortavelmente dispostas para oitenta pessoas, mas estavam ali mais de 120 convivas, conversando, bebendo, comendo e ouvindo boa música. A festa foi o coroamento de um ano de esforços

de Elias para criar a boate, aproveitando o andar superior ocioso do Bierklause, o restaurante que inaugurara três anos e meio antes.

O foco da casa foi um nicho de público muito exclusivo e singular, gente amante de música para dançar de rosto colado. Uma boate rigorosamente familiar, tanto que desde o primeiro dia ficou determinado que ninguém poderia entrar ali desacompanhado, homem ou mulher, regra que aplicara, com sucesso, no Bierklause. Quando Waleska circulava pelo salão, Elias assumia o microfone para dar boas-vindas ao público e anunciar o nome de alguém que acabara de chegar.

No início da madrugada, pouco mais de uma hora, a casa, lotada, fervia e Elias, como lhe era típico, começou a protagonizar situações inesperadas para dar um toque especial à festa. Atuando como dublê de showman, anunciou a presença de Tito Madi, então um dos mais consagrados cantores do país, agradecendo-lhe por estar ali prestigiando o evento. Tito Madi, cujo sucesso na noite carioca era fantástico, com apresentações em diferentes casas noturnas, meia hora antes realizara um show na Boate Jangadeiro, de onde viera direto para a festa da Fossa, a convite da Waleska. O público, surpreso, aplaudiu o cantor calorosamente. Elias anunciou o desejo dele e de Waleska em tê-lo como uma das atrações da casa e lhe fez, com a voz empostada e em tom formal, o convite para que se integrasse ao elenco da boate. Tito Madi, emocionado, aceitou o desafio e deu uma bela canja, cantando sozinho e ao lado da anfitriã.

Tito Madi e Elias se conheciam desde os anos gloriosos da década de 1960 da boate Arpège, mas o cantor era amigo de fato e também de longa data de Waleska, o que fez com que nem titubeasse ao responder “sim” ao convite inesperado de Elias... e ambos deram início a uma feliz parceria profissional que durou oito anos. A convivência dos dois será relatada por Tito Madi em depoimento inserido aqui no sexto capítulo.

Um novo instante especial da noite ocorreu quando Elias anunciou o lançamento, ali, naquele exato minuto, de mais um disco de Waleska. Contratada da gravadora Copacabana, a cantora, que no ano anterior lançara um álbum com o nome *Fossa*, fez a apresentação de um compacto simples com as músicas *Chorinho por um adeus*, de Flávia Monteiro, e *Tema de amor por Patrícia*, de Toninho André e Carlos Halsselman.

O sucesso da noite mostrou o talento de Elias em ocupar lacunas no *show business*, confirmando seu tino comercial, já colocado à prova em outro ramo de negócio realizado, brilhantemente, ao lado das irmãs, com a produção e venda no varejo de roupas para crianças, a Infantil Modas.

A Boate Fossa concretizou mais uma de suas ousadias, pois ele vivia no Rio há pouco mais de vinte anos e se afirmara como um prodígio em criar e ampliar convívios, sobretudo empresariais, cativando quem dele se aproximasse, assim angariando amigos que mais tarde o auxiliariam a perseverar em novos projetos mesmo em tempos difíceis.

Um ano antes da inauguração da boate, Elias recebera o título de Benemérito da Biblioteca Regional de Copacabana, por seu espírito público. No ano seguinte e dois meses e meio antes de abrir a casa noturna, foi agraciado com o título de Cidadão Carioca, e prestigiado com o recebimento da Chave da Cidade.

A boate deu um *upgrade* na imagem jovial, mas já consolidada, de Elias como homem da noite, atualizando sua participação no ranking dos grandes nomes do ramo no Rio e no Brasil, ao lado de Waldir Calmon, Barão von Stuckart, Gregoir Berenzansky, Adolf Jacobson, Giovanni e Alberico Campana, Carlos Machado, Oswaldo Sargentelli, Marcos Lázaro, Mário Priolli, Paulo Afonso Grisoli, René Bruhlart, Dom Rafael Sanches, Ricardo Amaral, Chico Recarey, e tantos outros.



Quem foi Elias? Onde viveu antes de chegar ao Rio? Quais foram os seus objetivos profissionais e empresariais e quando, por que e como os alcançou? O que o levou às suas opções de trabalho e ao seu movimento final de vida, em 11 de novembro de 1990, quando morreu aos 57 anos de idade?

O poeta português Fernando Pessoa disse, há um século, que se alguém quisesse escrever sua biografia, esta compreenderia tudo o que aconteceu entre seu nascimento e sua morte; todos os dias, entre as duas datas, pertenciam a ele, Fernando. No caso de Elias, dizem-lhe respeito não só os dias, a partir de 6 de janeiro de 1933 quando nasceu, mas também o que antecedeu a esta data e que se refletiu visceralmente em sua formação, desde a infância à adolescência e vida adulta. Portanto, para melhor conhecimento e entendimento sobre Elias, vale o resgate de fatos acontecidos bem antes do início de seus dias.

No começo da década de 1920, os jovens Abrahão Abifadel e Nazle Nassur, que já se conheciam desde Zahle, no Líbano, chegaram ao Brasil, em dias diferentes, acompanhados de familiares e outros conterrâneos. Uma migração motivada pelo desejo de viver melhor e fugir ao domínio turco-otomano que ocorreu ao longo dos séculos XVII a XIX em sua terra natal.

Em geral, os libaneses, em sua maioria vocacionada ao comércio, procuraram no Brasil ganhar a vida nos centros urbanos. Abrahão planejava algo diferente. Interessado em terra, tinha o pensamento voltado para a agropecuária. Dois anos depois de migrar e escolher o promissor Vale do Paraíba para se fixar, casou com Nazle e comprou uma fazenda, no município paulista de Taubaté – a Baraceia –, onde o casal foi morar. Logo nasceram os filhos. A família, no início dos anos 1930, acompanhou com atenção a chegada de Getúlio Vargas (1872-1954) ao poder, chamando-lhe a atenção o conturbado processo eleitoral.

Elias foi o sexto filho do sr. Abrahão e dona Nazle, que tiveram três homens – dois morreram adolescentes – e cinco mulheres, como se verá no segundo capítulo deste livro.

Embora estivessem fixados no estado que mais oposição, inclusive armada, fez a Vargas, boa parte dos imigrantes – europeus e árabes – residentes em Taubaté mantinha simpatia pelo presidente, o qual apoiou amplamente os estrangeiros que desembarcaram no Brasil e se espalharam por diversos estados, devido à necessidade de diversificação de mão de obra no país.

O governo federal, em função do esforço em modernizar a economia brasileira promovendo a indústria nacional e a urbanização, beneficiou o comércio, ampliando de modo crescente o mercado de consumo e as oportunidades para os imigrantes com vocação mercantil.

Elias, junto ao pai, que lhe incutiu desde criança a ideia do valor do quinhão de terra como fonte de renda e patrimônio, desfrutou de infância e adolescência saudáveis na fazenda da família. Na cidade, curti uma vida prazerosa; aprendia e se divertia na escola e pelas ruas centrais da antiga e aprazível Taubaté.

Época de carne e leite vendidos em carrocinhas puxadas a cavalo ou por cabras e bodes que chacoalhavam pequenos sinos no pescoço chamando tanto os fregueses quanto as donas de casa e a meninada curiosa. No comando doméstico da família estava dona Nazle, matrona e exímia cozinheira, naturalmente cultora de tradições e de requintes culinários da terra natal. À mesa de refeições, as irmãs, primos e primas, amigos e amigas curtiam as comidas, as brincadeiras e as novidades que cada um tinha para contar. Os estudos em grupo dos jovens faziam parte da convivência. O domingo tinha matiné com sessões às dez horas e após as duas da tarde. Muitos seriados, banguê-banguê ou filmes de romance e aventura.

O Centro de Taubaté, para a juventude, era cheio de espaços harmoniosos de confraternização. Do final da tarde ao anoitecer, era imperdível o vaivém na praça em frente à bela igreja Santuário de Santa Terezinha, na qual Elias foi coroinha.

Desse meio social e familiar de hábitos simples, na aparência, mas, culturalmente, rico e efervescente, emergiu Elias na adolescência. Até os 12 anos, cresceu ouvindo diferentes histórias a respeito do governo central, contra o qual os paulistas continuavam em oposição contínua, e assim foi até ver Vargas fora do poder. Elias estava em Taubaté na deposição de Vargas e durante a crise nacional, enfrentada pelo governo do sucessor Eurico Gaspar Dutra, em meio aos rescaldos prolongados da Segunda Guerra Mundial.

Em 1948, morreu o sr. Abrahão, uma tragédia familiar, conforme veremos no capítulo 3. Nos três anos seguintes, Elias, entre cinco irmãs e a mãe, concluiu o antigo curso científico e fez o vestibular. Foi aprovado para Direito, no Rio, onde fixou residência no Leme, bairro então charmoso, morada de celebridades e de famílias ricas; durante a noite, um reduto boêmio que entrou para a história cultural da cidade. À época, ali, eram notórias importantes casas noturnas, entre as quais e no rol das melhores do Rio por sua sofisticação, estava a boate Sacha's. Outro grande *point* do bairro era a Vogue, na Avenida Princesa Isabel. E mais: as boates Drink, Fred's e Arpège – esta última um recanto romântico para se deleitar ouvindo maravilhosos pianistas, inclusive o dono da casa, Waldir Calmon (1919-1982).

Elias, um jovem do interior paulista, simplesmente se deslumbrou com esse mundo sobre o qual tanto ouvira falar. Agora, ele tinha ali a oportunidade de usufruir daquele ambiente. Mergulhando nas águas da praia de Copacabana, ele se desdobrou para cursar Direito e, ao mesmo tempo, trabalhar no armário da irmã, no Lido, e conviver com a família e amigos, em Taubaté, onde mantinha os pés firmes na fazenda da família, a Baraceia.

Em meio a tudo isso, havia o seu contentamento em acompanhar, na capital da República, as ações de Vargas, que voltara à presidência nas eleições de 1950. Elias dizia que as notícias sobre o presidente e seus embates com os opositores circulavam mais cedo e em abundância no Rio. Ele tinha apreço por Vargas; aprendera a admirá-lo ao longo dos quase 17 anos em que o Brasil viveu sob seu governo, tanto que o suicídio do estadista, em 1954, deixou-o perplexo... assim como com grande parte da população brasileira.

Apaixonado pela Cidade Maravilhosa, ao formar-se advogado Elias optou pelo ramo corporativo, no comércio e produção de roupas infantis, o que lhe abriu as

portas para a liderança empresarial. Desde 1956, o presidente Juscelino *Kubistchek* animava o país com o slogan desenvolvimentista de “crescer cinquenta anos em cinco”. Foi um período democrático fértil. Elias fundou e presidiu o Clube de Diretores Lojistas do Lido, o que lhe deu a liderança de diversas ações em benefício dos comerciantes e dos consumidores locais. Focou a entidade na valorização do turismo, o que demandou esforços junto ao poder público. Foi crítico à postura das autoridades omissas em criar bases legais para investimentos no setor, como se pode apreciar no capítulo 4.

Ao mesmo tempo, defendia a manutenção de ruas, praças e praias bem cuidadas, buscando junto com a administração regional fazer parceria em prol de ações para conscientizar a comunidade sobre a importância do turista no bairro de Copacabana.

Elias Abifadel tinha ideia fixa em organizar a representatividade de grupos de atuações afins para a defesa de seus interesses. Demonstrou isso quando estudante em Taubaté e no Rio, e mesmo enquanto empresário. Antes de abrir filiais de sua loja de roupa infantil nos bairros cariocas do Catete e do Méier, sua primeira iniciativa foi articular-se com comerciantes tradicionais nestes locais, levantar as reivindicações junto ao poder público e organizar como pleiteá-las através das entidades representativas que ajudou a criar.

Não foi sem razão que Elias, quinze anos após ter escolhido o Rio para morar, chegou à presidência de uma das associações empresariais cariocas mais relevantes, a Acisul (Associação Comercial e Industrial da Zona Sul), cuja atuação era mais centrada em Copacabana, pela importância do bairro na cidade. Um dos aspectos importantes de sua atuação à frente da entidade foi a oportunidade que ele teve de manter hasteada sua bandeira em prol do turismo, além da participação ativa nas discussões a respeito de investimentos em infraestrutura e urbanismo que alteraram a feição dos bairros da Zona Sul desde meados dos anos 1960.

Devido à sua epopeia diversificada e intensa na liderança empresarial em Copacabana, amigos e conhecidos mais próximos, em tom de brincadeira, o chamavam de “prefeitinho” do bairro. Na sua agenda de atuação como presidente da Acisul, destacaram-se, em paralelo às iniciativas pró-turismo, os esforços que reduziram a violência em Copacabana e a defesa das reivindicações empresariais e comunitárias em relação ao racionamento de energia no lugar.

Um embate de grande repercussão, do qual a Acisul saiu vitoriosa, deu-se contra o comportamento do delegado Deraldo Padilha, em 1966, na fiscalização do comércio – bares, restaurantes e casas noturnas da Zona Sul. O delegado, acusado

de agir autoritariamente e, às vezes, até com violência, ficou apenas quatro meses no cargo. Essa interessante história está pormenorizada no capítulo 5, junto à outra memorável atuação de Elias, ainda como presidente da Acisul, no debate sobre o alargamento da Avenida Atlântica. Desde 1968, Elias vinha participando de mesas-redondas e palestras, em nome dos comerciantes de Copacabana, em relação à duplicação da via, uma construção magistral, que começara em 1969. Esse projeto, além do embelezamento da orla, constituiu-se em significativa obra de saneamento da cidade e foi executado no governo de Negrão de Lima.



Em paralelo à sua atuação no comércio e na Acisul, Elias se preparou para a atividade que considerava sua vocação maior: o entretenimento noturno.

Nesse campo, ele teve um inspirador e incentivador, o pianista Waldir Calmon, seu grande amigo. Como frequentador assíduo da Arpège, admiravelmente comandada por Calmon, Elias aprendeu que a primeira coisa ao se pensar em investir em entretenimento noturno era entender que as demandas do negócio giram 24 horas. De dia, uma empresa como outra qualquer, com planejamento, compras, controles de estoques, pagamentos, movimentações bancárias, fiscalizações. À exaustão, ele via os cuidados de Waldir Calmon e sua equipe com admissão e treinamento de funcionários, a supervisão das tarefas dos empregados e contratações de artistas e de mão de obra terceirizada (seguranças, manobristas). À noite, Elias acompanhava na boate a função propriamente dita do *business*, observando o empenho de todos para se preservar, na casa, a boa gastronomia, os preços competitivos, o atendimento de qualidade à clientela e a produção de shows.

Elias observou, ainda, em outras casas noturnas da moda, todo o esforço necessário por parte da equipe de relações públicas e marketing para manter a frequência do público naquele ramo de negócio tão volátil quanto era a gastronomia e o entretenimento e lazer, sobretudo à noite.

Entretanto, dependendo do negócio, às vezes nem mesmo o bom conhecimento teórico e prático representa a certeza de sucesso. Assim, a primeira incursão de Elias na área, realizada no final da década de 1960, tomou-lhe um bom tempo e dinheiro e foi um fracasso, apesar de todos os seus cuidados.

O entusiasmo do jovem empresário com os ventos otimistas soprando a economia e a política do país e sua aspiração de se tornar bem-sucedido na noite

carioca o estimularam a se arriscar no segmento de boates. Por conta de débitos trabalhistas, fiscais e locatícios, assumiu a Top Club. Ele pretendia resgatar a imagem bastante desgastada da casa, que se confundia com um ponto de encontro de garotas e garotos de programa, bastante comum na cidade. Seu empenho foi inócuo. O “ponto”, como se dizia na época, estava queimado. Esforço algum mudaria a imagem de boate carimbada como “inferninho”, mesmo com novo nome – Club 55. Ele tentou salvar o dinheiro gasto colocando a boate à venda. Nada conseguiu. As ofertas que apareceram eram acanhadas, incompatíveis com o valor que ele havia desembolsado. Fechou tudo. Voltou ao comércio de roupa infantil e ficou longo tempo observando o mercado e matutando sobre diversas ideias.

O fiasco do Top Club o deixou, por outro lado, mais experiente. Buscou conselhos de amigos e trocou ideias com Waldir Calmon. Sua conclusão foi que definitivamente não deveria investir, naquele instante, em uma boate, porque era o tipo de entretenimento que o Rio tinha, à vontade, para todos os gostos e bolsos, nas zonas Sul e Norte e no Centro da cidade. Após essa decisão, segundo suas irmãs, ele se sentiu aliviado e começou a discutir e a esmiuçar os detalhes de uma nova opção.

Desde 1965, após os festejos do IV Centenário do Rio, Elias verificara que havia espaço para entretenimento e gastronomia destinados a famílias de turistas e executivos de grandes empresas em visita ao Rio. Em 1967, no início do seu segundo mandato na Acisul, após uma visita ao Líbano e à Alemanha, ele avançou sobre esse nicho de mercado e definiu seu novo investimento na área. A partir das orientações de Adolf Jacobson, seu amigo alemão, antigo dono da famosa boate Katacombe, Elias, dando o toque germânico que caracterizou o Bierklause, iniciou a história de sucesso do seu restaurante e cervejaria.

A casa era inconfundível diante da concorrência. O principal atrativo era a variedade gastronômica, principalmente a internacional, tendo a culinária alemã como carro-chefe. Outro ponto forte do restaurante eram os shows, com músicos, cantores e cantoras românticos, além de um charmoso grupo, chamado Bandinha do Alemão, algo inusitado na noite do Rio.

Elias se redescobriu dentro da profissão, que considerava sua aptidão nata e para a qual, dizia ele, era predestinado. Com o Bierklause a pleno vapor e em contato com o público, ele se recompôs diante dos apuros que vivera antes à frente da Top Club. Na nova casa, seu relacionamento com os funcionários foi essencial para o sucesso do negócio. Elias era do diálogo e se pautou nisto no dia a dia com os empregados. Quem conviveu com ele diz que era um patrão que se norteava pelo respeito às individualidades. Tinha o hábito de agradecer pelo trabalho bem feito. Era

uma atitude simples, que tornava agradável a lida no restaurante. Havia um clima de afinidade entre os funcionários, o que facilitava a Elias formar equipes que vestiam a camisa da casa, envolvendo-se com satisfação nas tarefas e responsabilidades.

A Boate Fossa consistiu no desdobramento inevitável da trajetória bem-sucedida de Elias com o Bierklause. Mais ou menos um ano antes de abrir a boate ele já realizava no local encontros musicais, muitas vezes apenas para amigos, com artistas veteranos e novatos. O espaço funcionava como uma extensão informal de eventos do restaurante.

Narro aqui um fato interessante: a partir de meados de 1971, as duas casas de Elias, sobretudo a Boate Fossa, passaram a ter fama de serem frequentadas por políticos cassados e por artistas e intelectuais de esquerda. Era um boato, cuja origem estava no fato de Carlos Lacerda, ex-governador do Rio e fundador e proprietário do jornal de oposição *Tribuna da Imprensa*, e JK, ex-presidente da República, serem clientes assíduos das casas, além do ex-governador Negrão de Lima (embora não fosse cassado, mas de oposição ao regime militar). Como, à época, a arte estava cerceada pela Censura, tornou-se natural que muitos compositores criassem canções que, além de entretenimento, fizessem pensar sobre o momento político e social que o país vivia. A reação à Censura era comum em outras manifestações da vida cultural, como no teatro, cinema e na literatura... daí a fama de Elias.

A verdade era que na frequência ao Bierklause e à Boate Fossa predominavam empresários, brasileiros e estrangeiros, e políticos não cassados, sendo quase todos membros dos governos municipal, estadual e federal. Apesar disso, não raro, clientes, amigos e conhecidos perguntavam a Elias se os comentários sobre “gente de esquerda ser habitual freguês” em suas casas não lhe criavam problemas com o regime militar. Ele tinha a resposta na ponta da língua:

Temos aqui a música e a clientela certas para o nosso recinto. Todos se divertem no restaurante e na boate, quase sempre acompanhados de familiares, sobretudo nos finais de semana. Nossas apresentações artísticas são para tocar o sentimento de todos, e isto independe da coloração político-partidária de cada um. Portanto, não representamos ameaça a governo. Não há por que me importunarem. Nunca fomos incomodados por autoridade devido à nossa clientela.

Elias preferia tocar sozinho seus negócios, porém, às vezes, associava-se a empreendimentos e, mais tarde, ou se desfazia de suas cotas ou adquiria as participações dos sócios. Um exemplo foi o sofisticado Grinzing, em Ipanema, o primeiro restaurante dançante típico austro-húngaro do Brasil. Ele se tornou um de

seus donos ao mesmo tempo em que crescia com o Bierklause. Algum tempo depois, não lhe interessou prosseguir como cotista no restaurante. Em 27 de março de 1969, Sérgio Bittencourt, compositor e jornalista, informava em *O Globo*:

Uma das casas noturnas mais caras da paróquia é o Grinzing. Pertence a Elias Abifadel & sócios. Pois as coisas, ao que parece, não andam lá muito bem, e o Elias decidiu assumir a direção do Grinzing no próximo dia 1º de abril. Com o Bierklause, também do Elias, vai tudo ótimo.

Elias ficou com a Grinzing o tempo suficiente para estabilizá-la. Logo, passou o negócio adiante para se concentrar nas diversas frentes que tinha aberto com o Bierklause.



Quando deixou Taubaté, no final dos anos 1950, o único filho daquela família carregou consigo, com orgulho, um compromisso delicado, assumido por ele após a morte do pai: ajudar as quatro irmãs solteiras em seus casamentos – a irmã mais velha, Tereza, casara-se em 1947, um ano antes do falecimento do sr. Abrahão.

E Elias vai se mostrar sinceramente empenhado nesta missão familiar. Já no Rio, ele concentrou sua atenção nas irmãs. Trabalharam juntos, fizeram parcerias comerciais e cultivaram entre si forte carinho e dedicação. “Amor de raiz”, dizia ele, com seu jeito bem-humorado. Deu-se por satisfeito ao ver todas as irmãs casadas. No papel que seria reservado ao pai, três delas ele levou ao altar e as entregou aos futuros esposos. Foi padrinho de casamento das três e fez questão de realizar todas as festas de recepção aos convidados, com muita sofisticação, para a felicidade dos nubentes.

Bem, mas aí chegou a vez dele... As irmãs queriam vê-lo casado também. Aos 42 anos de idade, Elias conheceu a carioca Maria Angela Gebara, cujos avós paternos e maternos, libaneses como os Abifadel e Nussur e também de Zahle, haviam migrado para o Brasil duas décadas antes do pai e da mãe de Elias. Os avós paternos de Maria Angela, sr. Wadi e dona Mentaha Gebara, fixaram-se no Rio; seu pai, Phillipe Gebara, tornar-se-ia uma lenda no comércio carioca, a partir da famosa loja de tecidos, as Casas Gebara. Os avós maternos de Maria Angela, ramificação da família Maluf, foram morar no Mato Grosso e, mais tarde, seus descendentes se fixaram em São Paulo.

Elias e Maria Angela se casaram em 1975. Por coincidência, foi exatamente em meados dos anos 70 que a economia do país voltou a passar por sérios problemas, com inflação crescente, queda de produção e arrocho salarial. O capítulo 7 relata como Elias, ao lado de Maria Angela, superou a dor de perder uma filha, aos quinze dias de vida, e enfrentou a crise econômica que iria afetar seriamente o comércio em geral. Foram momentos que lhe exigiram fé e paciência, ao mesmo tempo em que teve de usar criatividade e trabalhar duro para tocar os negócios, em especial sua versão de pecuarista leiteiro premiado, nas fazendas de Taubaté e Pindamonhangaba. Contudo, ele manteve o Bierklause e a Boate Fossa no auge das badalações e os seus serviços de bufê, inclusive *in company*, bastante demandados. Outro trunfo de Elias de 1974 a 1976 foi o fornecimento de bebidas e comidas para os bailes do Theatro Municipal.

Foi um período em que ele se viu desmedidamente atarefado, com o tempo cada vez mais escasso. Era um afazer simultâneo ou imediato ao outro. E nunca reclamava. Escondia o esforço que lhe era exigido para atender aos compromissos ou executar tarefas com as quais se penhorava. No caso da falta de tempo, o sacrifício sempre coube à família. Sua convivência com a esposa e filhos era prejudicada devido à sua dedicação ao trabalho. No âmbito doméstico, outra falha considerada grave pelos parentes: ele não compartilhava nem com as irmãs as dificuldades normais que tinha de superar em seus negócios... uma conduta patriarcal e machista bastante comum entre imigrantes árabes.

Elias ignorava que, no conforto do seu lar, a esposa Maria Angela poderia ser a pessoa apta a escutá-lo, trocar ideias e lhe dar apoio, diante de algum contratempo na empresa. Mas ele dizia que não gostava de levar preocupações do trabalho para casa. O problema é que isso acabava por restringir sua convivência familiar, gerando chateações domésticas. Maria Angela e as irmãs dele, às vezes, só tomavam conhecimento de seus percalços nos negócios por amigos ou quando já não era mais possível manter o problema escamoteado.

A adversidade mais grave sofrida por Elias aconteceu no final dos anos 1970. Enquanto pequeno empreendedor no ramo de fornecimento, através de cozinha industrial, de alimentos para estudantes universitários e para operários de empreiteiras que construíram uma refinaria da Petrobras, o empresário atuou com desenvoltura, prospectou novos clientes, preparou projetos. Mas quando se envolveu de modo competitivo em um empreendimento de grande envergadura na Bahia enfrentou grandes concorrentes e foi detonado no mercado! Ao seu desconhecimento de práticas licitatórias de fornecedores tradicionais de serviços e produtos para

o poder público se somou sua derrapagem administrativa na contratação de profissionais de nível gerencial. Perdeu tudo.

O baque o levou à lona por algum tempo, o suficiente para voltar a ficar de pé, sacudir a poeira e buscar novos caminhos que o levassem a contornar a situação. Foi difícil, mas Elias superou o revés, caminhou dentro da sua expertise e de novo expandiu os negócios. O clima, diversificado desde que se fixou no Rio, agora era mais propício como advogado, empresário de entretenimento e gastronomia e homem da noite. O capítulo 3 vai abordar estes feitos do empreendedor Elias.

A experiência com os comes e bebes nos espetaculares bailes de carnaval do Theatro Municipal facilitou-lhe fornecer bufês no Sambódromo carioca, na Festa dos Carreiros em Guaratinguetá (SP), nas corridas de Fórmula-1, no Autódromo de Jacarepaguá, também no Rio. Foram ao menos quatro anos de excelente faturamento.

Os negócios lhe permitiram crescer. Um empreendimento vitorioso, a casa de shows Oba Oba, no bairro carioca do Humaitá, alcançou repercussão internacional, possibilitando-lhe outra realização bem-sucedida, que consistiu em apresentações dos espetáculos musicais fora do Rio, projetando dançarinas brasileiras no país e exterior.

Elias não impunha barreiras a si próprio. Por exemplo, nunca manifestara o desejo de ser professor, mas isto não o impediu de levar adiante iniciativas educacionais. Ao menos em dois momentos, ele concretizou a vontade de ensinar, não apenas no sentido de instruir as pessoas mas educá-las para estimular nelas uma aprendizagem contínua, inclusiva e emancipadora.

Em sua primeira gestão na Acisul, ele implantou, na Praça Edmundo Bittencourt, no Bairro Peixoto, em Copacabana, um projeto educacional de alcance popular, denominado “Universidade ao Ar Livre”, cuja aula inaugural, em 20 de maio de 1966, foi presidida pelo governador Negrão de Lima e ministrada pelo historiador Pedro Calmon, do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

Ao longo dos quatro anos de sobrevivência do projeto, houve palestras sobre teatro, com apresentações de peças dramáticas e comédias, e de música, com shows da Banda do Corpo de Bombeiros e artistas diversos. Escritores falaram de suas obras e empresários e professores discorreram sobre economia e política.

Mais tarde, quase quinze anos depois, já nos anos 1980, no Oba Oba, ele criou um curso para que as dançarinas da casa, a maior parte delas mulatas, se perfeiçõessem na profissão. Elas receberam aulas de postura e etiqueta e informações para que se

conscientizassem de seus direitos trabalhistas a fim de que não fossem exploradas ao negociarem suas apresentações, no Brasil e no exterior. O curso dava às formadas carteira do Sindicato dos Profissionais de Dança do Estado do Rio de Janeiro e registro no Ministério do Trabalho como artista dançarina de show. O diploma era concedido pelo Senac/ObaOba/Riotur – os capítulos 8 e 9 mostram como e por que a iniciativa foi um verdadeiro show inclusivo, com ampla repercussão, tendo sido, por isso mesmo, objeto de um estudo acadêmico que evidenciou sua dimensão social.

Esse viés na atuação de Elias teve reconhecimentos importantes, além do título de Cidadão Carioca. Envaideceu-o sobremaneira o Prêmio Golden Helman, que ele recebeu, ao lado de Maria Angela, em 8 de março de 1990, na Alemanha, em solenidade realizada no Senado de Berlim.



A vida de Elias foi a constatação de que cada história humana é infinitamente original em conteúdo, tempo e narrativa. Graças ao seu dinamismo, sua biografia exigiu um cuidado incomum na busca de unidade, coerência e sentido entre as experiências por ele vivenciadas. É o que atestam os depoimentos de familiares e amigos aqui reproduzidos, e no capítulo 9 desta obra.

Algo que ficou nítido nessa busca foi que suas atitudes e realizações trouxeram à tona ao menos duas informações importantes para compreendê-lo melhor. Uma delas foi comprovar a certeza de que lhe era absolutamente natural o comportamento cativante em relação às pessoas em seu entorno, ele sabia dialogar com o sentimento alheio. Outra informação confirmou a intensidade com que seu passado, com frequência, irrompeu, influenciou e explicou seu presente. Ficou evidente que tudo o que acontece com alguém, além de individual, é um conteúdo inextinguível e não deve ser ignorado, escamoteado ou negado por narrativa que se quer autêntica. Não importa quando houve algo nem sua causa ou duração, o que interessa e tem relevância é que a vida é repleta de testemunhos e estes podem ser obtidos, oralmente ou através de documentos e, nesta direção, oferecemos aos leitores uma bibliografia de apoio com o que julgamos importante como fruto da coleta de dados para a construção da narrativa ora em suas mãos.

Entretanto, é verdadeira a afirmação de que a história sobre alguém corre o risco de conter omissões em parte ou no todo, voluntariamente ou não. Não se duvida disso. Afinal, em qualquer narrativa prevalece uma versão – a do autor –

seja ela contada por um biógrafo ou pelo próprio personagem da história em sua autobiografia. Ademais, há outro obstáculo a transpor: a existência de uma linha tênue separando imaginação e memória; não raro, esta ínfima divisória é difícil de ser observada no ato de se reviver e interligar os acontecimentos de uma vida.

Na reconstituição da existência de Elias, por falta de referência, há vácuos imperiosos, mas isto foi relativamente compensado pela riqueza e transparência de outros detalhes de sua vida. Ele foi um indivíduo nem superior nem inferior a seus semelhantes, apenas diferente, como todos nós nos distinguimos uns dos outros. Um homem singular, a exemplo de tantas pessoas, com virtudes e defeitos, e com o dom de ser reconhecido e respeitado por aqueles com quem se relacionou. Esse atributo, com certeza, explica, entre outras coisas, o incessante assédio que sofreu para entrar na política partidária – e isso fica claro no capítulo 4. Lacerda, Negrão de Lima e Erasmo Martins Pedro, líderes de governos do Rio, foram incansáveis nesse intento, mas não conseguiram motivá-lo a deixar o campo empresarial.

Sua opção apartidária, contudo, não o impedia de apoiar de maneira ostensiva políticos com os quais se identificava. Pediu votos para candidatos de sua simpatia, em diferentes períodos eleitorais. Isso aconteceu, por exemplo, em relação a Lacerda, que se lançou à presidência da República em 1965. Elias engajou-se na campanha lacerdista, viajando de trem com o candidato, ao longo do Vale do Paraíba.

Desde a adolescência em Taubaté, ele soube valorizar seu papel entre os empresários, aliando determinação e cidadania. Mais tarde, foi comerciante e diligente líder de classe, com sensibilidade social e consciência quanto à necessidade de uma sociedade mais justa na produção e distribuição de riquezas. Habilidoso e visionário, ele criou múltiplos negócios que resultaram em centenas de empregos. Como presidente de entidades empresariais, defendendo direitos de seus colegas associados, ajudou na manutenção de trabalho para milhares de assalariados.

Sem medo de ousar e sem se intimidar diante de obstáculos, nunca escondeu seus princípios e convicções, nem negou seu conservadorismo. Construiu o caminho que considerou moderno e correto para andar com segurança e lealdade.

Ao confirmar que estava acometido por um câncer, chorou, mas não esmoreceu e se manteve no seu dia a dia profissional, de modo responsável, com bravura, revelando amor obstinado pela vida. Deixou um legado de paradigmas de convivência fraterna, trabalho e fé, apesar da existência tão passageira, como se verá aqui, no quinto capítulo.

OS ABIFADEL, dentro da comunidade libanesa em Taubaté, foram representados originalmente por dois irmãos. Os senhores Elias e Abrahão, ambos de Zahle, chegaram ao Vale do Paraíba no início de 1920. Fundada no século XVIII, Zahle é a terceira principal cidade libanesa, guarda vestígios históricos e pré-históricos – igrejas e mosteiros, relíquias das civilizações antigas, romanas e bizantinas, e sarcófagos cananeus. É famosa pelo clima agradável, suas uvas e poesias; situa-se no Vale de Beqaa, região agrícola fértil do Líbano.

Elias, o mais velho, veio do Líbano com a esposa, dona Zihad, e três filhos pequenos, pré-adolescentes: Agostinho, Emilio e Benjamin. Já Abrahão, cinco anos mais moço, chegou ao Brasil solteiro, e em 1922, em Taubaté, casou-se com Nazle Nassur, também nascida em Zahle.

O Vale do Paraíba, com seus municípios paulistas, fluminenses e mineiros, principal centro cafeicultor do país no final do século XIX e início do XX, foi uma das regiões que mais atraíram libaneses. Boa parte inicialmente se fixou na cidade religiosa de Aparecida, em São Paulo. Muitos queriam fazer fortuna e voltar para a terra natal, outros vieram para empreender, investir e se fixar no Brasil; ou trabalhar focando sobretudo na educação dos descendentes, caso dos irmãos Abifadel. Alcançar um diploma e ser autônomo, este era o primado do imigrante; eles se dedicavam à formação escolar dos filhos.

Elaine Meire Vilela (2011), em “Sírios e libaneses: Redes sociais, coesão e posição de status”, cita o estudo de Truzzi (1992), denominado *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*, o qual discorre sobre a ambição dos grupos de transformarem seus filhos em doutores. O estudo revela que, não raro, os jovens deveriam ingressar de preferência em cursos que proporcionassem o trabalho autônomo para que não precisassem ser empregados depois de formados. Por isso, eram mais procuradas

as profissões liberais que conferiam status – medicina, engenharia e direito. Para Truzzi, havia a preocupação com os estudos em função do desejo de reconhecimento do sucesso das famílias de imigrantes junto às elites brasileiras.

Os libaneses eram provenientes de diferentes classes sociais; muitas famílias, portanto, trouxeram dinheiro suficiente para empreender no Brasil. Foi o caso dos irmãos Abifadel. Eles desembarcaram em Taubaté preparados para descortinar mercados nesse novo mundo que escolheram para viver.

As circunstâncias socioeconômicas e políticas do Brasil levaram o estrangeiro a encontrar um promissor ambiente produtivo no Vale do Paraíba, a leste do estado de São Paulo e sul do Rio de Janeiro. Desde a Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, que libertou o escravo e aguçou o problema da falta de mão de obra no país, a lavoura cafeeira carecia da força de braços para o trabalho. A situação exigiu do governo federal providências no sentido de pôr em prática incentivos ao trabalho assalariado e, dentre elas, as iniciativas para atrair imigrantes europeus.

Três anos antes da sanção da Lei Áurea, Taubaté havia demarcado, com certo senso de oportunidade, o seu espaço como local receptor de imigrantes. O município instalara, em 1885, a Sociedade Taubateana de Imigração, a fim de promover a vinda de europeus e lhes facilitar a vida na região. Assim, as autoridades locais já demonstravam que vislumbravam os estrangeiros como substitutos da mão de obra escrava.

Segundo o historiógrafo da Área de Patrimônio e Arquivo Histórico da Prefeitura de Taubaté, professor Antônio Carlos Argollo Andrade, em 1886 a Sociedade Taubateana de Imigração solicitou à Câmara Municipal que fossem colocados à disposição dos imigrantes os terrenos devolutos disponíveis, em condições vantajosas, quer por meio de aforamento, quer por venda a prazo, com pequena amortização anual. Argollo cita as Atas da Câmara, justificando a disponibilização dos terrenos:

Sendo o fim dessa sociedade o engrandecimento deste município, aumentando sua população e, por conseguinte, a sua produção de riqueza, transformando vastas planícies e colinas que circundam a cidade em aprazíveis propriedades, conta a Sociedade (...) com o apoio desta Câmara, que, pela inteligência e patriotismo de seus membros, compreenderá que o futuro do município, que representa e depende da proteção concedida aos imigrantes, que, à sombra de nossa bandeira, aportarem às nossas plagas em busca de um futuro. (Atas da Câmara, v. VI, p. 246)

Os italianos, estimulados pelo governo brasileiro, foram os primeiros a chegar ao Vale do Paraíba, beneficiando-se da política pública de ajuda à agricultura, tendo à

frente a monocultura cafeeira. Mas os esforços oficiais em prol do café não foram suficientes para barrar a queda no cultivo local do produto. Fazendeiros tiveram de vender propriedades. Municípios que dependiam da monocultura integral do café diversificaram-se, não apenas na produção agropecuária (arroz, batata, gado leiteiro), como na variedade de indústrias incipientes, sobretudo aquelas voltadas para vestuários (confeções) e alimentação. Como consequência, cresciam o comércio e os serviços.

No limiar do século XX, a movimentação social no Brasil, sobretudo no que diz respeito à mão de obra imigrante, aconteceu sob a presidência de Epitácio Pessoa (1865-1942), jurista, que governou de 1919 a 1922, quando o país, segundo o Censo de 1920, era nitidamente rural e contava com cerca de 31 milhões de habitantes e mais de 13 mil fábricas empregando em torno de 300 mil operários. As duas primeiras décadas marcaram no Brasil a ascensão do movimento operário, já composto por imigrantes. O país vivia crises que prenunciavam a desintegração da república dominada pelos proprietários de terras.

O governo insistia na defesa dos interesses agrários, ignorando as pressões por aumentos salariais e por controle sobre o custo de vida. A fim de conter a ascensão do movimento operário e tentar acabar com o elevado número de greves, Epitácio Pessoa atendeu aos ruralistas e promulgou, em 1921, a Lei de Repressão ao Anarquismo. Foi um ato severo de controle social, dando origem à figura do delator, à ampliação da vigilância policial sobre os operários, estudantes e intelectuais. As prisões de opositoristas se tornaram rotina. O ambiente preocupava os imigrantes recém-chegados.

A gestão de Epitácio Pessoa, apesar de marcada por pressões trabalhistas, rebeliões militares e conflitos entre os grupos da elite econômica dominante, credenciou-o a eleger seu sucessor, o mineiro Artur Bernardes (1875-1955), escolhido também por São Paulo. Bernardes governou entre 15 de novembro de 1922 e 15 de novembro de 1926. Foi um período que pavimentou a consolidação de mudanças na sociedade brasileira, com a valorização do trabalho assalariado, o que aumentava a confiança dos imigrantes no Brasil, sobretudo dos árabes identificados com a urbanização do país.

Dessa forma, o Brasil, entrando e saindo de crises, com causas internas e externas, e enfrentando percalços econômicos e sociais, confirmava, desde então, sua vocação de país multirracial, com imigrantes do mundo inteiro. Os libaneses, comerciantes – de alimentos, utensílios domésticos e ferramentas agrícolas, armarinhos, tecidos e

roupas –, vieram para o Brasil de forma espontânea, sem o incentivo governamental dado aos europeus, exceto a facilidade da desburocratização para se fixarem no país. Familiares e patrícios ajudavam os recém-chegados, sobretudo fornecendo moradia, além de suporte material para trabalharem, a fim de lhes proporcionar segurança na nova terra.

Muitos dos libaneses, seguindo a tradição que caracterizava os patrícios, iniciavam a labuta no varejo ambulante, utilizando malas pesadas recheadas de produtos, as quais carregavam sobre os ombros, em lombos de burros ou usando bicicletas. Quem já estava estabelecido no Brasil fornecia mercadorias aos recém-chegados, fiado ou sob consignação, o que significava crédito importante, porque lhes facilitava negociar prazos de pagamentos mais flexíveis com os consumidores. Assim, de porta em porta, difundiam o pagamento parcelado, prática que os tornava conhecidos como *turcos da prestação*. Tal denominação vem do fato de os libaneses e sírios terem a documentação (passaporte ou identidade) emitida pela Turquia, pois seus países não eram independentes. Porém, em geral, os vendedores ambulantes árabes eram chamados de *mascates*. O escritor libanês Salim Miguel (1924-2016) dizia que a palavra “mascate” tinha um poder mágico para a comunidade:

Ao chegar ao Brasil, libaneses e sírios, árabes em geral, começam mascateando, trouxas ao ombro (...). Se estão se dando bem e o mascatear dá certo (...) adquirem um cavalo, um burro, uma carrocinha; depois, podem ter uma vendola, um armazém, loja de tecidos, quem sabe uma fabriqueta. (MIGUEL, 2008, p. 96).

Negociadores incansáveis, na cidade e no meio rural, os mascates progrediam e seu objetivo de varejo fixo era buscado não apenas com a abertura de pequenas lojas ou “vendolas”, como dizia o saudoso jornalista, escritor e poeta libanês Salim Miguel, em 2008. Dependendo da capacidade de investimento, eles abriam armazéns de cereais, comércio de atacado de secos e molhados, redes bem instaladas de atendimento ao consumidor, além da criação de confecções de variados tamanhos, gerando empregos e se incorporando de modo definitivo ao comércio e à economia locais.

O estilo chamativo dos árabes comercializarem mercadorias até hoje se faz sentir no varejo brasileiro, haja visto as lojas mais populares de produtos a baixo custo. Eles aprimoraram um jeito peculiar de expor produtos nas barracas ou espalhados no chão; os artigos de visual atrativo, porém sem muita qualidade, mas com preços acessíveis ao interessado de menor poder de compra. Mostraram-se hábeis nas conversas de convencimento do consumidor em relação à compra da mercadoria desejada. Negociar preço, para esses imigrantes, sempre fez parte da tradição

deles, chegando a ser regra em lojas de luxo e populares, nas quais os vendedores respeitam quem pechinha, muitas vezes mostrando-se decepcionados quando alguém aceita o primeiro preço.



No Vale do Paraíba, os imigrantes libaneses souberam tirar proveito da industrialização e da urbanização nascentes, confirmando que vieram para o Brasil com a perspectiva de encontrar nas cidades as condições para o florescimento do comércio e não visando a trabalhar nas lavouras e pecuária, como os europeus. É certo que ocorreu o emprego de libaneses no campo, mas em quantidade inexpressiva diante de italianos, por exemplo.

Outro ramo explorado por libaneses e sírios na cidade vale-paraibana de Aparecida deve-se ao santuário e à festa religiosa: o ofício de retratista, o conhecido *lambe-lambe*. Tratava-se do manejo de uma câmera-laboratório acoplada a uma caixa de madeira comum, com uma lente apoiada em um tripé. A câmera era dividida em duas partes, sendo que a inferior continha dois banhos, do revelador e do fixador, utilizados ao mesmo tempo para o processamento químico de filmes e papéis. A foto era revelada ali mesmo, na praça, quase que de modo instantâneo, o que dava mobilidade ao fotógrafo, uma vez que não precisava se deslocar ao laboratório para revelar os filmes. A atividade estimulou os libaneses a praticar a venda de artigos religiosos, nas proximidades do santuário de Aparecida.

Segundo Gattaz (2005), oficialmente, a imigração libanesa no Brasil começou em 1880, quatro anos após o Imperador Dom Pedro II ter visitado o Líbano. A embaixada do Líbano no Brasil classifica o fluxo migratório dos libaneses em duas fases: de 1850 a 1900, quando tem início o processo migratório destinado a todas as regiões do país; de 1900 a 1920, quando a imigração já se encontrava avançada e era possível falar em colônias libanesas e sírias no Brasil.

De acordo com Moraes (2002), a grande corrente imigratória de libaneses para o Brasil ocorreu em 1914, em função da Primeira Guerra Mundial e da dominação otomana sobre o Líbano e a Síria. A partir de 1920, os libaneses se fixaram mais no Sul e Sudeste brasileiros. Para Gattaz (2015), diversos fatores estiveram na raiz do intenso movimento migratório libanês que se iniciou no final do século XIX, atuando com maior ou menor peso conforme a época, a região e o grupo afetado.

Sob o ponto de vista das influências socioeconômicas, verificou-se, de modo geral, que não foi exatamente a pobreza extrema que provocou o movimento migratório [dos libaneses], mas a falta de perspectivas de melhoria econômica – especialmente para os jovens urbanizados, que não viam no país possibilidades de crescimento profissional. Já para os habitantes da zona rural, foi fator preponderante a baixa relação entre terras disponíveis e população, fazendo com que muitos dos filhos mais novos, não encontrando sustento na terra dos pais, decidissem migrar para outras regiões do Líbano ou para o exterior.

Nas duas primeiras fases da imigração, é necessário destacar a influência negativa dos dominadores estrangeiros (turco-otomanos até 1920 e franceses a partir de então). Outro determinante essencial do processo foi o apoio da base familiar e da rede de conterrâneos. A imigração síria e libanesa era formada por “indivíduos comprometidos por laços familiares, dedicados ao atendimento de prioridades deixadas na terra natal. Seja por meio de envio de dinheiro, seja reconstruindo suas vidas familiares no Novo Mundo, eles efetivamente buscavam redimir suas famílias de situações desfavoráveis. (TRUZZI, 1997, p. 34)

O pesquisador Eddy Carlos, no blog “Redescobrimdo o Vale, relaciona as principais famílias libanesas que, a partir de 1889, radicaram-se em Aparecida, Guaratinguetá e cidades adjacentes: Filfali, Kachiff, Tanus, Farah, Lonis, Carone, El Cury, Ibrahim, Raad, Haber, Kadri, Darido, Trabulsi, Komeik, Lana, Gorra, Balot, Jacob, Kifouri, Nasralla, Samahá, Assis, Jehá, Mechica, Ayub, Bourabebi, Francis, Dorgan, David, Elache, Chuaire, Boueri, Azem, Andare, Beiruth, Elias, Andrauss, Jorge, Corcinelli, Sadi, Kopaz, Tanisse, Esquiff, Haamati, Sebe, Abdalla, Maruck, Mathias, Khouri, Safadi, Chad, Goussain-Murat, Bechara.

Segundo o professor Argollo Andrade, estabeleceram-se em Taubaté, além dos Abifadel, as famílias sírias e libanesas Abiracahed, Abouhala, Abraham, Abud, Aik, Allan, Andraus, Assaf, Barquete, Berbare, Calif, Calile, Ebran, Elias, Kather, Mansur, Mouassab, Mouhawad, Murad, Mutran, Nader, Nagib, Nassur, Naufaf, Nemer, Parquet, Rachou, Rechdan, Saab, Saad, Tabchoury, Tauif, Tobias, Zamith, Zehuri.



Tudo o que os libaneses queriam para viver na nova terra estava ali em Taubaté, uma das primeiras cidades do país a se industrializar, nos primórdios do século XX, tornando-se uma das regiões líderes no ramo da tecelagem. Em circunstâncias tão favoráveis, não foi tão difícil, portanto, para os irmãos Abifadel decidirem sobre

seus investimentos no município e o fizeram com muita fé em um futuro melhor, até mesmo porque, na Europa, alguns países já tinham assinado na França o Tratado de Versalhes, ratificado pela Liga das Nações em 10 de janeiro de 1920. O tratado de paz veio para selar em definitivo o fim da Primeira Guerra Mundial, trazendo para a humanidade uma perspectiva de conciliação, harmonia e retomada do desenvolvimento social, mas remanesciam rescaldos da violência do conflito.

Elias buscou o comércio com armazém de secos e molhados, loja de armarinhos e concessionária de veículos, com diversificação no atacado e varejo. Abrahão, com apoio e entusiasmo de dona Nazle, optou pelo investimento na vida rural, adquirindo uma fazenda, a Santa Cruz do Baraceia, onde foram morar e explorar lenha e pecuária leiteira. Na compra da terra, o sr. Abrahão e dona Nazle contaram com apoio e orientação da Sociedade Taubateana de Imigração.

A presença de dona Nazle e seu poder de decisão nos destinos da família eram enraizados, o que denuncia um equívoco na história da migração libanesa ao retratar a subserviência da mulher ao patriarca doméstico. A professora e escritora Samira Adel Osman (1998), em *Caminhos da imigração árabe em São Paulo: História oral de vida familiar*, chama a atenção para o papel da mulher no movimento migratório libanês para o Brasil, cuja importância, segundo a autora, não é devidamente reconhecida. Para ela, foi essencial a presença feminina na preservação da cultura libanesa e na adequação a novos valores adquiridos durante a migração:

Além do espaço doméstico, as mulheres participaram no espaço do trabalho, opinando, decidindo, influenciando, traçando projetos, reelaborando trajetórias e reorganizando o papel da família. Compreender sua atuação contribuirá para a superação de preconceitos quanto a estereótipos de submissão e pouca (ou nenhuma) participação na organização familiar. (OSMAN, 1998)

Os pais de Nazle – Jorge e Maria Nassur – foram morar na fazenda com o casal e Abrahão e este teve cinco filhos: dois homens – Jorge e José – e Julieta, Aparecida e Teresa. Jorge e José morreram na pré-adolescência, com cardiomegalia (ou doença do coração grande), um mal que exige cuidadoso tratamento e atinge pessoas em todas as idades. O coração grande não consegue bombear sangue com a força necessária para todo o corpo, o que provoca cansaço intenso e falta de ar.

A morte dos dois filhos foi decisiva para a opção dos Abifadel. O casal resolveu comprar uma casa na cidade e, além do cuidado com a saúde das filhas, se preocupou com os estudos das mesmas. A preferência da família era que o imóvel se localizasse no Centro, junto ao comércio e às escolas. Sem muita dificuldade, o sr. Abrahão e

dona Nazle encontraram uma casa com enorme alpendre e seis janelas, duas salas, quatro quartos, cozinha e banheiros amplos, enorme quintal com pés de jabuticaba, limão, laranja e espaço à vontade para as brincadeiras das crianças. A localização era invejável, na Rua Engenheiro Fernando de Matos, a menos de 50 metros da Praça Santa Terezinha, onde se situa a bela igreja com o mesmo nome, na qual o sr. Abrahão, dona Nazle e filhas passaram a frequentar as missas dominicais e outros momentos de oração, durante a semana.

A família Abifadel, na cidade e na fazenda, tinha o comportamento próprio de libaneses, cujo objetivo era construir e se fixar de forma definitiva no Brasil. O sr. Abrahão e dona Nazle não falavam muito do Líbano e nem manifestavam excesso de saudosismo, mas mostravam que guardavam profundas e belas recordações do país e de Zahle.

Os hábitos cotidianos da família, a alimentação, a vida social e religiosa e os contatos com parentes e com os membros da comunidade libanesa transpareciam que o casal cuidava de passar para as filhas a importância do amor tanto à terra natal quanto àquela em que se vive.

Dona Nazle possuía excepcional memória e senso de humor. Era sociável o tempo todo. Observadora, não deixava passar despercebida qualquer situação merecedora de um irônico comentário. E sofreu muito quando perdeu a amiga e concunhada, Zihad, esposa de Elias. Menos de um ano depois, veio o falecimento do sr. Elias. Foram mortes dramáticas para a família, que, felizmente, morando na cidade, deu apoio aos três sobrinhos órfãos.

As crises políticas, no Brasil, sucediam-se e incomodavam os imigrantes, mas não a ponto de desistirem de realizar o sonho de uma vida melhor no Novo Mundo. Os mineiros e paulistas alternaram-se no poder central, até 1930, quando os estados da Paraíba, Rio Grande do Sul e Minas Gerais formaram a Aliança Liberal e lançaram o gaúcho Getúlio Vargas para a presidência, com o paraibano João Pessoa como vice. O presidente Washington Luís (1869-1957) apoiou a candidatura a presidente de um paulista, Júlio Prestes, que venceu as eleições. Porém, o assassinato de João Pessoa, a crise ocasionada pela quebra da bolsa de Nova York no ano anterior, e as denúncias de fraude nas eleições descarrilharam a política e se tornaram pretexto para a oposição iniciar um movimento que radicalizou a desestabilização da conjuntura. No dia 14 de outubro de 1930, Washington Luís foi deposto, uma junta militar assumiu a presidência do país e empossou Vargas, dando início a um marcante momento na

vida do país, com impacto profundo na trajetória dos imigrantes, em particular dos sírios e libaneses, que priorizavam viver nas cidades.

Dividindo o cotidiano entre as casas da cidade e da fazenda, o sr. Abrahão e dona Nazle tiveram mais três filhos. Elias nasceu em 6 de janeiro de 1933 e recebeu o nome em homenagem ao tio; Maria, em 1936; e Ivete, em 1938.

Filho homem da casa, Elias, na expectativa do sr. Abrahão, tornou-se o responsável pela continuidade do sobrenome paterno. O patriarca, sempre feliz com a chegada do varão da família, estampava confiança e tranquilidade também pela certeza de um bom futuro para sua família no Brasil, apesar dos rescaldos de crises remanescentes do movimento armado, ocorrido em São Paulo (autodenominado Revolução Constitucionalista de 1932) que tentou derrubar o governo de Vargas. Os constitucionalistas foram muito ativos em Taubaté. José Benedito Prado (2005) destaca a atuação de voluntários anti-Vargas, no movimento iniciado em final de julho, terminando em outubro:

A grande maioria das cidades do interior paulista formou batalhões de voluntários para combate em linhas de frente nas divisas com Minas, Rio e Paraná. Em Taubaté, formou-se o Batalhão Jacques Félix, com voluntários, muitos dos quais não sobreviveram aos conflitos que aconteceram no Vale, sobretudo no município de Cunha. (PRADO, 2005, p. 68-69)

Vargas, vitorioso, lançou as bases para se tornar o presidente que durou mais tempo no poder do Brasil republicano. Ele pôs fim à República. Ao final desse primeiro mandato, foi eleito presidente pela Assembleia Nacional Constituinte (1934-1937). Em 1937, fechou o Congresso Nacional e instalou o Estado Novo (1937-1945). Sua trajetória, nacionalista e voltada para o social, levou-o a enfrentar férrea oposição. Vargas criou a Justiça do Trabalho, em 1939, e implantou direitos trabalhistas por meio da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), com salário mínimo, semana de trabalho de 48 horas, a carteira profissional e férias remuneradas. Seu governo priorizou a infraestrutura, com destaque para a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, beneficiando todo o Vale do Paraíba. Essas transformações, ao gerarem condições para diminuir a exploração contra o assalariado, eram favoráveis ao imigrante em geral e, em particular, beneficiavam o libanês, focado em ganhar a vida em cidades com um poder de consumo forte.

Após o fim da Segunda Guerra, o momento internacional, com a queda dos governos autoritários na Europa, indicava o fim do Estado Novo. Vargas encerrou seus 15 anos de governo renunciando em 29 de outubro de 1945. Dia seguinte, o

cargo foi ocupado pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, que restabeleceu para 2 de dezembro o pleito que elegeria Eurico Gaspar Dutra presidente da República.

Em 1947, Teresa, irmã três anos mais velha que Elias, casou-se e se mudou com o marido Zacarias para Guaratinguetá, onde passou a residir. Em 2017, então viúva há 19 anos e vivendo com os filhos José Roberto, Antonio Carlos e Merina Helena, falou de sua convivência com o irmão. Ela conta que sua mãe costumava dizer que, com menos de oito meses, o garoto começara a engatinhar. Logo, ficou em pé e daí para os primeiros passinhos foi rápido. Elias aprendeu a andar, conquistou o espaço e se tornou cada vez mais independente. De repente, passou às primeiras palavras, à comunicação com as pessoas e a nomear o que via. A lembrança de Teresa o localiza por volta de 3 anos de idade, sob o carinho e olhar cuidadoso dos pais e das irmãs, todos atentos em relação à vida frágil de uma criança nos seus primeiros anos.

Emílio, sobrinho mais velho do sr. Abrahão, foi convidado por dona Nazle para ser o padrinho de batismo de Elias, cerimônia realizada pela família com pompa na igreja Santa Terezinha.

Na segunda metade dos anos 1930, Taubaté contava com 38 mil habitantes e as ruas da cidade, mesmo no Centro, coração do comércio local, tinham calçamento precário; eram poeirentas ao sol e lamacentas na chuva. Elias não saía muito de casa, exceto para frequentar com as irmãs e às vezes com a mãe a praça e a igreja. Semanalmente, era levado a visitar parentes, patrícios e amigos brasileiros da família, em outros bairros.

Dona Nazle, intuitiva e positiva, não restringia nem era exigente diante das diversões infantojuvenis das filhas e do filho. Propiciava-lhes tempo para que crescessem; corpo e mente saudáveis, dizia ela. Brincar, desenhar, usufruir da natureza, divertir-se com terra e água; correr, balançar, pular corda, imitar atividades caseiras, ter bom sono e farta alimentação era o que dona Nazle procurava dar aos filhos e o tempo mostrou que ela estava muito certa.

Ao lado das irmãs, de parentes e amigos, nesse mundo prodigioso, Elias, sem deixar de lado seu apego pela cidade, mostrava inclinação pela vida na fazenda. Pedia ao pai que o deixasse acompanhá-lo na roça e, um pouco mais crescido, ajudava o sr. Abrahão que, além de pequena plantação para consumo da família, explorava vacas leiteiras e lenha. O filho participava dos trabalhos ao lado do pai e em casa, na cidade, tinha histórias para contar à mãe e às irmãs.

A família se deslocava para a fazenda sobre um carro de bois, que se movia com lentidão e com a roda cantando. As crianças desciam e subiam do carro em movimento, às vezes para pegar uma fruta na beira da estrada, outras vezes só para se divertir ou andar ao lado do carro de boi. O comportamento humilde, prestativo e respeitoso do irmão sempre impressionou Teresa; ao se recordar desses momentos, ela se emociona com as imagens da família reavivadas em sua memória, em particular com as lembranças do pequeno Elias.

A fazenda tinha uma vida muito rica de emoções para os Abifadel. Em frente à casa, havia um assento feito de troncos de árvore. Ali, com frequência, havia alguém sentado; ou o pai, a mãe ou os filhos... ou todo mundo junto. Era uma prática cotidiana. Elias ficava ali ora com o pai, que gostava de apreciar a paisagem, outras vezes com as irmãs e amigos, ainda mais quando os animais estavam sendo ordenhados. Uma das vacas era reservada para abastecer de leite a família. Havia animais suficientes para fornecer para as cooperativas. As crianças gostavam de mostrar aquela vaca específica aos amigos e conhecidos que os visitavam e se divertiam com isso. A uns 200 metros da casa, passava pela fazenda um rio e havia frutas, legumes e verduras destinadas à família e aos empregados; não se produzia o suficiente para comercializar.

Elias, criativo, cheio de iniciativas, gostava de usar expressões locais e de ouvir histórias curiosas. Seus diálogos e discussões com as irmãs, típicos de uma família libanesa, pareciam brigas, mas eram sempre de paz. Todos falavam alto e gesticulando, mas se compreendiam muito bem. Na casa da cidade ou na fazenda, a comida era caprichada e valorizada com orgulho. Pratos típicos da região eram frequentes à mesa dos Abifadel, como o bolinho caipira de milho, a quirera (feito com milho fragmentado), broa de pinhão e pratos mais simples, como linguiça caseira. O afogado de Natividade da Serra, a linguiça de Bragança Paulista, cuscuz, arroz com suã, o tutu de feijão, as moquecas de Caçapava, pamonhas, paçocas e todas as variações de receitas com o pinhão. Farofa de içá, feita com formigas tanajuras, uma iguaria, que o taubateano Monteiro Lobato, o criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo, dizia ser o caviar do Vale do Paraíba.

Na culinária libanesa, o quibe cru e o assado eram os favoritos, ao lado do tabule, esfiha e outros pratos, que se complementavam. Cebola e vegetais crus à vontade; hortelã e salsa. O *mezze*, servido, em geral, sem talheres, já que o pão árabe tradicional, achatado e redondo, faz as funções de garfo e colher. Almôndegas de carne com cebola e pinhões; o cafta, cordeiro assado ao carvão, salada com folhas de hortelã. O homus – um purê de grão-de-bico e pasta de gergelim – e o

baba ghanoush, pasta de sésamo, limão e alho. O *kebbah* cru – carne de cordeiro misturada com trigo moído com cebola, hortelã, pimenta e sal. O prato nacional do Líbano, *kibbeh*, mistura carne de cordeiro picada e acompanhada de *bulgur*, assado, cru ou frito. Empada de espinafre, queijo curado, pizza com *za'atar* e folhas de parreira recheadas... No fogão a lenha, conta Teresa, sempre tinha alguma comida borbulhando, comandada pela empregada da família, a Teresona – assim chamada para diferenciar de seu nome.

Na fazenda do Baraceia, toda semana era rezada missa com a participação de vizinhos, segue o relato de Teresa, e o padre vinha de uma das paróquias próximas. Os amigos das irmãs e do Elias eram os primos, vizinhos e colegas da escola. Muitas vezes, as crianças levavam amigos para passear na fazenda.

Diz Teresa:

Tínhamos uma vida saudável, bonita, comunicativa. Éramos unidos e continuamos assim pela vida afora. Elias viveu esse ambiente. Ele era especial para nós, não apenas por ter sido o filho homem da casa, o único em meio às cinco irmãs, mas porque sabia fazer o bem de maneira especial, conquistando a gente em cada momento. Sempre pronto a atender com sorrisos algo de que precisássemos. Nunca estava ocupado para nós.

Com minha mãe, então, era especial; os dois se falavam com olhares. Foi um menino caridoso e honesto, desde pequeno.

Sempre me recordo de nossas conversas, ríamos muito, fazíamos piadas e planos. Elias era entusiasmado, otimista. Já novinho, pensava em tudo o que fazia. As pessoas ficavam abismadas. Como um garotinho tão novo podia falar tanta coisa do futuro? O sonho dele, ainda criança, era ser fazendeiro, criar gado e produzir leite.

Essa lembrança me traz alegria e saudade. O Elias acolhia e era carinhoso com o próximo, por isso fazia muitos amigos. Ele abraçava fraternalmente a quem gostasse... um cumprimento afetuoso que fica na memória da gente.

São essas pessoas que nos levam a crer na bondade alheia. Tenho essa memória em relação ao meu querido Elias. São imagens que passam rapidamente pela cabeça da gente. É algo vivo e real na minha vida.

Uma reminiscência especial de Teresa é a jabuticabeira no quintal da casa da cidade, com sombra e frutos pelo menos duas vezes ao ano. Da fazenda ficaram as imagens dos animais no curral, das plantações, do rio e dos momentos muito íntimos da família; do carro de boi e do lombo de burro usado para carregar mantimentos e lenha. Tudo retratando a saga dos pais que chegaram à cidade como integrantes

de grupos de visionários libaneses em busca de um futuro melhor na terra nova. E lembrou que a família se ramificou e seus parentes souberam se destacar em cada profissão que escolheram. Para ela, o sr. Abraão, exigente com suas responsabilidades, foi feliz, de simples fazendeiro à realização de seu grande sonho que foi criar os filhos de forma exemplar.

Teresa, com orgulho, fala do seu casamento com o Zacarias Boueri. Foi o primeiro matrimônio da família, realizado com muita pompa pelo sr. Abraão dentro das tradições libanesas. Participaram da festa parentes de Taubaté e de outras cidades, vizinhança toda e amigos.

Conheci o Zacarias numa festa anual em Tremembé. Ele ficou olhando para mim. Minhas primas me aconselharam a flertar com ele. Zacarias tinha um comércio já instalado; antes, fora mascate e depois viajante. Quando nos casamos, mudamos para Guaratinguetá.

Meu pai morreu de doença no pulmão; era fumante... e tinha também problema no coração. Quando faleceu, Elias estava com 15 anos. Meu pai pediu ao Elias que cuidasse de nós e lhe disse que seu maior sonho era nos ver todas casadas.

Minhas irmãs, eu e Elias demos à nossa mãe o conforto para que ela superasse o luto da viuvez; cuidamos para que ela tivesse uma vida tranquila. Cumprimos religiosamente os preceitos de uma família cristã: respeito ao próximo, conscientes de que não deveríamos ser empecilhos à felicidade de ninguém, pelo contrário, se possível, deveríamos ajudar o próximo.

Elias trilhou pela vida nesse sentido, caridoso e cumpridor de obrigações; buscou atender o que nosso pai lhe pediu: assegurar casamentos felizes às nossas quatro irmãs.

Dona Dirce, filha de brasileiros, foi batizada por dona Nazle e mora em Taubaté. Em 2017, com 89 anos de idade, ela contou como seus pais conheceram e se aproximaram dos Abifadel. Vejamos o que diz sobre ambas as famílias, nos anos 1920 e 30:

Tínhamos fazenda vizinha à do sr. Elias. Meu pai abriu lá um armazém. Esse foi o início da aproximação dos dois, que se estendeu para as nossas famílias. Minha mãe ficou tão amiga de dona Nazle que a escolheu para ser minha madrinha. Um privilégio para mim, pois durante anos estive literalmente sob o amparo da madrinha e de sua família. Gostavam de mim e eu os adorava.

A madrinha era a voz forte da casa em relação às filhas e ao Elias, principalmente no que dizia respeito à alimentação. Minha madrinha sabia cozinhar com criatividade e usar os condimentos brasileiros e libaneses. Nunca me esqueci do delicioso café feito à moda árabe,

com esfihas e outras inesquecíveis iguarias. Os libaneses são hospitaleiros e se orgulham disso. Eles consideram uma honra ter hóspedes em casa.

Cabia a ela também decidir sobre as vestimentas das filhas. Todos usavam roupas simples e discretas; as mulheres mantinham os cabelos presos. A madrinha não era autoritária, mas respeitada e rigorosa. A casa era arrumada ao extremo; ela se dedicava inteiramente ao lar.

Seu carinho por mamãe transferiu-se para mim depois que minha mãe faleceu. Muito amor e bondade. Matriarca, ela queria o bem não apenas da família, mas de amigos e conhecidos que frequentavam sua casa.

Elias no seu jeito de gostar de todo mundo tinha a quem puxar. Os libaneses adoram a família. Dão valor ao fato de estarem todos reunidos. Pessoas bacanas, simples, o que eles gostavam era de mesa farta e os filhos em volta, com amigos e parentes. Comer bem era a palavra de ordem no lar dos Abifadel.

A madrinha era exageradamente maternal. Eram tantos os seus cuidados que acordava o filho para lhe perguntar se estava dormindo bem! Ele carinhosamente lhe respondia que “estava” dormindo, porém ela acabara de acordá-lo... sorria e voltava a dormir, pedindo à mãe que não o acordasse de novo. Essa mania dela chamava a atenção porque era só com o garoto. Ela não fazia isso com as filhas, nem com o marido.

Minha madrinha dizia que se lembrava do Líbano a cada dia com menor frequência, mas com saudade. Falava que o que lhe dava ânimo e energia eram o Brasil, a educação dos filhos e os negócios do marido com a fazenda. Ela e o sr. Abrahão falavam libanês quando estavam a sós. Ele não era meu padrinho, mas gostava que eu o chamasse assim, era costume na época.

Elias e as irmãs que adoravam o pai impressionavam-me. Em razão da minha convivência com a família, algumas características dos Abifadel ficaram bem marcadas em mim. Quanto ao Elias, o que eu mais admirava e tenho viva na memória era a generosidade dele com os parentes. Gentil e respeitoso.

Essa amabilidade era de família. Todos eram muito solidários e prestativos caso alguém os procurasse por uma necessidade qualquer. Eles ajudavam sem medir esforços. Se fosse um brasileiro, eles diziam que era um jeito de retribuir a acolhida que aqui tiveram.

Elias, em meio a esse universo, não me surpreendeu quando começou a fazer sucesso, desde os tempos de escola primária em seus relacionamentos com amigos, parentes e mesmo com pessoas com as quais estava tendo os primeiros contatos. Ele tinha o dom de conquistar a simpatia das pessoas.

Minha madrinha, em sua simplicidade, criou condições para que o desenvolvimento das

crianças ocorresse feliz e em harmonia. Em mim, cristalizaram-se amizade e gratidão, em relação a esses libaneses.

Elias correspondeu a esse ambiente, era positivo e feliz; era especial para mim. E minha madrinha, sem discriminar as filhas, para as quais devotava amor e carinho o tempo todo, mostrava-se a mulher realizada e mais feliz do mundo por ter o filho Elias. Ela, em tom de brincadeira, dizia que toda mãe desejaria ter um filho como o Elias; falava isto sorrindo, mas, no fundo, talvez acreditasse na frase mais do que demonstrava. A cada aniversário do filho, ela dizia que era difícil admitir que ele estivesse crescendo e não era mais aquele bebezinho que carregara nos braços. Ela se recordava de seus primeiros passos e das suas palavras iniciais, confusas, naquele ambiente em que se misturavam os idiomas português e libanês.

Tanto amor não apenas da mãe e do pai como das irmãs tinha mais uma explicação além do fato de Elias ser cativante e amoroso: os dois meninos que a madrinha e o sr. Abraão viram morrer tão cedo.

1939. Eclode a Segunda Guerra Mundial. Antes dos 7 anos de idade, Elias começou a fazer o curso primário, no Grupo Escolar Lopes Chaves, na Rua Pedro da Costa, 164, distante cerca 900 metros de sua casa. Nessa idade, em nova fase de vida, é tudo muito excitante, porque a criança sai do ambiente doméstico e vai para a escola. Para algumas crianças, uma pequena crise e medo; para outras, um sentimento de autoafirmação, autonomia, orgulho – e este era o caso de Elias.

Nos anos 1940, a população de Taubaté estava em torno de 30 mil habitantes e a região apresentava um comércio movimentado, mas tudo parecia distante. Elias ia à escola acompanhado ora de irmãs, ora de outro familiar ou conhecido de seus pais. Com o tempo, passou a ir sozinho, ou acompanhado de colegas, o que lhe deu o sentimento de liberdade e autonomia, deixando-lhe menos suscetível a comentários brincalhões de colegas que, por morarem perto da escola ou serem mais velhos, deslocavam-se desacompanhados.

Elias viveu, a exemplo dos colegas, momentos emocionantes na escola Lopes Chaves. As lembranças deste convívio estão na memória de amigos e de suas irmãs, unânimes em dizer que ele, quando começou a estudar nesse colégio, tornou-se ainda mais curioso e criativo.

Em meados da terceira série, com pouco mais de 9 anos, ele queria conhecer melhor a escola em que estudava e a razão de se ter dado a ela o nome de Lopes Chaves. Não era uma simples curiosidade juvenil, mas uma indagação que ele fez com muito interesse e se mostrando disposto a obter respostas, mas em casa

ninguém sabia a razão do nome da escola. Teresa o orientou para que procurasse a professora e lhe fizesse a pergunta e foi o que ele fez.

À época, uma pesquisa escolar, mesmo a mais simples, não era tão fácil, mas a biblioteca da escola possuía documentos e jornais a respeito do assunto e a professora o estimulou, formulando com ele algumas perguntas e lhe orientando na busca de respostas, tarefa à qual Elias se dedicou com apreço e disciplina. Preparou um bonito trabalho escolar; surpreendeu a professora e a família. O resultado da pesquisa foi apresentado em sala de aula aos colegas.

O resultado da pesquisa mostrava que Joaquim Lopes Chaves foi um político que fez carreira em Taubaté, onde viveu até a morte, em 1909. Vereador, deputado, senador do Império e depois senador da República, Lopes Chaves nascera em uma família de barões, cujo reduto principal era a cidade paulista de Jacaréí. Por volta de 1870, o político construiu na Rua da Piedade o Chalé Lopes Chaves. A casa se tornou um dos poucos símbolos da antiga Taubaté. Palco da primeira manifestação pública pró-República na cidade, o chalé foi habitado pelo senador por vinte anos, até sua mudança para São Paulo depois da morte de sua esposa, Cândida Augusta Marcondes. Tempos depois, a casa passou ao Cardeal Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro, que a usava como residência de verão e a rebatizou como Villa Santo Aleixo.

A guerra prosseguia. Elias, agora com quase 10 anos, tornou-se mais curioso a respeito do conflito que tanta apreensão trazia aos imigrantes árabes.

Empreendedor

1943. O mundo padecia em guerra há quatro anos. Elias chegou ao curso ginásial, fascinado com a novidade de uma nova escola, o Ginásio Diocesano Santo Antônio, com colegas alegres e agitados – alguns mais velhos e à frente um ou dois anos na série escolar. As atividades extracurriculares, logo nos primeiros dias, eram algo especial para aquele calouro – sem dúvida, um período inesquecível na vida estudantil de qualquer pré-adolescente.

O colégio, fundado em 1910, fechado em 1932 e reaberto em 1936, focava na instrução científica e educação cristã e cívica, e era referência em qualidade do ensino em Taubaté. Religiosos devotados, dona Nazle e sr. Abrahão tinham outro motivo de exaltação em relação ao filho pois este começara, na paróquia, a preparação para se tornar coroinha na bela e majestosa Igreja Santa Terezinha, o primeiro santuário construído no mundo em homenagem à santa francesa, e motivo de grande orgulho para a comunidade católica de Taubaté.

Por morar vizinho à praça da igreja, era tranquilo para Elias ajudar o pároco não apenas em missas, mas em crismados e casamentos. Por este motivo, sua presença frequente no cotidiano da paróquia não preocupava os pais, cativados pelo interesse do filho pela religião.

No ginásio, Elias gostava de vagar pelo colégio e admirar os corredores arejados através de janelões de madeira que se abriam em duas bandeiras dando passagem aos raios de sol. Ele não era tímido, mas de início precisou acumular coragem para se expor e falar em sala de aula diante de professores e da turma. Sua adaptação, entretanto, não foi difícil, até porque ele mantivera o comportamento a que se acostumara no curso primário da escola Lopes Chaves: era atento às aulas e brincalhão nos intervalos de recreio, hábitos que lhe trouxeram novas amizades, facilitando-lhe a integração e o convívio com os colegas dentro e fora do ambiente escolar.

A guerra era um assunto presente na vida dos brasileiros; dela se falava em rádios, jornais, igrejas, escolas, em salas de aulas, bares, restaurantes, sindicatos de trabalhadores e patronais. O povo de Taubaté não fugiria à regra. Por mais que lhe faltassem informações do exterior sobre o desdobramento e a natureza do conflito, todos tinham seu olhar sobre aquele momento tão trágico e pavoroso para a humanidade. Os imigrantes, sobretudo europeus e japoneses, tinham até canais de informação próprios, pois seus países eram cenários de milhares de mortes diariamente. Os libaneses e sírios também viviam sob elevada tensão.

Elias e amigos mais próximos, na mesma faixa de idade, procuravam entender as razões de tantas batalhas militares e mortes no mundo. O conflito, ao lado de seu aspecto terrivelmente negativo e degradante, favorecia a economia brasileira, graças à exportação agropecuária e por efeito da queda de importação, que obrigou o país a produzir mais bens para o consumo interno, o que significou a criação de pequenas e médias indústrias. Embora os pré-adolescentes não compreendessem inteiramente os fatos da conflagração externa, acompanhavam e comentavam os episódios que lhes chegavam ao conhecimento e impactaram ao menos duplamente a vida dos imigrantes no Vale do Paraíba.

O presidente Vargas manteve o Brasil neutro, por três anos, diante da guerra, iniciada em setembro de 1939. E juntou o país aos Aliados (Estados Unidos, Reino Unido, França, União Soviética e China) em 1942, quando declarou guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão), após manifestação popular em capitais importantes, sobretudo Rio e São Paulo, contra os torpedeamentos de navios mercantes brasileiros, supostamente por países do Eixo, com centenas de mortos.

O barbarismo covarde dos ataques à Marinha do Brasil gerou uma comoção nunca vista no país. Comícios se espalhavam pelas ruas, comércios, indústrias e escolas. Cinemas, clubes e outras áreas de lazer e entretenimento cerravam as portas em sinal de luto. A população indignada se voltou contra imigrantes alemães, italianos e japoneses. Além dessa inusitada pressão popular, Vargas, ao declarar guerra ao Eixo, atendeu a demandas dos Estados Unidos e do Reino Unido. O governo estadunidense, liderado pelo presidente Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), propôs, em contrapartida ao alinhamento do Brasil, ajudar a industrialização da economia nacional. A efetivação da proposta começou pelo financiamento da construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, que logo se tornou um dos municípios fluminenses de vanguarda no desenvolvimento do Vale do Paraíba. A obra gerou empregos e catalisou investimentos na região, beneficiando diretamente os imigrantes, ávidos por trabalho.

Outro impacto da guerra na região decorreu dos campos de concentração de prisioneiros de guerra em Pindamonhangaba e Guaratinguetá, que perturbavam e comoviam os imigrantes, inquietos diante da possibilidade de virem a ter conterrâneos entre os prisioneiros.

Não havia semelhança entre os campos de concentração brasileiros em relação aos dos aliados ou de países do Eixo pelo mundo afora; em Pinda e Guará, permitia-se que os detidos saíssem para fazer compras na cidade e recebessem visitas. No livro *O canto do vento*, o pesquisador Camões Filho, de Taubaté, conta que os prisioneiros participavam de competições de futebol com a comunidade local.

Os detidos eram tripulantes de navios alemães capturados nas costas brasileiras e trabalhavam criando animais para subsistência. Segundo Camões, os campos locais eram vigiados 24 horas e o de Guará tinha segurança mais rígida que o de Pinda:

As duras regras eram amenizadas durante as partidas de futebol contra times amadores de Pinda, realizadas sempre aos domingos – única oportunidade de lazer dos prisioneiros dos países do Eixo. Quando tinha jogo, os prisioneiros vendiam pães, bolos e salgados. Com o dinheiro eles compravam suas coisas.

Os campos oficiais no Brasil eram doze, distribuídos em sete estados: Daltro Filho (RS), Trindade (SC), Presídio de Curitiba (PR); Bauru, Ribeirão Preto, Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Pirassununga, em São Paulo; Niterói (RJ); Pouso Alegre (MG); Chã de Estevam (PE); e Tomé-Açu (PA). Houve um campo em Ponta Grossa (PR) que prendia austríacos, além de japoneses, alemães e italianos. Em Joinville (SC), duzentas pessoas foram colocadas num hospício desativado. Um campo no Recife abrigou os funcionários das Casas Pernambucanas, apenas pelo fato de seus patrões terem origem germânica. Esse período da história brasileira não foi ainda incluído nos livros didáticos porque, até 1996, era assunto considerado secreto pelo governo federal, que permitia apenas o acesso parcial às informações. Os arquivos foram lacrados com base em uma lei que proibia consultas ou pesquisas por 50 anos. Em 1988, o prazo diminuiu para 30 anos.

Os doze campos chegaram a ter mais de três mil prisioneiros. Segundo Camões Filho, com o término da guerra, 90% dos prisioneiros permaneceram no Brasil, integrando-se às respectivas colônias de imigrantes.

Uma apreensão atormentava as comunidades estrangeiras no país, qualquer que fosse a sua origem: a inquirição e monitoramento que lhes fazia a polícia política e social do governo federal à procura de espiões pró-Eixo. Houve até confisco de

bens de imigrantes alemães, italianos e japoneses. Os libaneses, apesar de viverem receosos diante da situação, praticamente não sofreram esse tipo de problema porque seu país não participava diretamente do cenário da guerra, embora estivesse ocupado pelos franceses.

Segundo Roney Cytrynowicz, no livro *Guerra sem guerra*, o Brasil aderiu aos Aliados sem contar com uma estrutura que pudesse fazer frente ao conflito. Ele diz que encontramos dificuldades para assumir até mesmo um modesto papel na guerra. Isso explica, na opinião de Floriano de Lima Brayner, em *A verdade sobre a FEB*, em parte porque somente em 1944, dois anos após juntar-se aos Aliados, o Brasil enviou a Força Expedicionária com 25 mil homens para a frente de batalha, na Itália. De 2 de julho de 1944, quando teve início o transporte rumo ao *front* do primeiro contingente da FEB, a 8 de maio de 1945, data formal da derrota da Alemanha, conhecida como Dia da Vitória na Europa, portanto, por onze meses, o Brasil esteve no *front* da guerra. E dentre os 471 brasileiros que morreram na Itália estavam quatro praças de Taubaté. A repercussão do fato na cidade foi enorme, com solenidades em homenagem aos heróis da guerra.

Imaginativo, Elias cultivou um herói de guerra: o piloto Fernando Barros Morgado (1922-1955), onze anos mais velho que ele e filho do contador José Félix Morgado e de dona Coleta Nogueira, de tradicional e ampla família taubateana. O historiador Gilberto da Costa Ferreira, coordenador do Memorial General Júlio Marcondes Salgado, em seu blog, diz que Morgado era excepcional. O aviador se apresentou em Pisa, Itália, no dia 3 de abril de 1945, quase ao final da guerra, tendo ingressado direto na escala de voo. Segundo Ferreira, Morgado possuía alto padrão de pilotagem e de combate, e era corajoso, o que o igualava a pilotos veteranos ativos em Pisa, tanto na perfeição do voo de formatura quanto em ataque aos alvos. Seu maior feito está relacionado à destruição da ponte ferroviária de Sorbolo, uma comuna italiana da região da Emília-Romanha, província de Parma, em 24 de abril de 1945. Em outra ocasião, foi atingido por um *flak* (canhão de defesa contra aviões), durante missão em Passo de Brennero, uma comuna italiana da região do Trentino-Alto Ádige, província de Bolzano. Sobrepujou todas as adversidades e recebeu ao final da missão as láureas da vitória.

De regresso ao Brasil, Morgado permaneceu na Base Aérea de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, como instrutor de aviação de caça. Elias se aproximou dele, nas visitas frequentes que fazia à família, em Taubaté. Deixou de vê-lo depois que o amigo, já como piloto comercial da Panair do Brasil, fixou residência em Belém, no Pará.

Há pelo menos três datas que marcam o fim da guerra em 1945: 8 de maio (derrota alemã), 14 de agosto (rendição japonesa) e 2 de setembro (assinatura dos documentos da capitulação japonesa a bordo do navio de guerra dos EUA, *USS Missouri*). Esse novo momento mundial, independente do dia do seu limiar, acirrou, no Brasil, a crise do Estado Novo.

Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados teve efeitos contraditórios para Vargas:

De um lado, o regime ganhou tempo. O estado de guerra representava um bom argumento para o governo adiar por tempo indeterminado a consulta popular que deveria validar a Constituição de 1937. De outro, a opção por lutar contra o nazifascismo colocou em xeque a manutenção de uma ditadura no país. As oposições procuraram aproveitar o desgaste do governo decorrente dessa contradição (...). Foi nesse quadro de redefinições que o Estado Novo (...) finalmente caiu em outubro de 1945.

Vargas foi deposto do cargo de presidente por um movimento civil-militar. Ele se recolheu a São Borja (RS), de onde apoiou a eleição do general Eurico Gaspar Dutra (1883-1974), seu ex-ministro da Guerra, à presidência da República, e se elegeu para a Assembleia Constituinte de 1946, senador e deputado federal por sete estados.

A produtiva Taubaté, nos seis anos de guerra, ampliou o fornecimento de divisas para o país, com o aumento da exportação de laranja, fazendo jus ao título de 'capital econômica' do Vale do Paraíba. Surgiram usinas de preparo e embalagem de laranjas que, encaixotadas, eram levadas ao porto de São Sebastião, de onde eram transportadas para a Inglaterra. Vários fatores impulsionaram o crescimento do município, sobretudo a disponibilidade de mão de obra reforçada pelos imigrantes e as facilidades de comunicação entre São Paulo e Rio de Janeiro, por ferrovia (Estrada de Ferro Central do Brasil), interligando cidades vale-paraibanas. Essa integração facilitou a atuação dos libaneses no comércio e na indústria da região.

O mundo em paz abriu ao Brasil fronteiras para a ampliação de relações diplomáticas e comerciais, não só na América Latina como na Ásia e África. Isso trouxe mais alento para a economia e para colônias estrangeiras já aqui consolidadas. Houve mudanças nas leis imigratórias, o que facilitou a chegada de novos contingentes de famílias do exterior.

Em 24 de novembro de 1948, um choque para os Abifadel: morreu o sr. Abrahão, que já vinha há algum tempo manifestando o agravamento de um edema pulmonar, que, segundo seus parentes, decorreu do tabagismo excessivo e não unicamente

de insuficiência cardíaca. Embora estivesse em casa, na cidade, portanto com assistência médica acessível, ele, muito enfraquecido, não sobreviveu à tosse contínua, falta de ar, ansiedade e dor no peito.

Para Elias, ficar órfão de pai, sendo único filho homem, com cinco irmãs, e agora com a mãe viúva, significou um abalo emocional arrasador. Chorou, abraçado às irmãs e à mãe. Seu dia a dia, por algum tempo, seria intercalado por momentos de silêncio, inércia e lágrimas. Eram dias longos, pouca fome, muito sono e incertezas. Devagar e aos 15 anos de idade, ele foi aceitando, embora dolorosamente e com preocupação sobre o futuro familiar, a perda do pai.

Com o falecimento do sr. Abrahão, Aparecida, irmã primogênita de Elias, e Julieta, a segunda mais velha da família, assumiram as tarefas da fazenda. Ele ajudava as duas naquilo que lhe era possível, já que tinha seu tempo tomado pelos estudos. Dona Nazle passou a se dedicar mais à vida na cidade. Aparecida controlava de perto a produção rural, porque Julieta era funcionária da empresa telefônica local – tratava-se de um emprego de meio expediente, o que lhe permitia dividir boa parte das tarefas com a irmã. No final de semana, a dedicação das duas à fazenda era integral, com Elias auxiliando-as.

Os irmãos apreciavam a vida no campo e sabiam como administrar os trabalhadores, porque sempre estiveram ao lado do pai, com quem aprenderam os “serviços da roça”, como gostavam de dizer. Aparecida se mudou para o Rio, em meados de 1949. Julieta teve de se incumbir sozinha do comando da fazenda, sempre contando com a ajuda do irmão. Ela manteve a dupla jornada com a telefônica por algum tempo, quando se aposentou e se encarregou de vez da responsabilidade de tomar conta da propriedade da família, com foco maior na produção leiteira.

Aparecida deixou Taubaté incentivada por uma prima, por parte da família da mãe, a comerciante Mayssara Mattar Hage. No Rio, foi morar com a avó materna, dona Maria, que oito anos antes se transferira de Taubaté para o bairro do Leme, Zona Sul carioca, juntamente com o filho Antonio. Ela buscou no Rio trabalho mais bem remunerado porque precisava ajudar no sustento da família e dar suporte à Julieta, que permaneceu ao lado da mãe, das irmãs e de Elias, em Taubaté.

O primeiro emprego de Aparecida aconteceu na rede Lojas Americanas. Mayssara, que tinha bom relacionamento com uma família influente no grupo varejista, indicou-a ao cargo. Dias depois, ainda por sugestão de Mayssara, Aparecida se tornou vendedora em uma loja de roupa para crianças, no Lido, a Infantil Modas. Passado pouco tempo, o proprietário da loja, por motivo familiar,

colocou o estabelecimento à venda. Mayssara soube disso e viu na possível compra deste comércio uma boa oportunidade para a prima. Conversou com Aparecida e com o tio de ambas, Antonio, oferecendo-lhes um empréstimo para que os dois adquirissem em sociedade a Infantil Modas. O negócio foi feito.



Em 1949, um fato importante na vida escolar de Elias: ele entrou para o colegial, matriculando-se no curso científico do Colégio Monteiro Lobato. A escola, chamada de Estadão, foi inaugurada em 1932, e conquistara, em dezessete anos de existência, o status de ensino de elevada qualidade. Já era então um estabelecimento imponente, responsável pela formação de cidadãos conhecidos e anônimos, pobres e ricos; uma referência educacional democrática, orgulho dos taubateanos.

O grupo de amigos de Elias cresceu. Dona Nazle estimulava a vida social do filho, mas queria saber tudo sobre as novas amizades e os lugares que frequentava, e isto não apenas em relação a Elias, mas também às filhas. A matriarca, após a perda do marido, ficara mais rigorosa.

A convivência de Elias com primos em segundo grau, filhos de Agostinho (Emílio e Benjamin) era a mais intensa em meio aos colegas e amigos. Com Ronaldo, filho de Agostinho, a relação foi notável desde a infância. Na adolescência, o convívio de ambos era maior, não só porque estudavam na mesma escola, mas pelas afinidades de sonhos e objetivos de vida.

Liete Abifadel Haik, irmã de Ronaldo, guarda admiráveis lembranças em relação à camaradagem entre os dois e do Elias com os demais parentes. Ela contou que os outros primos aos quais Elias mostrava ser muito apegado eram Ary, filho de seu padrinho Emílio, e João Elias, de Benjamin. Os quatro frequentavam as mesmas festas familiares e de amigos. Não raro, faziam reuniões do grupo nas casas de um ou outro. Estavam sempre juntos em festas no TCC (Taubaté Country Club), em encontros nos restaurantes e barzinhos da moda, sessões de cinema e em outras atividades típicas de adolescentes, principalmente esportivas – futebol, natação, vôlei e basquete. Namoros e paqueras eram os assuntos recorrentes nas conversas entre os quatro primos.

Elias e seu grupo tinham amigos ativos em movimentos estudantis, no âmbito da Igreja católica. Liete disse que eles integraram o movimento JEC (Juventude

Estudantil Católica), pertencente à Ação Católica Brasileira (ACB), para difundir a doutrina da Igreja junto a estudantes do primário, ginásio e colegial. Não eram movimentos ideológicos, embora a UNE (União Nacional dos Estudantes), criada em 1937, já atuasse firmemente em meados da década de 1940, com forte enfoque político e em defesa da educação e dos estudantes.

Elias prestou serviço militar em Lorena, a 60 quilômetros de Taubaté; ao mesmo tempo, preparou-se para a conclusão do científico. Sua primeira tentativa para entrar no ensino superior foi para a Universidade de São Paulo (USP). Ele e Benedito Abud, um de seus amigos mais próximos, com quem convivera desde o ginásio, fizeram o vestibular juntos.

Segundo a viúva de Benedito, Regina Abud, moradora de Tremembé, município contíguo a Taubaté, Elias fez o vestibular para medicina na capital paulista, e seu marido, para direito, mas ambos foram reprovados. Elias e Abud, de volta a Taubaté, estudaram com muito afinco, inclusive com aulas na capital paulista, para vencer o desafio de ingressar na universidade. Ao término do ‘intensivo’ preparatório para os exames, os dois optaram por fazer o vestibular no Rio, cuja decisão não se limitou à escolha de universidades na capital federal, eles trocaram de cursos! Elias fez o exame para direito, na Faculdade Cândido Mendes e Benedito Abud escolheu medicina, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Outro amigo participou da jornada com os dois, Antonio Elias Andraus, que também optou por medicina na UFRJ e mais tarde se especializou em psiquiatria, destacando-se pelo trabalho à frente do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Dr. Arnaldo Amado Ferreira, de Taubaté. A aprovação dos três foi devidamente comemorada no Rio – eles moravam juntos, na casa da avó de Elias, dona Maria. Em Taubaté, os três festejaram com os familiares e amigos a conquista do acesso à universidade.

Por feliz ironia do destino, diz Regina Abud, viúva de Benedito Abud, Elias, que tentara primeiro a medicina, formou-se advogado e foi um vitorioso no comércio. Benedito, que pensara tornar-se advogado, graduou-se médico, especializou-se em cardiologia, clinicou e foi professor universitário, com projeção nacional, conferencista em eventos nacionais e estrangeiros.



Era final de 1952. O Brasil fervia. A década de 1950 tinha começado politicamente agitada em todo o país como efeito da eleição de Vargas a presidente da República. Vargas concorreu com Eduardo Gomes e Cristiano Machado. Em 31 de janeiro de

1951, tomou posse como presidente, sucedendo Dutra, em cujo governo foi concluída quase que totalmente a obra da rodovia Rio-São Paulo (via Dutra), rodovia basilar para o desenvolvimento do Brasil, de Taubaté e demais municípios do Vale do Paraíba. A oposição a Vargas era forte e poderosa e inflamava o país.

Embora tivesse um perfil conservador, como quase todos os imigrantes libaneses e grande parte de seus filhos, Elias participava de atividades progressistas. Em maio de 1952, por exemplo, ele, ex-colegas do Colégio Monteiro Lobato e dezenas de alunos de outras escolas de Taubaté lideraram uma mobilização popular gigantesca contra o aumento, considerado injusto por eles, no preço de ingresso de cinemas e o fim de meia-entrada para estudantes e professores.

O protesto contra a Companhia de Cinemas do Vale do Paraíba, dona de uma rede regional de salas de projeção, contou com amplo apoio da população, prolongou-se 25 dias e teve momentos marcantes, com grande repercussão em todo o estado de São Paulo. O sucesso do movimento obrigou o então governador Lucas Nogueira Garcez (1913-1982) a criar uma equipe, sob o comando do secretário estadual de Educação, professor Antonio Costa, que se deslocou da capital para Taubaté a fim de mediar as negociações que puseram fim à agitação.

A Igreja católica mantinha, ao lado do JEC, outro movimento, este voltado para a doutrina religiosa em cursos superiores, chamado JUC (Juventude Universitária Católica). Nos anos 1950, esses dois movimentos ampliaram o escopo de atuação e seus ativistas passaram a defender mudanças estruturais na economia e nas políticas públicas sociais, para se chegar a uma sociedade mais justa e solidária. Essa mudança de enfoque da JEC e JUC levou muitos jovens de Taubaté, que miravam exclusivamente o trabalho evangelizador da Igreja, a se afastarem dos movimentos.

O mesmo aconteceu com Elias, que agora voltava o foco para o curso superior, conforme o sonho de seu pai, e para a necessidade de trabalhar a fim de sustentar os seus estudos e ajudar a mãe e as irmãs.

Aparecida, que foi decisiva na opção de Elias pelo vestibular no Distrito Federal, fez questão de tê-lo junto a ela no comando da Infantil Modas. Assim, Elias, simultaneamente ao primeiro ano do curso de direito, que era noturno, começou a trabalhar na loja; e continuava morando com Abud e Andraus na casa de dona Maria.

Aos 20 anos de idade, comunicativo, habilidoso e fraterno, Elias, ávido por emoções, sentimento natural em um jovem interiorano, soube divertir-se nas noites e nas praias do Lido e de Copacabana. Gostava de frequentar os restaurantes e

boates da Zona Sul da Cidade Maravilhosa. Sentia-se à vontade em especial em ambientes que tornaram famosos artistas brasileiros e projetavam o Rio no país e no exterior, como as boates Vogue, Montecarlo, Casablanca, Night and Day, Drink, Sacha's e Fred's.

O estudo, o trabalho e as noites do Rio não impediram Elias de se manter ligado a amigos engajados em movimentos estudantis em Taubaté nem de participar do diretório acadêmico da Cândido Mendes, integrando-se ativamente nos trabalhos dos colegas, futuros advogados. Sua função era participar da organização de debates sobre temas relevantes para o país, entre lideranças de sua escola e de outras faculdades cariocas. Os assuntos para os eventos organizados pelo diretório eram diversificados, destacando-se os conflitos entre Vargas e grupos conservadores, em função dos avanços de cunho social do governo; a assinatura de um acordo militar entre Brasil e Estados Unidos, sob forte oposição de um movimento nacional pela paz, liderado pela Igreja católica, com a participação de sindicatos de trabalhadores e de entidades estudantis; e a implantação da Lei Afonso Arinos, que transformara o racismo em crime. Essa lei, promulgada por Vargas em 3 de julho de 1951, foi o primeiro código brasileiro a incluir entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e cor de pele.

A situação econômica, política e social delicada que o Brasil vivenciava, agravava-se. Aconteciam manifestações contra e pró Vargas. A inquietação popular e um atentado à vida de um líder da oposição, o jornalista Carlos Lacerda, deram munição a segmentos conservadores para pressionar o presidente a renunciar. Getúlio Vargas se suicidou com um tiro no peito, em 24 de agosto de 1954, no Palácio do Catete, deixando uma carta simples, franca e comunicativa, explicando o seu ato. A perplexidade tomou conta da população. Até pessoas que não o apoiavam, inclusive opositores, saíram às ruas para lamentar e deplorar sua morte.

Elias, antenado às circunstâncias à sua volta, não fugiu à regra, sofreu o forte impacto da tragédia. Para ele, o choque emocional, proveniente da fatalidade, não podia ser diferente. Dos seus 21 anos de idade, ele passara quase dezessete sob os governos de Vargas. Nesse período, ao menos nos cinco últimos anos, tinha convivido diariamente com o ideário do governante maior da Nação, tão exposto, elogiado e criticado nas rádios, nos jornais e nos discursos de adversários e correligionários. Impressionara-lhe profundamente a carta com a versão do presidente sobre a natureza de seu embate ideológico e político com a oposição.

Elias discordava de certas propostas que considerava muito intervencionistas e centralizadoras de Vargas, mas aprovava o fortalecimento da indústria, do comércio e do setor de serviços nacionais, o aumento da renda do trabalhador e a consequente ampliação do consumo no mercado interno. Elogiava, sobretudo, as leis trabalhistas, e exaltava o presidente por se preocupar com os pobres. Sim, Elias era um admirador de Vargas.

Em 1955, outra morte entristeceu Elias. O piloto Morgado, que ele tanto admirava, morreu em decorrência da queda do avião da Panair em viagem internacional. Morgado, segundo o historiador Gilberto da Costa Ferreira, fora acionado pela Panair para fazer esse voo como piloto reserva; não exercia o comando.

O acidente ocorreu antes do pouso no Aeroporto Internacional Silvio Pettirosi, em Assunção, no Paraguai; dezesseis pessoas morreram no local e oito ficaram feridas. Morgado, com 75% do corpo queimado, morreu quinze dias após a tragédia que abalou os taubateanos. Elias ficou atordoado, perdera seu campeão. Restaram-lhe lembranças de quem povoou seu mundo adolescente de heróis.

Em meados de 1955, quando cursava o terceiro ano de direito, Elias comprou a parte do tio na Infantil Modas e se tornou sócio de Aparecida na loja. O tio saiu da empresa porque queria continuar na direção do restaurante do Panorama Palace Hotel, em Nova Friburgo, a 70 quilômetros do Rio. Neste ano, Elias conheceu e se tornou amigo do pianista, compositor e maestro Waldir Calmon, que abria a boate Aspèrge, no Leme.

Em 1956, Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), o JK, foi eleito presidente da República com a promessa de modernizar o país. Em dezembro de 1958, em meio à euforia desenvolvimentista de JK, Elias se formou advogado. A colação de grau foi realizada nos salões ricamente ornamentados da Faculdade Cândido Mendes, na Praça XV, Centro. A família e alguns amigos se deslocaram de Taubaté para prestigiar a diplomação. As irmãs de Elias, segundo a caçula Ivete, tiveram um momento marcante ao lado dele nesta noite de glória familiar. Alegrementemente, Ivete se lembra da “festa maravilhosa e exuberante”, que nunca lhe saiu da memória. Ela, Aparecida, Julieta, Maria e Teresa, todas de vestidos longos, dançaram a valsa com o formando.

Elias advogou pouco tempo; preferiu empreender no comércio e passou a usar seu conhecimento de direito apenas nos negócios. Também ajudava os amigos e os lojistas do Lido caso precisassem de alguma orientação sobre seus direitos e obrigações pessoais e comerciais. E se concentrou na Infantil Modas, ao lado de Aparecida. Os dois resolveram incentivar as irmãs Maria e Ivete a se mudarem

para o Rio, para que a família trabalhasse junta. Primeiro veio Maria, para ficar no lugar de Aparecida, que se casou, em 25 de maio de 1958, com Elias Baouchi, e logo passou a residir em São Paulo. Um ano depois, Ivete chegou ao Rio e logo se integrou à Infantil Modas.

Elias estava deslumbrado com JK, que buscava cumprir o compromisso de campanha e impulsionava a indústria automobilística, empreendia no setor energético, com investimentos hidrelétricos e na Petrobras; além disso, construía Brasília! Era uma economia movimentada, boa para o comércio.

Em 1960, ele, Maria e Ivete, com o reforço de Aparecida, investiram em uma confecção de roupas para crianças de zero a 12 anos, a Tillin. E decidiram criar vestimentas que atendessem melhor a clientela da loja. Passaram então a vender produtos de confecção própria, sem abrir mão de mercadorias dos fornecedores tradicionais e famosos, como a Tip Top, fabricante de roupas para crianças.

Com a inauguração de Brasília, em 1960, e a transferência da capital da República para o centro-oeste do país, criou-se o estado da Guanabara, na área do antigo Distrito Federal. Um momento importante para o país, em particular para o novo estado. Em janeiro de 1961, JK entregou a presidência a Jânio Quadros, que renunciou em agosto. Seu vice, João Belchior Marques Goulart, o Jango, assumiu a presidência.

Nesse período, bastante agitado e excitante do ponto de vista da política, a expansão e o sucesso dos negócios com roupas de criança incentivaram Elias a atuar mais na liderança dos varejistas do Lido, a fim de reivindicar junto à prefeitura, através da administração regional de Copacabana, providências em prol do bairro.

As prioridades dos comerciantes focavam em segurança e limpeza das ruas e da praia para atrair mais turistas. A iniciativa para expandir o diálogo dos empresários com o poder público em benefício da população do bairro foi bem recebida pela administração do Distrito Federal, cujo governador, eleito em 1960, era Carlos Lacerda. Lacerda apoiou a atitude dos comerciantes do Lido liderados por Elias, iniciando-se um relacionamento entre os dois.

Aos 29 anos de idade, Elias estava totalmente integrado à liderança classista empresarial no Rio. Tanto que dia 26 de julho de 1962, em um almoço do Clube dos Lojistas do Lido em comemoração ao Dia do Comerciante (16 de julho), ele discursou em defesa do fortalecimento da parceria dos varejistas com o governo municipal, em prol do turismo e da geração de empregos no bairro. O administrador regional

de Copacabana, Ilo Mamede, homenageado no almoço, elogiou a preocupação dos comerciantes e falou sobre os bons resultados de sua gestão, com medidas visando a propiciar qualidade de vida aos moradores e visitantes do bairro.

Ao mesmo tempo em que atuava no Clube dos Lojistas, Elias, ao lado de Maria e Ivete, abriu uma loja no Largo do Machado para atender consumidores do Flamengo, Catete e Laranjeiras, bairros contíguos. Em 18 de dezembro de 1963, o jornal *O Globo* anunciou a novidade, com o título “Papai Noel traz Infantil Modas para o Largo do Machado”. Eis o texto:

Não raro pode uma loja contar uma linda história, de grande conteúdo humano e muito idealismo, que nada tem a ver com vocação. A história da Infantil Modas é assim, uma família unida a serviço de uma comunidade mirim. Elias Abifadel, titular da Infantil Modas, adora crianças, gosta de vê-las graciosas, bem vestidas e [gosta] sobretudo de cultivar o bom gosto e a elegância.

Ali no Lido, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 218, é conhecida a linda loja Infantil Modas e todos conhecem e querem muito bem ao Elias e às suas irmãs, sempre rodeados de crianças e suas mães.

Para o Carnaval, a própria família Abifadel desenha e cria modelos (várias vezes premiados em bailes de gala). E, assim, procurando atender a sua clientela em outros bairros, chegaram até o Largo do Machado. Com instalações modernas, vitrines amplas e muito bem iluminadas, cabines especiais para crianças, foi inaugurada sexta-feira, a Infantil Modas, Largo do Machado.

Monsenhor Dornelles Barbosa abençoou a nova loja, ressaltando as qualidades de seu diretor. A cerimônia foi prestigiada por vários lojistas como os senhores Jaime Costa, (presidente da Associação Comercial e Industrial da Zona Sul); Dr. Omyr Bagueira Leal (administrador regional do bairro de Laranjeiras); Dr. Alexandre Baldaque Guimarães, Dr. José Carlos Rabello (Procurador do Estado da Guanabara); representantes dos bancos Boavista, Andrade Arnaud, Minas Gerais e outros, além de figuras representativas da nossa melhor sociedade, que foram levar congratulações à família Abifadel pelo novo empreendimento. (*O Globo*, “Compras, gente e notícias”, por Márcia Rita, 18/12/1963, p. 7)

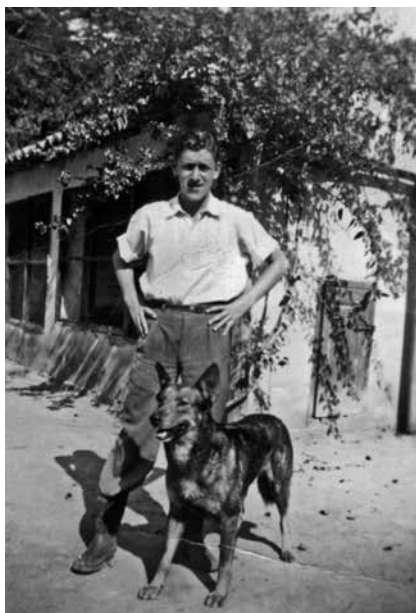
Muito ativo no Rio, Elias não tirou os olhos de oportunidades de negócio em sua terra natal. São Paulo, que, desde o início dos anos 1950 vinha se consolidando como centro industrial do país, viabilizava, nos anos 60, às cidades localizadas no eixo da rodovia Rio-São Paulo, região em acelerado progresso, que crescessem mais e se organizassem rumo à modernização. Nesta década, a população de Taubaté quase duplica, chegando a 78.744 mil habitantes, segundo o IBGE. O município se tornou um dos líderes da região, valorizou-se como centro urbano e rural, impulsionado

sobretudo pela chegada de empresas multinacionais, que alavancaram a economia no Vale do Paraíba.

A confecção de roupas para crianças, com a Tilin, e as vendas nas lojas da Infantil Modas deram a Elias o estofo financeiro para empreender a sua primeira casa noturna no Rio e investir em Taubaté, no aumento da produção de leite da fazenda, ao lado da sua irmã Julieta, em novas terras no município, como veremos no próximo capítulo.



Elias, com o pai e as irmãs Julieta e a caçula Ivete



Elias, na fazenda Baraceia, Taubaté, SP



Colação de grau como advogado, pela Faculdade Cândido Mendes, Rio, 1958



Baile de formatura: Elias, com as cinco irmãs e a mãe, dona Nazle



Elias e dona Nazle



A partir da esquerda: Maria, Ivete, Aparecida, Elias, dona Nazle, Julieta e Tereza. Rio, 1973



Elias adquire vacas holandesas para produzir mais leite



Elias monta o Pampa, seu cavalo predileto, em 1974



Elias se desloca para fazenda vizinha à Baraceia

Líder apartidário

ENQUANTO ADMINISTRAVA, ao lado das irmãs Maria e Ivete, a Infantil Modas, Elias cuidava de interesses em Taubaté, com a mãe e Julieta, a outra irmã, a mais velha, e atuava junto aos comerciantes do Lido, no Rio, liderando o diálogo empresarial com o poder público e com a comunidade.

Cordial e conciliador, ele exercia esse papel com desembaraço. Bom ouvinte e solidário, sabia ser sociável e magistralmente desfrutava deste seu jeito de ser. Tudo se constituía em um ambiente que lhe facilitava permanecer bem informado tanto em relação à política e à economia nacional e local, quanto à vida das pessoas com as quais se relacionava.

Elias se preocupava com a instabilidade social no Brasil, que vinha se agravando desde agosto de 1961, quando Jânio Quadros renunciou à presidência da República. Assumiu o cargo o seu vice, João Belchior Marques Goulart, o Jango, cujas propostas de reformas agrária, eleitoral, bancária, educacional e econômica, inspiradas em Vargas, desagradaram grupos conservadores da sociedade brasileira. Segundo o professor Alexandre Bigeli, entre as medidas adotadas para enfraquecer Jango estava a adoção do parlamentarismo que, em 1961 e 1962, atribuiu funções do Executivo ao Congresso, dominado na época por representantes das elites. O regime presidencialista foi restabelecido em 1963 após um plebiscito.

A crise econômica e a instabilidade política se espalhavam. Em 31 de março de 1964, os militares desencadearam a tomada do poder e a deposição de Jango – que, em 2 de abril, partiu de Brasília para Porto Alegre. O então presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazilli, assumiu a presidência interinamente. Dois dias depois, Jango se exilou no Uruguai. Em 9 de abril, foi editado o AI-1 (Ato Institucional número 1), decreto militar que depôs o presidente e iniciou as cassações dos mandatos políticos. No mesmo mês, o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco foi

empossado presidente. Iniciou-se a ditadura militar que se tornou referência amarga em nossa história.

O golpe contra Jango, sob a justificativa de barrar o comunismo no Brasil, contou com irrestrito apoio do governador da Guanabara, Carlos Lacerda, de quem Elias, como líder empresarial, aproximara-se, mantendo com ele uma relação altamente amistosa, apesar de ter sido grande admirador de Vargas.

Lacerda, no governo Vargas, unira-se à oposição no intuito de derrubar o presidente, lançando mão de acusações que publicava na *Tribuna da Imprensa*, jornal de sua propriedade. Em 5 de agosto de 1954, ele foi vítima de atentado a bala na porta do prédio onde residia. No ato, morreu Rubens Vaz, major da aeronáutica e um de seus seguranças. Atingido de raspão em um dos pés, Lacerda acusou os homens do Palácio do Catete, sede do poder executivo, como mandantes do crime. O governo foi pressionado a instaurar a investigação do delito, o que fomentou ainda mais a crise, principalmente, com a prisão dos autores do crime, que confessaram o envolvimento do chefe da guarda pessoal de Vargas, Gregório Fortunato, e do irmão do presidente, Benjamim. Vargas se suicidou com o agravamento da crise e ultimato das Forças Armadas por sua renúncia.

Lacerda comandou o estado da Guanabara de 5 de dezembro de 1960 a 11 de outubro de 1965. Embora tenha sido um dos líderes civis do golpe de 1964, voltou-se contra os militares em 1965, depois da prorrogação do mandato do presidente Castelo Branco e a instalação da eleição indireta para o primeiro mandatário do país, o que lhe barrou a candidatura presidencial. Ele confiava no sucesso de seu governo no estado para enfrentar o principal candidato de oposição, Juscelino Kubitschek.

Quanto ao tão propalado êxito de sua gestão como governador, Lacerda fez sim mudanças urbanas significativas no Rio, destacando-se o grande investimento na segunda adutora do Guandu e a construção dos túneis Santa Bárbara e Rebouças, fundamentais para a melhoria na mobilidade urbana. Na conta de seus méritos está a construção do Parque do Flamengo e a abertura de importantes vias, entre elas a Avenida das Américas, na Barra da Tijuca. Foi ele quem contratou o Plano Dosiadis, que previu a necessidade de implantação das futuras linhas Amarela e Vermelha.

Lacerda polemizou ao promover a remoção de comunidades carentes no Rio, ação que foi alvo de críticas e aplausos da população e de especialistas. Cerca de 30 favelas foram erradicadas e centenas de famílias realocadas para os primeiros conjuntos habitacionais construídos para tal: a Vila Kennedy, a Vila Aliança e a Vila Esperança. O problema maior, no entanto, consistiu no fato de as remoções terem

sido realizadas a despeito da aceitação dos moradores e os novos conjuntos de prédios não contarem com infraestrutura adequada.

Elias, há mais de uma década na cidade que aprendera a amar, identificou-se totalmente com Lacerda – as remoções iriam embelezar ainda mais o Rio! Mostrou assim um lado de sua personalidade que viria nortear o horizonte de seu protagonismo social: conviver em harmonia – e comedidamente cordato – com dirigentes de grupos políticos às vezes adversários. Contudo, foi esse comportamento que o levou a uma contínua ampliação de seu rol de amigos e conhecidos, sobretudo em meio ao poder público, ainda enraizado na Guanabara apesar da mudança da capital federal para Brasília em 1960.

Essa maneira de tocar a vida lhe trazia assíduos e insistentes convites para que se filiasse a partidos e se candidatasse a algum cargo eletivo. Ele nunca vacilara em refutar esses sucessivos apelos, conforme relatam seus familiares e amigos – apesar da sedução instigante que sentia pelo desafio de ingressar na vida político-partidária. Preferiu, no entanto, aproveitar, em prol de ações comunitárias, o privilégio de ser-lhe inerente uma empatia contagiante.

O resultado foi positivo. Ao lado de empresários, em ativa liderança corporativista, conquistou significativos benefícios para a classe que representava. Nos bairros onde morava e trabalhava, promoveu ações que trouxeram bem-estar para as populações locais ao exercer influência no encaminhamento das reivindicações da coletividade junto às administrações públicas, municipal e estadual.

Pouco mais de dois meses após a deposição de Jango, Elias, que coordenara a criação da Associação Comercial do Catete, e os varejistas deste bairro inauguraram, no Largo do Machado, a sede da nova entidade, que abrangia comerciantes de Botafogo e Laranjeiras. Segundo o jornal *Correio da Manhã*, de 14 de maio de 1964, ele foi o primeiro a falar na solenidade. Agradeceu aos empresários por terem atendido ao chamamento dos idealizadores da associação, ressaltando que “um dos objetivos do grupo seria pugnar pelos interesses dos bairros que a associação representava”. Elias, informou o jornal, reafirmou sua confiança na entidade, já com mais de duzentos associados, que passaram a ter assistência médica e jurídica, além de cursos, extensivos a seus funcionários, nas áreas de vendas, controle de estoques e gerência de empresas, tudo propiciado pela entidade. “Uma associação que inicia suas atividades com uma plêiade de homens de empresas do gabarito das pessoas aqui presentes só pode crescer”, disse Elias, ao concluir seu pronunciamento. Em seguida, falaram os empresários João Cabral, o mais antigo comerciante do Catete e primeiro presidente da associação, e os varejistas Mário Cabral e Cyrineo Cavalcanti.

O administrador regional do Catete, Omir Bagueira, encerrou a solenidade, colocando a repartição à disposição dos empresários.

Elias recusou a presidência da entidade que ajudara a criar porque já dirigia o Clube dos Lojistas do Lido, responsabilidade que acumulava com o cargo de vice-presidente (desde fevereiro de 1964) em uma das instituições corporativas mais importantes da Guanabara, a Associação Comercial e Industrial da Zona Sul do Rio (Acisul). Ele era vice do empresário Jairo Costa, presidente do Grupo Oca, cujas atividades envolviam a indústria, o comércio e a construção civil, com foco em arquitetura.

Em agosto de 1964, Elias e as irmãs abriram uma loja da Infantil Modas no Méier, na movimentada Rua Dias da Cruz. A gestão da nova unidade foi entregue a uma equipe de quatro pessoas (um gerente, duas vendedoras e um mensageiro).

Simultaneamente à atuação corporativa e ao trabalho junto às entidades empresariais do Lido, do Largo do Machado e de Copacabana, Elias se mantinha apegado a Taubaté. Na sua terra natal, além de cuidar da fazenda, com Julieta e a mãe, o que lhe exigia visita de um ou dois dias à cidade paulista ao menos de quinze em quinze dias, começou a investir em terras, adquirindo pequenas propriedades. Ele tinha interesse especial por sítios contíguos à fazenda da família ou localizados em áreas próximas à propriedade. herdara do pai a paixão por pecuária leiteira; assim, orientado pela irmã Julieta, comprava gado que juntava ao plantel da fazenda, cuja produção era comercializada por meio de cooperativas de processamento de derivados lácteos e de venda de leite.

O apego de Elias a Taubaté era extraordinário. Ele estava sempre atento a uma oportunidade com a qual pudesse prestigiar a cidade. A visita que promoveu da Miss Universo de 1963, a linda gaúcha Ieda Maria Vargas, ao município, constituiu-se em um dos momentos marcantes em que ele fez questão de levar algo especial a seus conterrâneos. Vale ressaltar que antes de Ieda Maria Vargas, outra gaúcha, Yolanda Pereira, foi coroada Miss Universo, em 1930, quando existia um concurso mundial de beleza chamado International Pageant of Pulchritude, que concedia o título de Miss Universo à vencedora. Porém, este título não era reconhecido pela organização do certame. Oficialmente, a segunda brasileira a vencer o Miss Universo foi a baiana Martha Vasconcellos, em 1968.

O convite a Ieda ocorreu em setembro de 1964. Elias realizou múltiplas articulações, que culminaram com a gaúcha sendo o foco de homenagens dos taubateanos... afinal, ele era amigo do namorado de Ieda Maria, José Carlos Athanásio, a quem

conhecera durante o concurso de Miss Brasil, disputado no Rio. Elias passou a ter uma convivência esporádica, porém consistente, com o casal, no Rio. Ieda Maria já tinha passado a coroa de mais bela do mundo à nova miss Universo, eleita em julho de 1964, a modelo grega Corinna Tsopei. Em início de setembro, a gaúcha iria estar presente na VII Feira Nacional da Indústria Têxtil (Fenit), que se realizaria na capital paulista. Ela se apresentou ao lado de Tsopei, que veio ao Brasil para estar presente também em eventos em capitais nordestinas.

Em São Paulo, a irmã de Elias, Aparecida, e seu marido, Elias Baouchi, faziam sucesso com a grife Modelos Ingrid, de alta costura. O nome da confecção fora dado em homenagem à filha única do casal, Ingrid, à época com 4 anos de idade, afilhada de Elias.

Top de linha e com clientela da classe média alta, a grife Modelos Ingrid tinha em sua equipe de estilistas o famoso costureiro Denner Pamplona (1937-1978), então o mais badalado modista do país.

Elias engendrou a ideia de sugerir ao cunhado e à irmã que convidassem Ieda Maria para fazer um desfile com lançamentos dos Modelos Ingrid. Ambos, entusiasmados, toparam ir em frente com a sugestão de Elias, que ficou encarregado de formular o convite, prontamente aceito pela ex-miss, com apoio de seus agentes e do namorado.

Elias acompanhou Ieda Maria e sua comitiva a São Paulo. Além do desfile, houve intensa programação social que Ieda e Corinna Tsopei cumpriram, inclusive uma visita ao então governador paulista Adhemar de Barros (1901-1969), no Palácio Bandeirante.

Ao final da VII Fenit, Elias sugeriu à Ieda e comitiva que viajassem para o Rio de carro, a fim de que pudessem prestigiar Taubaté com uma visita. A sugestão foi bem recebida e se tornou um acontecimento especial para a cidade e para Ieda Maria, que fez um desfile local em carro aberto e foi apresentada à sociedade no Taubaté Country Club.

Elias promoveu uma festa de recepção à comitiva. “Oferecemos um jantar em nossa casa; foi maravilhoso, porque Elias, muito orgulhoso em relação a tudo que estava acontecendo, fez questão de realizar um evento muito chique”, atesta Ivete.

Em 5 de setembro de 1964, a revista *Manchete* publicou na capa foto com Ieda Vargas, Tsopei e Pelé e, nas páginas internas, ampla reportagem elogiando a Fenit e os desfiles que as duas ‘beldades universais’ apresentaram em São Paulo. Um

cidadão taubatense, ao ver um documentário a respeito da visita de Ieda à sua terra, registrou seu testemunho em um blog:

Emoção é a palavra que define este vídeo e a reportagem com a inesquecível Ieda Maria Vargas, belíssima Miss Universo 1963! Eu a vi em minha cidade, Taubaté, em 1964 (...) e apertei a mão dela no Clube da cidade e me lembro, perfeitamente, como estava vestida; conjunto verde e rosa e ela era belíssima, belíssima, belíssima!!! Adoro até hoje. (Nilo Sergio)

Esforçado e diligente nas múltiplas frentes em que atuava, Elias recebeu como elogio as referências que lhe fez, em 15 de outubro de 1964, o jornal *O Globo*:

Liderada pela Associação Comercial e Industrial do Catete foi constituída a Comissão de Melhoramento da IV Região Administrativa, que congrega os bairros do Catete, Botafogo, Laranjeiras e Glória. A Administração Regional, na solenidade, anunciou melhoramentos nos bairros, exaltando a participação da iniciativa privada nos festejos. Em nome da Associação Comercial do Catete falou o sr. Elias Abifadel, que vem destacando-se no movimento de criação de comissões de melhoramento de bairros, sendo vice-presidente da Acisul e dos mais ativos líderes lojistas da nova geração. (*O Globo*, “Entidades privadas promovem festividades do IV Centenário no Catete”, 15/10/1964, p. 11)

Aos 31 anos de idade, Elias, inquieto, superava com espontaneidade os ecléticos desafios pessoais a que se propunha. Bem-sucedido no comércio, na produção leiteira, no cotidiano das entidades de classe e junto às comunidades, sentiu-se embasado para abrir mais uma frente de trabalho, desta vez na noite carioca, contrariando as irmãs parceiras na Infantil Modas.

Sua convivência muito próxima a Waldir Calmon, na boate Aspèrge, desde meados da década anterior, foi determinante quando se interessou em comprar a boate Top Club. Calmon dizia que Elias tinha o perfil sob medida para explorar o entretenimento e a gastronomia no Rio, não só por sua afinidade comercial e financeira com o setor, mas por sua criatividade e, acima de tudo, facilidade de comunicação com o público.

A Top Club é uma história à parte. A casa tinha sido fundada pelo barão Max Von Stuckart, suíço, e pelo *chef* russo Gregoir Berezansky. Os dois foram memoráveis na vida noturna carioca. Segundo o escritor e jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, na biografia do famoso ex-colunista social do *Jornal do Brasil*, Zózimo Barroso do Amaral, Stuckart e Gregoir inovaram na gastronomia da cidade, com três pratos hoje clássicos na cozinha brasileira: criaram o picadinho à brasileira, a partir de referências locais, e importaram o estrogonofe e o frango à Kiev, pratos russos.

Em meados da década de 1940, mais de dez anos antes da criação da Top Club, Stuckart e Gregoir assumiram a direção da boate Vogue, um pequeno espaço no térreo do Hotel Vogue, na Avenida Princesa Isabel, em Copacabana. Em menos de seis meses, os dois transformaram a casa no templo da vida noturna carioca! Era sem dúvida o melhor *night club* do Rio. A boate se tornou ponto de encontro da alta sociedade carioca; era frequentada por artistas, intelectuais, políticos, sambistas, *playboys* internacionais, atrizes nacionais e de Hollywood, vedetes do teatro revista, enfim, personalidades de diversas origens ali conviviam.

A casa foi palco de apresentações de Carmem Miranda, Elizeth Cardoso, Aracy de Almeida, Dolores Duran, Silvio Caldas, Ângela Maria, Edu da Gaita. Para o jornalista Luís Nassif, o local era “absoluto” e teve como estrelas internacionais Louis Colle, Josephine Premisse, e até a brasileira Leny Eversong. Elias tornara-se frequentador assíduo da boate a partir de meados de 1954, quando cursava o segundo ano de direito, tornando-se amigo de Stuckart e Gregoir. Waldir Calmon aproximou os três.

O Vogue não era mero local de recreação, mas ponto obrigatório de troca de informações, em que se confabulavam sobre operações cambiais, financeiras, advocacia administrativa e prevaricação. (...) o dia 14 de agosto de 1956, acabou-se a era Vogue. Um incêndio consumiu o prédio. Nele, morreram o jornalista Raul Martins e Warren Hayes, um jovem cantor norte-americano, ainda estudante em Nova York e que fora contratado pelo Barão para uma rápida temporada no Vogue. Namorava a atriz Diana Morel. Ficou no nono andar do prédio pedindo socorro. Atirou-se ao solo (...). Quando o incêndio foi extinto, encontraram em um quarto, mortos abraçados, o casal Valdemar e Glorinha Schiller, recém-casados. (*Folha de S. Paulo*, “O Vogue e o fim de uma era”, por Luís Nassif, 04/12/2005)

O incêndio, que aconteceu na manhã de um belo e ensolarado domingo, consumiu o prédio de nove andares do hotel. Foi algo traumático na vida de Copacabana e de toda a cidade, com ampla repercussão no país e no exterior.

Gregoir e Stuckart, após se recuperarem do trauma pela perda súbita da casa que criaram com tanto zelo, começaram a articular a abertura de um local para retomarem a atividade que tão bem dominavam. Assim, em meados de 1956, surgiu a Top Club. O objetivo primordial dos dois era não perder a seleta e sofisticada clientela da Vogue, e, no início, lograram êxito; conseguiram, a muito custo, resgatar boa parte dos frequentadores da sua carismática antiga boate. Mas a recuperação não se sustentou, foi minguando ao longo de dois para três anos. Assim, pouco a pouco, a danceteria perdeu o fascínio supostamente herdado da Vogue, que tanto significou para o Rio.

Logo a Top Club passou a funcionar de forma precária, com poucos atrativos. A clientela que lhe restou buscava no local encontrar-se com garotas e rapazes de programa. Gregoir e Stuckart não tinham condições de sobrevivência neste nicho de mercado tão competitivo, dominado pelos chamados “inferninhos”. Em consequência, a empresa se tornou inviável, entrou em situação pré-falimentar e os dois sócios desistiram de levar adiante o empreendimento.

Em 1964, procuraram Elias e lhe propuseram assumir o negócio – quase que totalmente por conta das dívidas trabalhistas e junto a fornecedores, além da inadimplência locatícia. Os débitos eram elevados: “estratosféricos”, segundo familiares de Elias.

Maria e Ivete, à frente da Infantil Modas, tentaram dissuadir o irmão, bastante motivado diante da proposta de se enveredar naquele tipo de negócio. Elas não queriam que ele se desviasse do comércio de roupas para crianças... que, por sinal, ia muito bem. Temiam sobretudo que o novo ramo drenasse recursos necessários à expansão que os três tinham programado para a Infantil Modas.

Persistente, Elias convidou para sócio Djalma Ferreira, músico, compositor, pianista, dono de gravadora e experiente investidor no setor. À época, Djalma era dono da badalada boate Drink. Os dois remodelaram a Top Club, modernizando-a, para disputar uma clientela mais seleta, familiar. Contrataram artistas de prestígio, fizeram ampla divulgação, sob bem orientada estratégia de marketing. A tarimba de Djalma deu a Elias uma vivência colossal, em um mercado altamente competidor e experiente. Entre os bons *night clubs* da época, destacavam-se Fred’s, Katacombe, Sacha’s, Baccarat, Au Bon Gourmet, Zum zum, Sucata, Cangaceiro, Little Club, Le Tzar, todos sob as batutas de veteranos e bem-sucedidos empresários da noite.

Porém, a Top Club de Elias e Djalma não obteve o resultado esperado; apresentava lucro operacional, sim, mas era deficitária financeiramente em função do elevado capital investido.

Em 26 de abril de 1965, Sérgio Bittencourt, em sua coluna diária em *O Globo* comentava:

Creio que o sr. Elias Abifadel, que está à frente da Top Club, não anda muito feliz. A maré vazante que se faz sentir nas noites de boates tem prejudicado muito o muito esplêndido show (...) o Abre Alas. Por isso, ele anda fazendo o possível para resistir à crise e manter a Top.

Elias e Djalma tiveram que remar muito contra as dificuldades e, em meio às desavenças comuns a sócios em empreendimento instável e volátil, decidiram vender a boate. Entre os interessados estavam os produtores Luís Carlos Miéle e Ronaldo Bôscoli, que se juntaram ao empresário Júlio Barreto. Os três fizeram a Elias e Djalma uma oferta tentadora, mas ainda alguém do que os dois pediam para ao menos recuperar o investimento realizado.

Elias e Djalma preferiram esperar nova oportunidade para vender a casa, que foi mantida em funcionamento. Mas a sociedade entre os dois chegou ao fim. Elias assumiu a empresa, deu uma pausa em seu funcionamento para nova reformulação. Aproveitando o verão e as festividades de final de ano, quando a cidade estava cheia de turistas, ele reabriu a casa, com o nome de Club 55 (em referência ao prédio da boate, que ficava no número 55, da Rua Ronald de Carvalho, no Lido).

Outra vez, foi Sérgio Bittencourt quem anunciou a novidade em 17 de dezembro de 1965, em sua coluna em *O Globo*, detalhando, inclusive, a forma pela qual Djalma deixou de ser sócio de Elias:

(...) a grande notícia da noite é a reabertura da Top Club, agora Club 55. (...) Djalma não arrendou a casa. Fez, sim, um ótimo negócio: ganhará 3 mil cruzeiros por pessoa, além de 10% sobre o faturamento da casa. (...) Lopes será o chefe da cozinha. China, atualmente no 'Porão 73' (será) o *maitre*, pelo menos no início; a Sra. Marilena Alves é quem aparece como arrendatária da boate, porém posso afirmar que o Sr. Elias Abifadel continua por trás dos biombos, como verdadeiro proprietário e responsável direto por qualquer lucro ou prejuízo. O *maitre* João Garcia, do Tzar, também está no negócio. Por ora, nada mais. (*O Globo*, 17/12/1965)

A gestão da Club 55 era trabalhosa e repleta de adversidades, mas isto não impediu Elias de tocar outro desafio, verdadeiramente tentador para ele, a Associação do Comércio e da Indústria da Zona Sul, a popular Acisul. Em junho de 1965, ele se elegeu presidente da entidade e, logo após sua posse no cargo, o jornal *O Globo* noticiou:

A Associação do Comércio e da Indústria da Zona Sul – a popular ACISUL – já está em nova fase de atividades. Foram alterados os estatutos da entidade e eleitos membros para a sua diretoria, além de fixados programas de ação. Informa o presidente Elias Abifadel que esses novos programas incluem a ampliação do âmbito dos serviços prestados pela entidade aos comerciantes e industriais. Vão ser promovidos cursos especiais de legislação trabalhista, de relações públicas e de relações humanas, de administração pública, de decoração de vitrinas e de balconistas, além de trabalhos tais como recolhimento de todos os impostos federais, estaduais e municipais, averbação de

talões, das defesas fiscais e do registro de livros fiscais. Além disso, a Acisul realizará uma série de trabalhos em benefício direto da comunidade da Zona Sul. (*O Globo*, “Acisul entrou em nova fase”, 13/07/1965)

Na semana seguinte à posse, Elias lançou o concurso da Acisul para a ornamentação de Natal das ruas de Copacabana, com premiação aos dez primeiros colocados, pessoas físicas ou jurídicas. Anunciou a criação da comissão de melhoramento de Copacabana, com a finalidade de levar mais qualidade de vida ao morador do bairro e criar mais festejos comemorativos ao quarto centenário da cidade, que vinham acontecendo ao longo do ano.

Na segunda semana à frente da Acisul, Elias deu início à elaboração de projetos de arrecadação financeira junto às empresas associadas à entidade para executar obras, sem ônus para os cofres públicos, de construção e locação de bancos na Avenida Atlântica, recuperação de praças, jardins e calçadas, pintura da entrada do Túnel Velho, consertos e pequenas reformas em escolas públicas do bairro. Sua intenção explicitada nos jornais e nas rádios, que o entrevistavam diariamente, era melhorar a qualidade de vida no mais famoso bairro do estado da Guanabara, o que o aproximara mais ainda do governador Carlos Lacerda.

A eleição presidencial brasileira de 1965 estava prevista para o dia 3 de outubro. Existiam quatro candidatos: o ex-presidente Juscelino Kubitschek, Lacerda, Leonel Brizola (deputado federal pela Guanabara e ex-governador do Rio Grande do Sul), e o ex-presidente Jânio Quadros. JK era o favorito; em segundo lugar estava Lacerda.

Apesar das múltiplas e tão diferenciadas atividades no Rio e em Taubaté, Elias, segundo o seu sobrinho José Roberto, filho de Teresa e residente em Guaratinguetá, fez questão de participar da campanha presidencial de Lacerda. Um dos seus momentos marcantes na campanha lacerdista ocorreu na Estrada de Ferro Central do Brasil. Lacerda e sua equipe de assessores, fotógrafo e cinegrafista estavam em São Paulo. Elias viajou de avião à capital paulista e se juntou a eles. A comitiva embarcou de volta à Guanabara na Estação da Luz rumo à Estação Dom Pedro, no Rio. No caminho, o trem, como era habitual, parava por algum tempo. Lacerda aproveitava para fazer um discurso-relâmpago de no máximo três minutos para correligionários locais, mobilizados pelos diretórios regionais de seu partido, a União Democrática Nacional (UDN). O último vagão do trem era ocupado pelos udenistas e tinha uma plataforma-palanque, em cima da qual Lacerda fazia seus discursos. Elias em todas as estações aparecia ao lado do candidato, e em Taubaté, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, dois dias antes, ajudara, com telefonemas a seus amigos e parentes, a convocar eleitores para ouvir o postulante à presidência da República!

Mas a eleição presidencial não ocorreu. Castelo Branco, que assumira o cargo em 11 de abril de 1964, editou o Ato Institucional n. 2, em 27 de outubro de 1965, postergando a eleição para 1966 e determinando que o chefe do executivo fosse escolhido pelo Congresso, em disputa com a participação de, no máximo, dois candidatos. Porém, Castelo Branco, cujo governo deveria terminar em 31 de janeiro de 1966, prorrogou seu mandato até 15 de março de 1967, quando foi substituído pelo general Costa e Silva, eleito indiretamente pelo Congresso Nacional em 3 de outubro de 1966, tendo como vice o jurista Pedro Aleixo. Não houve concorrente, porque os parlamentares do partido da oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), ou não compareceram para votar ou se manifestaram pela abstenção.

Elias ficou desapontado; não fugiu à regra de boa parte do povo brasileiro, pois a decepção tomara conta do mundo político nacional, que esperava o retorno, prometido pelos militares um ano e meio antes, do Estado democrático de direito, que seria marcado pela eleição presidencial por voto direto da população.

O governo militar, no entanto, manteve a eleição direta para o governo da Guanabara. O pleito se realizou em outubro de 1965. Saiu vitorioso o embaixador Negrão de Lima, candidato de oposição a Lacerda. Negrão, ex-ministro de Juscelino Kubitschek (Relações Exteriores) e de Vargas no período democrático pós-1950 (Justiça), foi eleito pela coligação formada pelo Partido Social Democrático (PSD) e pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o mesmo de Jango, presidente da República deposto. Portanto, definitivamente, Negrão, que derrotara Flexa Ribeiro, apoiado por Lacerda, não tinha sido o candidato preferido dos militares.

Negrão de Lima, em um estilo simples e agradável de se comunicar, tomou posse em 5 de dezembro de 1965, com a promessa de paz e trabalho pelo Rio. Foi aplaudido de pé no Palácio Pedro Ernesto e trouxe ânimo para o estado. O mandato do novo governador durou até março de 1970.

Nesse período, Elias, conforme veremos no capítulo 5, acompanhou ativamente as obras do governador, como a construção do Túnel Dois Irmãos, o alargamento da Praia de Copacabana, a recuperação da Praia de Botafogo e da Lagoa Rodrigo de Freitas, e a inauguração de um grande número de escolas. Negrão de Lima lançou o Plano Lúcio Costa, iniciando a expansão do Rio rumo à Barra da Tijuca. Apesar de ter governado num dos períodos de maior cerceamento dos direitos políticos na história do país e de ter enfrentado forte oposição, Negrão de Lima se despediu da Guanabara sob aplausos. Elias desfrutou de estreita relação pessoal com o novo governador, sem qualquer abalo em sua amizade com Lacerda, revelando, mais uma vez e de forma coerente, seu apertadismo.

Enquanto avançava com os compromissos desencadeados nas primeiras semanas após assumir o comando da Acisul, Elias entendeu que, com o apoio de Negrão, poderia desencavetar um antigo sonho, transformado em minucioso projeto desde que assumira a liderança dos comerciantes do Lido: criar a Universidade ao Ar Livre. Ele viu que o momento era adequado para torná-la realidade.

Em entrevista ao *Correio da Manhã*, ele explicou que a ideia lhe surgiu ao observar que transeuntes, nas praças, prestavam atenção às preleções feitas por populares, principalmente por artistas e vendedores ambulantes. “Vimos que seria uma oportunidade não só para elevarmos o nível cultural popular, como para trazer de volta o hábito de pessoas frequentarem praças públicas”, afirmou. Depois de conversar com o governador sobre o assunto e obter dele o sinal verde para levar a iniciativa à frente, Elias reuniu a sua diretoria da Acisul e expôs o plano, recebendo apoio unânime. Em seguida, conversou com o chefe da Região Administrativa, Julio Cesar Cataliano, que se comprometeu a equipar a Praça Edmundo Bittencourt, no Bairro Peixoto, em Copacabana, para a universidade. Dois vice-presidentes da Acisul, Cláudio Basbaum e Rogerio Pfaltzgraff, prontificaram-se a participar da elaboração do conteúdo da programação da universidade, tarefa para a qual contaram com o apoio dos professores Hélio Gomes e Faria Góis, diretores, respectivamente, das faculdades de Filosofia e de Direito da Universidade Federal da Guanabara (antiga Universidade do Brasil).

As articulações avançaram pelos primeiros meses de 1966. Rogerio Pfaltzgraff (em entrevista a *O Globo*, em 12 de abril, falou sobre as noções básicas dos conteúdos da grade de programação: “queremos alfabetizar, falar de saúde, ensinar nutrição e politizar, de modo a preparar a pessoa para uma vida melhor. Daí a escolha das matérias que, em nível popular, terão que transmitir informações completas”.

Em 18 de maio, Elias empossou o colegiado da Universidade ao Ar Livre, presidido pelo reitor da Universidade Federal da Guanabara (UFG), professor Pedro Calmon (1902-1985), de quem Elias se aproximara graças ao governador Negrão de Lima, que apresentara um ao outro. Calmon, ex-deputado federal pela Bahia, escritor, jurista, professor, historiador e político, era membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e ex-ministro da Educação e Saúde no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, foi uma orgulhosa conquista de Elias para o seu projeto da Universidade ao Ar Livre, cujo colegiado, com a participação de professores, médicos, advogados, juízes, jornalistas, escritores, músicos, teatrólogos, atores e artistas plásticos, foi empossado em solenidade realizada na sede da Acisul, na Rua Siqueira Campos, 32, primeiro andar.

Em 19 de maio, aconteceu a estreia da Universidade ao Ar Livre. A solenidade foi presidida por Negrão de Lima, que, diante de uma plateia de mais de mil pessoas, com a praça lotada, exaltou a iniciativa, que segundo ele prendia-se à finalidade exclusiva de levar ao povo a alegria do conhecimento, através de renomados mestres.

O reitor Pedro Calmon proferiu a aula inaugural, que versou de forma excepcional e sobre os conceitos de ensino e de universidade ao ar livre.

Com muito senso de oportunidade, ele lembrou que o ensino começou ao ar livre:

Ao ar livre iniciaram os gregos a filosofia e, ao ar livre, nasceu, para o bem dos homens, o Cristianismo. A Universidade veio depois. A Universidade quer dizer comunidade e a primeira foi introduzida por Carlos Magno, em Paris. Hoje, o conceito de Universidade volta à origem aristotélica da instituição, quando os sábios gregos caminhavam com seus pupilos, ensinando-lhes a sua magistral sabedoria. A Universidade procura assim, exatamente, o caminho do povo. Todos querem aprender, pois hoje não mais se compreende o analfabetismo. Compete à Universidade ir ao encontro do povo. Gilson Amado criou a Universidade sem parede [através da TV educativa], mas aqui temos a Universidade sem teto, original e de dimensão inédita.

Após a palestra do reitor, houve apresentação da Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros, com o maestro Otoni Benvenuto. Elias, ao lado de apoiadores da experiência, como os membros do Rotary e Lions de Copacabana, políticos e secretários do governo estadual, emocionou-se, sobretudo por receber reconhecimento pelo seu esforço em tornar realidade uma ideia que a muitos parecera impossível de se concretizar.

Uma semana depois, mais de quinhentas pessoas acompanharam a palestra do maestro Benvenuto sobre a música através dos tempos, desde a Antiguidade clássica (gregos e romanos), citando as principais escolas. As peças marcantes de cada época, executadas pela Banda Sinfônica dos Bombeiros. *Jesus alegria dos homens*, de Bach; a *Nona sinfonia*, *Beethoven*; além de peças de Wagner e Verdi encantaram a plateia. Do Brasil, o destaque foi para Carlos Gomes e sua obra *O Guarani*.

Em 8 de junho, o professor Gerson Pinheiro deu sua aula sobre 'A arte através dos tempos', com apresentação de peças clássicas por artistas do Teatro Nacional de Comédia. Na mesma semana, o professor Luís Carlos Saroldi falou sobre teatro e técnicas de encenação, apresentando a peça *Cirandeiro*, pelo Grupo Experimental da Universidade Federal da Guanabara.

Na sequência, o professor Gilson Amado, a quem o reitor Pedro Calmon se referiu na aula inaugural como o criador da universidade sem paredes, com a introdução da TV Educativa, falou sobre seu sonho em instaurar no Brasil a educação à distância. Explicou para a plateia o que chamou de “educandário da multidão brasileira” e falou do projeto Fundação Centro Brasileira de TV Educativa (FCBTVE), cuja implementação aconteceu a partir de 1967. Gilson narrou sua experiência na área, pois já havia trabalhado na programação educativa do rádio e da TV Continental, bem como da TV Tupi. A ideia de Gilson era a de alfabetizar o maior número de pessoas do país.

Como se vê, a Universidade disponibilizava um conteúdo programático variado. Seu agendamento de aulas, distribuído na praça, marcava, para 3 de agosto aula do professor Martins d’Alvarez, sobre ‘Dentes, saúde e vida’; uma semana depois, palestra da professora Valeska Paixão sobre enfermagem; seguida do secretário estadual de Educação, professor Benjamin Moraes, que era evangélico, com uma conferência a respeito de religiões.

A programação do segundo semestre foi intensa, destacando-se o empresário Oscar Bloch Sigelman, da revista *Manchete*, sobre política econômica no Brasil; o acadêmico Josué Montello, com o tema sobre os escritores brasileiros; o engenheiro Mauro Viegas, tratando de política habitacional popular; os professores Bastos Pillar, a respeito da economia doméstica; e Carlos Sanchez Queirós, sobre ‘O homem e o cérebro eletrônico’.

A Universidade entregava aos participantes inscritos resumos das aulas e, mediante cartões de frequência, assinados pelos coordenadores, conferia certificados ao término dos períodos de palestras. A experiência durou até o fim do mandato de Elias frente à Acisul, em 1969.

A responsabilidade do empresário Elias, seja como negociante de roupa infantil, homem da noite ou fazendeiro, o demandava sem trégua. Contudo, ainda em 1966, com as irmãs Maria e Ivete, ele decidiu criar uma linha própria de roupas para crianças de zero a 12 anos, atendidas pela Infantil Modas. Os Abifadel instalaram, em Copacabana, a já mencionada Tilin Confecções. Passaram, então, a vender, nas três lojas, uma grife com design específico, sem, no entanto, abrir mão da comercialização de mercadorias de seus fornecedores tradicionais e famosos, como a Manufatura Rio de Roupas Infantis e a Confecção Tip Top.

Em 1967, três fatos iriam marcar a trajetória de Elias. O primeiro ocorreu em janeiro, quando ele foi reeleito presidente da Acisul, um reconhecimento explícito do êxito de sua gestão. O segundo acontecimento foi sua viagem, a turismo, ao Líbano

e à terra natal de seus pais, Zahle, onde ficou hospedado na casa da prima Mayssara Mattar Hage, que voltara a morar em seu país, após residir no Brasil por quase duas décadas. Ele se surpreendeu com a riqueza e sofisticação da moradia de Mayssara – descrita por ele como “um grande e belo palácio”. Ciceroneado pela prima, Elias conheceu parentes, principalmente primos sobre os quais tanto ouvira falar e ficou impressionado com a beleza e com os monumentos históricos de Zahle e Beirute.

Ele deixou a terra de seus antepassados e viajou rumo à Europa. No velho continente, Elias teve estadia mais prolongada na Alemanha, onde buscou conhecer opções de entretenimento e gastronomia, percorrendo, sobretudo, casas voltadas exclusivamente às famílias, nicho de mercado de seu interesse.

No retorno ao Brasil, Elias deu início aos preparativos legais com vistas à transformação do Club 55 em uma cervejaria e restaurante diferente. A mudança se consolidou em agosto de 1967 e se transformou no terceiro grande evento do ano para Elias: a criação do Bierklause. As características do local incluíam, além da gastronomia com especialidades alemãs, o fato de ser um ambiente familiar, ter o som de uma banda, a Bandinha do Alemão, e apresentar todos os funcionários – *maitres*, chefs e garçons – com vestes típicas do país germânico, nas cores preta, vermelha e dourada. Para tornar a casa um local típico germânico, Elias buscou aconselhar-se com seu amigo Adolf Jacobson, alemão e fundador da boate Katacombe.

A estreia do Bierklause foi um sucesso.

Em 1968, Elias avançou no sentido de concretizar um sonho familiar muito íntimo: realizar os casamentos das irmãs. Em 21 de maio, Maria se tornou esposa de Antonio Pereira, representante da Manufatura Rio de Roupas Infantis. A solenidade religiosa aconteceu na capela da Reitoria da então Universidade do Brasil, na Avenida Pasteur, na Urca. Elias, padrinho, entrou com a noiva e a levou ao altar. A recepção aos convidados aconteceu no Clube Sírio-Libanês, na Rua Marquês de Olinda, em Botafogo, que forneceu o bufê, mas Elias fez questão de produzir, no Bierklause, o bolo, confeitado pelo francês Krobath, sob a orientação do *chef* Volkmar Wendlinger. O bolo tinha seis andares e seus enfeites – flores, pombinhos, borboletas, bonecos – começaram a ser feitos quase um mês antes do casamento.

Maria testemunha:

Elias se preocupou pra valer com o nosso futuro, não apenas em relação a casamento. Ele teve extrema competência ao nos preparar profissionalmente para trabalharmos no comércio. Ele e Aparecida me trouxeram de Taubaté para atuar com eles na Infantil Modas. Aprendi tudo sobre o varejo. Ele foi um verdadeiro pai para todas nós.

O Bierklause e suas demandas mudaram a rotina de Elias. Ele transferiu a gestão da Infantil Modas e da Tilin quase que totalmente para as irmãs, o que lhe possibilitou intensificar o trabalho frente à Acisul, como veremos no próximo capítulo, realizando uma atuação intensa, vibrante e poderosa, que durou até 1969, quando deixou a presidência da entidade.



Elias, acompanhando de Maria Angela, em evento político a favor do Rio



Em jantar, com o então prefeito do Rio, Marcelo Alencar

ELIAS TINHA fértil convivência com profissionais da imprensa. Colunistas, editores e repórteres de jornais e revistas, apresentadores de programas de rádio e de televisão assiduamente divulgavam notícias de interesse dele, fossem ligadas à Acisul ou às suas empresas. Ele usufruía da mídia com bom senso e ponderação. O Bom Beduíno, como era tratado por alguns colunistas, mantinha estreitos contatos com áreas comerciais das empresas jornalísticas, através de publicidade e de promoções conjuntas de eventos que propiciavam receitas financeiras aos veículos de comunicação.

Mestre na arte da boa convivência social, ele possuía intuição rara para detectar fatos relevantes sob o ponto de vista jornalístico. Morador e empresário de Copacabana, Elias tinha sensibilidade para descobrir assuntos que se encaixavam no perfil de trabalho deste ou daquele profissional de imprensa à procura de conteúdo controverso e palpitante para seu programa de rádio ou tevê, ou para sua coluna de jornal ou revista. Ele sabia como garimpar novidades, sempre atento a fatos notórios, fossem ligados a alguma personalidade social ou às demandas de seus colegas empresários ou às reivindicações dos moradores do bairro. Filtrava com precisão o que lhe interessava para manter o bom relacionamento com os profissionais da imprensa que o procuravam em busca de entrevista ou mesmo para confirmar qualquer notícia ou buscar um assunto inédito.

Acessível a qualquer hora do dia e também da noite, já que era encontrável na alta madrugada no Bierklause, o Bom Beduíno foi aprovado pelos jornalistas e comunicadores como fonte de informações confiáveis. Era uma troca permanente de favores – os jornalistas se beneficiavam dele, com as chamadas “informações de primeira mão” e ele, em contrapartida, divulgava seus empreendimentos, propagando, com destaque especial, as numerosas iniciativas que levou à frente

durante os mais de seis anos como dirigente da Acisul, quatro deles no cargo de presidente, em duas gestões (1965-1967 e 1967-1969).

Diretoria do segundo mandato de Elias (julho de 1967 / julho de 1969) como presidente da Acisul: José Luís Homem (vice executivo), Fernando de Brito (vice administrativo), Homero Alimandro (vice financeiro), Amaro Albano Peixoto (vice patrimônio), Paulo Araujo Rocha (vice expansão social), Juarez Cavalcanti Teixeira (vice cultural), Valter Teixeira de Carvalho (vice social) e Vilmar Barbosa (diretor sem pasta). Conselho deliberativo: Jairo Cortez Costa, Agenor Gomes, Alexandre Baldaque Guimarães, Osmar Moura, Sílvio Guedes de Carvalho, Raul Passos Sobral (que dirigiu a assembleia eletiva), João Nei Paracampas, Júlio Chuoke, Eloi Schwartz, Jorge Saad, Valter Lage, José Demes, Antonio Durbalino Pereira da Silva, Antonio Duarte Sol e Luís M. de Lima. (Correio da Manhã, 06 de julho de 1968)

No comando da entidade, Elias esteve presente em centenas de eventos e debates de assuntos polêmicos que, em meados da década de 1960, afetavam o cotidiano dos cerca de cem mil habitantes de Copacabana. O bairro mantinha fama, prestígio e carisma crescentes, no Brasil e no exterior. A contrapartida local a essa realidade era que a região atraía mais e mais moradores, sofrendo, em consequência, com a especulação imobiliária e todos os problemas dela decorrentes. Nesse cenário, eram destaques o crescimento desordenado do comércio e o aumento do número de vendedores ambulantes nas ruas, além da inevitável expansão da violência urbana.

Os jornais de 25 de janeiro de 1966 estampavam que o governo da Guanabara tinha a intenção de reconstruir mais de vinte postos de salvamento nas praias cariocas, dez deles em Copacabana. Elias foi entrevistado a respeito do assunto e se declarou favorável ao projeto, alertando, porém, que as edificações não poderiam prejudicar a beleza panorâmica da praia de Copacabana, com seu formato em meia lua, cuja perfeição e imponência legitimam o apelido do bairro de Princesinha do Mar. E acrescentou que os antigos postos de salva-vidas não tinham mais a utilidade a eles destinada, alertando para o fato de que, na reconstrução, os projetistas deveriam cuidar para que as edificações, por motivo de segurança, não ficassem muito altas. Sugeriu que os postos tivessem telefones e alto-falantes para permitir a localização de crianças que se perdem nas praias e prestar serviços diversos aos banhistas.

A proposta detalhada para a obra, apresentada pelo governo em meados de abril, foi polêmica e gerou críticas e sugestões de empresas e entidades. Elias convocou a diretoria da Acisul e obteve a aprovação para a entidade contratar um escritório de arquitetura e engenharia a fim de apresentar um projeto que pudesse representar

um consenso satisfatório na cidade. Em 17 de agosto, ele levou ao governador Negrão de Lima um plano inovador não apenas sob o ponto de vista arquitetônico, mas na forma de colaboração entre os poderes público e privado em relação ao investimento. A construção dos postos seria autofinanciável, portanto sem ônus para os cofres públicos, graças à possibilidade de exploração de bares e restaurantes no andar térreo de cada unidade, a cargo de particulares.

A Acisul previa a construção de postos de três andares. No térreo, funcionariam bares para a venda de lanches e refrigerantes, ou restaurantes. Nos andares superiores haveria leitos para pessoas que fossem socorridas, escrivaninha, armários e área para pessoal do corpo de salvamento. No terraço (terceiro piso), com ampla visibilidade, o guarda-vidas ficaria postado, em alerta permanente, observando o movimento na praia. Na coluna central da edificação seriam instalados telefone e alto-falante para orientar os banhistas. Pelo projeto, 40% da renda dos bares e restaurantes, que caberiam ao estado, seriam revertidos para a Colmeia, entidade de assistência social ligada ao governo local e dirigida pela primeira-dama. Os 60% restantes seriam depositados no Banco do Estado da Guanabara (BEG) em favor do tesouro estadual.

Outras entidades e empresas levaram ao governo planos e projetos para a construção dos postos, inclusive os órgãos públicos responsáveis pela área. Negrão de Lima determinou ao seu secretário de Governo, a quem estava afeto o assunto, novo estudo de um plano de obras e exploração dos postos de salvamento que aproveitasse os pontos positivos de cada projeto apresentado, alertando, porém, que era preciso evitar que o Código de Obras do município se constituísse em embaraço para a construção das unidades, consideradas necessárias à segurança dos banhistas e referência para o turismo carioca. O debate que cercou a reconstrução dos postos de salvamento na orla deu excelente resultado. A diretoria da Acisul ficou satisfeita com a colaboração da entidade ao projeto final da obra.

Para Elias, ter voz nos meios de comunicação era vital à Acisul. Em novembro de 1966, meados do seu primeiro mandato frente à entidade, ele articulou com *O Globo*, a compra semanal de dois terços de página, no primeiro caderno do matutino, para divulgar os assuntos de interesse dos empresários que a entidade representava. A página, denominada “Rede Qualidade e Economia” era paga por anunciantes que a E.P. Luma, a agência de publicidade, captava e administrava junto aos associados da Acisul – entre os quais estava a Infantil Modas. O espaço era composto por duas seções editoriais: a maior focava o comércio, a indústria, o setor de serviços de Copacabana e defendia as reivindicações dos moradores, apontando a necessidade

de melhoria no bairro. Essa seção se caracterizou pela defesa de investimentos no turismo, sob o argumento de que o setor era estratégico no sentido de trazer benefícios não apenas para o bairro, mas para a cidade e para o país. A seção menor, intitulada “Coisas da Zona Sul”, trazia pequenas notas com informações sobre personalidades da região e a respeito do movimento das lojas e da vida noturna de Copacabana.

Outra iniciativa de Elias de tremendo sucesso foi a criação do jornal *CopaNews*, em cuja apresentação da edição de estreia ele escreveu:

Nas grandes capitais do mundo, a tendência é o surgimento e o desenvolvimento de jornais de bairro, que expressam a alma dos seus moradores, que se voltam para seus problemas e promovem a sua vida econômica e cultural. Isto será *Copanews*, como já se percebe neste primeiro número.

O Copanews nasceu sob a direção de renomados jornalistas, tendo como executivos Iram Frejat e Leo Arruda. O chefe de reportagens era José Henrique Cordeiro e o Departamento Feminino foi entregue a Raquel Soares. Havia um conselho de redação com profissionais e personalidades importantes, como Antonio Carlos de Carvalho, Antonio Lemgruber, Carlos Alberto Wanderley, Carlos Chagas, Fernando Martins e Tarcísio Holanda. O setor de publicidade foi confiado a Milton Lima, Diógenes Costa Filho, Hamilton de Souza, José Maria Miguez e Elan Teixeira. O jornal era gratuito, com tiragem de 50 mil exemplares.

No cotidiano da Acisul, Elias, com dedicação incansável, acudia a todo tipo de demanda. Comportava-se como se fosse síndico do bairro e reagia prontamente, qualquer que fosse a solicitação. Sua preocupação maior era a segurança pública e reduzir os índices de violência em Copacabana. Desde a Comissão do Centenário, que criou em 1964 – transformada em Comissão do Turismo quando as festividades dos quatrocentos anos terminaram –, ele entrou de corpo e alma na busca de mais proteção à comunidade nas ruas e a criação da guarda noturna local mostrou a que nível chegou sua preocupação com o assunto.

Por outro lado, ele entendia que serviços públicos em andamento nas ruas, praças e praias não só melhoravam a vida no bairro, mas elevava a sensação de segurança do cidadão. Por isso, ele colocou a Acisul ao lado da administração regional em contratação de caminhões para coleta de lixo, em serviços de recuperação de parques e jardins, limpeza de praia, replantio de árvores protegidas com gradis de ferro. A Acisul, com apoio dos comerciantes, aumentou o número de bancos de concreto na Avenida Atlântica e realizou melhorias nos distritos policiais.

Elias era assíduo e orgulhoso representante da Acisul nas solenidades do setor público e da iniciativa privada. Em 23 de janeiro de 1968, participou da inauguração em Copacabana da agência do Banco do Estado de São Paulo (Banespa). Diante de autoridades civis, militares e religiosas, inclusive do então ministro do Planejamento, Delfim Neto, Elias discursou sobre a importância de mais um agente financeiro tão importante como o Banespa em Copacabana e, sem perda de tempo, enumerou o que os comerciantes do bairro esperavam da instituição para melhorar a liquidez de caixa de suas empresas. O presidente do banco, Lélcio Toledo Pizza e Almeida, prometeu propiciar à população, ao comércio, à indústria e ao setor de serviços do bairro procedimentos mais simplificados e facilitados de crédito.

Desde meados dos anos 1960, a quantidade de camelôs atuando no trecho compreendido entre as ruas Figueiredo Magalhães e Siqueira Campos vinha aumentando muito, tornando as calçadas intransitáveis. Elias reclamou junto à administração regional e pediu providências também contra o número crescente de ambulantes que se aglomeravam junto às portas dos hotéis, vendendo pedras como se fossem preciosas, “prejudicando a imagem turística da cidade”. Ele criticava, sobretudo na imprensa, as concessionárias de serviços públicos cujas obras em vias públicas nunca eram concluídas, entulhando as ruas, causando engarrafamentos e irritando as pessoas.

Problemas em Copacabana nunca faltavam. Mas Elias não se descuidava de concursos de decoração de vitrines ou de Natal, entre os associados da Acisul; nem de promover enfeites de ruas e praças em datas festivas; e estimulava competições de beleza – nas quais quase sempre participava como jurado. Realizava debates na entidade sobre o futuro da Zona Sul, a respeito da economia, empregos e política social na região. Em 02 de setembro de 1968, a Acisul, o Conselho Comunitário da V Região Administrativa e a Administração Regional de Copacabana realizaram o Simpósio sobre Problemas de Copacabana, Urca e Leme, cujo relatório final Elias entregou ao governador Negrão de Lima. No setor de obras públicas, as sugestões do evento compreenderam a abertura do túnel Leme-Praia Vermelha e a duplicação da Avenida Atlântica, seguindo urbanismo semelhante ao adotado no Aterro do Flamengo, com criação de parques e jardins, além das novas pistas de tráfego para veículos.

Atento às necessidades empresariais, Elias elaborou vasta programação com agendamento, na Acisul, de cursos sobre contabilidade, administração de estoque, logística, marketing e vendas para os lojistas filiados e se reunia toda semana com

a equipe da administração regional de Copacabana a fim de tratar de problemas de ordem pública que afetavam o comércio.

A frequência intensa na mídia das iniciativas rotineiras de Elias, importante para a imagem da Acisul, levava muita gente a confundi-lo com o administrador regional, chamando-o de “prefeitinho” do bairro. Uma das atuações marcantes de Elias ocorreu em decorrência das chuvas que afetaram a Guanabara em 1966. As chuvas de 10 de janeiro daquele ano, noticiadas como “o maior temporal de todos os tempos”, mataram cerca de duzentas pessoas, provocaram mais de mil desabamentos em vários bairros e deixaram cerca de cinquenta mil famílias desalojadas. A cidade ficou em estado de calamidade pública. Os cariocas enfrentaram racionamento de gás, energia e água, esta última contaminada por esgotos que romperam os dutos coletores e transbordaram nos sistemas de drenagem de águas pluviais. Elias participou da mobilização dos moradores de Copacabana e do Catete, que, em grande movimento de solidariedade, acorreram em ajuda às comunidades mais castigadas pelas inundações e desabamentos. Os problemas das irregularidades nos cortes de energia na cidade foram tão graves que levou a Acisul a entrar em conflito público com o Ministério das Minas e Energia.

O Globo, em 10 de março de 1967, divulgou notícia, com chamada na primeira página, informando que a Acisul teria dirigido ofício ao ministro das Minas e Energia, José Costa Cavalcanti, pedindo providências contra a maneira irregular com que vinham sendo aplicados os cortes de energia em Copacabana e reiterando a disposição de mobilizar os empresários para fechar as portas de seus estabelecimentos por 24 horas, ou seja, uma greve dos patrões (*lock-out*), a título de advertência, se não fosse solucionada a situação em prazo razoável! no ofício, a Acisul explicou que os horários de corte de energia em Copacabana não estavam obedecendo a critério compatível com os interesses do comércio e da população do bairro, pois incidiam nos períodos de maior movimento e isso prejudicava a todos, causando, inclusive, queda na arrecadação tributária estadual.

A entidade sugeriu a adoção do sistema de cotas para cada consumidor ou a realização de cortes pela manhã, quando o movimento era menor, possibilitando a redistribuição da disponibilidade para as zonas fabris, nas quais, neste período do dia, a demanda era maior. Uma das preocupações de Elias, segundo o *Correio da Manhã*, era a falta de energia por tempo muito prolongado, o que poderia causar a paralisação das elevatórias de esgotos e ocasionar lançamentos de detritos nas ruas do bairro. A Acisul se manteve em reunião permanente até que o governo federal tomou providências. O ministério prometeu atender as reivindicações do

comércio, com a edição de nova tabela de cortes de energia, considerando-se que tinha começado a escurecer mais cedo em função do fim do horário de verão. O Sindicato dos Lojistas da Guanabara e o Clube dos Diretores Lojistas do Rio de Janeiro participaram do movimento.

A área da segurança pública representou um desafio permanente, o qual Elias e a diretoria da Acisul souberam enfrentar em apoio ao governo estadual, buscando propiciar ao comércio e à população de Copacabana mais tranquilidade e menos violência nas ruas. Em meados da década de 1960, a balbúrdia, algazarra e brigas nas noites de Copacabana pareciam incontroláveis. Em janeiro de 1965, a Acisul – ainda com Elias como vice-presidente e Jairo Costa, presidente – criou, com a colaboração dos comerciantes, a guarda noturna. Tal contingente começou com cento e trinta homens, treinados pela Cruz Vermelha em primeiros socorros, preparados para reforçar o policiamento do bairro. Segundo Elias, a atuação da guarda já tinha diminuído bastante o número de ocorrências policiais à noite – sobretudo os furtos a carros, brigas e arruaças. Uma das importantes missões dos guardas era acompanhar, quando solicitado pessoas ou famílias moradoras do bairro às suas residências, além de prestarem primeiro socorros em caso de necessidade. A guarda tinha como centro operacional a sede da Acisul.

Sérgio Bittencourt (1941-1979), compositor e jornalista, filho de Jacob do Bandolim, foi muito amigo de Elias, que o conheceu na boate Aspèrge, de Valdir Calmon. Dono de um estilo jornalístico consagrado nos jornais *Correio da Manhã*, *O Globo*, *O Fluminense* e na revista *Amiga*, Sérgio teve programas em rádios cariocas e paulistas. Ele foi apresentador de programas radiofônicos e jurado de programas de tevê de sucesso – como o de Flávio Cavalcanti, *Um instante maestro!*; inscreveu e concorreu com várias composições em Festivais da Canção. Mais que tudo ele era um profissional muito comprometido com a noite do Rio. Em sua coluna de *O Globo*, fez publicar uma entrevista com Elias, em comemoração ao sexto ano de criação da Guanabara.

Para o famoso colunista, Elias era uma liderança empenhada em equacionar problemas cruciais da Zona Sul, não só cuidando do dia a dia de Copacabana e arredores, incrementando a economia local, através da valorização do turismo, mas organizando e estimulando normas para o funcionamento das casas noturnas da Princesinha do Mar. Segundo Bittencourt, os empresários da rede hoteleira e do setor de entretenimento da Zona Sul da cidade tinham muito a denunciar devido à falta de incentivo dos governos para a efetivação de negócios nos seus ramos de atividade.

Com a eloquência que lhe era peculiar, Bittencourt explicou a razão de sua entrevista com Elias:

Quero falar, uma vez mais, com a dignidade merecida, sobre os problemas que invadiram a vida noturna do Rio. Problemas que, a bem da verdade, não chegam a ter meia dúzia de anos (como o estado), mas que pesam sobre os ombros [dos empresários] desprotegidos, cheirando a séculos de dificuldades. O setor atravessa uma de suas fases mais ingratas e vão-se tornando comuns os fechamentos de casas por absoluta falta de público. Os proprietários se queixam, os artistas reclamam, o faturamento desce a um nível espantoso, enquanto chega o inverno, época pior para a boemia, e as boates e os teatros se esvaziam, causando, em alguns, princípio de pânico. (*O Globo*, 22 de abril de 1966, p. 5)

Elias, ao concordar com o colunista, afirmou que muita coisa havia contribuído para que a noite se esvaziasse:

A campanha desmoralizadora movida contra os que frequentam casas noturnas, a situação econômico-financeira da cidade e a mudança da capital para Brasília, muito embora algumas poucas casas, como o Zum Zum, com sua tradição, e o Le Bateau, com o seu ineditismo, estivessem conseguindo bom público, principalmente em finais de semana.

Elias chamou a atenção para a questão dos preços de *couvert* nas casas noturnas:

(...) muitos, realmente exagerados. Por outro lado são elevados também os valores que cobram as entidades representativas dos compositores, como a UBC e a Sbacem; isto sem falar nos cachês dos artistas, sobretudo dos músicos, inflacionados pela televisão.

A proposta de Elias era que deveria existir apenas um preço de consumação. Outra dificuldade por ele apontada dizia respeito aos horários dos espetáculos de boates, começando uma hora depois da meia-noite, obrigando os consumidores a permanecerem até alta madrugada para ver seus artistas se apresentarem:

É um absurdo, uma tradição errada no Rio. Shows tão tarde prejudicam sensivelmente qualquer plano de reerguimento da noite carioca, em termos comerciais.

Elias elogiou uma iniciativa do então Teatro Miguel Lemos, que passou a competir com as boates com espetáculos musicais às 23 horas: *“Tudo que possa representar atração é bom para a vida noturna. Quanto mais se puder oferecer diversão popular sadia, tanto melhor!”*

Outra polêmica que invadira a noite carioca tratava da frequência de jovens às boates. A permissão legal era para maiores de 21 anos. Mas crescera muito o

movimento para que fosse estendida a maiores de 18 – para Elias, a medida, que já estava em vigor em São Paulo, seria acertada para o Rio:

O nosso Código Civil está obsoleto. É evidente que o jovem de 20 anos evoluiu e tem hoje capacidade de entendimento e responsabilidade bem maior. O que discordo é de exageros, como esse que andam propalando por aí de que se permitiria ingresso de jovens a partir de 14 anos de idade em boate.

Sérgio Bitencourt, preocupado até com ratos em Copacabana, desafiou Elias a apresentar uma solução para reduzir a incidência dos roedores no bairro. Elias não teve dúvida:

(,,,) o problema existe e deve ser solucionado pela administração regional. Os síndicos dos edifícios podem e devem auxiliar o administrador nessa tarefa. Nós da Acisul já resolvemos, em colaboração com a administração regional, o problema da água no bairro. O policiamento, por etapas, vai resolvendo-se, embora a insegurança ainda seja um dos problemas mais angustiantes de todo cidadão aqui no bairro. A Acisul já recorreu à guarda noturna e a medida está demonstrando ótimos resultados.

De fato, esforço conjunto da guarda noturna com a PM e a polícia civil apresentava bons resultados. Entretanto, em 1966, os moradores da Rua Carvalho de Mendonça solicitaram à administração de Copacabana o fechamento de seis boates, cujo funcionamento estava tumultuando a região. Elias, acionado pelos donos dos *night clubs*, que lhe deram total autonomia para solucionar o problema, elaborou um termo de compromisso não só para as boates daquela rua mas para todas os estabelecimentos noturnos de Copacabana, visando a adoção de procedimentos em prol do sossego da comunidade. Ficou resolvido que as boates fariam revisão em suas acústicas, para a diminuição do barulho externo, seriam submetidas a monitoramento mais intenso pelos fiscais e por policiais, para evitar as cenas de brigas e violências, impedir menores nas boates, não admitir bebidas adulteradas, prostituição e tráfico de drogas.

Mesmo com a intervenção apaziguadora da Acisul e atuação decisiva de Elias, o conflito não chegou a um fim satisfatório. Embora tivessem aceitado as negociações, o que desejavam os moradores dos prédios da Carvalho de Mendonça era o fechamento de todas as casas noturnas instaladas naquela rua. Elias encontrou dificuldade no fato de sempre existir um ou outro estabelecimento que tentava burlar o acertado, o que ocasionava intervenção da Polícia Militar, cuja ação era, muitas vezes, denunciada como violenta pelos donos das boates.

Atento à polêmica, Sérgio Bittencourt repercutiu a dimensão do problema enfrentado por Elias, defendendo o trabalho dos policiais, que, segundo o jornalista,

(...) entravam nas casas, dirigiam-se aos proprietários, diziam do que se tratava, pediam iluminação, explicavam o porquê de sua presença ali e pediam documentos. (...) Falaram de arbitrariedade. De violência. Nada disso ocorreu. (...) Por fim, resta dizer que até a Acisul, associação que, à base do esforço de Elias Abifadel e de outros abnegados, vem tentando endireitar [a convivência de moradores e dos donos de boates] na Rua Carvalho de Mendonça, concorda com a *blitz* desta natureza. Chega inclusive a solicitar que elas venham a ser mais constantes. (*O Globo*, 20 de junho de 1966)

Depois de outras negociações, Elias conseguiu outra vez encaminhar uma solução consensual entre a liderança dos moradores da Carvalho de Mendonça e os donos dos estabelecimentos, com a esperança de paz mais duradoura, de interesse de ambas as partes.

Mas, no comando da Acisul, a preocupação dele com a cidade era abrangente. Em 25 de abril de 1966, junto com um de seus vice-presidentes, o professor Rogério Pfaltzgraff, Elias levou ao Departamento de Trânsito sugestões visando melhorar os serviços de ônibus. Propuseram a criação de um curso intensivo de relações humanas para motoristas e cobradores, com orientações para uma convivência mais cordial com os passageiros. Os ensinamentos abrangeriam as consequências do excesso de velocidade nas ruas da cidade e a má impressão que levava o turista, em relação ao Rio e seu povo, ao ser obrigado a usar um ônibus sujo e mal conservado. Propuseram a criação de uniforme para os profissionais e educação sobre a poluição ambiental causada pelo barulho excessivo (buzinas), motores desregulados e excesso de descarga de monóxido de carbono na atmosfera.

Em meio a toda agitação de seu dia a dia, Elias se deparava com pedidos que dele exigiam atuações específicas. Foi o caso da reivindicação dos donos de farmácias, através do sindicato que os representavam – e da comunidade –, para que levasse ao governo estadual a sugestão de ampliação do horário noturno de atendimento ao público, o que exigiria mais providências no sentido de garantir a segurança pública ao longo da madrugada. A Acisul e o sindicato, através de suas assessorias jurídicas, prepararam um ofício justificando o pedido.

Elias solicitou a Negrão de Lima uma audiência para tratar do assunto. Reuniram-se em 28 de março de 1967 e o governador apoiou o pleito. Elias aproveitou a oportunidade e expôs ao governador a necessidade de medida que viesse dar flexibilidade ao horário para que todo o comércio pudesse manter, facultativamente,

suas portas abertas até 22 horas. Negrão de Lima foi receptivo à ideia e Elias deu início à campanha em prol do funcionamento noturno do comércio em geral. Seu argumento era que esse tipo de iniciativa tornara-se realidade em grandes metrópoles brasileiras e no mundo. Citava como exemplo a cidade de São Paulo, que já explorava com sucesso a alternativa. Dizia que a população que trabalhava no horário tradicional – de 9 horas às 18 horas – não tinha tempo pra visitar lojas e consumir os produtos. Além de grande incentivo ao turismo, explicava ele, a medida facilitaria o acesso às lojas em função do trânsito de veículos menos congestionado, possibilitando aos consumidores mais tranquilidade em suas pesquisas de compra no comércio, estimulando as lojas a criarem um novo turno de empregados, aumentando suas vendas e a arrecadação tributária.

O dia 21 de maio de 1968 foi marcante para Elias. O delegado Deraldo Padilha, figura legendaria e carismática na Polícia Civil da Guanabara, aceitou o convite do secretário de Segurança do governador, general Luís França Oliveira, para assumir as duas delegacias distritais de Copacabana – a 12ª e a 13ª DD –, as quais, por tradição, eram comandadas por dois titulares. Os jornais do dia seguinte, em amplos noticiários, logo repercutidos pelas emissoras de rádio, trouxeram a novidade, mas já transparecendo em comentários que poderia não ser tão simples a solução para pôr fim às transgressões à lei em Copacabana.

Vale a pena um breve relato sobre a atuação do delegado Padilha: ele começou a ficar conhecido na década de 1950, quando comandava campanha contra maus motoristas no Rio. Ocupou, entre outros, o cargo de presidente do inquérito que apurou o Crime de Sacopã (como ficou conhecido o homicídio do bancário Afrânio Arsênio de Lemos ocorrido no Rio em 6 de abril de 1952), o que lhe valeu alguma fama. E chefiou a seção Amazônia do Serviço Especial de Repressão ao Crime. Trabalhou em Roma, no serviço de seleção de imigrantes; e chefiou a Divisão de Meretrício da Delegacia de Costumes do Distrito Federal!

Padilha, seis anos afastado de atividades policiais, assumiu a responsabilidade pelo cumprimento da lei e pela ordem no chamado “mundo além-túnel”, que abrangia não apenas Copacabana, mas Ipanema e adjacências. À imprensa, ele declarou que não tinha plano especial e que botaria a bola pra frente, prendendo marginais, dando sossego à população.

Contratempos na área de segurança pública em Copacabana nunca deixavam de existir, eram como as idas e vindas das ondas em sua famosa praia, mas, dessa vez, Elias viria a enfrentar uma situação inusitada, pois o delegado Padilha, sob a

propalada justificativa de colocar ordem no bairro, agia com muita firmeza, obtendo receptividade popular bastante positiva, chegando a encontrar apoio dos moradores que clamavam pelo fechamento das referidas boates da Carvalho de Mendonça. Chegaram a realizar eventos de apoio ao delegado! Contudo, Elias contou a seu favor com a turbulência e agressividade da equipe de Padilha, não raro extrapolando o que deveria ser uma simples *blitz*, para enfatizar a crescente violência contra comerciantes e consumidores.

A ação da autoridade policial, que deveria trazer tranquilidade à população, degenerou e se tornou mais um caso de violência urbana! Elias, em contatos com o administrador regional do bairro, Julio Catalano, e com o gabinete do governador Negrão de Lima, tentava colocar a situação sob controle. No dia 12 de junho de 1968, de manhã, representantes de proprietários de bares, lanchonetes e restaurantes o procuraram, pressionando a Acisul por providências contra as arbitrariedades do delegado. Elias ouviu as denúncias, ponderou sobre alguns fatos e de imediato, ao final da reunião, ligou para Catalano, agendando audiência que foi realizada no mesmo dia, à tarde. No evento, que, segundo o *Correio da Manhã* do dia 13 de junho, prolongou-se por quase duas horas.

Na reunião, Elias e os empresários narraram o agravamento da situação e enumeraram os graves prejuízos aos negócios e à economia do bairro, “hoje envolto numa verdadeira onda de terror, face às injustificadas e grosseiras medidas da autoridade policial”. Eles frisaram que as receitas do comércio vinham caindo devido ao receio da população em frequentar os estabelecimentos após as 18 horas. Eles denunciavam que os policiais costumavam chegar de modo agressivo a lanchonetes, bares e restaurantes, de onde, muitas vezes, expulsavam os consumidores, determinando o fechamento puro e simples da casa, sem qualquer explicação ou motivo, e com o agravante de fazê-lo sempre aos gritos e palavrões.

O administrador admitiu que estava, no momento, impotente para conter o delegado, mas prometeu manter o caso em instâncias superiores até uma decisão favorável aos comerciantes. Elias e os empresários definiram com ele um documento que seria entregue ao governador e ao secretário de Segurança. Catalano telefonou ao gabinete de Negrão de Lima e conseguiu um agendamento sobre o assunto para o dia seguinte. Neste primeiro momento, por sugestão de Elias, todas as iniciativas em âmbito oficial, junto às esferas do executivo e legislativo, ficariam sob a responsabilidade de Catalano.

A Elias coube reunir-se diariamente com a imprensa para informar a respeito do andamento das medidas que estavam sendo providenciadas no palácio do governo e sobre as iniciativas dos comerciantes, através da Acisul, no sentido de se protegerem. E confirmou a contratação de uma assessoria jurídica, coordenada pelo criminalista Nilton Feital, cuja equipe fez plantão 24 horas porque o delegado não tinha hora para agir. Um dos empresários, sr. Manoel Gonçalves Mourinho, dono da boate Royal, foi agredido em uma *blitz*; Elias o orientou a registrar queixa contra o delegado na Corregedoria de Justiça do Estado, que a distribuiu à Segunda Vara Criminal. A vítima acusou o policial de constrangimento ilegal, atentado contra a liberdade de trabalho, lesão corporal, abuso de poder e violência arbitrária no exercício da função. O comércio entrara em estado de greve até que as autoridades se pronunciassem sobre o assunto.

As ações de Padilha em Copacabana e as reações comunitárias à situação tomaram conta dos noticiários e comentários nas emissoras de rádio e televisão da cidade, e eram estampadas nos jornais e revistas. A audiência crescente em relação ao assunto acirrou o problema. No dia 20 de junho, Elias convocou os diretores da Acisul para uma tomada de posição definitiva contra o delegado, que persistia fechando estabelecimentos e limitando seu horário de funcionamento indiscriminadamente. Participou da reunião o presidente da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, sr. Bernardo José Gomes da Silva, que tinha realizado, no dia anterior, assembleia com dezenas de desempregados de estabelecimentos fechados pelo delegado. Foi mais um reforço que Elias trouxe para a campanha pela demissão de Padilha, cuja atuação já afetava seriamente o turismo em Copacabana, com repercussões na ocupação dos hotéis.

Segundo Elias, tinham sido fechadas casas noturnas de primeira categoria, como o Le Bateau e o Sarau, sem qualquer justificativa plausível. “O New Jirau, um dos mais bem frequentados e de maior evidência no Rio, fora lacrado duas vezes e seus frequentadores sumariamente expulsos”, denunciava ele.

Em documento distribuído à imprensa, a Acisul apontava que o quadro era de esvaziamento da vida noturna carioca:

(...) quem frequenta o comércio evita sair à noite com receio de tornar-se alvo de violência e grosserias, sempre maiores na razão direta da menor importância da casa visada pelo violento e imprevisível delegado. Já recebemos reclamações de casas cujos movimentos sofreram redução de até 90%, portanto, estão condenadas a cerrar definitivamente suas portas.

Elias anunciou que solicitara à Secretaria de Finanças do Estado um estudo para redução de impostos e taxas no setor, em especial para as casas comprovadamente prejudicadas. Ele se preocupava mais em deter a onda de demissões por parte das empresas que não estavam faturando “para cobrir a folha de pagamentos e os encargos trabalhistas”.

A queda de braço entre Padilha, comerciantes e empregados de Copacabana parecia não ter fim. Elias não viu alternativa a não ser levar o assunto, mais uma vez, mas agora pessoalmente, ao governador Negrão de Lima. A audiência no Palácio Guanabara aconteceu dia 28 de junho. Entre as ponderações apresentadas ao chefe do Executivo destacava-se, claro, a queda do faturamento do comércio diurno e casas noturnas com a consequente redução na arrecadação de impostos e aumento do desemprego. As assessorias de economia e jurídica da Acisul prepararam estudos que respaldaram os argumentos de Elias junto ao governador a quem foi entregue novo documento, encaminhado depois ao ministro da Justiça e ao presidente da Assembleia Legislativa.

Em longa reportagem, o *Correio da Manhã* expressou com fidelidade o quadro caótico em Copacabana, destacando a atuação de Elias para evitar o aumento do desemprego por causa da crise:

Já é praticamente insustentável a permanência do delegado Padilha em Copacabana, em face do seu comportamento e das atitudes arbitrárias tomadas por seus auxiliares contra não só os comerciantes, mas o público em geral. Essa é a opinião da maioria dos empregados do comércio de bares, restaurantes e lanchonetes de Copacabana, que criaram uma Comissão de Emergência e estão dispostos a sair às ruas em passeata, caso o delegado Padilha não seja afastado pelo governador Negrão de Lima.

A Comissão decidiu que será realizada uma passeata da fome pelas principais ruas do bairro.

Integrada por garçons desempregados e suas respectivas famílias, caso as demissões continuem em ritmo acelerado, tendo ontem o presidente da Acisul, Elias Abifadel, feito novo e veemente apelo para que os proprietários de bares sustentem as demissões e aguardem o cumprimento das promessas feitas pelo governador Negrão de Lima. Disse Abifadel que o governador se comprometeu a dar uma solução para os desmandos policiais em Copacabana:

‘Nós não queremos absolutamente que a polícia deixe de cumprir a sua missão. Queremos apenas o fim das violências policiais, o fim do desrespeito aos alvarás, o fim

das agressões a proprietários, empregados e frequentadores de bares, restaurantes, lanchonetes e boates de Copacabana, como vem ocorrendo desde que o delegado Padilha assumiu o posto' (...) (*Correio da Manhã*, 6 de julho de 1968).

Elias explicou que as casas que tinham duas turmas de empregados demitiram uma delas, com a diminuição forçada, arbitrária e ilegal de seu horário de funcionamento. Era fato que o delegado tratava a todos de modo agressivo, qualquer que fosse a pessoa e a situação. Foi o que aconteceu com o general Mozart Moreira da Silva – ele procurou a delegacia para registrar queixa de um furto que sofrera. Foi destrutado, segundo ele, sem motivo algum por Padilha. O militar denunciou publicamente o que ocorrera, recebendo, através da imprensa, manifestações de solidariedade por parte de seus colegas de farda, que interpretaram o fato como ofensa às Forças Armadas, na pessoa de um oficial-general. Mozart Moreira da Silva fez representação junto ao Ministério do Exército.

O governador Negrão de Lima, em 9 de julho, cinquenta dias após a nomeação de Padilha, anunciou que aceitara o pedido de exoneração do delegado e que iria devolver a Copacabana o regime de dois delegados, um para a 12ª DD, Jaime Petra, e outro para a 13ª DD, Ivan Santos. O secretário de Segurança, general Luís de França Oliveira, informou que a exoneração estava em suas mãos há 15 dias.

Ao noticiarem a queda do delegado, os jornais e emissoras de rádio deixaram claro que o movimento mais intenso pela saída do policial foi o da Acisul, contudo, a entidade se limitou a distribuir nota, em nome dos associados, elogiando a exoneração. A mídia comentou também que a gota d'água para a exoneração de Padilha fora a queixa contra o delegado feita pelo general Mozart ao ministro do Exército, agravada pela representação de outro militar, de igual patente, cujo nome não foi citado, o que levou à instauração de inquérito policial-militar (IPM) contra o delegado deposto.

A *O Globo*, de 10 de julho de 1968, Padilha disse que ele e sua equipe estavam cansados. Explicou que em Copacabana vinha trabalhado vinte horas por dia e que, no dia anterior, havia rondado o bairro a noite toda, até o amanhecer. Declarou, ainda, com relação às acusações que lhe foram feitas, que, se alguma vez se excedeu em suas funções, o fez no interesse da coletividade e não em benefício próprio. Padilha lembrou a dimensão do bairro e disse que o acúmulo de duas delegacias, no ritmo de trabalho a que ele se impusera, desgastaria qualquer policial. E citou dois casos de funcionários de suas delegacias que teriam sofrido princípio de enfarte em serviço...

A carreira do delegado foi interrompida em janeiro de 1973, quando o presidente Médici usou o Ato Institucional n. 5 e o aposentou. Em julho de 1980, aos 61 anos de idade, Padilha foi reintegrado à Polícia Civil do Rio, por determinação do governador Chagas Freitas, como nos informa a revista *Veja*, de 24 de novembro de 1980.

1968 tinha sido conturbado para Elias. No seu cotidiano muitas vezes estressante, à frente da Acisul, a agitação decorrente das atitudes de Padilha foi uma particularidade que não atingiu a essência de seus negócios. No dia 31 de julho de 1968, ele tinha um fato extraordinário a comemorar: o Bierklause completava o primeiro aniversário, consolidando grande sucesso e apresentando potencial enorme de crescimento. Demandava trabalho dia e noite, mas o fato é que o Bom Beduíno tinha seus motivos para festejar e o fez com todo primor: realizou um jantar sofisticado, divertido, com a já conhecida Bandinha do Alemão e música dançante para mais de uma centena de convidados, aglutinando políticos, personalidades, artistas, jornalistas, seus colegas da Acisul, do Rotary-Copacabana, e familiares, além de amigos de Taubaté que viajaram ao Rio para o evento.

As atividades no Bierklause e na Acisul consolidaram em Elias a ideia da importância do turismo para o Rio. Ele entendia que a iniciativa privada, os governos locais e federal deveriam abraçar a causa. A prioridade, afirmava, no intuito de beneficiar a Zona Sul, a Cidade Maravilhosa e o país deveria focar na defesa do setor de viagens de lazer e negócios tanto para os fluxos domésticos como para o turismo receptivo (chegada de estrangeiros ao Brasil) e facilitar aos brasileiros seus deslocamentos ao exterior.

Elias defendia investimentos em infraestrutura, como melhorias em redes hoteleiras e gastronômicas, transporte, pontos de atração turística, eventos, entre outros, o que acarretaria emprego, renda e tributos. Ainda em sua visão, essa era a chave para manter aberta a porta do crescimento econômico e social em uma cidade cosmopolita como o Rio. Sua crença era objeto de palestras, espelhadas nas páginas de *O Globo*, na coluna “Rede qualidade e economia” e nas entrevistas aos meios de comunicação.

Em uma demonstração prática do apoio que tanto apregoava ao turismo, ele reuniu empresários do setor e construiu a Sala do Turista, na Praça do Lido. A pequena edificação se constituiu em um espaço simbólico para o Rio e foi inaugurada com a presença do governador Negrão de Lima, de secretários estaduais, representantes da rede hoteleira e de agências de viagens, dirigentes dos Lyons e Rotary de Copacabana.

A sala contava com guias e atendentes políglotas. Eram profissionais capacitados a orientar os turistas sobre passeios pela cidade, custos de hospedagens e de transportes locais. A instalação física, inédita no país, disponibilizava outros serviços de informação, inclusive sobre o turismo nacional, transmitindo tranquilidade e confiança ao estrangeiro ou brasileiro em visita ao Rio.

Segundo Elias, a iniciativa, que colocou o Rio à altura dos centros mais avançados do mundo no atendimento ao turista – como Nova York, Paris, Londres, Roma e Berlim –, devia-se ao espírito ousado de seus colegas da Acisul, os quais, mais uma vez, adiantavam-se às autoridades em benefício da coletividade, como se lê nesta nota:

(...) O turismo, a indústria da paz, é uma das maiores carreadoras de divisas em países que sabem o que fazer para atrair visitantes. (...) No Brasil, embora disponhamos de condições naturais das mais favoráveis para desenvolver a indústria turística, acontece exatamente o contrário. O estrangeiro aqui, mal desembarca do avião ou navio, é abandonado, maltratado, quando não explorado por todos, do motorista de táxi ao guia que contrata. As agências de viagens conhecem bem esse problema e muitas se desdobram para minorá-lo. (*O Globo*, “Rede qualidade e economia”, 30/11/1966)

Em outra edição da “Rede qualidade e economia”, Elias, em dia de véspera de carnaval carioca, abordou a festa brasileira mais conhecida no exterior como exemplo para o turismo receptivo nacional:

Mais algumas horas e a cidade, de ponta a ponta, tanto nos salões luxuosos, como nos clubes humildes e no asfalto das ruas, estará inteiramente tomada pela alegria contagiante da mais fabulosa festa do mundo. Cariocas e turistas brasileiros e estrangeiros esquecerão por momentos dissabores e problemas da vida para, como que irmanados em um único objetivo, divertirem-se sem que nada possa empanar a alegria geral. É essa a alma do nosso carnaval. (...) Por três dias pelo menos o nosso Rio se transformará na capital turística do mundo. É a única época do ano, salvo raras e felicíssimas exceções, em que para nós existe turismo receptivo. Não há vagas em hotéis, as pensões estão lotadas, casas de famílias hospedam parentes, amigos e conhecidos que vêm de longe para a nossa festa. Navios ancorados no cais se fazem de hotéis para seus passageiros, enfim, uma demonstração inequívoca da grande atração que é o carnaval carioca. (*O Globo*, “Rede qualidade e economia”, 04/01/1967)

Uma das primeiras e bem-sucedidas iniciativas de Elias na Acisul foi o lançamento do Talonário turístico do Rio. O objetivo era garantir aos visitantes descontos em hospedagens, restaurantes, boates e compras em Copacabana. Segundo seu criador,

o talonário foi o ponto mais importante da proposta para expandir melhor o bairro como atração turística, pois ele oferecia preços diferenciados, dando ao portador opções de quantidades de diárias em hotéis e consumo no comércio, em estabelecimentos com os quais o projeto tinha convênio. Além disso, o turista contava com outra vantagem que era a proteção completa à saúde com assistência médica, desde consultas e exames laboratoriais a atendimento em rede hospitalar privada, diante de emergência. E mais: se o visitante ao Rio estivesse passeando na cidade em veículo próprio, ele poderia contar com assistência mecânica para o carro... tudo coberto pelo talonário!

Elias incorporou a este projeto uma campanha para estimular o carioca a frequentar a noite de Copacabana: através de venda de tíquetes, as boates proporcionavam ao consumidor descontos nas despesas.

Em outra frente, a Acisul buscou, junto ao poder público, condições para empresas de eventos promoverem, no Rio, congressos, seminários, concursos e outros encontros, nacionais e internacionais. Elias propôs, sem êxito, a agências de modelos que fizessem uma competição em que fosse escolhida a ‘Sereia Internacional das Praias’ para valorizar Copacabana.

Essa era uma das marcas de Elias no comando da entidade: a abundância de ideias e projetos em prol do turismo não a impedia de atuar com os pés no chão. Uma de suas campanhas de sucesso foi a de esclarecimento ao carioca sobre a importância do turista para a comunidade. O trabalho foi feito em parceria com hotéis, restaurantes e boates.

O último ano de Elias como presidente da Acisul foi marcado, a partir de meados de 1968 até junho do ano seguinte, pelo debate do projeto polêmico de alargamento da Avenida Atlântica. Praticamente, todos os segmentos sociais foram convocados à discussão. Engenheiros, arquitetos, urbanistas, comerciantes, psicólogo, Igreja, autoridades, o cidadão comum, enfim, todos tiveram a oportunidade de falar contra ou a favor, através de seminários, palestras, jornais, emissoras de rádio e televisão. A Acisul não se omitiu. Foi contra passarelas na avenida e, em 25 de junho de 1969, em entrevista coletiva, Elias defendeu que o governo continuasse proporcionando à população permanentes informações e promovendo os diálogos.

(...) não se esquecendo de que Copacabana é o maior centro de comércio de luxo do mundo e que qualquer mudança a se operar deve ser feita com o máximo cuidado em não só preservar o que existe, como melhorar o ambiente objetivamente. Copacabana

é um patrimônio, o mais importante do país, do ponto de vista turístico. Por isso devem ser levados em conta os mínimos detalhes, antes de qualquer modificação urbanística. Assim, acho que o debate deve ser procurado pelo governo para que se tome a solução mais inteligente. Somos amigos do governador Negrão de Lima e, a exemplo dele, temos interesse em que tudo dê certo para a Guanabara. (*O Globo*, Geral, edição matutina, p.5)

Três meses após a obra ser iniciada, houve uma exposição detalhada do projeto na Sala do Turista do Lido. As informações a respeito do alargamento da avenida, em todos os seus aspectos, como a construção do interceptor oceânico, constituíram os temas da mostra, com plantão permanente de engenheiros para esclarecimentos ao público em relação aos aspectos técnicos das diversas etapas da construção. A iniciativa suscitou a reabertura do debate popular sobre a necessidade do alargamento da via, embora este já estivesse em andamento. As opiniões se dividiram, mas prevaleceu o ponto de vista de que se tratava de investimento inadiável, benéfico ao futuro de Copacabana e que, sobretudo, conforme a maioria da opinião pública, daria mais beleza e maior amplitude ao bairro.

Elias, em 25 de julho de 1969, passou a presidência da Acisul a Paulo da Costa Bastos, mas continuou atendendo as demandas da mídia por entrevistas e notícias sobre assuntos ligados à entidade. E o evento mais importante que lhe tocou como ex-presidente da Acisul ocorreu em 13 de março de 1971. Em almoço de despedida do governador Negrão de Lima, quando a entidade reuniu mais de duzentos empresários no Iate Clube do Rio de Janeiro, ele, Elias, identificado na mídia como “presidente de honra da Acisul”, fez um emocionado discurso; lembrou a trajetória de governo do homenageado exaltando que o mesmo soubera conquistar o apoio empresarial e popular – “A expressão ‘já vai tarde’, comum quando um governante deixa o posto, foi abolida em relação ao sr. Negrão de Lima. O que se ouve na cidade são expressões de reconhecimento e saudade”, exultou Elias.

O sucessor de Negrão de Lima foi Antônio de Pádua Chagas Freitas (1914-1991) defendendo a proposta de importantes obras urbanísticas e inaugurando o que ficou mais tarde conhecido como “chaguismo”, política de feição funesta para o estado fluminense. Elias, o homem de mil instrumentos, continuou sua rotina de dedicação ao Bierklause, à confecção de roupas de crianças, às lojas da Infantil Modas e aos investimentos pecuários em Taubaté, assuntos que terão continuidade no capítulo 6.



Em entrevista, então como presidente da Acisul, em 1969



A partir da esquerda, as irmãs Tereza, Aparecida, Ivete e Maria, com a mãe, dona Nazle ao centro, na Assembleia Legislativa onde Elias recebeu o título de Cidadão Carioca, em 1970

Bierklause e Boate Fossa

EM 1969, aos 36 anos de idade, Elias curtia, no Rio de Janeiro, as glórias de uma gestão vitoriosa na liderança empresarial em Copacabana, e usufruía dos lucros em seus negócios, particularmente no restaurante e cervejaria Bierklause, cujo sucesso era invejável, apesar da crise que o setor de entretenimento na noite carioca vinha enfrentando. Sem dúvida, uma grande e invejável conquista para um jovem que, vindo do interior paulista, chegara à Cidade Maravilhosa dezessete anos antes. Elias confirmava assim a afirmativa de que quando se mantém fiel a si mesmo fica mais possível alcançar êxito pessoal e esta era a característica dele, persistente e confiante em seus objetivos, com a sabedoria de ceder, caso necessário, para avançar naquilo que acreditava e realizar seu propósito.

O Bierklause, com uma decoração sóbria, funcional, sem luxo supérfluo, mas uma casa moderna e confortável, explorava o mercado de entretenimento e gastronomia voltado para a família; abria somente para o jantar e as noites na casa eram de festa dançante, alegria, confraternização. A atração do restaurante era uma culinária finíssima que tinha como um dos pratos principais o filé à la Bierklause (filé grelhado com pontas de aspargos por cima e *champignon soté* sobre os aspargos), mas o cardápio, variado, exibia pratos internacionais sofisticados, com destaque para a requintada cozinha alemã, apresentada com esmero.

Os garçons, *barmen*, *chefs* e artistas – enfim, a equipe que interagia com o público e protagonizava a animação do ambiente – vestiam roupa típica germânica, nas cores verde e vermelha, com jaleco verde florido, camisa branca, gravata de lacinho e chapéu. De fato, um charme na noite do Rio!

Nos dois últimos anos, desde 1967, período em que Elias, como presidente da Acisul, era onipresente em eventos de interesse da entidade, ele foi obrigado a se

desdobrar, trabalhando dia e noite para responder às demandas que mantiveram a prosperidade do Bierklause. Agora o empresário estava focado em sua casa noturna, com mais tempo, ávido por explorar todo o potencial que descortinara em relação ao empreendimento. E vislumbrou outro nicho de mercado que se apresentava promissor para a casa: dedicou-se ao atendimento a empresas, de preferência as multinacionais. Muitos estrangeiros no Rio, a turismo ou a negócio, frequentavam o restaurante e se tornaram grandes incentivadores para que ele buscasse essa diversificação.

Em fevereiro de 1969, *O Globo* homenageou a elite dirigente do ramo de automóveis no Brasil, com um jantar no Bierklause. A festa do concessionário-padrão foi, segundo o próprio jornal, o reconhecimento de revendedores autorizados que se destacaram no ano anterior. Reuniram-se, pela primeira vez, concessionárias de todas as marcas de carros, numa autêntica convenção geral que juntou inclusive as montadoras. O evento foi um marco para Elias em seu propósito de ampliar o mercado do seu *business* de entretenimento e gastronomia na noite do Rio.

O Bierklause, não raro lotado, apresentava um permanente desfile de celebridades de setores da sociedade e do mundo político, artístico e cultural. Muitos jornalistas tinham presença na casa, alguns até com mesa cativa, para o contentamento de Elias. Entre eles, nomes respeitados da imprensa, profissionais que faziam os eventos relevantes acontecerem na noite carioca, enfim, um time de primeira categoria – Sérgio Bittencourt, Roberto Silva, Roy Sugar, Eli Halfoun, Fernando Lobo, Oziel Peçanha, Nei Machado, Siero Neto, Maurício Caminha de Lacerda, Jorge Leão Teixeira, Mauro Costa.

Elias convivia com a comunidade árabe, no Rio, outro fator determinante na projeção do Bierklause. Sua presença foi mais intensa no Clube Sírio-Libanês, em Botafogo, sobretudo na gestão do Demétrio Charle Habib, no final dos anos 1960. Segundo Roberto Habib, irmão de Demétrio, um dos então dirigentes do clube, à época havia disputa acirrada entre grupos para ficar no comando da instituição, o que é tradicional em agremiações similares. Ele informa:

Elias se mantinha afastado das disputas porque não queria ser confundido com um ou outro grupo. O seu objetivo era dar apoio ao Sírio-Libanês, inclusive realizando promoções e recepções de convidados do clube no Bierklause. A ligação dele com a nossa instituição era importante. Qualquer que fosse a diretoria, ela se beneficiava de Elias. Ele era uma pessoa de prestígio não apenas no seio das comunidades carioca e árabe, mas em meio a empresários e junto ao governo. Além disso, seu trânsito fácil pela imprensa reforçava a divulgação que Sírio-Libanês fazia de suas ações.

Números crescentes de clientes, artistas novos ou consagrados revezando-se no salão do restaurante fizeram com que o Bom Beduíno do Bierklause também se tornasse produtor de shows em sua própria casa.

Ele se mantinha antenado; era incansável na procura de novidades para a “satisfação da freguesia”, como gostava de dizer em tom brincalhão. Familiares, amigos e conhecidos – sem falar nos conterrâneos de Taubaté – visitavam-no com assiduidade na noite. A todos, sem distinção, Elias dedicava uma acolhida carinhosa. Alegre o tempo todo, qualquer situação ou piada minimamente cômica era motivo para seus sorrisos largos. Com Elias não existia tempo ruim; de modo invariável, o ambiente à sua volta era de descontração e generosidade. A rotina de receber e agradar pessoas parecia renovada a cada instante que recepcionava alguém. Essa era a marca da sua pessoa. Ele costumava dizer ao funcionários que a casa deveria oferecer a todos qualidade culinária, preços competitivos, bom atendimento, música e diversões agradáveis e convivência amável e prazerosa.

Data dessa época, final dos anos 1960, o início da amizade de Elias com Volkmar Wendlinger, austríaco, personagem importante na gastronomia carioca. Volkmar celebrou-se por seu trabalho na Casa da Suíça, onde foi *chef* e *maître*, tornando-se, desde meados dos anos 1970, dono deste tradicional restaurante localizado na Rua Cândido Mendes, no bairro da Glória, Zona Sul da cidade. Volkmar morreu em 25 de janeiro de 2017, menos de dois meses após fazer, em duas entrevistas presenciais e uma por telefone, este emocionado depoimento sobre os momentos vividos pelos dois:

Conheci o Elias em 1968, ano memorável de um mundo conturbado, marcado pela rebeldia da juventude na Europa e nos Estados Unidos, e que teve grande reflexo no Brasil. Eu estava com 26 anos, nove anos mais novo do que ele. Éramos jovens e, na bela e exuberante Copacabana do final dos anos 60, estávamos antenados para os fatos que ocorriam nos quatro cantos da terra, porém com os pés no chão em nossas vidas profissionais.

Vivíamos um instante social em que mulheres, em acirrada mobilização, organizavam-se por uma maior aceitação social contra o machismo e o patriarcalismo. Elias e eu nos encontrávamos em fase de grandes conquistas no trabalho, em labuta incansável. Elias particularmente estava às voltas com avanços pessoais não só nas suas empresas, mas na sociedade, liderando o associativismo empresarial e comunitário em Copacabana. Tínhamos vidas corridas, nada, porém, que ofuscassem nossa visão sobre aquele ano de 1968, enigmático, que ninguém previu e que nem todos os que dele participaram entenderam o que ocorreu.

Nos Estados Unidos, por exemplo, recrudescceu o protesto contra o conservadorismo e a guerra no Vietnã; o negro passou a repensar seu espaço social, graças ao movimento dos direitos civis e a independência da maioria dos países africanos; ocorreram os assassinatos

do prêmio Nobel e defensor dos direitos civis, pastor Martin Luther King, e do candidato democrata à presidência, Robert Kennedy, irmão de John Kennedy, presidente também assassinado, cinco anos antes.

Na França, o maio de 1968 se tornou o grande protesto que enfraqueceu o governo do general Charles de Gaulle. No Leste europeu, a Tchecoslováquia parecia se desgarrar da União Soviética; Moscou reagiu e houve a Primavera de Praga, preconizando a queda do sistema socialista na Europa.

No Rio cosmopolita, era impossível vivermos sem estar informados sobre essa realidade que varria nosso planeta e que era assunto da mídia e de nossas conversas.

A primeira vez que estive no Brasil foi em 1961; viajei como cozinheiro de navio. Aprendi a arte culinária por inspiração de meu pai, alemão, testemunha de duas guerras mundiais, que jamais acreditou que a terra viveria em paz e quis que os filhos conhecessem um ofício útil em tempos de guerra.

Desembarquei no Porto do Rio, na praça Mauá, Centro da cidade. Era um dia ensolarado, colorido, típico desta bela cidade tropical. Tomei um táxi para Copacabana. Passei por um gigantesco canteiro de obras, tratava-se de um grande aterro do mar, em frente à praia do Flamengo. Centenas de operários em atividade. Uma beleza.

Ao chegar a Copacabana, na praça do Lido, pedi ao motorista que parasse o carro. Desci. Foi a primeira vez que vi, nas pessoas, uma alegria genuína. Queria sentir o calor local, respirar aquele ar impregnado do cheiro de mar. Nem acreditava que me encontrava ali, naquele bairro famoso no mundo inteiro. Muitas mulheres bonitas. Gente bronzeada indo à praia ou já voltando para casa, outra realidade para mim. Retornei para o navio. Jurei vir morar no Rio e o fiz três anos depois.

Em agosto de 1964, aportei de novo na Praça Mauá. Vim para ser cozinheiro do famoso Hotel Ouro Verde, que pertencia a um casal suíço que me deu a chance de me mostrar também como confeitoiro. Em 1965 e 1966, assumi a chefia da cozinha da Casa Suíça. Em 1967, fui para o hotel Casa Alpina Itamonte, em Minas, a 1.400 m de altitude, na Serra da Mantiqueira. Um dos lugares mais altos e esplendorosos do Brasil. Um parque ecológico natural, com rio de água cristalina formando cachoeiras e piscinas naturais, em uma belíssima área de Mata Atlântica. Um paraíso preservado.

Esse foi meu caminho, resumidamente, antes de chegar, em 1968, ao Bierklause, por ironia ali na Praça do Lido, onde estive sete anos antes, quando me apaixonei pela cidade. Pareceu que estava escrito. Fui apresentado a Elias por Adolf Jacobson, alemão, dono da Boate Katacombe e responsável pelo toque alemão do Bierklause.

Elias me contratou como chefe de cozinha. Ele tinha um jeito simples e franco de se relacionar com as pessoas. Falou-me sobre suas ideias e projetos. Contou-me que, seis anos antes, havia comprado de Gregor Berenzansky e Max von Stuckart, uma antiga boate em Copacabana, a Top Club, em estado falimentar. Falou das tentativas frustradas e do tortuoso caminho percorrido até o momento em que decidi fechá-la e abrir o Bierklause, um local voltado com exclusividade para a família carioca.

O ponto forte de Elias era seu jeito, extremamente simpático e aberto, de trocar ideias; nunca se ofendia com uma crítica ou ponto de vista diferente de quem quer que fosse. Ele era capaz de se aprimorar como empresário, profissional e pessoalmente a partir de uma opinião diferente da sua. Uma virtude rara. Essa era uma das características do relacionamento dele com um cliente, assíduo ou não, com os funcionários, com um familiar ou conhecido.

Ele foi o que chamamos hoje de “ouvidor de empresa”; era excelente em receber uma discordância para melhorar o posicionamento do Bierklause no concorrido mercado gastronômico de Copacabana.

O som do Bierklause era algo sensacional.

Havia um pequeno palco, com um piano, uma bateria e um contrabaixo acústico. O pianista era um judeu polonês, trazido pelo Jacobson; ele tocava músicas alemãs conhecidas no Brasil. O cantor era outro judeu, mas vienense, com história semelhante à do pianista, ambos escaparam do holocausto. Elias, descendente de libaneses, tinha um animado relacionamento com os dois, prova que o diálogo árabe-judaico é possível e pode dar bom fruto. Contávamos com outro pianista e um cantor, ambos brasileiros, e uma discotecária.

O cuidado do Elias era animar o público o tempo todo. Os artistas se alternavam: 40 minutos de músicas alemãs; 50 minutos de brasileiras, voltadas para o samba-canção romântico e, em seguida, vinha a discotecária com meia hora de ritmos do momento. Cantores e cantoras famosos estavam sempre se apresentando na casa. Os músicos iniciantes, desconhecidos, encontraram no Bierklause um lugar para se exhibir, com o apoio entusiasmado do Elias, que se sentia realizado quando ajudava um artista a mostrar talento.

Fiquei um ano como chef. Logo Elias me convidou para ser o maître porque falo alemão. Selecionamos outro chef e fui para o salão. Havia garçons que falavam inglês, francês e espanhol. Com frequência, tínhamos novidades, que agradavam e divertiam os clientes. Uma dessas atrações era uma peça sofisticada e exótica chamada weineber, de origem austríaca, para servir vinho. Tenho a weineber aqui na Casa da Suíça. Coloca-se o vinho dentro dela; em seguida, posiciona-se, no seu interior, quantidade predeterminada de gelo em um tubo fechado, para manter o vinho na temperatura adequada e, na parte inferior, uma válvula que, pressionada para cima, libera o líquido em uma taça. A weineber foi um presente para o Elias do então cônsul da Áustria no Rio; eram muito amigos.

Frequentavam o Bierklause personalidades do mundo social, artistas, políticos, esportistas. Antes da Copa de 1970, o técnico Zagalo, o preparador físico Claudio Coutinho, os jogadores Gerson e Carlos Alberto Torres e o goleiro Felix estavam no Bierklause em um encontro animado conosco. Eles prometeram que, se ganhassem a Copa, trariam ao Bierklause a taça Jules Rimet. O Brasil venceu e foi uma alegria enorme ser tricampeão. A seleção de 1970 foi considerada por muitos a maior de todos os tempos. A conquista do tricampeonato foi um espetáculo transmitido pela primeira vez para o povo brasileiro através da televisão. Algo fenomenal. Claro que os tricampeões não puderam trazer a Jules Rimet ao Bierklause, mas fizemos uma festa com a presença de vários jogadores da seleção.

Para que a comemoração fosse completa, esculpi a taça num bloco de gelo. Fiz isso sentado dentro do frigorífico e coloquei uma iluminação à pilha no interior da escultura. Quando os célebres tricampeões estavam lá, desligamos as luzes do salão e a taça foi carregada, pelo goleiro Félix, numa bandeja toda iluminada, criando um frenesi na clientela. Esse era o espírito do Bierklause; era o espírito do Elias.

Fiquei no salão do Bierklause até dezembro de 1970, quando Elias, um inovador visionário, que sabia transformar um desafio em oportunidade de negócio, inaugurou a Boate Fossa, sucesso na noite carioca nos anos seguintes.

Saí do Bierklause porque estava consolidando-se para mim a possibilidade de assumir, como arrendatário, a Casa da Suíça, mas, à época, isto não foi possível.

Fui então trabalhar em um dos hotéis da rede Othon. Em fevereiro de 1971, o Elias apareceu lá no hotel para me levar de volta ao Bierklause, onde fiquei até 1972, quando arrendei a Casa da Suíça. Ele passou então a ser meu grande incentivador; soube fortalecer minha coragem frente ao novo desafio; foi uma luz e um verdadeiro amigo, que me apoiou sem esperar nada em troca.

Ele me ensinou que ouvir significa, antes de tudo, entender o momento do outro em suas circunstâncias.

Elias era muito conhecido na comunidade empresarial de Copacabana. Tinha uma capacidade de negociação maravilhosa. Não dava muita importância às discussões. Os amigos discutem, dizia ele, acrescentando que não devíamos pensar nem por um momento que um amigo é aquele que só nos elogia. Um amigo dá opinião sincera sobre nós. Outra coisa que me chamava a atenção no Elias era que quando ele se aborrecia em relação a uma pessoa era autêntico, sem agressividade e, às vezes, até afetuoso.

Tenho saudades das tardes em que contávamos um ao outro nossas alegrias, dúvidas e agonias; muita risada e solidariedade. Quando eu chegava para trabalhar com alguma tristeza ou preocupação, ele era afável e me tirava daquele baixo astral. Sinto vontade de voltar no tempo. Guardo as nossas histórias; algo que se renova com o tempo; não as esquecerei, jamais.

Elias me mostrou que é possível materializar o que se concebe mentalmente.

Em meio a muitas informações, ele conseguia separar o que era bom; o que ele imaginava e dizia para si era o que comunicava ao próximo, daí seu poder pessoal. Há pessoas que passam por nossa vida e quando as encontramos ou dela lembramos, sentimos uma alegria imensa, mas passageira. Há outros que, embora distantes ou falecidos, permanecem vivos em nossos sentimentos; nós lhes somos gratos pelo que deixaram em nós, pelo que nos engrandecem. Elias significou isso para mim.



Considerado um dos *tops* da noite carioca, no início dos anos 70, quando reinavam no *show business* de entretenimento noturno na cidade empresários do porte de Mario Priolli, Ricardo Amaral e Chico Recarey, Elias era assunto na mídia e no mercado, devido ao sucesso do Bierklause. O colunista Roy Sugar comentou:

A reclamação é geral dentro da madrugada, no que se refere ao faturamento das casas noturnas nos dias de semana. Uma das poucas que está se salvando desta vazante é a Bierklause, cervejaria badalada e de propriedade do bom beduíno Elias Abifadel. O fenômeno é perfeitamente explicável: 1) preços razoáveis ao alcance de todos; 2) as famílias encontram um ambiente animadíssimo; e 3) a casa possui várias atrações: Maria Helena (cantora), Juarez (saxofonista), Bandinha do Alemão, com o maestro Bank, Stauber (cantor e animador), Paulo Marques (cantor), Everardo (cantor) e Erika Norimar (cantora). Além deste elenco formidável, o Bierklause tem um hi-fi da pesada com as mais modernas músicas lançadas no país e no exterior. Outro ponto forte da casa é a cozinha (...) o *chef* Volkmar, alemão incrementadíssimo, prepara os mais deliciosos pratos. Detalhe importante: às quintas, sextas e sábados, se o distinto chegar após 21 horas, pode voltar porque não encontrará lugar. (*Correio da Manhã*, coluna de Roy Sugar, 19/01/1970)

O êxito do Bierklause chamava a atenção, tanto que, já a partir de outubro, a casa recebia reservas para os seus badalados *réveillons*. Entre as datas comemoradas com programação especial, no Bierklause, duas se destacavam: o aniversário de fundação da casa, em julho, e a festividade de passagem de ano. Em ambas as festas os interessados tinham de marcar suas mesas com dois ou três meses de antecedência!

A equipe da casa era espetacular. Os funcionários – em especial ajudantes de cozinha e pessoal do atendimento ao público – eram treinados sem cessar. Assim, Elias, com tudo funcionando do jeito que ele achava correto, sentiu-se à vontade para abrir outra frente de negócio na noite. Seu objetivo agora era centrar esforços em uma

exploração mais rentável do pavimento superior do restaurante, um grande salão no qual ele criara um ambiente confortável. Ali os clientes, consumindo aperitivos e petiscos, esperavam vagar mesas no andar de baixo. O local era decorado com mesas e cadeiras dispostas em harmonia, painéis imitando janelas, vidros esfumados e paisagens alemãs de chalés na neve. Uma varanda com plantas, voltada para a Praça do Lido, era um refúgio agradável para quem quisesse fumar um cigarro, ficar isolado ou fugir do ar-condicionado. As músicas agradáveis do compositor e produtor Mariozinho Rocha ao piano eram uma marca desse espaço, que foi a gênese da Boate Fossa, cuja história retrata com fidelidade Elias, habilidoso e tremendamente criativo, diante da determinação de materializar um propósito. Com a ajuda de amigos, ele optou pela exploração do andar com uma boate que fosse a extensão do restaurante, mas queria que ambos os locais fossem inconfundíveis, diferenciados, embora complementares.

Criar essa casa noturna, também voltada rigorosamente para o convívio familiar, era um desafio, cuja solução Elias tinha na ponta da língua: a cantora de música romântica Waleska, sua amiga, ex-proprietária do PUB (Pontifícia Universidade dos Boêmios), no Leme, um pequeno bar que se tornara uma das mais importantes casas noturnas de Copacabana. Elias queria Waleska (Maria da Paz Gomes, 1941-2016) junto dele, como contratada ou sócia, do jeito que ela quisesse. Ele a conhecera pouco mais de uma década antes como *crooner* da boate Arpège, de seu amigo Waldir Calmon. Fascinou-se pela simplicidade e pelo estilo melódico da cantora capixaba, nascida na cidade de Afonso Cláudio, e se tornou seu admirador fiel; logo cresceu uma amizade sincera entre os dois.

Em meados de 1970, Waleska, a fim de pagar dívidas, vendeu o PUB para o irmão de Cauby Peixoto, Araken Peixoto, e estava desempregada, segundo contou em sua biografia *Foi à noite...* Em outubro, o jornalista e compositor Sérgio Bittencourt, amigo da cantora, trouxe-lhe a ideia de se associar a Elias para abrir uma boate em cima do Bierklause.

Houve muita conversa sobre o contrato; também levou tempo para que se definisse o nome da casa. Elias foi cordato com todas as ponderações; pediu sessenta dias para fazer modificações no salão. Contratou um arquiteto e mão de obra; isolou e melhorou a escadaria de acesso ao piso superior; colocou uma porta à prova de som e forrou as paredes, para que a música mais ruidosa do Bierklause não viesse a interferir no primeiro andar; e se esmerou no acabamento do piso, pinturas de paredes, quadros e outros detalhes decorativos.

Antes da inauguração da boate, Waleska estreou no Bierklause em 17 de setembro, com músicas mais dançantes e alegres, ao lado de Stauber, Everardo e, no sax, Juarez. Por dois meses, ela foi a estrela da casa, enquanto Elias preparava a boate. Sérgio Bittencourt esclarece:

Quando avisei aqui, na coluna, que a Waleska assinara contrato com Elias Abifadel para cantar na Bierklause, teve gente que não acreditou. Inclusive o meu muito querido Roy Sugar [jornalista], sempre tão bem informado. Pois é: como a coluna aqui do distinto não é feita de brincadeira (...) a Waleska foi e estreou mesmo. Mas o Elias é muito ligado nas coisas e a sua ideia não era bem aproveitar a Waleska como *lady-crooner* coisa alguma.

Era mais, muito mais. O Elias – vejam vocês! – queria entregar a responsabilidade do terceiro andar da Bierklause para a moça. Vocês não sabem, mas a Bierklause tem um terceiro andar da pesada, amplo, ventilado, decorado, com varanda e tudo. Ali, Elias queria uma espécie de botequim capaz de abrigar os eternos infelizes desta paróquia. As famigeradas turmas da seresta, entendem?

Não deixei, até porque sou um pouco responsável pela Waleska. Ela é, queiram ou não, uma espécie de irmã menos ajuizada, amiga de ir lá em casa jantar com a gente, passar o Natal na nossa mesa, fim de semana em Cabo Frio com minha família, essas coisas. E, claro, eu não iria deixar Waleska começar tão de cima, lá no terceiro andar. Invertemos a ordem das coisas que o Elias queria estabelecer: em vez de a Waleska correr o risco de um dia ter de descer para o térreo, deixamos no ar a possibilidade natural de a Waleska, uma bela noite, subir para o terceiro andar. (...) Enquanto isso, a Waleska canta, com o Stauber e o conjunto do Juarez, no térreo, na Bierklause. E está cantando que é uma lindeza. Um sorriso do tamanho do seu coração, uma cara linda de morrer, uma alegria (...) Uma graça a Waleska. (*O Globo*, coluna de Sérgio Bittencourt, 07/10/1970)

O badalado convite VIP para a inauguração da Boate Fossa, que Elias fez chegar às mãos de uma seleta e privilegiada comunidade foi escrito por Sérgio Bittencourt:

INTIMAÇÃO

Waleska avisa à paróquia que vai acontecer a Fossa, no primeiro andar do Bierklause. Se você gosta de música, venha; se não gosta de música, mas gosta de chope, venha também; se não gosta de música e chope, venha gostar de Waleska. Dia primeiro de dezembro, às 21 horas, no primeiro andar do Bierklause, Praça do Lido, Copa.

Waleska se confirmou como o pulo do gato de Elias para sucesso do empreendimento. Ela tinha cancha e respeitável história artística. Antes de ser dona do PUB, havia gravado seu primeiro disco no início dos anos 60 pela CBS. Era amiga do poeta Vinícius de Moraes, que a apelidou de Rainha da Fossa, referindo-se ao

seu jeito intimista de interpretar músicas de dor do amor. Waleska, em sua biografia, revelou:

Foi por sugestão do Sérgio [Bittencourt] que decidi assumir a direção do espaço existente em cima da cervejaria Bierklause, que fazia o maior sucesso em Copacabana. O termo “fossa” estava na moda e acabei utilizando como nome do local, que se tornou referência de boêmios que iam lá em busca da cura da dor de cotovelo. O nome da boate foi um escândalo. Muitos diziam que era de mau gosto, mas emplacou.

Naquela terça-feira, 1º de dezembro de 1970, a inauguração da Boate Fossa foi mais uma noite de gala na vida boêmia da cidade e uma festa artístico-social à altura do talento de empreendedor e marqueteiro de Elias. A emoção marcou Tito Madi profundamente. Segundo o cantor, a forma pela qual Elias o convidou, ao vivo, para a ser uma das atrações da boate foi algo inédito. Vejamos:

Uma semana após o convite ao vivo, estreei na casa, superlotada. Diante de uma plateia encantadora, fiz da minha primeira apresentação uma noite memorável, ao lado de Ribamar e Waleska. Os presentes eram conhecidos do Elias, da Waleska e do Ribamar, além de amigos que conquistei em mais de uma década e meia de minha vida profissional na noite do Rio. Para mim, eternamente emocionante.

Sérgio Bittencourt noticiou, dez dias depois da estreia, de um jeito simpaticamente irônico, a temporada de Tito Madi na Boate Fossa:

(...) e, agora, fico sabendo que Tito Madi já começou sua temporada na Fossa, no andar superior do Bierklause (que é como Elias Abifadel gosta que a gente anuncie). Tito fará dupla, uma boa dupla romântica, com o pianista e compositor Ribamar, ex-parceiro de Dolores Duran.

A Fossa, é bom que se diga, tenta ser, na noite, uma espécie de refúgio para quem procura música romântica, no seu mais alto grau. Quer dizer: música de dor de cotovelo, mesmo. Porém – e disso eu gosto – mantendo uma certa dignidade. Daí Tito Madi e Ribamar contratados. A música dos dois não chega a causar suicídios. Mas dá para encher a cara. (*O Globo*, coluna de Sérgio Bittencourt, 17/12/1970)

A boate, dentro de sua linha romântica, tinha programação variada e fascinante. Havia shows que seguiam um texto e as músicas eram intercaladas por alguma fala e por movimentação de cenário. Esse tipo de apresentação foi sugerido por Elias, em função do tamanho do salão e da frequência de um público mais variado. Um dos espetáculos especiais foi realizado por Waleska, ao lado de Márcia de Windsor, Sérgio Bittencourt e Ataulfo Alves. O *script* foi escrito pelo versátil Sérgio, que se revelou excelente roteirista.

Em 1971, Waleska gravou ao vivo na boate um dos discos mais importantes de sua carreira – *Waleska na Fossa* –, com arranjos de Ribamar, participação de Moacyr Silva, no sax, e músicas de Dolores Duran, Fernando Lobo, Rildo Hora, Gracindo Jr, Sérgio Bittencourt, Silvio César, Luiz Bonfá e Antonio Maria. Elias fez do disco uma referência de grande repercussão no marketing da boate no Brasil e exterior.

A casa se tornou *point* em Copacabana. Elias e Waleska recebiam músicos consagrados e novatos, ampliando o público da boate sobretudo na classe política: Negrão de Lima, Hélio Beltrão, Guilherme Figueiredo, Célio Borja eram assíduos na casa, assim como Juscelino Kubitschek e Carlos Lacerda.

O Brasil vivia a ditadura do general Médici, que durou de 1969 a 1974, período considerado de recrudescimento do regime militar. Viveu-se o apogeu da censura, que resultou em promoção da música estrangeira, nas rádios, tevês e até mesmo em casas noturnas. Isso desagradava Elias, que insistiu, com sucesso, em promover a música popular e romântica brasileira. Essa foi uma das razões de comentários na mídia dando conta de que a casa era frequentada por políticos cassados e intelectuais de esquerda. Elias desmentia esses boatos mostrando o perfil heterogêneo de sua clientela.

Nesse ambiente, Elias rememorava, com orgulho especial, o fato de ter sido uma das primeiras pessoas a ouvir diretamente do autor, seu amigo Sérgio Bittencourt, a música *Naquela mesa*, que o compositor fez em homenagem ao pai, Jacob do Bandolim, falecido em 1969, de ataque cardíaco. Sérgio já tinha cantado um trecho da música, ao telefone, para Waleska. Ela disse que ele passou pela boate e ambos conversaram muito sobre Jacob do Bandolim, porque Sérgio estava saudosos do pai. Já era madrugada, quando ele deixou a boate e, a caminho de casa, em Jacarepaguá, escreveu a letra. De imediato, ligou para Waleska e lhe apresentou a melodia. Sérgio estava feliz porque conseguira fazer a melodia sem usar a palavra “pai”. No mesmo dia, ao final da tarde, Sérgio foi ao Bierklause e, ao violão, mostrou a canção a Elias, que se identificou com os sentimentos de Sérgio e ficou muito comovido.

Elias perdeu o pai aos 17 anos de idade e as lembranças mais fortes que guardava da vivência com o sr. Abrahão eram as conversas que ambos tinham sobre a fazenda, o Líbano e a vida no Brasil. Os primeiros cantores a gravar *Naquela mesa* foram Elizeth Cardoso e Nelson Gonçalves, que a transformaram em sucesso nacional. Elizeth por diversas vezes apresentou a música no rádio e na tevê e, algumas vezes, ao lado de Sérgio Bittencourt. Uma plêiade de artistas interpretou *Naquela mesa*, consagrando-a como preciosidade do cancionário contemporâneo, entre eles o

francês Paul Mauriat, Carlos José, Grupo Raiz, Ademilde Fonseca, Noa (cantora portuguesa), Luan, Zelia Duncan, Otto, Ju Rosenthal, conjunto Nome da Gota e Everton Maciel. No Youtube, há mais de uma centena de gravações da música, inclusive Hebe Camargo cantando ao lado de Elizeth Cardoso.

O *business* de entretenimento noturno é um setor volátil, dinâmico e cheio de mudanças, em qualquer parte do mundo, não importa a época. Mas uma decisão de Waleska, no momento em que a Boate Fossa fazia enorme sucesso, foi considerada insensata por seus amigos mais próximos e pegou Elias de surpresa, obrigando-o a mudar seu plano em relação ao trabalho em parceria com a artista e a reestruturar a casa, inclusive retirando da boate o nome “Fossa”. Waleska conta o que aconteceu:

Depois de um ano de sucesso na Boate Fossa, recebi uma proposta irrecusável para abrir minha própria boate. Um amigo político comprou a boate Pigalle, no Posto 6, em Copacabana, e queria transformá-la numa casa estilo da Fossa. Como ele não podia aparecer, me ofereceu a sociedade. Ele entraria com dinheiro e eu com o meu nome. Aceitei o convite, contra a vontade de Sérgio Bittencourt e tive uma briga com Elias por causa do nome Fossa. No final, nenhum dos dois pode usar o nome e ele teve que mudar o nome da casa [escolheu] Taba (...) enquanto eu coloquei o nome na nova boate de Fossanova. (*Foi à noite*, p. 70)

Foi um duro golpe para Elias. Ele tentou dissuadir Waleska da decisão, mostrando-lhe que ela talvez não tivesse a vocação empresarial para tocar uma casa noturna. Lembrou-lhe a experiência que ela tivera com o PUB, vendido por valor aviltado. De nada adiantou. A associação dos dois chegou ao fim.

Sem alternativa, Elias seguiu em frente. Em 21 de janeiro de 1972, reinaugurou a ex-boate Fossa com o nome Taba, em homenagem à sua terra natal. E há uma explicação para isso: Taubaté corresponde a uma variação do vocábulo “taba-ibaté”, que na língua Tupi significa “aldeia que fica no alto”, em referência à aldeia guaianá que na época da fundação do povoado localizava-se no alto de uma colina. Ali viria a se formar o bairro Alto de São Pedro, onde foi erigida uma estátua do Cristo Redentor, de 23 metros de altura, inaugurada em 1956.

A casa continuou bombando na noite. Além de Tito Madi, Marisa Gata Mansa, Ribamar, a Taba contava com Emilio Santiago, que já se firmava como estrela da música popular. Foi mantido o repertório com as mesmas músicas românticas, para dançar de rostos colados, em ambiente familiar.

Elias intensificou as promoções e eventos especiais na casa para disseminar o novo nome da boate. Um dos episódios marcantes aconteceu em 22 de agosto,

quando ele colocou a Taba à disposição de Dona Zoé Chagas Freitas, esposa do governador da Guanabara, Chagas Freitas. Dona Zoé realizou ali, em benefício da barraca da Guanabara, na Feira da Providência, uma festa de arromba, denominada “Noitada da Champanhota”, com a presença maciça do alta sociedade carioca e do mundo político e cultural fluminense. A parte musical da Noitada ficou por conta de Emílio Santiago, Tito Madi, Ribamar e Marisa Gata Mansa, que garantiram a pompa artística do espetáculo.

Elias manteve a ofensiva e o movimento da casa. Em meados de 1972, ele apoiou Tito Madi no lançamento do disco *Fossa*, uma seleção das excelentes interpretações do cantor e compositor na Taba. Em seguida, promoveu a divulgação na mídia, com mais intensidade no rádio. Ao mesmo tempo, contratou Maysa, cujas apresentações românticas tinham tudo a ver com a proposta da boate. Na sequência, já em final de outubro, a Taba contratou Alcione, que tocava lindamente seu pistom, ao lado de Ribamar e Marisa Gata Mansa, em shows que o público não queria que chegassem ao fim.

A Fossanova, inaugurada no dia anterior à abertura da Taba, foi um tremendo sucesso. Criativa, Waleska criou ali um ponto de encontro de jornalistas, gente de teatro, cinema e artistas em geral, isto especialmente na segunda-feira.

Outra novidade, também com grande repercussão na imprensa, foi o lançamento de uma dança, que surgiu em Paris, denominada *decadanse*. A Fossanova contratou dois casais dançarinos profissionais para ensinar o público a dançar. Havia muita movimentação e originalidade na casa. O faturamento crescia. A Fossanova ocupava pouco a pouco um espaço importante na noite carioca. Porém, em maio, apenas quatro meses após a inauguração da casa, o sócio de Waleska teve um problema de família e se viu obrigado a sair do negócio. Ele transferiu tudo para ela, que, por falta de traquejo empresarial, em final de junho viu-se obrigada a vender a Fossanova e o fez para o *maître* e um dos garçons da casa.

Sérgio Bittencourt, em sua coluna, informou:

Elias Abifadel pensando em convidar Waleska para retornar à Fossa. A ideia do Elias é simples e boa: música ao vivo mais cedo [com Waleska], deixando Tito Madi, Marisa Gata Mansa e Ribamar para um esquema mais boêmio, exatamente o que cumprem hoje, o de depois da meia-noite. (*O Globo*, Sérgio Bittencourt, 25/06/1973, p. 5)

Um mês depois, o mesmo Sérgio anunciou:

Waleska retornou à base – a boate Fossa – e lá está cantando um repertório novo, para ela. E é a Waleska que me fala de sua volta: “Voltar para a boate Fossa era meu sonho (...), pois no PUB eu me projetei e me encontrei como cantora de fossa e na [Boate] Fossa, casa que foi criada por mim, por causa do estilo e da minha imagem, eu me realizei profissionalmente e me consolidei como cantora. Isso foi justamente numa época em que a música romântica estava esquecida e seus principais intérpretes afastados do público.”

(...) Waleska se disse arrependida da experiência da Fossanova, por ser muito difícil para um artista, muito mais mulher, virar de repente comerciante. E acrescentou: “o Elias bem que me avisou, mas a gente, às vezes, faz as besteiras e fica pagando por elas um bom pedaço de tempo. É o meu caso.” (*O Globo*, Sérgio Bittencourt, 25/08/1973, p. 5)

Elias, feliz com a volta de Waleska, enquanto incrementava a boate, que voltara a ter o nome Fossa, abriu nova frente para o Bierklause. No início de fevereiro de 1973, o restaurante ganhara a concorrência para o fornecimento do serviço de bar e bufê do baile de gala de carnaval do Theatro Municipal. No dia 26, ele ofereceu um coquetel à imprensa e autoridades e falou de novidades que, no seu entender, iriam melhorar o serviço aos foliões. Para suprir a falta de frigorífico no teatro, Elias anunciou a utilização de um caminhão tipo *truck*, com refrigeração especial, que ficou posicionado na parte lateral do teatro. Contra o tradicional estrangulamento na distribuição de comida aos consumidores durante o baile, ele deu detalhes sobre a criação de quatro cozinhas em pontos estratégicos, dentro do prédio do teatro, mas longe da área de circulação dos foliões. O Bierklause contratou trezentas pessoas para os serviços (garçons, cozinheiros, ajudantes e seguranças).

Após o Carnaval, Elias apresentou à imprensa um balanço da festa de gala do Municipal.

Uma rápida geral no serviço de bar e *buffet* do Municipal pode nos mostrar que o carioca pula, pula, pula e come, come, come, bebe. Elias Abifadel, que venceu a concorrência este ano para dar de comer e beber à moçada, tem um levantamento que eu publico para vocês. Prepararam-se 1.800 ceias completas. Venderam-se 1550. Claro com uísque vai melhor o salgadinho: consumiram-se 170 mil. Doces, 16 mil. A turma do gargalo não fez por menos e mandou ver na estatística: 35 mil doses de uísque. Interessante: a moçada mais chegada à água mineral igualou o número com a turma do gargalo: 35 mil garrafas vendidas. O que ficou por baixo e não deu nem para saída foi o pobre do refrigerante: apenas 3 mil. A cerveja, que fez sua estreia no Theatro Municipal, alcançou 15 mil garrafas pedidas. Gelo foi de dar com o pé: 180 mil cubos de gelo filtrado em carvão ativado não foram suficientes para a noite de gala. Faltou gelo e o jeito foi sair na base da emergência pedindo e comprando gelo – foi o que Elias fez. Assim, 300 mil

cubos foram consumidos durante todo o baile. Em tempo: a moçada fumou pouco, não mais do que 4 mil maços de cigarros. Ao lado de tudo isso, funcionou um balcão especial para turistas. Mate à vontade. 80% do estoque foram vendidos rapidamente. As batidas tiveram consumo imediato. Sucos de frutas brasileiríssimas, idem. E o café deu o ibope de sempre. Fala, por fim, Elias, o dono da bola: “Fiz tudo em excesso. Eu sei como é o brasileiro. A gente nunca pode prever com exatidão. Vai daí, exagerei em tudo, passei da conta, que para não faltar nada. E, felizmente, não faltou.” (*O Globo*, Sérgio Bittencourt, 07/03/1973, p. 5)

A década 1970 foi definitivamente um ano de acontecimentos marcantes na vida de Elias. Em 18 de setembro de 1970, ele recebeu o título de Cidadão Carioca, destinado a homenagear pessoa não nascida no estado, que viesse a merecer tal distinção. Concedido pela primeira vez em 1949, o título distingue figuras ilustres da economia, política, ciência, letras, artes, música, gastronomia e dos desportos no desenvolvimento regional.

O Centro Brasileiro Cultural (CBC) do Rio editou um livro destacando 54 agraciados de 1970, entre os quais, ao lado de Elias, estava o seu grande amigo, o ex-governador Negrão de Lima, que era mineiro. O livro, segundo o CBC foi um meio encontrado para oferecer à memorização das gerações contemporâneas e futuras os aspectos históricos reveladores da hospitalidade dos cariocas e fluminenses, “sempre de braços abertos para acolher irmãos de outros estados e de outras nações, dando a muitos a cidadania e os vinculando à comunidade”.

Eis o texto dedicado a Elias no livro editado pela CBC:

O espírito empreendedor de Elias Abrahão Abifadel fez com que ele seguisse novos caminhos. Por ocasião das festividades do IV Centenário do Rio de Janeiro, notou que a cidade carecia de casas de diversões, ficando desta forma em condições de desigualdade com outros centros turísticos avançados. Teve a ideia de fundar o Bierklause, na Praça do Lido, em Copacabana, e posteriormente a Grizing, em Ipanema, lançando assim a primeira cervejaria típica alemã na noite carioca e o primeiro restaurante austro-húngaro do Brasil.

Em 1956, por inspiração do jornal *O Globo*, fundou o Clube dos Diretores Lojistas do Lido, do qual foi seu primeiro presidente. E, em 1960, por solicitação da Administração Regional de Copacabana, preparava-se para fundar uma entidade empresarial que liderasse o comércio local, quando descobriu que já havia a Associação Comercial do bairro, fundada alguns anos atrás. Foi então que promoveu toda a restauração da entidade, denominada Acisul, promovendo a eleição de Jairo Costa para presidi-la, ficando na vice-presidência. Mas, em 1965, foi eleito presidente e reeleito em 1967.

Na presidência da Acisul, continuou com o mesmo dinamismo que impulsionou o seu negócio de moda infantil. Além de todas essas realizações, Elias emprestou seu apoio a muitas obras, principalmente no campo do ensino infantil, da assistência social e da benemerência, tendo recebido o Título Benemérito da Biblioteca Regional de Copacabana e, por seu grande espírito público, sempre prestigiando a comunidade onde reside, o título de Cidadão Carioca. (p. 33-34)

Em 31 de maio de 1973, Ivete, a caçula da família, casou-se com Maurício Chartuni. A solenidade religiosa aconteceu na Capela da Reitoria, na Avenida Pasteur, Urca. Elias, padrinho da noiva, cumpriu assim mais uma etapa da promessa que fizera, vinte e cinco anos antes, quando seu pai faleceu.

A recepção aos convidados de Ivete e Maurício ocorreu no Bierklause, todo ornamentado para aquela noite. Apesar dos cuidados preparatórios para a festa, houve uma circunstância inesperada. Estavam previstos cem convidados, mas compareceram cento e sessenta pessoas. Ivete fala do susto causado pela situação:

Foi um sobressalto angustiante. Elias, vendo que chegavam mais e mais convidados, bem acima do esperado, não vacilou. Desapareceu para dentro da cozinha, tirou o paletó e a gravata, arregaçou as mangas da camisa e dividiu com o chef o comando dos cozinheiros e ajudantes, improvisando pratos. Em pouco tempo, ele voltou ao salão sorridente, como se nada tivesse acontecido. E deu tudo certo. A festa foi maravilhosa.

Ivete conheceu Maurício no dia a dia da Infantil Modas. Ela era a compradora da loja. Ele, representante de um fabricante fornecedor de roupas para bebês. Os dois tinham contato frequente. Aproximaram-se e, não raro, saíam para tomar um cafezinho na cafeteria ao lado da Infantil Modas. De repente, descobriram que ambos estavam interessados em um mesmo filme. Combinaram ir juntos ao cinema e iniciaram o namoro que se prolongou por dois anos até o casamento. Ivete atesta:

Quando eu disse ao Elias que estava namorando o Maurício, ele ficou calado, mas fez uma cara de satisfação. Os dois já tinham um relacionamento gentil ali na loja. Logo se tornaram bons amigos. Um dia, Maurício e eu resolvemos marcar a data do casamento.

Escolhemos o mês e o dia. Depressa, fomos contar a novidade ao meu irmão, que, alegremente, nos parabenizou. Ele disse que, em relação ao casamento das irmãs, sentia-se com a missão cumprida. E olha que ele de fato levou essa missão muito a sério. Maria e eu, enquanto solteiras, recebíamos permanentemente seus conselhos. Não fomos muito de namorar, porque a liberdade era pouca. Se a gente se interessava por alguém, ele logo queria saber quem, nome, família, em que trabalhava etc. Às vezes, achávamos que ele fazia essa indagação toda por implicância. No fundo, sabíamos que essa preocupação dele era para o nosso bem.



Em novembro de 1973, os jornais do Rio divulgaram que o Bierklause iria abrir, em dezembro, a sua primeira filial, o Chamonix... em Taubaté! Com capacidade para quinhentas pessoas, música ao vivo para dançar e atrações gastronômicas. Foi aí que Elias conheceu Maria Angela Gebara.

Aparecida, irmã de Elias, era amiga de Luís Philippe Gebara, irmão de Maria Angela. Aparecida confidenciou a Luís Philippe estar preocupada com o fato de Elias estar na faixa dos 40 anos de idade e solteiro. Luís Philippe revelou à amiga que se sentia apreensivo em relação à própria irmã, que, recentemente, terminara um namoro e, por isso, estava muito triste. Conversa vai, conversa vem, não deu outra: Luís Philippe e Aparecida resolveram promover um encontro Maria Angela e Elias, com vistas, claro, a um possível relacionamento afetivo entre os dois. A primeira iniciativa dos “cupidos” foi agendar o encontro. Combinaram que o encontro seria na última quarta-feira de novembro. Maria Angela contou que relutou, mas uma amiga dela, fã do Elias, incentivou-a a ir. “Essa minha amiga viu aí uma oportunidade para ela se aproximar dele, mas não foi isto que aconteceu.”

Elias e Maria Angela se encontraram pela primeira vez na Boate Fossa, ao som da voz romântica de Tito Madi e do piano de Ribamar. Elias se atrasou muito; Maria Angela, de início, não gostou dele, mas levaram um papo agradável; falaram do bairro, das artes, da vida noturna, de filmes, músicas e até de futebol – ela, fluminense, e ele, botafoguense. Era uma quarta-feira. No domingo seguinte, os dois times iriam jogar no Maracanã e Elias, por volta das 11 horas, ligou para ela a fim de comentar o assunto e se aproveitou da boa receptividade convidando-a para um almoço no Iate Club, no bairro da Urca.

Maria Angela gostou do convite e adorou o encontro. Conversaram de um tudo, principalmente sobre esportes. Futebol foi um assunto quente porque, no ano seguinte, aconteceria a Copa do Mundo de 1974. Só se falava da escalação do time canarinho. Elias e Maria Angela exibiram um ao outro seus conhecimentos futebolísticos e conversaram a respeito dos jogadores dos times de ambos que gostariam de ver na seleção do Brasil.

Quase ao final da tarde, Elias a levou para casa. Vieram outros encontros, cada vez mais frequentes. A diferença de idades entre os dois era de dez anos. Cerca de um ano depois do primeiro encontro, ficaram noivos e, neste período de tempo, ambos conheceram melhor as respectivas famílias. Maria Angela apresentou a ele

os Maluf, de seu lado materno, e os Gebara, do lado paterno. Ela conheceu toda a família dele residente no Rio e os parentes de Taubaté.

Um ano após o noivado, veio o casamento, que será assunto do próximo capítulo.

Seguem-se alguns depoimentos exclusivamente colhidos para ilustrar este livro:

TITO MADI

Conviver com Elias foi algo mágico para mim e, com os anos, este encantamento se revelou recíproco e crescente, porque nossa parceria, ao lado das queridíssimas cantoras Waleska e Marisa Gata Mansa (Marisa Vertullo Brandão, 1938-2003) e do fabuloso pianista Ribamar (José Ribamar Pereira da Silva, 1919-1987), marcou a noite carioca na década de 70.

Não foi por acaso que o Elias e eu nos aproximamos. Após iniciar carreira em minha terra natal, Pirajuí-SP, e atuar em São Paulo, onde trabalhei no rádio e tevê, e tive algumas músicas gravadas, mudei-me para o Rio em 1954. Na então maravilhosa capital federal, integrei-me à noite; fui crooner em boates, cantei no Jirau, Scotch Bar, Little Club, Le Round Point, Beco das Garrafas, Texas Bar, para citar algumas das casas mais relevantes.

Recebi votos de boas-vindas e o reconhecimento da elite do show business carioca, representada por jornalistas, cronistas e críticos musicais, como Fernando Lobo, Antonio Maria, Sérgio Porto (o Stanislaw Ponte Preta da Última Hora), Sérgio Bittencourt, Roberto Silva, Sieiro Netto, Roy Sugar, Eli Halfoun. Honraram-me com apoio e aplausos músicos, compositores e produtores, como Gilvan Chaves, Tom Alibibi, Haroldo Goldfarb, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli, Luizinho Eça, Míster Eco, os maestros Carioca, Radamés Gnattali e Lyrio Panicali, Dolores Duran, Luiz Peixoto, Sylvia Telles, Helena Lima, Renato Murce, Lourival Marques.

Tive muita sorte em me identificar com esse mundo e cair na noite de Copacabana, alma e coração da vida musical da cidade, com repercussão em todo o nosso país.

Em 1970, eu era atração na famosa boate Cangaceiro, na Rua Fernando Mendes. Certa noite, chegou-me o convite da Waleska e do Elias para a festa, na semana seguinte, de inauguração da Boate Fossa, no andar superior do Bierklause, badalada cervejaria, com restaurante, que ele, Elias, tornara sucesso nacional desde meados dos anos 60, no Lido. Ribamar já estava lá, formando equipe com eles.

Conquistei muitos amigos, nos quinze anos de Rio, período em que fui até condecorado, em 1957, pelo presidente Juscelino Kubitschek (o nosso saudoso JK), com a medalha de melhor cantor-compositor do Brasil.

A boate Fossa tinha um salão enorme; ao centro, a pista de dança, rodeada por mesas e cadeiras; os músicos ficavam em um palco livre, no canto em uma das laterais da extremidade, ao fundo do salão; do outro lado, no sentido oposto, havia uma bela varanda de frente para a Praça do Lido.

Elias soube dar uma marca para a casa, que se celebizou por outro motivo singular à época: ali, ao som de nossas músicas românticas, dançava-se de rosto colado. JK e sua esposa, Dona Sara, curtiram muito esse clima; ele era o que se diz ainda hoje “um pé de valsa”. Negrão de Lima, Carlos Lacerda, senadores e deputados, Pelé e Zagalo; Elias recepcionava com maestria a todos, muitos se faziam presentes com suas famílias, porque jantavam no Bierklause e completavam a noite na boate.

Eu chegava sempre à Fossa por volta das 21 horas, embora minha exibição começasse à meia-noite. Elias aparecia mais cedo. Ele inspecionava tudo no Bierklause, antes de subir para a boate. Os shows diários tinham início por volta das 22 horas. Muitos artistas, renomados ou não, passaram ou começaram carreira por ali. Todos queriam apresentar-se na Fossa. Emílio Santiago, por exemplo, lançou-se conosco; a cantora Alcione, a Marrom, por um bom período, acompanhava-nos, com seu pistom. Éramos o fino da música romântica, do samba-canção. Pessoas do todo o Brasil vinham conhecer-nos; não raro famílias inteiras.

Em 1972, Waleska, que se consolidou na casa, deixou-nos, para abrir sua boate, a Fossanova, um sucesso musical, mas um desafio empresarial que nada tinha a ver com a vocação desta grande artista. Um ano depois, ela vendeu o empreendimento e voltou para nós.

Em 1975, a fim de comemorarmos o quinto ano da casa, Ribamar, Marisa Gata Mansa e eu sugerimos ao Elias contratar a Elizeth Cardoso para uma temporada, no horário das 22 horas. Mas Elizeth tinha viagem marcada para a França, onde participou do festival Midem (Mercado Internacional de Discos e Editoras musicais), em Cannes; ao voltar, ela tinha compromissos em São Paulo até o ano seguinte. Elias então trouxe de novo Maysa, que ficou meses conosco, coincidindo com o lançamento, pela RCA Victor, do nosso álbum Dois na Fossa - Maysa & Tito Madi, compilação das músicas gravadas por Maysa e por mim. O Elias se desdobrou em dar apoio à divulgação do disco, cujo título foi inspirado na casa e na nossa fama por interpretarmos melodias tristes e românticas. As minhas canções foram extraídas do álbum Tito Madi em Nova Dimensão, de 1968; as de Maysa de disco que ela gravara em 1966. As faixas ímpares foram interpretadas por Maysa; as pares por mim.

Foi nas nossas noites de Fossa que a Maysa se apaixonou por Carlos Alberto, com quem se casou e foram morar em Maricá, na Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro.

Ao longo de quase oito anos na Fossa, recorde de temporada de artistas em casas noturnas, gravei, pela Odeon, os quatro volumes da série A Fossa, seleção de minhas apresentações na casa. Foi um sucesso. Conteí com a ajuda de Elias, que, além de empreendedor e marqueteiro, era produtor e criador, enfim um grande artista cuja sagacidade tornou o Bierklause e a Fossa algo legendário no Rio.

Elias não era de beber nem de ficar parado; sinto saudades de vê-lo circulando em meio à plateia, atencioso a cada mesa, sempre aplaudindo os artistas da casa. Tínhamos, ele e eu, um pensamento em comum: música não tem idade, nem tempo; é boa ou ruim. Levávamos essa mensagem ao público heterogêneo da boate; aos fãs jovens e adultos, às diferentes gerações. Minha convivência foi rica com o Elias, carinhoso irmão, muito além de atencioso patrão e probo parceiro; era um amigo de todas as horas.

Sua originalidade me influenciou fortemente; sou feliz porque em condição de igualdade realizamos juntos muito pela música romântica e pela noite carioca. A morte dele me entristeceu; restaram-me as boas lembranças. Nossa afinidade era de sangue, vem de nossos ancestrais libaneses. Ficou uma saudade imensa de tudo o que dividimos com tanta afetividade naquelas noites da Boate Fossa onde nos realizávamos tão completamente.

ISA MÁRCIA

Contrerrânea de Elias e residente em Taubaté, Isa Marcia se recorda dos momentos em que ela e o marido, José Roberto Muniz Ramos, curtiam o Rio ao lado de Elias. Ela fala da convivência dele com sua família, uma relação de profunda amizade, confiança e ternura.

Eu e meu marido tivemos momentos felizes ao lado de Elias. Quando íamos ao Rio, vivíamos algo especial. Ele era um excelente anfitrião. Na casa dele ou no Bierklause, nos divertíamos muito. Ele gostava de nos ciceronear pela cidade. Era fascinante porque Elias tinha amigos nos mais diferentes lugares. Todas as pessoas o recebiam festivamente, e, claro, eram adoráveis e animadas conosco também. Eu e meu marido conhecemos, através de Elias, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, Pelé, Ziraldo, Rogéria, e muitas outras personalidades.

Um dia, perguntei-lhe de onde ele tirava tanto entusiasmo para se relacionar tão bem com as pessoas. Ele sorriu e de maneira bem simples me respondeu que o importante era focar o momento presente. Ouvir com atenção quem está em volta da gente. Valorizar o instante atual e interagir com as pessoas, seja nos negócios ou em um evento social. Para ele, essa atitude não era só uma questão de respeito ao próximo

e de educação, mas uma regra de boa e feliz convivência no ambiente profissional e pessoal. Esse foi um dos detalhes marcantes da imagem que guardei de Elias. Ele se comportava dessa maneira com familiares, amigos, funcionários, clientes. Dizia que quando uma pessoa perde o foco, o objetivo dela, seja um relacionamento ou um negócio, enfraquece, perde a consistência.

Outra característica dele era seu jeito feliz, o tempo todo, mesmo que estivesse naquele instante carregando alguma tristeza ou preocupação.

Ele sabia isolar situações. Não carregava problemas dos negócios no Rio para a fazenda em Taubaté, nem ao contrário. Para ele, cada solução no seu quadrado. Era por isso que conquistava a todos no seu entorno.

Esse espírito voluntarioso e espontâneo, tão comum no seu mundo pessoal e nas suas empresas, ele estendia nas entidades de classe que dirigiu. Considero-o um agente social e de transformação, em benefício da comunidade. Nos eventos em que participava, ele sabia doar seu tempo e conhecimento. A atuação dele como dirigente da associação de empresários de Copacabana retrata uma ação de envergadura social. Trabalhava muito com uma energia forte, gerada pelo seu espírito de solidariedade.

Quando vinha a Taubaté, visitava muita gente. Tinha assunto diferente com todo mundo. Comigo, por exemplo, falava como se tivéssemos estado juntos no dia anterior e, às vezes, passávamos dois ou três meses sem nos ver. Elias era sempre cheio de novidades.

Tinha uma disposição inacreditável em ajudar quem pedisse um favor ou uma orientação a ele. Estava sempre disponível, parecia que permanecia de prontidão, para ouvir quem o procurava. Fazia isso sem esperar retribuição. Era pura solidariedade. As pessoas buscavam conselhos dele como advogado, porque sabiam do seu conhecimento de leis. Muita gente gostava de trocar ideias com ele a respeito de investimentos em imóveis, terra e na pecuária leiteira. Ele se sentia à vontade nessas conversas.

Meu marido conheceu o Elias porque era amigo do Ari Abifadel, primo dele. Os dois se tornaram grandes amigos, tanto que José Roberto foi padrinho e eu madrinha do seu casamento. Em função disso, tive a felicidade de me relacionar melhor com Elias. Eu o conhecia desde que eu era criança e ele já rapaz. Meu avô tinha uma fazenda vizinha à do sr. Abrahão, pai do Elias, e nossas famílias se aproximaram, tanto que a mãe do Elias, dona Nazle, batizou a irmã de mamãe, minha tia Dirce.

O sr. Abrahão era um homem de muitos relacionamentos com a vizinhança até porque ele instalara um armazém na sua fazenda. Ali se vendia de um tudo, por isso se tornou um ponto de encontro de todo mundo das redondezas. Nossos contatos sempre ocorreram no âmbito familiar e os anos se passaram.

Elias fez vestibular no Rio e ficou na cidade. O Rio e Elias se conquistaram mutuamente.

Na vida universitária e já como empresário estabelecido, em Copacabana, suas visitas a Taubaté eram frequentes, em alguns períodos, até semanais.

Às vezes, ele ligava para minha casa dizendo que viria visitar a mim e meu marido; queria ver-nos, para um papinho rápido. Eu corria para lhe preparar um almoço ou jantar especial. Mas ele chegava mais cedo e comia o que estava na panela, nada de especial. Dizia que sentia saudade da comida simples, caseira. A curtição do Elias era brincar com meus filhos, que ficavam malucos com ele, brincalhão e de uma enorme simplicidade.

Meu marido se candidatou a vereador em Taubaté, contra a minha vontade. Elias, além de me convencer do contrário, mostrando-me por que eu deveria ser favorável à aspiração de José Roberto, participou da campanha eleitoral dele. Fico nostálgica ao lembrar dessas coisas boas do passado. De Elias, retenho doces memórias e saudades, porque conosco seus atos foram de extremo apreço e dedicação.

Guardo a imagem de Elias inovador e criativo para explorar os desafios. Instigava-se a superar qualquer problema. Era persistente e tinha mente aberta, capaz de considerar todo tipo de solução para uma dificuldade. Independente e, disposto a quebrar padrões, Elias seguiu em frente em busca de seus sonhos. Foi um vencedor.

CARMEM SYLVIA MUNIZ RAMOS

Carmem Sylvia foi amiga de Elias no auge do sucesso do Bierklause e da Boate Fossa, nos anos 1970.

Conheci o Elias através do meu irmão, José Roberto Muniz Ramos e da esposa dele Isa Márcia. Eu era casada, morava no Rio. Meu ex-marido e eu começamos o processo de separação. Emocionalmente desgastante, um divórcio pode ser muito confuso e levantar uma série de dúvidas para ambas as partes. Do nada, de forma espontânea, Elias, advogado, colocou-se à minha disposição. Fez isso de maneira segura e carinhosa. Fiquei confiante. Aceitei e foi a melhor coisa que fiz. A questão que me desagradou foi que ele dispendeu longo tempo com o caso e nada cobrou; nem de mim, nem do ex-marido.

Meu divórcio foi trabalhoso. Elias, além do apoio legal, me deu suporte fraternal para superar a situação. Negociou com o meu ex-marido e se tornou amigo dele. Consegui se entender com ambas as partes e nos fazer negociar.

Na conclusão do divórcio, fiquei com o apartamento em que morávamos, mas que, havia muito tempo, desde o início da separação, que eu não o frequentava. Elias foi comigo para receber o imóvel, que estava inteiramente depredado. Fiquei deprimida. Ele conseguiu fazer com que eu visse aquele bem de forma diferente, como um resultado positivo após tanto desgaste com a separação.

Portanto, no campo da solidariedade, Elias fez a diferença para mim. Seu conhecimento do direito me chamou a atenção. Ele não advogava, mas, diante de um aperto de um familiar, amigo ou conhecido, lá estava ele, pronto para ouvir e falar do problema. Se fosse necessário, ele tomava a frente do caso até resolvê-lo. Foi o que aconteceu comigo.

Elias se interessava pelos outros e ponto final. Envolvia-se facilmente com o apoio a uma causa ou a um movimento, que considerasse justo. Uma postura própria de alguém que não se sentia sozinho no mundo. Ele me mostrou que se pode aceitar alguém, sem que seja necessário concordar com o seu pensamento diante da vida. Defendia o direito de todos se expressarem, sem censura.

Anos depois do divórcio, casei-me e fui morar no México. Elias se tornou amigo de meu marido, que era executivo, para América Latina, de uma multinacional.

Meu marido se habituou a recomendar o restaurante Bierklause e a Boate Fossa a outros executivos de grandes corporações internacionais, com os quais convivíamos. Quando esses executivos viajavam ao Rio, Elias os recebia carinhosamente e muitas vezes nem deixava que eles pagassem as contas do restaurante ou da boate; considerava-os seus convidados. Aliás, essa era uma característica da atuação dele como anfitrião de amigos e familiares nas suas casas noturnas. Isso fazia parte do seu estilo empresarial.

Ele dizia que os executivos estrangeiros deveriam levar boa imagem do Brasil e do Rio para seus países. Sempre o considerei um diplomata da noite carioca. A meu ver, o Rio muito se beneficiava dessa conduta dele.

Elias mostrava que, apesar do egoísmo que impera na nossa sociedade, há espaço para a amizade nos bons e maus momentos. Vi no comportamento dele que o significado de uma relação poderia transcender a uma simples camaradagem entre irmãos, amigos ou conhecidos e se tornar um elo no crescimento pessoal. E isso Elias trouxe para mim. Entendi como são importantes a boa convivência e afeição mútua em um relacionamento pessoal.

Enfim, Elias me transmitiu um sentimento – e não apenas um pensamento – de que o mundo pode ser melhor e que ser cidadão não é somente defender os próprios interesses, mas atuar também pelo próximo e pela coletividade.



Elias e o amigo Demetrio, em passeio por Beirute, Líbano



Elias e Maria Angela, namorados, em 1973



O jovem casal, já noivo, em 1974



Elias e a Bandinha do Alemão recebem no Bierklause, a seleção tricampeã de 1970; na foto, Zagalo e Admildo Chirol, os primeiros a chegar à noite festiva



Elias e Maria Angela, em jantar no Bierklause, em 1977



Elias, Juscelino Kubitschek e esposa, dona Sara, e a cantora Waleska, na Boate Fossa



Elias em casa, com a irmã Aparecida

Casamento e filhos

EM 1974, o mundo de negócios de Elias efervesceu, em meio às intensas mudanças na vida carioca e na economia brasileira.

Em 4 de março, o presidente Médici inaugurou a ponte Rio-Niterói. Onze dias depois, o general Ernesto Geisel, escolhido pelo regime militar para, em eleição indireta no Congresso Nacional suceder Médici, foi empossado na presidência da República e, em julho, sancionou a lei que uniu os estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, criando o Estado do Rio de Janeiro, com capital no município do Rio de Janeiro. Vale lembrar que a Guanabara foi Unidade Federada do Brasil de 1960 a 1975, no território da atual cidade do Rio de Janeiro. Em sua área, antes de se tornar Guanabara, ficava o antigo Distrito Federal (Rio de Janeiro, capital do país), que durou de 1891 a 1960, quando Brasília tornou-se a capital brasileira.

Geisel escolheu o vice-almirante Floriano Peixoto Faria Lima para governar o estado recém-criado, constituído por 92 municípios. Um turbilhão de eventos, em busca do desenvolvimento social, varreu a nova área demográfica, oficializada pela fusão dos dois estados, ali denominada Grande Rio, compreendendo catorze municípios: Rio (a capital), Niterói, Duque de Caxias, Itaboraí, Itaguaí, Magé, Maricá, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Petrópolis, São Gonçalo, São João de Meriti e Mangaratiba. Para Elias, ambicioso e arrojado, o novo mundo da antiga capital federal se transformou num desafio que ele enfrentou com sucesso.

Elias teve de se desdobrar com seus empreendimentos diante do novo contexto da cidade, com as múltiplas mudanças e consequentes promessas de oportunidades de negócios, apesar da crise que despontava no horizonte do país. À época, o crescimento produtivo brasileiro começou a minguar. O chamado “milagre econômico” do regime militar durou enquanto as condições internacionais foram favoráveis. Mas

o capital estrangeiro não especulativo ficou escasso no Brasil e o petróleo, que o país ainda importava em grande volume, encareceu de forma abrupta, resultando em desemprego, perda salarial e custo de vida escandalosamente elevado no mercado doméstico.

Mesmo assim, Elias manteve o ritmo de prosperidade do Bierklause e da Boate Fossa. E mais: pela segunda vez, saiu vitorioso na concorrência para o serviço de bufê e restaurante do Baile de Carnaval do Theatro Municipal! E logo divulgou na imprensa a novidade que traria à mais badalada “noite de Momo” do Rio, um cardápio que a coluna do Swann, em *O Globo*, definiu como algo “levemente delirante”:

(...) Elias Abifadel resolveu associar os nomes dos pratos às diversas fases da obra de Picasso, que, como se sabe, também inspira a decoração do teatro. De maneira que o filé de linguado será *à la Bretenne en bleu*, e o café, café cubista. O expressionismo fica por conta do lombinho e do peito de peru, aliás, *filet de porc et blanc de dinde*. E não espante os foliões comensais: a *confiture typiquement Brésilienne* é o nosso velho conhecido chuvisco. (*O Globo*, coluna do Swann, 22/02/1974)

Outra nota publicada nesta mesma coluna informou a respeito do êxito de Elias com o evento do Municipal:

Quarta-feira de cinzas, apesar do cansaço geral, estava lotada a Sucata. Numa das mesas, o sr. Elias Abifadel, com a namorada [Maria Angela], comemorava, com uma [champanhe] Veuve Cliquot, por conta dos lucros do baile do Municipal. (*O Globo*, coluna do Swann, 01/03/1974)

No Bierklause, a estratégia de Elias para ampliar a clientela da casa vinha funcionando a pleno vapor, com eventos de companhias e entidades. Em 20 de abril, os jornais noticiavam a realização ali de um jantar de 250 talheres do Rotary Club de Ipanema, presidido por Marcel Bridi, apesar de a casa estar com a agenda de atendimentos a empresas lotada até outubro. Era o sétimo ano de aniversário do estabelecimento e Elias criou uma linha de espetáculos especiais, com apresentações em curtas temporadas de todos os artistas que trabalharam no restaurante desde sua fundação, em 1967.

Do mesmo modo, a Boate Fossa se mantinha no auge e, em final de maio, com um entusiasmo sem precedentes, Elias investiu pesado e colocou em temporada um *pocket show* especial denominado *Lili Marlene*. Waleska, vestida a caráter, homenageava Marlene Dietrich, famosa atriz alemã. Aliás, La Dietrich viria ao Brasil para uma série de apresentações no agosto seguinte, mas não veio porque teve uma queda e fraturou a perna direita.

É Waleska quem narra;

Os jornais anunciavam a vinda de Marlene Dietrich ao Brasil (...) Um amigo jornalista da revista *O Cruzeiro* sugeriu que eu fizesse um show em homenagem a ela, e que haveria a possibilidade de cantarmos juntas a música *Luar do sertão*, que ela havia gravado em português. Adorei a ideia (...) comecei a me preparar para o espetáculo: fiz pesquisa, vi filmes, ouvi suas gravações e tive aulas de expressão corporal com Nino Giovanetti. Contratei um professor de alemão e de francês para me ensinar a pronúncia correta das músicas.

A direção era do ator Elizeu Miranda e a direção musical do Ribamar, que sugeriu que a contratação de um acordeonista para dar mais emoção às músicas francesas.

(...) O show começava com minha voz em off: – Hoje vou falar de Marlene Dietrich. Marlene foi o sonho de uma geração e reflexo de uma época. Marlene, cidadã do mundo, nasceu na Alemanha, naturalizou-se americana, mas seu amor pela França sempre esteve presente em suas músicas.” O canção de luz era focado em mim e eu entrava caracterizada de Marlene em *O Anjo Azul*, com um vestido azul longo, todo bordado em pedrarias, um *bois* branco de plumas, jogado nos ombros, cantando *Simphony*, em inglês, depois *Les feuilles mortes* e *La vie en rose*, em francês, intercalando com textos e outras canções, em seguida eu saía de cena, enquanto o acordeonista solava *La avie en rose*.

Na segunda parte, eu vinha com pernas de fora, de short e smoking preto, chapéu e bengala, com botas longas de salto alto, cantando *Pigalle*, *I love Paris* e *Luar do sertão*.

No final do show eu dizia: – Durante a guerra, nasceu uma canção alemã, dedicada a uma mulher alemã e a todas as mulheres do mundo. Essa canção tornou-se um hino do soldado, porque falava de amor e vida, enquanto só havia ódio e morte.

Eu cantava Lili Marlene em alemão, dançava usando a bengala e encerrava o show. O público adorava e o show ficou em cartaz até agosto, quando, infelizmente Marlene não veio.” (*Foi à noite*, p. 71-72)

Roberto Silva comentava em sua coluna de notícias sobre a noite carioca:

Fenômeno. Entre as casas que fazem a alegria da noite carioca, o Bierklause desfruta de uma condição muito especial, mantendo, durante o ano inteiro, um movimento acima da média das outras casas. Quem comanda o Bierklause é o Bom Beduíno Elias Abifadel, que agora divide o seu precioso tempo com o restaurante Chamonix, nova onda em Taubaté.” (*Correio da Manhã*, 01/05/1974)

Com empenho e criatividade, Elias pelejava em várias frentes, mas a situação ficou difícil e, no final do ano, foram admitidos como sócios no Bierklause Venâncio Fernandes, Francisco Cavaleiro e Manuel Carrazedo, donos do restaurante A Toscana.

Elias precisava se dedicar mais ao Chamonix, pois este ganhara a concorrência para fornecimento de alimentação aos trabalhadores nas obras de construção e montagem da Refinaria Henrique Lage (Revap) da Petrobras, na cidade de São José dos Campos, a 43 km de Taubaté.

Elias considerava a cozinha industrial como um novo e promissor nicho de mercado. Seu objetivo era participar de licitações em outras refinarias da estatal, uma vez que havia decidido explorar as oportunidades na área de fornecimento de alimentação a grandes instituições e empreendimentos econômicos. Investiu. Cresceu e ampliou sua atuação com cozinha industrial, buscando universidades, tanto na Universidade de São Paulo (USP) como na do Rio Grande do Sul (UFRS).

Simultaneamente, lá mesmo em Taubaté, ele acelerava a produção de leite e já figurava como um dos grandes fornecedores do produto para cooperativas da região do Vale do Paraíba. Nesse ano, segundo Maria Angela, Elias foi premiado, pela primeira vez, como grande produtor de leite da região.

Definitivamente, para Elias não existia limite nem tempo ruim para negócios. Natal e virada do ano chegaram e ele contratou o artista plástico Di Menezes para decorar o *réveillon* do Bierklause e da Fossa. Os festejos de final de ano deram grande fôlego aos caixas de ambas as casas e também do Chamonix.

O ano de 1975 trouxe boas oportunidades de negócios. Pela terceira vez, Elias abiscoitava a concorrência para fornecer comida e bebida aos foliões do carnaval do Theatro Municipal: um serviço para cinco mil pessoas! O teatro lotou a ponto de engarrafar a circulação pelos corredores, atravancar os bufês. Foram servidas 2,5 mil ceias, cem mil salgadinhos, 40 mil doces, 20 mil doses de uísque nacional, 35 mil doses e uísque escocês, muita champanha, dez mil garrafas de água mineral, cervejas em lata e guaraná, mais de 15 mil refrigerantes, oito mil cafés, três mil maços de cigarros. Elias trabalhou com 180 garçons e quinze auxiliares. E colocou uma intérprete para ajudar cada grupo de dez garçons, pois o baile em 1975 apresentou o maior número de estrangeiros de toda a sua história, liderados por japoneses, franceses e italianos.

Esse foi o último Baile de Momo no Municipal. Em outubro, o teatro foi fechado para obras de restauração que se prolongaram por dois anos e meio.

O fato supremo do ano para Elias chegou em 15 de abril, uma terça-feira – seu casamento com Maria Angela, acontecimento social que reuniu personalidades ilustres da sociedade carioca, e parentes das famílias dos nubentes (Gebara e Maluf,

paterna e materna de Maria Angela; Abifadel e Nassur, paterna e materna de Elias). Grande parte dos familiares dos noivos chegou ao Rio vinda de outros estados, em especial São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais.

É Maria Angela quem atesta:

Nosso casamento nessa data aconteceu em função da pressão da minha família para eu decidir logo. Não estava exageradamente apaixonada. Ele gostava de mim mais do que eu gostava dele, isto foi fato. Elias transmitia segurança e a nossa relação cresceu, ficou boa, foi amadurecendo. Ele era carinhoso e romântico, com grande senso de humor e admirável capacidade de perdoar. O nosso noivado durou um ano e se aprimorou, lapidando-se nesse clima. Ele era muito carismático e isso fazia a diferença em seus relacionamentos, não apenas comigo, mas com todos à sua volta.

No dia das núpcias, a primeira aparição de Maria Angela aos convidados mais próximos da família foi na casa dela, um lindo sobrado, no número 77 da Rua Miguel Lemos em Copacabana, por volta das cinco da tarde. A noiva vestia o lindo modelo criado pelo costureiro Guilherme Guimarães. As comidinhas e drinks desse final de tarde ficaram a cargo de Helena Britto Cunha Buffet.

O hall e o salão da casa, ornamentados com lindos arranjos de flores e decoração especial, estavam lotados por familiares e amigos, quando Maria Angela surgiu no alto da escada que levava ao andar superior da casa, onde se localizavam os quartos, nos quais estavam expostos numerosos presentes aos nubentes, principalmente louças finas, baixelas de prata, tapetes, eletrodomésticos e outras utilidades. Linda, com buquê de flores nobres nas mãos, pequenas flores nos cabelos, Maria Angela veio à frente de dona Angela, sua mãe, vestida também com modelo de Guilherme Guimarães, em tom rosa escuro e com belo chapéu de aba larga.

A alguns quarteirões dali, no Lido, nesse mesmo instante, Elias, em seu apartamento, no oitavo andar do prédio 132, na Rua Ronald Carvalho, recebia familiares e amigos, enquanto esperava o momento de se deslocar para a igreja onde o casamento religioso seria realizado. Uma equipe do Bierklause serviu um requintado bufê, preparado no restaurante. Elias e seu grupo deslocaram-se do apartamento para a igreja com quase uma hora de atraso. Angela e seus convidados deixaram a Miguel Lemos logo depois, porque, pelo ritual da solenidade, ele deveria esperá-la, junto ao altar.

Os carros das duas famílias e de quase 400 convidados ocuparam todo o entorno da Rua Primeiro de Março, Centro histórico do Rio, onde se localiza a igreja de Nossa

Senhora do Monte do Carmo, um belo monumento religioso, construído em 1761, especialmente decorado para o ato religioso.

Coube a Monteiro de Carvalho, padraсто de Maria Angela, a responsabilidade de conduzi-la ao altar e entregá-la ao noivo; à frente estavam, como daminhas e pajens, os sobrinhos da noiva, Anna Carolina (com 9 anos de idade), Anna Beatriz (7 anos), Renata (5 anos), e Philippe (de 3 anos). Participavam a daminha Rosa Maria (4 anos), e o pajem Antonio Afonso (9 anos). Todos de branco, com faixa vermelha na cintura. A imagem das crianças foi muito marcante na solenidade, ainda mais porque proporcionou bela composição com o interior da igreja belamente ornamentado.

Elias vestia elegante terno branco, corte moderno, quatro botões, cinturado e solto abaixo da cintura, uma novidade na moda masculina em meados dos anos 1970. O monsenhor Elias Coueter, da igreja melquita, ministrou a cerimônia do casamento. Ele estava acompanhado do padre Leme Lopes, jesuíta, diretor do Colégio Santo Inácio.

O padre libanês Alphonse Nagib Sabbagh, pároco da Igreja de São Basílio, conduziu o rito secular melquita, elaborado e cheio de detalhes, sobretudo quando os noivos trocam as alianças e prometem amor eterno. Foram momentos de simbolismo, emoção e elegância. Após os cumprimentos aos recém-casados, os convidados seguiram para a Avenida Atlântica e foram recepcionados no apartamento de 700 m² de cobertura de Angela, mãe da noiva. O local foi inteiramente usado para a festa, já que a família Gebara ainda morava na casa da Rua Miguel Lemos, também no Posto Cinco de Copacabana.

Os sofisticados comes e bebes da noite foram preparados e servidos por Helena Britto, agora com grande equipe de recepcionistas, garçons e cozinheiros. O bolo nupcial, bastante diferente, encomendado por Elias, era dividido em andares, mas sem aqueles tradicionais bonecos que costumam enfeitar a arte deste tipo de culinária.

A empresa cinematográfica Correa Souza Filmes registrou os momentos que antecederam o casamento, na casa de Maria Angela; filmou toda a solenidade religiosa e a recepção aos convidados, na Atlântica.

A lua de mel, em Bariloche, Argentina, foi sugestão de Elias. Ao regressar da bela cidade, o casal foi direto para o apartamento que Elias comprara seis meses antes do casamento, em Ipanema. A casa já estava preparada, toda mobiliada.

Os dois adoraram o novo lar, mas lá permaneceram por apenas um ano. Isso porque a família Gebara queria que o casal se mudasse para o apartamento, mais

amplo e confortável, de Maria Angela, uma cobertura, na Atlântica. Como os dois queriam continuar residindo em Ipanema, relutaram, mas acabaram por concordar com a dona Angela e seus filhos.

Segundo Maria Angela, o casal teve até uma pequena e passageira desavença por causa da troca de endereços. O imóvel para o qual os dois se mudaram ficava no edifício Sainte Angèle, ao lado do Saint Phillipe, cuja cobertura pertencia à dona Angela, que logo a ocupou, deixando a casa da Miguel Lemos. Os prédios contíguos receberam esses nomes em homenagem ao pai e à mãe de Maria Angela, já que foram construídos em terreno pertencente à família Gebara, através de parceria com a construtora H.C. Cordeiro Guerra, mais tarde adquirida pela Veplan, que incorporou o empreendimento. O projeto de ambos os edifícios foi de autoria do arquiteto Wadi Gebara, irmão de Maria Angela.

Elias e Maria Angela formavam um par romântico e atencioso um com o outro. Ela o acompanhava com frequência em seu trabalho no Bierklause e na Boate Fossa, e em Taubaté, para que ficassem mais tempo juntos.

Maria Angela aponta qualidades de seu marido:

Elias era focado na família, mas extrapolava seu tempo à frente de compromissos empresariais por causa do seu agudo senso de oportunidade para negócios e sua ávida vontade de aproveitar toda boa chance que aparecia na sua frente.

Esse procedimento lhe era extremamente positivo, porque ele sabia o instante exato de avançar ou recuar e barganhava com prudência e lisura. Se fosse bom para ele, teria de ser bom para a outra parte. Era desembaraçado nesse sentido.

Outra coisa boa dele era que, embora fosse competitivo, reconhecia seus limites, por isso estava sempre à procura de parceiros e colaboradores competentes. No Bierklause e na boate, por exemplo, seus auxiliares eram capazes e, acima de tudo, gente de confiança. Um deles era o seu tio Antonio, irmão da mãe dele, responsável por compras e pelo relacionamento com fornecedores. Tudo isso lhe facilitava diversificar o trabalho, dava-lhe segurança e equilíbrio, mas lhe exigia dedicação.

Cerca de três meses após o casamento, *O Globo* trouxe uma entrevista de Elias em privilegiada posição, logo abaixo do artigo do professor Eugenio Gudín, economista, ex-ministro da Fazenda do governo de Café Filho e um dos principais articulistas do jornal. Pelo conteúdo, linguagem, tipologia e diagramação do texto, vê-se que se trata de texto de publicidade chamada, no jargão jornalístico, de “matéria paga”. O motivo da iniciativa de Elias foi a comemoração de oito anos de existência do Bierklause, que coincidiu com a realização, no Rio de Janeiro, do 45o congresso da

maior sociedade de agentes de viagens do mundo, a Asta, que aconteceu em 27 de outubro, no Hotel Nacional, em São Conrado.

Em 14/07/1975 saía matéria publicitária em *O Globo*, publicada por Elias sobre oito anos de Bierklause.

Elias Abifadel: “Oito anos de muito sucesso” * Personalidades e empresários felicitam Bierklause * Artistas do mais alto gabarito alegram as noites * Lá, para o grande público, todo dia é dia de festa * Experiência e muito trabalho fazem sempre sucesso * Dentro do Bierklause, a Fossa é o lado romântico * Copacabana é uma verdadeira cidade para o turismo * “Vim, vi, gostei e voltarei”, escreveu Negrão de Lima

Para o empresário Elias Abifadel, um dos responsáveis pelo famoso Restaurante Bierklause, “o sucesso alcançado em oito anos é decorrência de um trabalho profissional sério, que motivou a preferência do grande público”. Para ele, Copacabana é uma “cidade original, atração natural para o movimento turístico do Rio, o que nos leva à convicção de que uma casa de espetáculos, localizada entre a Avenida Nossa Senhora de Copacabana e a Avenida Atlântica, em plena Praça do Lido e tendo ao alcance da vista a praia mais linda do mundo, só poderia ser sucesso. Acrescentamos apenas à posição geográfica o conhecimento profundo que temos do ramo, hoje multiplicado, após oito anos de trabalho.

A respeito do 45º Congresso da ASTA, a maior sociedade de agentes de viagens do mundo, a ser realizado no Rio, graças aos esforços da Embratur, Elias Abifadel declarou que “estamos preparados, pois nosso restaurante tem cozinha excelente e nível internacional e, neste mister, nos esmeramos, apresentando pratos típicos alemães dos mais saborosos. As noites alegres da casa contam com a presença de um conjunto animadíssimo e a participação da simpática Sonia Santos. Ao lado do paladar, criamos dentro do Bierklause um recando que chamamos de Fossa, onde apresentamos shows com artistas do gabarito de Marcia de Windsor, Maria Gata Mansa, Ribamar, Mano Rodrigues, Waleska e Ivan El-Jalk. Acreditamos que os turistas encontram em nossa casa um mundo alegre e dirão com certeza que lá, no Bierklause, todo dia é dia de festa. Personalidades ilustres visitam o Bierklause. Escritórios de vários países programam nossa casa”, afirmou Elias Abifadel.

Encerrando lembrou que consultando o livro de ouro, no qual personalidades deixam sua impressão sobre o Bierklause, encontrou do ex-embaixador e ex-governador Negrão de Lima, a seguinte frase: “vim, vi, gostei e voltarei”. E concluiu que, “com muita alegria, ele tem voltado muitas vezes”.

Interessante notar que o texto mostra a sintonia de Elias com o marketing do turismo nacional e com a gastronomia e o entretenimento na noite carioca. O Bierklause e a Boate Fossa foram dois pontos de referências importantes para centenas de associados da Asta, ao longo da semana que precedeu o congresso da entidade e durante o evento. Exatamente o que Elias pretendeu com a entrevista.

A primeira gravidez de Maria Angela aconteceu em agosto e Patrícia nasceu em abril de 1976. O entusiasmo de Elias era típico de pai de primeira viagem: alegria o tempo todo. Falava, orgulhoso, sobre o assunto, descrevendo com detalhes o parto e a beleza da filha. Ele reforçou à Maria Angela a promessa de adaptar melhor seu esquema de trabalho para ficar mais próximo dela e de Patrícia. Elias tinha preocupação com a segurança residencial da família, embora morasse na avenida Atlântica, um dos endereços considerados seguros na cidade. Sua precaução o levou a pedir ao chefe da segurança do Bierklause e da Boate Fossa que lhe indicasse alguém de confiança que pudesse assumir a portaria do edifício Saint Angèle, em que morava. O indicado foi o jovem José Diniz Barbosa, casado e com uma filha de 1 ano de idade e recém-chegado da Paraíba. Ele comenta:

Um amigo me apresentou ao doutor Elias no restaurante Bierklause. Ele me perguntou se eu queria tomar conta da casa dele. De pronto, aceitei e no dia seguinte já estava lá. Ao chegar ao local, vi que não se tratava de uma casa, mas de um prédio, moderno e bonito.

Identifiquei-me na portaria e foi autorizada a minha subida para o apartamento de cobertura, no décimo-terceiro andar. Fui muito bem recebido. O pessoal da administração do Bierklause e da Fossa estava com ele, trabalhando nas coisas do dia a dia da empresa.

O doutor Elias me disse que era o síndico do condomínio e me perguntou se eu aceitaria ser o porteiro chefe do prédio. Respondi que sim. Ele me falou que no prédio havia um apartamento para eu morar com minha família. Ele chamou o porteiro e pediu que me mostrasse o edifício, as áreas de serviços, garagem e o apartamento para eu morar.

Comecei a trabalhar na manhã seguinte. Muitas coisas aconteceram em minha vida e na dele. Não me esqueço de um fato. Um dia, fiquei sabendo que meu pai tinha sofrido um acidente e estava entre a vida e a morte. Conversei com o dr. Elias sobre a minha situação. Ele estava saindo com a família rumo à fazenda, em São Paulo, e me pediu para entrar no carro. Fomos até o aeroporto e, para minha surpresa, ele comprou as passagens aéreas para mim, minha esposa e minha filha. Em seguida, me disse: “Viaje com sua família, resolva tudo e não se preocupe em voltar logo. Faça o que tiver que fazer. O seu salário será pago normalmente. As passagens você paga quando puder!”

Graça a Deus, meu pai sobreviveu. Chegando aqui, vendi meu carro, peguei o dinheiro e o procurei para saldar a dívida. Ele ficou bravo comigo porque não queria que eu vendesse o

carro, já que não tinha estipulado prazo para o pagamento das passagens. Mas lhe disse que eu precisava de dinheiro também para as despesas com o meu pai.

O dr. Elias foi outro pai que tive, um amigo verdadeiro de todas as horas.

Em fevereiro de 1977, a nova gravidez de Maria Angela alimentou a expectativa do casal para a chegada de um filho. Dito e feito: Elias Abifadel Junior nasceu em novembro. O pai, com a típica mentalidade de descendente árabe, que valoriza o filho varão porque entende que é quem garante a continuidade do nome e a preservação das tradições da família, esbanjou felicidade. Motivos para a comemoração não faltavam. Além do bebê sadio e bonito, outra grande razão que o levou a valorizar aquele que iria perpetuar o sobrenome Abifadel foi, sem dúvida, o fato de ter sido ele, Elias, o único filho em meio a cinco irmãs e de ter ficado órfão aos 17 anos, quando assumiu a responsabilidade de liderar a família.

Em 1977, apesar do recrudescimento da crise econômica no país, o que afetou sobremaneira a vida noturna carioca com queda brusca na frequência de clientes no Bierklause e Boate Fossa, Elias trouxe para si um novo desafio – a presidência por um ano do Rotary Copacabana. Ele tinha assumido um dos cargos de vice em 1973 e ao longo de quatro anos deu todo apoio à instituição, através de promoções de eventos em seu restaurante e na boate.

No Rotary, Antenor Gomes Barros Leal Filho foi um dos empresários que se relacionaram largamente com Elias. Antenor, cearense, se projetou, no local e nacionalmente, como dirigente da Associação Comercial do Estado do Rio de Janeiro e da Confederação Nacional da Indústria. Ele diz:

Tivemos uma relação interessante porque ele era empresário da noite e eu do dia. Ele frequentava o Rotary nos jantares de segunda-feira. Era aquela pessoa alegre, positiva, destemida e criativa, por isso se desempenhou tão bem no comércio carioca e particularmente como empreendedor na noite da cidade. Vim do Ceará morar no Rio; ele veio do interior de São Paulo; nosso encontro foi maravilhoso.

Outra similaridade entre eles estava no fato de ambos terem se formado em Direito, Elias pela Cândido Mendes, no Rio, e Antenor pela Faculdade de Direito pela Universidade Federal do Ceará. As atuações dos dois em entidades classistas e empresariais os levaram a receber o título de Cidadão Carioca.

Conheci o Elias melhor quando ele se tornou presidente do Rotary. Impressionava-me a forma com que ele coordenava os trabalhos da entidade, com tantos empresários atuantes. Elias frequentava a mídia com total desenvoltura; tinha sentimento importante em relação ao associativismo, por isto era tão respeitado pela imprensa.

Para Antenor, poucas são as tarefas mais árduas, mas ao mesmo tempo tão fascinantes como o exercício da liderança empresarial, por exigir muita habilidade, bom senso, imaginação, bom humor e inteligência.

A parte mais instigante dessa tarefa é, sem dúvida, aquela a que todos os gestores devem se propor, que é ter desprendimento. Elias era essa figura como presidente do Rotary de Copacabana. Éramos 95 empresários participantes da entidade, e ele nos liderava com muita tranquilidade, tudo nele fluía com naturalidade. Sorridente, por mais complicado que fosse o ambiente, Elias lidava bem porque era assertivo, tinha a virtude de ter a mente aberta ao diálogo e sabia ouvir. Dessa forma, ele se impunha de maneira magistral, compartilhando problemas e soluções. Mostrava ter princípios, preocupava-se com a melhoria das condições de vida dos seus semelhantes.

A crise pela qual o país passava não cedeu; ao contrário, tornou-se mais grave. Elias, diante da baixa frequência de clientes na noite e para voltar a ter lucro, pensou em transformar o Bierklause em discoteca. Foi dissuadido pelos sócios. Em 1978, porém, Elias fez a Waldir Calmon, seu amigo de quase duas décadas, uma proposta que o artista definiu como “irrecusável”: uma temporada no Bierklause. Calmon ficou na casa até o ano seguinte, quando recebeu outra oferta, também indeclinável, dos donos da Churrascaria Roda Viva, localizada na Urca, próximo à estação dos bondinhos do Pão de Açúcar... o contrataram para uma longa temporada.

No início da última semana de fevereiro de 1979, Elias, por volta das duas horas da madrugada, seguiu, em sua Brasília, diretamente do Bierklause para Taubaté, em mais uma de suas costumeiras visitas à fazenda, onde gostava de chegar a tempo de ver os funcionários nas tarefas diárias de tirar leite das vacas.

Em geral, nessas viagens no meio da semana, Elias levava alguém com ele – com frequência, o cunhado Maurício – mas, às vezes, levava um amigo para conhecer a propriedade e seu gado de raça. Nos finais de semanas, o habitual era viajar com a família. Nesse dia, porém, Elias estava só e, ao entrar no trevo da Dutra que dá acesso a Taubaté, sob denso temporal, a água, a ventania e a neblina do amanhecer só o permitiam ver poucos metros à frente. Ele reduziu a velocidade ao mínimo e, enquanto contornava o trevo, surgiu um ciclista à sua frente, no sentido oposto ao do carro. O choque foi inevitável. O rapaz habilmente se projetou pela lateral. O guidão da bicicleta trombou forte contra o para-brisa dianteiro, espatifando-o.

Passado o susto, lá estava o ciclista com algumas escoriações. Elias teve um caco de vidro alojado em seu olho direito. Os dois ajeitaram a bicicleta na parte traseira do carro e seguiram para a emergência médica. O rapaz passou por exames de

praxe e confirmou que nada de grave havia ocorrido com ele. Elias foi submetido a uma série de procedimentos oftalmológicos para não perder a visão. Os primeiros socorros foram plenamente atendidos em Taubaté. Ele prosseguiu com o tratamento rigoroso no Rio, sendo obrigado a se afastar por mais de uma quinzena da rotina do Bierklause e da Fossa.

Em 15 de março de 1979, o general João Baptista de Oliveira Figueiredo assumiu a presidência da República, sucedendo ao general Geisel. O Brasil, quebrado, com inflação alta e paralisação quase que total de investimentos, parecia ter chegado ao fundo do poço. Elias não vacilou; desistiu do fornecimento de alimentação nas universidades e investiu em obras no Bierklause e, em julho, reabriu a casa com música para dançar a dois. Primeiro, contratou Luís Carlos Vinhas e sua banda, e o Trio Mocotó. Vinte dias depois, a casa era animada com a banda do Aécio Flávio. Na Boate Fossa, Kate e Carlos Lira faziam sucesso, lotando a casa todas as noites. Embora feliz com o parcial resgate da clientela das duas casas, Elias vinha há mais de dois anos suportando um tormento devido ao desgaste com prejuízos no investimento que tinha feito em uma cozinha industrial para o polo petroquímico de Camaçari, na Bahia.

Na terceira gravidez, Maria Angela deu à luz, em janeiro de 1980, a segunda menina, Ana Cecília. Ela nasceu com um problema que não souberam diagnosticar e ficou na UTI da maternidade. Foram duas semanas de intenso sofrimento para o casal. Maria Angela diariamente levava seu leite para a filha, que faleceu aos 15 dias de vida. Foi feita biópsia e esta apontou derrame. A perda da filha abalou e uniu ainda mais o casal. Assim Maria Angela expressa sua dor:

Elias e eu vivemos algo impensável, chocante. A sensação era que a perda de alguém tão indefesa e angelical, tão querida, traz luto para sempre. Era preciso continuar vivendo, dia após dia, lutar para vencer um instante de cada vez. Era dor mental e física. Precisamos de muita paciência para tudo o que se seguiu e para nos adaptarmos. Meu coração e meus sentimentos nunca mais foram os mesmos. Não se aprende só na alegria. Elias não se conformava e sofreu tanto quanto eu. O trabalho dele e as dificuldades financeiras pelas quais passava ajudaram-no a superar aquele terrível momento e até mesmo a dar-me conforto.

Aprendemos com nossa filhinha que a vida é feita de momentos efêmeros e, às vezes, um único instante pode mudar tudo. Vivenciamos uma desolação e uma angústia morosas e delicadas; foi, de fato, um período de sofrimento imensurável. O tempo pouco a pouco nos deu força e nos ajudou a mudar a nossa capacidade de lidar com a dor e a tristeza.

Na segunda metade desse ano trágico, Elias fez a alegria da irmã mais velha, Julieta, realizando, no Bierklause, a festa de seu casamento com Hamilton. Foi um

jantar com as habituais apresentações artísticas da casa. Participaram da festa os familiares dos noivos e amigos de Taubaté, além de conhecidos cariocas de Elias e Maria Angela.

Mas o grande alento para o casal se deu no ano seguinte: Maria Angela ficou grávida! Pessoas que lhe eram próximas, inclusive seu médico, achavam que poderia ser uma gravidez de risco. Cheia de coragem, ela não deu ouvido a ninguém... até trocou de médico. Elias, entusiasmado por uma terceira criança em casa, incentivou-a o tempo todo. Quando, pela ultrassonografia, o casal soube que teria mais uma menina, Elias, segundo Maria Angela, disse-lhe, alegremente, que era a filha que cuidaria dos dois quando estivessem idosos.

Em 1982, nasceu a Maria Fernanda. Elias, segundo Maria Angela, ficou mais atencioso e feliz junto à família. Ele se esforçou para curtir mais a vida ao lado dos filhos e assim prosseguiu, embora cada vez mais ocupado com os empreendimentos, sobretudo à noite.



Quando Patrícia, Elias Junior e Maria Fernanda deram seus depoimentos sobre a felicidade ao lado do pai foram unânimes: narraram os momentos da família nas fazendas em Taubaté e Pindamonhangaba, a maneira simples como Elias os levou a conviver no ambiente rural e a gostar do gado leiteiro da raça holandesa, dos cavalos, da flora e fauna locais, enfim, das riquezas exuberantes da natureza. As viagens até a fazenda e as atividades os aproximavam. Ele ficava feliz ao ver os filhos aproveitando tudo o que estava construindo naquele pedaço de terra, uma das grandes paixões da sua vida. Amava a agropecuária. Gostava de dormir nas fazendas, acordar às cinco horas e ligar o rádio em programas sertanejos.

Até os 4 anos de idade de Patrícia, a família visitava Taubaté e a fazenda Baraceia, praticamente de dez em dez dias. Depois, na pré-adolescência da primogênita, as viagens familiares ficaram menos frequentes, mas todas as férias, feriados prolongados e carnavais eram passados ou na Baraceia, que pertencia aos Abifadel, ou na fazenda que Elias arrendou, em Pindamonhangaba.

Quase sempre os primos, da parte dos Gebara e da parte dos Abifadel, participavam desses momentos nas fazendas. Às vezes, Patrícia levava uma amiga. A propriedade arrendada tinha a vantagem de possuir uma grande casa, aconchegante e aprazível, principalmente por causa da linda e bucólica vista da varanda, um lago

com patos e cisnes à frente de um pasto onde ficava parte do rebanho holandês de Elias. Uma bela piscina ajudava as pessoas a suportarem o calor local de verão. Um pomar, ao fundo da casa, tinha árvores frutíferas diversificadas para dar frutos em qualquer estação do ano. Patrícia adorava colher amoras e jabuticabas.

Elias, bom anfitrião, era fazendeiro de mão cheia e se orgulhava disso, com muita razão. Ele vendia leite para cooperativas. O rendimento ajudava a custear as despesas das fazendas. E costumava dizer que fazenda não dá lucro, se ela se pagar já é um excelente resultado. Em tom brincalhão, afirmava que “fazenda, como o nome diz, obriga-nos a estar sempre fazendo coisas o tempo todo”. Ele investia em terras e gado não apenas pelo resultado obtido da produção leiteira das duas propriedades, mas boa parte dos ganhos que auferia de seus negócios e empreendimentos no Rio.



É Patrícia quem conta:

Para meu pai, estar na fazenda era lazer e trabalho. Os amigos e familiares de Taubaté e cidades vizinhas, e eram muitos, invariavelmente, visitavam-no. O tempo para nós, os filhos, era dividido com esses conhecidos dele. Mas era todo atencioso conosco e com quem levávamos junto, primos ou amigos. Adorava andar a cavalo com a gente. Acompanhava-nos ao curral para vermos a ordenha matinal das vacas e para tomarmos leite quentinho, que era colocado diretamente das tetas das vacas em nossas canecas. Já saíamos de casa para o curral com achocolatado ou açúcar e canela em nossas canecas. Até hoje o cheiro de canela me traz essas lembranças.

Uma vez, no início de 1985, saí com ele sozinha e fomos a um leilão de equinos na hípica, na Lagoa. Lá gostei de uma égua. Ele a arrematou e me deu de presente. Levamos o animal, cujo nome era Manchester, para Baraceia. A égua foi então um dos fatos mais marcantes de minha vida. Fiquei muito feliz, foi algo forte e inesquecível.

Patrícia disse que ele não era de frequentar reuniões de pais e professores no colégio ou alguma festividade aberta aos familiares dos alunos, mas fez questão de participar de sua primeira comunhão. Preocupava-se com a saúde da filha, era atento a que tivesse uma alimentação saudável e dava importância às suas amizades. Não permitia que dormisse nas casas de amigas, e só, às vezes, na casa de parentes. Fazia questão que ela recebesse em casa seus primos, amigos e colegas de colégio.

Um fato divertido era que ele dizia que, quando eu arrumasse um namorado, ele o receberia, na porta de casa, com uma espingarda na mão. Eu caía na gargalhada; era gostoso sentir essa demonstração de afeto, ternura e proteção.

Meu relacionamento com meu pai era um misto de carinho e não carinho, de amor e desamor. Ele era severo com educação. Um pai conservador. É comum, entre imigrantes libaneses, o comportamento arbitrário com os filhos. Com meu pai, tinha de ser assim e ponto final. Eu ficava de castigo de joelhos se fizesse algo errado. Ele se impunha pelo temor. A presença dele era tão forte que me amedrontava, ao mesmo tempo em que passava profunda segurança. Tratava-me de maneira diferente em relação ao Junior. Ele e toda a sua família. Para meu pai e minhas tias, irmãs dele, a continuidade do nome Abifadel viria por parte do filho homem. Todas as vezes que eu chegava à casa de uma das tias, a primeira pergunta que me faziam era: 'Cadê o Junior?'

Elias tentou motivar Patrícia para que ela estudasse veterinária ou agronomia por causa não apenas do amor, dedicação e obstinação dele pela terra e pela pecuária, mas sobretudo porque queria fazer mais investimentos na agropecuária. Ele dizia à filha que ela poderia cuidar do patrimônio familiar rural.

Patrícia reforça:

Meu pai pensava que eu poderia ser boa veterinária. Além de minha paixão pela égua Manchester, eu gostava de acompanhar de perto os trabalhos dos veterinários nas fazendas. Via vacas e éguas darem crias. Observava com atenção e muito interesse vários tratamentos de animais afetados por alguma doença.

Isso entusiasmava meu pai e a ideia dele era que eu me formasse na faculdade para cuidar de equinos e bovinos, ou seja, animais de grande porte. De fato, era algo que me atraía, mas não a ponto de ser minha opção profissional. Dizia a ele que não queria me formar para trabalhar enfiada em estábulos, entocada no meio rural. Isso não me atraía, de maneira alguma. Ele ria e, pacientemente, de um jeito muito agradável e carinhoso, me falava que era importante estudar para saber administrar, para liderar equipes e que isso só seria possível se eu aprendesse na universidade sobre cada etapa do que tinha de ser feito. Estudar para saber como fazer e administrar. Estas eram as palavras dele.

Por conta do trabalho, a convivência familiar de Elias permaneceu aquém do que ele, Maria Angela e os filhos tanto desejavam, o que de certa forma não deixou que Patrícia conhecesse melhor o pai. Quando adolescente, ela percebeu que ele não falava em casa sobre seus negócios e evitava, sobretudo, conversar sobre as dificuldades que enfrentava como empresário, evitando trazer problemas externos para o âmbito doméstico. Apesar de Patrícia e todos presenciarem semblantes e telefonemas tensos numerosas vezes durante a tarde ao tratar de negócios em casa.

Nesses momentos, ele era muito ansioso e ficava nervoso, como atesta a filha Patrícia:

Quando estava de bom humor e sem muitos aborrecimentos, ele papeava sobre coisas agradáveis, a respeito daquilo que a gente gostava de falar e do que tinha prazer em conversar.

Mas mudava muito quando estava na fazenda: tornava-se um pai bastante presente, alegre o tempo todo. Feliz e satisfeito. Transformava-se. Ele queria ensinar tudo para nós e adorava descansar nas redes penduradas na varanda. Nós, filhos, amávamos deitar ao lado dele e ficar ali, balançando levemente, relaxando o corpo. Por isso a rede me traz à memória o gesto de ninar, o colo, o aconchego.

Sobre a perda do pai, lamenta ela:

Tornar-me órfã de pai aos 14 anos me trouxe primeiramente uma enorme sensação de arrependimento. 'Ai, meu Deus, não fiz tudo o que poderia ter feito como filha. Deveria ter falado mais com ele, ter ficado mais ao lado dele, ter sido mais carinhosa com ele'. A verdade é que eu não tinha ideia do que era aquela doença, em que estágio ela se encontrava. Ninguém tinha me passado a informação que o mal poderia tirar a vida dele. De modo algum, podia imaginar que ele estava vivendo seus últimos dias. Para mim, tudo aquilo era passageiro. E ele se foi.

Em seguida, à sensação de arrependimento houve para mim o sentimento de liberdade, mas logo percebi que tinha perdido meu alicerce. Fez-me falta não contar mais com o meu pai, com a segurança paterna, com a referência dele.

Mas não foi um desespero. Houve um grande apoio da família e de amigos, o que me ajudou a tocar aqueles dias sem angústia exagerada ou exasperação. A vida seguiu, tive de ir adiante e a cada dia caía uma nova ficha sobre o significado da ausência dele em meu presente e futuro.

Aos poucos, tornei-me adulta. Preocupava-me com minha mãe, com meu irmão e com a Fernanda, tão novinha. Tudo mudou. Acabei assumindo um pouco mais de responsabilidade em relação à minha família. Com o meu pai, eu não tinha esse tipo de preocupação. Percebi realmente a dimensão do papel do meu pai em nossa casa. Ele era o fundamento de todos nós, nossa âncora e o norte de nosso futuro.

Hoje, sinto que ele me fez mais falta do que imaginei. Não procurei substituir a imagem dele, mas seguramente meus tios Wadi e Carlos, irmãos de minha mãe, que o conheceram tão bem, me deram grande suporte; foram presenças importantes.

Patrícia contou, com orgulho, sobre sua felicidade em ter presenciado, ao longo de sua vida, o carinho imenso das pessoas pelo seu pai. Elogios apaixonados e lembranças admiráveis de quem conviveu ao lado dele. Para ela, decerto, se os dois tivessem tido um convívio menos fugaz, existiriam profícuas histórias e experiências

vvidas por ambos, porque seu pai tinha enorme e inesgotável capacidade de se atualizar e crescer em um relacionamento, por isso era sedutor, envolvente e estava sempre com um sorriso, mesmo em momentos em que se sentia cansado.

Sob o título “Pai”, Patrícia redigiu uma carta em que exprimiu seu sentimento:

Alguns dias/meses depois que meu pai se foi, eu me dei conta de que não o conheci.

Senti a dor, saudades, impotência, abandono, vazio, remorso, arrependimento.

Senti a falta, não da ausência daqueles meses, mas de toda a vida. O desamparo me toma.

Ainda sinto.

Talvez, ele merecesse muito mais carinho, admiração do que eu fui capaz de sentir e demonstrar. Eu não consegui admirá-lo, valorizá-lo. Arrisco dizer que não consegui amá-lo.

O que poderia relatar agora além de vagas lembranças de escassos momentos? Sinto o tempo insuficiente.

Talvez a sua precoce partida tenha mesmo sido o que me fez perceber.

... tarde demais. Será que a ausência não foi minha?

Mas quem teria sido eu se não fosse ele? Quem seria eu agora?

Esse vazio estaria aqui?

Certamente teria cursado outros caminhos.

Tantas perguntas, vejo tudo nebuloso. Talvez ele esteja mais em mim do que sou capaz de dizer, de saber e de sentir.

Sinto o tempo insuficiente de novo. Talvez, não seja o tempo ou, justamente, seja ele o necessário para revelar/despertar meu pai dentro de mim.

Tantas dúvidas, mas uma certeza. O que aprendi com ele?... Ser humana.



Elias Abifadel Junior, como responsável pela continuidade do sobrenome familiar, falou das lembranças intensas que guarda no tocante à convivência paterna:

Acho que é muito forte e ambivalente essa coisa de ser o único filho homem, sobretudo, em uma família árabe.

E isso foi uma coisa que mexeu comigo profundamente e funcionou tanto para o bem quanto para o mal. Se por um lado o fato de eu ser homem trazia atenção especial, por outro, colocou-me em situação difícil de cobrança de atribuições que supostamente caberiam a mim. Digo isso no sentido de que às vezes eu me sentia pressionado a ser como o meu pai, ou superior a ele. Eu era apenas um garoto, nem tinha entrado na pré-adolescência!

Elias adorava contar histórias ao filho e lhe falar sobre a fazenda. Os dois, algumas vezes, seguiam para Taubaté e Pindamonhangaba sozinhos, ou levando amigos ou primos de Junior. O menino considerava essas viagens ao interior paulista um de seus grandes momentos de aproximação com o pai, porque ensejavam genuína conexão entre os dois.

Junior rememorou o orgulho e a felicidade do pai quando o viu tirar leite de uma vaca pela primeira vez. Outro instante de regozijo de Elias foi ver que o filho havia aprendido a montar a cavalo. Os dois passaram então a cavalgar juntos pelas fazendas, convívio que ambos amavam; divertiam-se. Junior disse que, certa vez, aos 7 anos de idade, montava um garanhão novo na fazenda, chamado Silver. O cavalo avistou uma égua no cio e começou a empinar loucamente tentando derrubá-lo, obrigando-o a se agarrar ao pescoço do animal. Elias, desesperado, saltou do cavalo em que estava para segurar o Silver. O assunto foi comentado por dias a fio, sempre assinalando o sufoco pelo qual haviam passado.

Junior acompanhou com atenção as atividades do pai nas fazendas e guardou dele a dedicação ao ambiente rural e à natureza, seu incrível amor pela terra, seu prazer com a criação de cavalos e sua satisfação com o manejo das vacas leiteiras.

Elias gostava de ir a leilões de cavalos e vacas. Às vezes, levava o filho. Eram ocasiões em que os dois ficavam longo tempo a sós. Elias apreciava a companhia do filho, que adorava estar em companhia do pai, porque recebia dele mais atenção e compreensão do que o habitual, na correria do cotidiano. Elias, no Rio, era diferente; extrovertido, mas nem sempre alegre, nem risonho, segundo Junior, que ainda retém a imagem do pai estressado e preocupado, resolvendo negócios, ora com gente a seu lado ora ao telefone.

Porém, não lhe escapa à memória a imagem de Elias como uma pessoa solidária com o próximo, em qualquer circunstância. Chamava-lhe a atenção o fato de que, mesmo naquelas situações mais tensas, o pai se prontificasse em ajudar a todos que o procuravam com alguma demanda, fossem familiares, funcionários ou amigos.

Junior fala sobre a preocupação de Elias:

Meu pai era determinado a criar um patrimônio familiar. Ele entendia isso como cumprimento de uma das obrigações de patriarca. Acredito que isso é próprio de descendentes de imigrantes árabes no Brasil. Mas, definitivamente, as qualidades dele que mais me impressionaram, além da camaradagem, eram a sociabilidade e a coragem para fazer as coisas acontecerem.

A combinação de tudo isso deu a meu pai uma qualidade especial que o levava a ser querido onde quer que ele transitasse. Em todos os locais que frequentava era recebido por familiares, amigos e conhecidos que o queriam bem e expressavam isso.

Era uma pessoa bem popular. Lembro-me que, quando eu tinha 15 anos, voltei de uma viagem aos Estados Unidos com uma bicicleta para montanhas que tinha custado mais do que o permitido. O fiscal me parou e pediu a nota fiscal. Apresentei uma com valor menor para não ter problemas. Ele resolveu chamar seu superior que, ao entrar na sala e ver o meu nome escrito na caixa “Elias Abifadel Junior”, olhou-me com simpatia e me perguntou se eu era filho do Elias Abifadel. Disse-lhe que sim. Ele sorriu e me falou: “Pode ir meu filho. Conheci seu pai e ele foi um grande amigo.” Fiquei emocionado, foi um instante inesquecível para mim.

As pessoas sempre me contaram coisas maravilhosas sobre meu pai. Sei que minha vida seria diferente em todos os aspectos, muito mais fácil e tranquila, se ele tivesse vivido mais.

Elias era severo na criação dos filhos. Como um bom e tradicional chefe de família libanesa, ele não gostava de ser contrariado e dava bronca se algo não o satisfizesse. Junior disse que nunca concordou muito com o rigor punitivo do pai. Ele o castigava quando cometia deslizes. Admitiu, no entanto, que a austeridade paterna fez com que tivesse uma linha mais clara a seguir na vida, acrescentando que hoje consegue enxergar motivos que levaram o pai a ser do jeito que foi. Confessou, porém, que gostaria que o relacionamento dos dois tivesse sido diferente porque entende que o excesso de rigidez acabou atrapalhando a integração mais espontânea e flexível dele com o pai.

Elias gostava de presentear o filho, que se recorda do dia em que o pai voltou de uma viagem à Alemanha, onde fora receber um prêmio em reconhecimento à sua liderança empresarial no Rio. Trouxe-lhe algumas lembranças, entre as quais uma arma de chumbinho. Esse foi o mimo dos sonhos de Junior, que se divertia com a novidade por todo canto do enorme apartamento em que vivia, na Avenida Atlântica; era um brinquedo inseparável do garoto, principalmente quando a família viajava para as fazendas, no interior de São Paulo.

Elias era aberto ao diálogo com o filho, sobretudo quando ambos conversavam a respeito das dificuldades do garoto na escola. O desempenho colegial de Junior era assunto prioritário para o pai, que queria vê-lo também praticando esportes, tanto que até jogavam futebol juntos – a maioria das vezes, na fazenda. Outras vezes, a diversão com bola se dava na casa da família de Maria Angela, em Teresópolis, onde existia uma quadra e as peladas aconteciam com a participação de primos.

O pai queria que o Junior estudasse agronomia, por causa das terras da família, mas não foi bem-sucedido em influenciar sua carreira profissional. Elias se fazia presente no cotidiano doméstico, mas tinha horários diferentes, em função do trabalho à noite. Junior se lembrou, com saudades, das refeições que tinham em família nas viagens e nos finais de semana, porque havia mais tempo para conversar.

Elias ficava contente quando percebia que o filho comia de tudo e não fazia cara feia para o que vinha à mesa. Sua atenção com a saúde da família era central e, como fumante inveterado, não tinha o mesmo cuidado em relação a si próprio. Junior nunca gostou do vício tabagista do pai, causava-lhe incômodo o cheiro do cigarro. A objeção de Junior ao pai fumante aumentou quando sua família por parte de mãe teve uma perda muito sofrida, que foi a morte da prima da Maria Angela, Maria Teresa, por causa de um câncer no pulmão, devido ao cigarro.

Foi aí que me conscientizei de que o tabaco poderia um dia tirar a vida do meu pai. Ele, que sempre me atendia quando lhe pedia algo, nunca deu ouvidos aos meus lamentos contra o cigarro. Em vários aniversários meus, pedia-lhe como presente que deixasse de fumar, mas jamais fui atendido, por infelicidade. De vez em quando, ele, por impulso próprio, tinha um ímpeto de abandonar o vício. Eu ficava feliz e ele percebia isso. Lamentavelmente, ele não conseguia levar adiante sua decisão de deixar o vício.

Elias, enfermo, martirizou-se pelo infortúnio que sentiu de deixar tão precocemente três órfãos! Para Junior também foi uma situação de sofrimento:

Talvez até tenha sido a pior coisa que aconteceu na minha vida. Fiquei com uma sensação de insegurança muito grande e um vazio paterno enorme.

Trágico para mim... filho homem, entrando na adolescência. Tudo se tornou ainda mais aflitivo. Tenho muitos bloqueios de memória de tanto que sofri nessa época. A partir da perda de meu pai, em todos os momentos que um filho precisa do esteio e amparo paterno, senti-me carente, desprotegido, órfão dele... bem complicado.



A caçula da família, Maria Fernanda, ressentia-se de ter tido pouco tempo de convívio com o pai, mas são fortes suas recordações dele. Ela admirava o orgulho e a felicidade de Elias com as propriedades rurais, apreciava o carinho dele com os parentes, amigos ou meramente conhecidos de Taubaté. Para ela, parecia que ele, naquele ambiente, tinha uma conexão com sua ancestralidade, afinal se tratava da terra em que ele nascera. Impressionava a filha o fato de seu pai fazer questão de acompanhar de perto os negócios dele e da família Abifadel na região, sobretudo na fazenda Baraceia, sacrificando-se em horas de viagens, muitas vezes deixando o Rio de madrugada, após cansativo trabalho no Bierklause e na Fossa.

Maria Fernanda diz:

Foi um grande exemplo de trabalho e obstinação. Nossa convivência me proporcionou uma infância maravilhosa. A possibilidade de estar no meio rural certamente moldou as minhas escolhas de vida. Ali nasceu o meu amor pela natureza, pela simplicidade da vida, pelos valores mais importantes que desenvolvi na infância. Era sempre muito inspirador estar em contato com os animais, com aquele universo em que víamos sempre o pôr e o nascer do sol. Íamos passar as férias longas de janeiro e fevereiro lá e, muitas vezes, com os primos. Como era a mais nova, acabava não participando de tudo, mas ainda assim tenho memórias inesquecíveis dessa época. Lembro-me muito de um balanço de pneu que meu pai mandou fazer pra mim e que eu amava. Íamos cedinho tirar leite da vaca.

Um dia, eu muito pequenininha, ele me colocou sobre um cavalo e fiquei eufórica, apaixonei-me e isso o deixou muito feliz. Ele se sentia radiante ao ver o quanto eu gostava da fazenda e de andar a cavalo.

Ter a oportunidade de passar a infância nesse ambiente do campo me fez ver a vida com outros olhos, dar valor ao tempo que as coisas levam para acontecer, entender melhor as relações humano-naturais. Toda vez que trabalho na Amazônia, sinto-me mais próxima de meu pai, é como se ele me acompanhasse até lá. Mesmo não tendo tido muito tempo físico com ele, sinto que ele está sempre perto de mim.

As grandes oportunidades que tive na vida se deram graças ao que ele me deixou, como herança material e espiritual, e isso nos aproxima diariamente, cada vez mais.

Elias tratava Maria Fernanda de maneira diferente pelo fato de ser a caçula. Uma das memórias mais fortes que a filha tem da infância é a brincadeira em que ele a colocava no colo e fazia o que chamava de “cavalinho”, imitando os galopes. Os dois se divertiam com isso.

Era severo, mas tranquilo com Fernanda, apenas falava mais alto e chamava sua atenção quando não queria ser contrariado; sabia impor respeito. Porém, buscava ser compreensivo com os pedidos da filha. Ele nunca gostou de cachorro em casa, mas ela quis um e teve sua permissão. Fernanda contou que certa vez quebrou uma lâmpada e, amedrontada, falou com ele, que, em vez de dar-lhe bronca, foi carinhoso.

Elias participava de suas festas de aniversários, sempre falante e fazendo questão de estar com ela e com os seus amiguinhos. Maria Fernanda admitiu que não foi carinhosa com o pai tanto quanto gostaria e que sente falta dele, queria mais tempo a seu lado, aproveitado mais sua presença. Ela não consegue lembrar-se de um dia específico em que foi mais feliz ao lado do pai, mas admitiu que a data bem-afortunada, inédita da sua vida, foi por conta de uma bela iniciativa dele.

Conta Maria Fernanda:

Nos anos 1970-80, ele e sete amigos compraram terras em São Luís do Paraitinga, em São Paulo, sabendo que poderiam ser desapropriadas pelo estado. Depois de alguns anos as terras foram de fato desapropriadas. Eles entraram em um processo de desapropriação estatal que resultaria em uma indenização aos proprietários.

Depois de quase 30 anos de luta judicial, o estado por fim começou a pagar a indenização. Só havia um dos proprietários vivos nessa época e quem se beneficiou do processo foram os herdeiros. Eu estava estagiando em um escritório de advocacia, muito infeliz com a minha escolha profissional. Optei por Direito para poder ajudar a minha mãe a resolver todas as questões patrimoniais do meu pai – que também nos deixou dívidas, ações trabalhistas e fiscais.

Eu já estava infeliz com a minha vida profissional há muito tempo, quase desisti da faculdade de Direito no meio para mudar de área, mas nunca tive coragem porque acreditava que era isso que deveria fazer para ajudar minha mãe. No entanto, tão logo herdamos a indenização do processo de desapropriação, tudo mudou pra mim. Terminei a faculdade, fiz a prova da OAB e, assim que completei os estudos, parei de trabalhar no escritório para então seguir um antigo sonho de morar fora e estudar questões ambientais.

Com o dinheiro que herdei, pude fazer um mestrado em Londres na área de meio ambiente e desenvolvimento e, depois que voltei ao Brasil, ainda consegui comprar meu apartamento (parte com o dinheiro do meu trabalho, mas em sua maior parte com a herança).

Sou grata a meu pai diariamente por essas oportunidades. Talvez nunca tivesse seguido o caminho dos meus sonhos e não estaria onde estou agora se não fosse por ele. Nunca vou esquecer o dia em que esses recursos entraram na minha conta.

Chorei muito ao pensar no que ele tinha feito por nós e em como em tão pouco tempo de vida ele fez tanto. Esse dia mudou a minha vida por completo. É como se, mesmo ausente, ele tivesse se tornado a pessoa da minha família mais presente na minha vida. Foi como se tivéssemos começado uma nova relação. Foi como se aquele pai doente das minhas últimas lembranças tivesse renascido para mim.

O pai visionário, investidor, corajoso e cuidadoso então surge em um momento da minha vida em que eu estava me sentindo perdida, sem forças, sem saber que direção seguir, sem confiança em mim mesma, na minha relação familiar e na vida.

Ele me proporcionou o espaço necessário para que eu pudesse ser quem realmente queria ser, me encontrar nos campos profissional e pessoal. Nunca mais fui a mesma depois disso. Sem dúvida, foi como se ele tivesse colocado uma bomba de oxigênio no meu pulmão para que eu pudesse respirar novos ares. Isso me permitiu atingir os meus potenciais e seguir pelo caminho que escolhi.

Maria Fernanda se fascinou com o pai na medida em que o conheceu melhor, aprendeu sobre sua personalidade, entendeu seu comportamento profissional e comercial, o que lhe abriu tantos e tão diversificados espaços na vida, cativando e valorizando as pessoas à sua volta. O pai continua lhe ensinando todos os dias coisas como ter visão para oportunidades de trabalho e para investimentos, mostrando-lhe, acima de tudo, que sucesso não cai do céu para ninguém e que é preciso que se tenha muita perseverança para alcançar a realização pessoal.

Com meu pai, aprendi a não julgar as pessoas e a tratá-las com igualdade. A forma como ele cuidava de quem estava próximo dele me impressionou. Todos tinham espaço no seu mundo atarefado. E ele sempre fazia questão de abrir um espaço, mínimo que fosse, para ajudar aqueles que precisavam dele para alguma coisa, sobretudo uma palavra amiga. Certamente herdei isso dele. Muitas pessoas que convivem comigo dizem sentir o mesmo em relação a mim.



Elias e Maria Angela, casamento em 15 de abril de 1975



Com a mãe, dona Nazle, na igreja



A troca de alianças



Batizado de Elias Jr.: dona Nazle, dona Angela, mãe de Maria Angela, Elias e Maria Angela com o filho nos braços



Aniversário de Maria Fernanda: a partir da esquerda, Maria Angela, com a aniversariante nos braços, Elias, ao lado da irmã Aparecida e o marido, também Elias, e Maria (irmã caçula de Elias)



Elias, com a irmã Aparecida, no aniversário da filha Maria Fernanda



Elias em outro aniversário de Maria Fernanda, quando ambos sopram as velas



Elias, Patrícia e Maria Angela



Elias, ao lado de Maria Angela e atrás de dona Nazle, no batizado da sobrinha Viviane, filha de Ivete



Elias e Maria Fernanda



Elias, Elias Jr. e Patrícia



Patrícia, Maria Fernanda e Elias Jr.



Elias, Maria Angela e Patrícia, na fazenda



Elias, com Maria Fernanda nos braços, e Patrícia

ELIAS, NO início dos anos 1980, superando com dificuldade o trauma da perda da filha Ana Cecília, viu pipocar na justiça cobranças de dívidas decorrentes de investimentos em cozinhas industriais.

Os débitos mais pesados provinham do seu empreendimento em cozinhas industriais no polo de Camaçari, na Bahia.

O polo iniciou operação em 1978, mas em 1981 teve seu ciclo de expansão e sua área física aumentados em mais que o dobro, com indústrias química, petroquímica e automobilística. Foi o primeiro complexo petroquímico planejado do país e se destaca como o maior complexo industrial integrado do hemisfério Sul.

O investimento local de Elias envolvia capital de terceiros, não como empréstimo, mas parcerias. Às vezes, há situações ruins que não param de piorar. Foi o que aconteceu com Elias, cujo tormento se agravou com a crise econômica pelo qual o Brasil passava. A dívida pública desequilibrava o país que, forçado pelos bancos a quitá-las, foi obrigado a recorrer a novos empréstimos, a juros mais altos. Esse círculo vicioso da especulação financeira piorou a situação nacional, com reflexo no já parco e restrito consumo doméstico.

O achatamento salarial, o desemprego e o elevado custo de vida sufocavam o consumidor e comprimiam a classe média. Para Elias, não fosse ele um empreendedor audaz, seria seu fim como empresário, mas sua obstinação, reproduzida em sucessivas atitudes comerciais, manteve os horizontes confiantes e promissores.

Entretanto, ele teve que driblar outra crise, a estadual, muito grave, sobretudo na capital. O novo estado, já prejudicado pela fusão, sofreu com a recessão nacional drasticamente mais, em comparação com a média da penúria verificada no país.

A cidade do Rio de Janeiro estava bastante empobrecida, com visível enfraquecimento social, consequente à atrofia política e à estagnação da economia local. Cresceram os bolsões de pobreza, em favelas e em loteamentos ilegais nas zonas periféricas distantes. Modestos, os investimentos públicos prosseguiram apenas nas áreas mais ricas da cidade, mas sem estofo para recuperar o comércio de produtos e serviços. Nesse contexto, não havia empresário incólume diante da falta de perspectivas para seus negócios; a situação era péssima, exceto para os controladores da banca financeira doméstica e estrangeira.

A classe média, já pressionando os militares a devolverem aos civis o comando do país, remanesceu restringindo o consumo de modo radical, o que continuava a atingir de morte comerciantes com atividades na noite carioca.

Foi em meio a esta adversidade que emergiram os pesadelos de Elias decorrentes do pior sorvedouro de sua energia e de seus recursos financeiros, representado pelo projeto de Camaçari, através do qual ele pretendia gerar um fornecimento inicial de dez mil refeições diárias, com perspectivas de dobrar esta produção em médio prazo. Algo, sem dúvida, ambicioso, tratando-se de uma atividade que exige grande quantidade de empregados qualificados e de confiança, mas factível, face à grandiosidade do polo industrial que pretendia atender.

Exatamente no quesito mão de obra, Elias fracassou: foi-lhe impossível montar equipe à altura das exigências do empreendimento.

Antonio Carlos Boueri, o Toninho, sobrinho de Elias, teve, nesse período, longa convivência ao lado do tio, com quem trabalhou ainda na época do Bierklause. Filho de Teresa e Zacarias Boueri, trabalha no ramo da gastronomia, e reside com a mãe e a irmã Nerina, em Guaratinguetá, onde mora também seu irmão José Roberto Boueri, oficial da reserva da Marinha.

O sobrinho deu suporte e tranquilidade a Elias neste momento muito importante para o tio que estava iniciando a expansão empresarial. A diversificação de atividades fora facilitada em função dos contatos políticos e empresariais que Elias desenvolveu a partir do Bierklause, da Boate Fossa e de seus conhecimentos em Taubaté e Pindamonhangaba.

Diz Toninho:

O tio viu a oportunidade de ampliar os negócios na área de fornecimento de alimentação produzida em cozinhas industriais a grandes instituições e empreendimentos econômicos.

Investiu. Cresceu e conquistou mercados junto à Petrobras e às universidades de São Paulo (USP) e federal Rio Grande do Sul (UFRS).

Ele descortinou novo horizonte com um cativante entusiasmo. Logo, vislumbrou o potencial de um gigantesco negócio, em andamento em Camaçari, para onde expandiu sua atividade com um projeto de estratégia invejável.

Em um ano, o empreendimento foi implantado, de forma maravilhosa, mas com muito trabalho. Infelizmente, sem estrutura administrativa adequada a tal crescimento. Assim, quase todos os gerentes que ele contratava se aproveitavam da situação, com comportamentos desonestos, desperdícios de materiais e recursos, algo absurdo e surreal. Foi um rombo grande nas contas do projeto, o que paralisou o trabalho de meu tio, forçando-o a ficar um bom tempo correndo atrás de prejuízos.

Segundo Toninho, por mais que Elias se fizesse presente em Camaçari, acompanhasse de perto e fiscalizasse as etapas de abastecimento e estocagem de mercadorias, produção e distribuição de refeições, não lhe era possível controlar todos os detalhes do funcionamento de uma cozinha industrial de grande porte. As circunstâncias o levaram a ter de dividir seu tempo para cuidar de negócios no Rio e nas fazendas, em Taubaté e Pindamonhangaba. Para o sobrinho, a realidade era que, à distância, jamais seria viável a Elias montar e manter equipes coesas, honestas e fiéis como no eixo Rio-São Paulo.

Além de dificuldades no relacionamento com pessoas de sua equipe em Camaçari, somou-se a essa trágica contingência o interesse de grandes empresas em atuarem no segmento de cozinhas industriais, acirrando a concorrência e, em diversos momentos, aviltando preços para vencer licitações. Eram grupos calejados em trabalhar para o governo, portanto habituados a conviver com atrasos de pagamentos de órgãos públicos.

Elias, desacostumado e, em muitos casos, até mesmo inexperiente em relação a essa prática, perdeu feio; seu sonho ruiu. Ele viu seus negócios descerem ladeira abaixo; os investidores que injetaram capital no seu projeto frustraram-se antes mesmo que o empreendimento consolidasse algum indício confiável de retorno financeiro.

O caos se instalou no cotidiano de Elias. Ele precisou decidir com rapidez sobre os destinos de seus investimentos, principalmente com vistas ao resguardo do patrimônio familiar. A forçosa providência que mais o afetou foi a venda aos sócios

de suas participações no Bierklause, criado por ele treze anos antes, e na Boate Fossa, que implantara há uma década.

Familiares, amigos e todos os que estavam ao lado de Elias naquele momento infausto dizem que ele, em um primeiro momento, sofreu o impacto do revés, arrefeceu-se, mas logo se refez e se reaprumou. Empenhou-se, sacudiu a poeira, deixando o esmorecimento de lado. Buscou saída, sem perder o carisma, o sorriso aberto e franco, e o tom otimista com que de hábito impregnava seu ambiente de trabalho, seus parceiros, funcionários, fornecedores e clientes.

Não demorou a lhe surgir oportunidades e uma delas merece destaque. O Trik Frango Assado, em Copacabana, na Rua Toneleros, um desafio logo transformado em uma das apostas dessa nova fase na vida de Elias. O estabelecimento era simples, tipo restaurante para uma refeição rápida, onde também se podia comprar o frango para consumir em casa. Um negócio singelo para um realizador do porte de Elias, cujo currículo exibia tarimba invejável como ex-presidente de uma associação de comerciantes e o codinome carinhoso de “prefeitinho” de Copacabana; renomado *restauranter*, eleito pela imprensa como um dos reis da noite carioca. E mais: amigo prestigiado e respeitado de lideranças políticas e governamentais, de numerosas autoridades públicas e de uma lista infindável de personalidades do *high society* carioca, além de conviva benquisto e admirado do mundo artístico e cultural do Rio.

Mas tudo isso, em vez de inibir Elias a recomeçar quase do zero, instigou-o a não perder tempo, diante da oportunidade de se tornar proprietário de uma casa humilde, mas que sentiu ser algo promissor. Modestamente, associou-se a Albano Vilela, um amigo querido cuja família era dona do frigorífico que, desde o início dos anos 70, forneceu carne para o Bierklause. Elias e Albano, portanto, conheciam-se há quase uma década e tinham muito apreço um pelo outro.

Os dois adquiriram o Trik de um grupo argentino, e de imediato aplicaram à casa um *upgrade*: o local, muito bem provido com doze frangueiras a carvão, tipo churrasqueiras, passou a ser badalado na mídia, resultando em um *point* vitorioso, atraindo consumidores de bairros vizinhos, sobretudo de Ipanema, Jardim Botânico, Humaitá e Botafogo.

O charme era o frango empanado com arroz e salada mas a demanda maior ocorria em função do delivery motorizado, rápido e eficiente, que Elias controlava com rigor – às vezes até checando o pedido por telefone, com um ou outro consumidor escolhido

aleatoriamente. No telefonema, ele verificava não só a satisfação com a rapidez da entrega do pedido, mas buscava informações a fim de melhorar a qualidade do frango assado e dos acompanhamentos do prato da casa. Puro marketing!

Elias, bom gastrônomo, sempre buscava encontrar um jeito de requintar o atendimento ao cliente... ou incrementando um condimento ou sofisticando o prato principal de uma refeição. Ele e o sócio ficaram quase dois anos com o Trik, vendido diante de uma proposta considerada, segundo Albano, irrecusável.

Em paralelo a tudo isso, Elias já havia ampliado iniciativas de fornecimento de serviços de bufê para festas, reuniões empresariais, congressos e acontecimentos sociais, aproveitando-se dos conhecimentos e experiência que acumulara ao longo de mais de uma década no comando do Bierklause. Como tinha muitos contatos, não demorou a encontrar as portas abertas de diferentes instituições públicas e privadas, e de empresas, a maioria multinacionais. Foi um período promissor, em que atendeu a numerosos eventos, entre os quais se destacaram os desfiles das escolas de samba na Marquês de Sapucaí, no Rio; a Festa do Carreteiro, em Guaratinguetá; e o Prêmio Brasil Mundial de Fórmula 1, no Rio e em São Paulo.

Elias não descuidava de aproveitar oportunidades no mercado da gastronomia e entretenimento. Já se tornara, inclusive, proprietário da marca Oba Oba, usada na famosa casa de espetáculos de mulatas, fundada pelo não menos renomado empresário, compositor e *showman* Oswaldo Sargentelli, na época trabalhando e residindo em São Paulo.

As eleições em 1982 ocorreram em 15 de novembro como parte do pleito geral nos então 23 estados brasileiros. O Rio elegeu o gaúcho Leonel Brizola. O novo governador, recém-chegado do exílio de uma década e meia no exterior, significou a promessa de trazer, em meio à ditadura militar, um sopro de democracia aos fluminenses e cariocas, com consequente ânimo na economia local. O movimento contra os militares no poder recrudescceu e a campanha nacional por 'Diretas Já' tomou as ruas do Rio.

Era um cenário que beneficiaria a classe média e, por extensão, o mercado de consumo e lazer, o que, no entender de Elias, poderia trazer impacto positivo para as casas noturnas da cidade. Ele não teve dúvida. Procurou dois parceiros e lhes fez a proposta de resgate do Oba Oba, apresentando-lhes de imediato o projeto da instalação da casa noturna no bairro do Humaitá. Tornaram-se sócios no

empreendimento e, com a obra do novo Oba Oba em andamento, os três foram a São Paulo e negociaram a volta de Sargentelli ao Rio. Sargentelli integrou o filho, Olavo, ao grupo. O jornalista Sérgio Cinelli, anunciou:

O inverno chegou trazendo o sol e a promessa de noites mais brilhantes a partir de julho. No próximo dia 19, o circuito botafoguense ganhará uma nova casa de espetáculos, o Oba Oba Sargentelli. O empreendimento está sendo montado no antigo Solaris, no Humaitá, com a direção do rotariano Elias Abifadel e de Olavo Sargentelli, aliados a um grupo alemão. O show de inauguração terá sua renda revertida em prol da Feira da Providência. Aguardem. (*O Globo*, “Filantropia”, coluna Nossa gente, 28/06/1983)

Segundo Toninho, para seu tio esse momento marcou outro importante recomeço como empresário, mas agora com largo fôlego comercial. Coisas boas continuaram chegando ao mundo de negócios de Elias. Logo no início de 1984, ele, Chico Recarey – dono de outra badalada casa noturna de shows de mulatas, o Scala, e de vários restaurantes na cidade – e a empresa Hellens venceram a concorrência para o fornecimento de bufês no local denominado “sambódromo”, que o governador Brizola, insuflado pelo seu vice, o antropólogo Darcy Ribeiro, fizeram construir por Oscar Niemeyer, inaugurado em prazo recorde. A construção da nova “passarela do samba”, do projeto e da maquete à realidade concreta demandou exatos cento e dez dias, marcando um novo tempo vitorioso para o carnaval e para os desfiles das escolas de samba do Rio.

Toninho acompanhou o tio em sua jornada prodigiosa de serviços de bufê no novo templo carioca dos sambistas:

Trabalhamos no Sambódromo, desde a sua inauguração. Tudo era novo.

O meu tio costumava dizer que estávamos colaborando para engrandecer no mundo, ainda mais, a maravilhosa festa popular do Rio e do Brasil. Cumprimos nossa missão por seis anos consecutivos.

Foram momentos impressionantes. Servíamos aos camarotes e ao pessoal da Riotur.

O tio tinha que administrar, a cada carnaval, a contratação de quase duas mil pessoas. Tínhamos mais de 800 garçons. Os auxiliares passaram de 400. Mais de 500 profissionais de cozinha, além de seguranças.

Éramos muitos e trabalhávamos harmonicamente para deixar os consumidores satisfeitos. A expansão nessa área foi tamanha que tivemos de fazer parceria com a Hellens, já a

partir do terceiro ano. No mesmo ano, pegamos a Festa do Carreteiro, aqui mesmo, em Guaratinguetá.

No recinto do evento eram instaladas dezenas de estandes de empresas do setor – petrolíferas, fretistas, montadoras, fabricantes de autopeças e de lonas. Enfim, companhias responsáveis direta e indiretamente pelo setor de cargas rodoviárias no país. Os expositores levavam técnicos de cada área para explicar aos caminhoneiros o funcionamento de seus produtos e serviços.

O acontecimento, grandioso em todos os aspectos, tinha como objetivo estreitar o relacionamento empresarial, profissional e pessoal dentro da atividade. Eram sete dias de festas, com mais de oito mil refeições por dia, cozinha industrial moderna dentro do parque. As compras e administração dos insumos – legumes, cereais, carnes, frutas, bebidas – ficava por minha conta. Nada podia faltar na despensa. O controle, rigoroso, tinha que ser total, minuto a minuto. Era um desafio encorajador manter o fluxo não só das refeições, mas dos petiscos e drinks. Um sucesso. Faturamento elevado. Satisfação geral.

Os consumidores tiveram atendimento excelente e comidas e bebidas de primeira. Realizamos seis festas, que eram anuais. O evento foi transferido para Curitiba e, alguns anos depois, voltou a São Paulo, mas passou a ser sediado em Aparecida.

Os bufês para eventos eram demandas lucrativas, recorrentes, mas pontuais, que Elias atendia com desembaraço e pontualidade. O empreendimento que passou a ocupar sua mente e seu coração, e que lhe injetava energia diuturnamente era o Oba Oba, que bombava na Zona Sul da cidade, com casa quase lotada toda noite! Tratava-se de um gigantesco espaço preparado para receber com conforto mais de quinhentas pessoas, que comiam e bebiam do bom e do melhor, com atendimento VIP, exclusivo e privilegiado, e assistiam aos espetáculos em um ambiente impregnado de muito som, samba, cuíca, pandeiro, tambores, bailados e rebolados de belas mulheres com minúsculos biquínis, cheias de plumas e paetês... tudo dentro de um cenário mágico e estonteante.

Para Elias, o Oba Oba tinha de ser – e era – um ponto de encontro entre a cultura popular afro-brasileira, cultuada nas periferias e nos morros da cidade, com a elite carioca e com os turistas do Brasil e de todas as partes do mundo. Ele dizia que a magia do local era inspirada no *ziriguidum*, *telecoteco*, *balacobaco*, *borogodó*, palavras com as quais seu amigo e parceiro Oswaldo Sargentelli, o encantador do Oba Oba, descrevia o fascinante espetáculo de mulatas e ritmos que criou.

A qualidade era a essência nos mínimos e máximos detalhes, nas menores e maiores particularidades da casa e não só de shows alucinantes das *mulatas nota*

dez, em todos os quesitos. Esse cuidado de Elias foi levado ao extremo. Se fosse apenas isso já seria o suficiente, mas não para o Bom Beduíno que, visionariamente, partiu para a realização de mais um de seus sonhos de negócios: transformar o show do Oba Oba em evento itinerante. Isso mesmo: o espetáculo deveria correr o Brasil e o mundo!

Na verdade, Elias pensava na importância da qualidade profissional dos integrantes do elenco de exportação. Ele colocou em prática outra aspiração que foi a escola de curso básico para as dançarinas; queria organizá-las, de modo a que tivessem seus direitos e obrigações e pudessem sindicalizar-se e pagar a Previdência.

O primeiro país a receber as “mulatas do Sargentelli” foi a Itália, que abriu para o Oba Oba um espaço nobre: o Teatro Sistina, em Roma. Tem-se uma clara ideia do êxito do time brasileiro junto aos italianos pela forma com que Carlos Swann divulgou a notícia. Praticamente um mês depois a coluna comprovou o sucesso da estreia. O entusiasmo do redator nas duas notas confirmou a expectativa de Elias diante do mercado externo para os shows do Oba Oba:

Um frisson tropical começa a excitar a imaginação dos italianos com a anunciada chegada a Roma, sábado, da trupe de 52 artistas de um show brasileiro que ficará mês e meio no luxuoso Teatro Sistina – dois mil lugares, Cr\$ 40 mil a entrada. O frisson é por conta do selecionado time de mulatas do Sargentelli, que os italianos conhecem da TV e revistas quentes, e enlouquecem apenas quando ouvem falar. O empresário Franco Fontana vai reforçar a segurança dos camarins, mas sempre haverá o doce risco de uma desfaltar o espetáculo e se incorporar à nobreza europeia. Ou à nomenclatura política local. (*O Globo*, coluna do Swann, 20/09/1984, p. 10)

Sargentelli, pilotando um esquadrão de oito mulatas e mais de 40 artistas, aterrou no Teatro Sistina – finíssimo, caríssimo, lotadíssimo. Na fila do gargarejo, entre a nobreza e a nomenclatura política, suspiros e sussurros. O público gostou (...) Sargentelli botou a cuíca para roncar e as mulatas para requebrar (...) Aplaudindo, na plateia, ao lado dos ricos e nobres esposos, diversas ex-sargentelites, hoje damas romanas. (*O Globo*, coluna do Swann, 18/10/84)

Assim debutou o projeto Oba Oba Europa, que chegou a ter grupos itinerantes e de grande sucesso em diversas capitais e grandes cidades do velho continente. Em Londres, Paris, Roma, Milão e Moscou as plateias heterogêneas aplaudiram o espetáculo brasileiro. A mesma receptividade aconteceu no México e nos Estados Unidos.

No Brasil, a campanha por Diretas Já fracassou em 1984, mas os movimentos pela democracia conquistaram uma vitória parcial em janeiro do ano seguinte quando Tancredo Neves foi eleito presidente pelo Colégio Eleitoral. Na semana de sua posse, Tancredo apresentou quadro inflamatório com dores abdominais, diagnosticado como diverticulite. Ele descartou internação ou intervenção cirúrgica antes da posse, mas na noite do dia 14 de março o agravamento do quadro clínico exigiu uma cirurgia de urgência. No dia seguinte, o vice de Tancredo, José Sarney, assumiu interinamente a presidência da República.

A saúde de Tancredo se tornou uma tragédia. Sucessivas cirurgias e a infecção generalizada acabaram por levá-lo a falecer, em 21 de abril. Sarney assumiu o cargo e teve o desafio da inflação como seu principal combate na economia, ao lado, é claro, do enfrentamento da recessão e crise generalizada herdada do governo militar.

Sarney, diante da expectativa da população de melhoria de vida com a volta dos civis ao poder, lançou, em fevereiro de 1986, um projeto para sanear a economia, o Plano Cruzado, com congelamento de preços por doze meses e a adoção do chamado “gatilho salarial”, isto é, reajuste automático de salários sempre que a inflação atingisse ou ultrapassasse os 20%. Sarney e sua equipe resolveram aprovar um abono de 12% sobre o valor real dos salários. Houve, claro, uma explosão de consumo.

Em ambiente tão propício, Elias, em 1986, assumiu o controle total do Oba Oba. Quem deu a notícia foi o jornalista Sérgio Cinelli:

O empresário e advogado Elias Abifadel conseguiu adquirir de seus sócios todas as ações do Oba Oba. Ele agora é senhor todo poderoso. A movimentação da casa vai de vento em popa. (*O Globo*, coluna Nossa Gente, caderno Botafogo, 04/03/1986, p. 13)

Elias, de imediato, deslanchou seu projeto de qualificação profissional das mulatas. Em 3 de março, o *Jornal do Brasil* noticiava o conteúdo do curso e início das aulas já na semana seguinte. Para tanto, escalou uma das principais repórteres da sua equipe, Mara Leonor Maia Caballero, prestigiada profissional que trabalhara em *O Globo*, nas revistas *Elle*, *Vogue* e *Desfile*, e escrevera a biografia da atriz Dina Sfat, *Palmas para que te quero* – obra conjunta de Mara e Dina, publicada em 1988, focando a vida da atriz e sua luta contra o câncer que a matou em 1989. Mara Caballero faleceu, aos 53 anos, em 23 de outubro 2003, em sua residência, no Rio, de parada cardíaca.

Eis a reportagem por ela assinada sob o título “Profissão: mulata. E com diploma”:

Como um Pigmaleão, Elias Abifadel, um ruivo sardento, pretende transformar mulatas em mulatas. O cenário é o Oba-Oba (do qual Elias é o proprietário) e a tarefa não menos árdua do que a do personagem de Bernard Shaw: há mais diferença entre a mulata (na cor) e a mulata (de profissão) do que sonha a plateia pasmada daquela casa noturna.

Para se chegar a Adele Fátima, o caminho não é fácil. Corpo escultural, sorriso alvo e rebolado estonteante não são suficientes, como imaginam algumas das moças já inscritas no “Curso Profissional de Formação de Mulatas”, organizado pelo Oba-Oba, com assessoria do Senac. Muito apropriadamente, foi convidado para a aula inaugural (terça que vem) o professor Darcy Ribeiro.

Abifadel justifica: “Ele é um homem da área de educação”. Se o professor Higgins transformou, com aulas de dicção e dança, a rude Elisa Dolittle em uma *lady*, o curso do Oba-Oba não faz por menos: vai ensinar dos princípios básicos de etiqueta social ao mais desenfreado rebolado. Ao final, quem passar na prova, vira mulata por profissão e ganha até diploma.

A mulata que quiser virar mulata deve se inscrever e passar pelo teste inicial: muitas estrias, gorduras à prova de regime e absoluta falta de jeito para dançar vetarão algumas delas. Apenas 30 serão aceitas no curso, que dura três meses (aulas duas vezes por semana) com o seguinte currículo: etiqueta e postura (ministradas por professores do Senac de dança afro e coreografia, a professora Jura Palma, balé e jazz (professor César Camargo) e até, por incrível que pareça, aulas de samba no pé (as professoras são duas expoentes do show do Oba-Oba: Maria Helena e Fátima Bijou).

Tal ensinamento se faz necessário, pois muitas mulatas jamais desfilaram no carnaval ou frequentaram escolas de samba. Outras vêm do interior paulista ou mineiro e só conhecem rebolado pela televisão. Um exemplo é a própria Maria Helena (a única mulata a participar com Joãozinho Trinta do “*réveillon* do rei do Marrocos”). Nascida em Feira de Santana, na Bahia, onde dançava samba de roda, “mais folclórico, jogando mais com os braços”, Maria Helena foi aprender samba no pé no Oba-Oba de Sargentelli. Ironicamente, na filial paulista dessa casa noturna.

“O que é preciso é ter ritmo” – observa a coreógrafa Jura Palma, formada em balé clássico e seguidora da escola de Mercedes Batista. É a mesma formação dos coreógrafos do Scala e da Plataforma, “os únicos lugares onde se pode assistir hoje a um frevo ou a um maracatu; no Municipal só apresentam *Giselle*, as autoridades não se preocupam com o nosso riquíssimo folclore”, reclama Jura Palma. Há um ano como coreógrafa do Oba Oba, ela luta com dificuldades para conseguir que as moças, além do rebolado, façam

um mínimo de coreografia, contem o tempo da música corretamente e levantem a perna um pouco mais alto, todas ao mesmo tempo. Tudo isso sem deixar de sorrir.

Mais do que esse aprendizado corporal, há um outro – subjetivo – que leva mais tempo. A cantora Iracema, atual apresentadora do espetáculo (trabalhou anos ao lado de Sargentelli), que o diga. Para chegar à sofisticação de uma Adele Fátima, aulas práticas não são tudo. É preciso orientação. Iracema – que já tem muitas “crias” fazendo sucesso e será a coordenadora do curso – faz o perfil de muitas iniciantes.

Chegam com o corpo sem nenhuma elasticidade (convencê-las a frequentar aulas de balé ininterruptamente nem sempre é fácil); falta um dente (pode não ser na frente, mas Iracema conversa muito para provar que a falha aparece num sorriso mais largo); e, mais do que tudo, é absolutamente necessário mandá-las jogar fora a peruca canecalon. “A gente tem de ter muita psicologia, e essa psicologia só se aprende na faculdade da vida” – garante Iracema.

“É tudo uma contribuição do Oba Oba à classe” – afirma Abifadel, que vai pagar 1 mil 800 cruzados ao Senac pelo curso de etiqueta e postura. Quem se inscrever, paga um preço simbólico de 50 cruzados, mas não tem obrigações de exclusividade com a casa se receber o diploma, caso aprovada.

Mais importantes do que as aulas de samba no pé e etiqueta social – no entender de Elias Abifadel –, são as aulas de “técnica profissional” que darão às mulatas o sentido do que seja profissionalismo: “Para não misturar as coisas, para tirar da profissão de mulata o sentido pejorativo.” (*Jornal do Brasil*, “Profissão: mulata”, por Mara Caballero, Caderno B, 03/03/1986, p. 6)

Mara Caballero complementou a reportagem com dois pequenos textos; em um deles, mostrou o perfil de duas candidatas a se tornarem mulata do Oba Oba, Alexandra Natália Sales e Rosa Ermíria dos Santos e, em outro, retratou uma das profissionais mais consagradas da casa, Maria Helena:

Elas [as candidatas] são assim...

O jeito de dançar de Alexandra Natália Sales, 21 anos, é mais para o sensual do que para o gingado do samba. Capricha nos biquinhos da boca e nos olhos semicerrados, enquanto passa a mão pelo corpo, emoldurado por um rosto que não aparenta mais de 15 anos. Um rosto que parece não saber o que tais trejeitos representam realmente.

De miniblusa de bolas, short estampado e sem maquiagem, Alexandra diz que aprendeu balé em sua cidade natal, Cachoeiro de Itapemirim (ES), onde desfilava ‘com joias, pérolas, diamantes e esmeraldas’ no Clube Jaraguá. Agora faz ginástica e musculação

em Campo Grande, onde mora, e adora dançar: “Fiz o maior sucesso no calçadão da Avenida Atlântica, no carnaval. Sambei a valer e os gringos me fotografaram.” O sonho é ser dançarina, porque ‘adoro esse negócio de cinema, de teatro’. Qual a última peça que viu? ‘Para falar a verdade, eu nunca fui ao teatro.’

Rosa Ermíria dos Santos, 19 anos, nascida em Penápolis, interior de São Paulo, um filho (de pai alemão) de pouco mais de 1 ano, nunca saiu em escola de samba: os pais não deixavam. No primeiro teste mostrou que tem jeito para sambar, mas algumas dificuldades nas posturas de balé: o quadril teimava em gingar para o lado. Frequentadora de boates e do Mab’s, restaurante da esquina de Prado Junior com Avenida Atlântica, Rosa Ermíria, rosa de plástico presa ao rabo de cavalo postiço, diz: “Eu corro atrás.” Algum sonho? “Eu nem posso dizer que tenho.”

...mas querem ficar assim:

Uma das mais requisitadas mulatas do Oba Oba, Maria Helena, 29 anos, afirma: para vencer em tal profissão, é preciso ter a cabeça feita, além dos atributos físicos: “É como jogador de futebol, pendura as chuteiras logo.” Maria Helena começou fazendo teatro, em Salvador, com o grupo Meta Scaffs (“até hoje não sei o que quer dizer isso”). Fez muito laboratório, casou com um jornalista, teve dois filhos e se separou.

Como sobreviver de teatro não dava, acabou mulata do Sargentelli. Hoje, adora o que faz, acha que também é arte é merece respeito: “Não me vejo como símbolo sexual ou objeto de consumo. Se quem está na plateia pensa assim, é problema de sua cabeça.” Ela sabe que ser mulata não é só rebolar. Estuda dança afro com Isaura de Assis e preocupa-se com a cultura negra. Falante, articulada, Maria Helena já fez pontas em filmes (contracenou com Michael Caine) na televisão, e é requisitadíssima para fazer comerciais. Já foi ao Japão, aos Estados Unidos, Espanha, Itália e Marrocos (“procuro sempre tirar algo da cultura de cada lugar”), tudo isso devido ao seu trabalho no Oba Oba, “que é uma vitrine”. A casa, aliás, é a única que permite a alguns de seus contratados viajar para o exterior de vez em quando.

Maria Helena veste-se com Evandro Jr., usa cremes naturais do Boticário ou da Margareth Ashton ingleses, “sem álcool, na base de geleia real, pepino e manteiga de cacau”. Maquiagem especial para negros, da Madeleine Munot, que compra nos Estados Unidos, onde adquire também produtos adequados para os cabelos dos negros: “Aqui no Brasil, você não vê negra fazendo propaganda de xampu; eles devem achar que a gente lava a cabeça com sabonete.” (*Jornal do Brasil*, “Profissão: mulata”, por Mara Caballero, Caderno B, 03/03/1986, p. 6)

Ainda em fevereiro de 1986, Elias conheceu o gerente de marketing da Shell no Brasil, Peter van Voorst Vader, que contratou a realização, em março, de uma festa no Oba Oba para a equipe McLaren, patrocinada pela petrolífera junto com Marlboro (cigarro) no Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, que acontecia todo ano no Rio, no Autódromo de Jacarepaguá. Foi uma celebração sensacional e homenageou o piloto Alain Prost, campeão da temporada anterior. Por tradição, os patrocinadores faziam em outros países cerimônias de abertura do prêmio para suas equipes em eventos formais, protocolares, solenes, tipo black. Peter, no entanto, resolveu inovar nesta consagração a Prost e sua equipe promovendo um entretenimento bem carioca, com as mundialmente famosas mulatas do Oba Oba.

Peter relembrou esse momento:

A fim de dar um toque especial à comemoração, contratei Zivaldo para fazer um desenho consagrador de Alain Prost, pela sua conquista do primeiro lugar na disputa do ano anterior. A criação de Zivaldo foi magnífica. Prost, ao volante, na chegada vitoriosa, com uma bela mulata sentada sobre os seus ombros e de braços abertos, para o alto.

Elias e eu ficamos extremamente exultantes com o resultado do evento, com a felicidade da equipe patrocinada pela Shell e com a satisfação dos convidados e diretores da companhia. Isso tudo nos aproximou e nos tornamos amigos.

Em final de dezembro, eu queria que meus amigos holandeses no Rio tivessem um revêillon mais interessante, assistindo aos fogos na praia de Copacabana. Aluguei de Elias o apartamento dele, uma bela cobertura, com localização privilegiada, na Avenida Atlântica para a passagem de ano. Foi um fato memorável para meu círculo de amigos, tanto que repeti a festividade por anos consecutivos. Elias, sua esposa e os filhos sempre comemoravam a entrada do novo ano no apartamento ao lado, também uma enorme e esplêndida cobertura, que pertencia à sogra dele.

Em meados do ano, Elias com mulatas em vários países e os shows do Oba Oba espalhados pelo Brasil, era só contentamento, embora não raro surgisse um fato preocupante. As sambistas que estavam em Lima, Peru, por exemplo, tiveram de conviver com um clima de guerra no país. Carlos Swann publica:

Segundo o empresário Elias Abifadel, as mulatas brasileiras que estão em Lima, à frente do show do Oba Oba Brasil, voltarão da capital peruana prontas para enfrentar qualquer frente de batalha. Elas vêm enfrentando as sistemáticas explosões de bombas terroristas na cidade e a última delas, domingo à noite, aconteceu em frente ao teatro onde o grupo se apresenta. O elenco, entretanto, decidiu manter a temporada, para felicidade do público local, que tem lotado a casa diariamente. (*O Globo*, “Atentado”, coluna do Swann, 26/06/1986)

Elias tinha equipe para cuidar da agenda internacional do Oba Oba, sob sua monitoria rigorosa, claro, mas delegava poder de forma a que pudesse, com tranquilidade, comandar os serviços de bufê em eventos, ao mesmo tempo em que abria parcerias do Oba Oba com empresas para shows exclusivos.

Com as Organizações Globo, por exemplo, acertou um acordo em torno do Operário Padrão, que o grupo de comunicação escolhia todos os anos no Brasil. O acerto consistia em fazer na casa uma apresentação especial para os trabalhadores originários de todo o país, que viajavam ao Rio como finalistas de seleção em seus municípios para serem agraciados com o prêmio do jornal *O Globo*. Elias se identificou com a premiação porque esta tinha como principal objetivo colocar sob os holofotes a figura do trabalhador. Exaltava a trajetória daqueles que labutavam com disciplina, dedicação e competência. Reconhecia a importância da proposta da iniciativa, que não era premiar o melhor e sim escolher um funcionário que representasse a empresa de forma exemplar. Um trabalhador que tivesse a admiração dos colegas e o reconhecimento de todos. O acordo durou quatro anos.

Ainda 1986, em julho, Elias estreou o espetáculo infantil *Guarda-chuva mágico*, em matinê no Oba Oba, com texto de Paulo Afonso Lima e enorme elenco que fazia a alegria da criançada. A apresentação acontecia aos sábados e domingos, com a casa sempre lotada, o que manteve a peça no ar por cinco meses.

No mesmo mês, Elias e os seus colegas empresários da noite Francisco Recarey, Cristóvão Leite de Castro e J. Martins fundaram a Associação Brasileira de Shows. A entidade tinha como objetivo fazer *lobby* em defesa dos interesses corporativos do grupo e promover eventos turísticos, visando a atrair visitantes brasileiros e estrangeiros para a noite do Rio.

Mas o fato que mais mobilizou Elias nesse mês de julho aconteceu dia 7: a formatura da primeira turma, após 90 horas/aulas, do curso de profissionalização de dançarina mulata, cuja implantação lhe deu enorme canseira. As articulações com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial/Senac e Riotur, parceiras na iniciativa, aconteceram com tranquilidade porque são instituições com atividades afins, portanto, experientes ao tratarem de profissionalização no setor turístico carioca. Mas, após o início das aulas, Elias se viu obrigado a percorrer, com diplomacia e paciência, um sinuoso caminho para tornar o curso o mais oficial possível.

Elias teve de superar dificuldades junto ao Ministério da Educação e Cultura (MEC). A proposta dele era que fosse dado ao curso de formação de mulatas um reconhecimento de treinamento técnico básico, até porque se tratava de curso de

curta duração. Conseguiu, depois de muito insistir e negociar com técnicos no Rio e em Brasília. Outra gestão importante que também exigiu firmeza ocorreu junto ao Ministério do Trabalho, visando o reconhecimento da atividade de mulata dançarina.

Tudo isso, porém, apesar dos percalços e da trabalhadeira burocrática, foi bem superado e Elias, cordial e festivo, recepcionou, na diplomação da primeira turma, numerosos convidados, inclusive concorrentes, donos de outras casas de shows de mulatas, além de jornalistas, servidores do MEC e do Ministério do Trabalho e familiares das formandas, acomodando todo mundo em torno do palco ornamentado para a ocasião.

À imprensa, Elias disse que a definição do conteúdo do curso foi entregue a orientadores profissionais, especialistas em direitos trabalhistas, beleza, etiqueta social, dança moderna, jazz, samba e danças afro-brasileiras. Ele conversou com o repórter Francisco Duarte, do jornal *Estado de Minas*, um de seus convidados para a noite da formatura:

O que queremos é dar estilo a essas artistas, que ambicionam o sucesso e terminam por abandonar o seu sonho por falta de apoio profissional. Incentivamos todas a terminarem o segundo grau em nível de instrução, mas temos até uma assistente social entre as formandas desta turma. A intenção é dar formação específica para a atividade e orientação trabalhista, sentido de direitos e obrigações como profissionais.

Proporcionamos a elas palestras com psicólogos, advogados e orientadores de carreira, além de treinamento em técnicas de maquiagem e automaquiagem para dia e para noite; kit com harmonia de cores e preparação da pele negra; treinamento de manequim para desfile (caminhada e postura corporal e social) e etiqueta social.

Houve inclusive noções de corte e costura e de gastronomia, neste item elas receberam informações até sobre melhorar uma atividade simples, tipo como botar e servir uma mesa de refeição ou fazer um conserto de roupa emergencial. Não esquecemos de apresentar-lhes informações básicas sobre garantias contratuais, de orientá-las para a sindicalização a fim de que passem a contar com apoio médico e jurídico em sua carreira.

O curso produz uma dançarina, mulata por etnia e graça natural, com a imagem e comportamento adequados ao público nacional e internacional, que a prestigia. Ela é uma artista que mostra as raízes da arte brasileira da dança e deve ser bonita e bem cuidada, sob todos os aspectos.

A imprensa descreveu a formatura da primeira turma do curso de mulata e, ao particularizar as atitudes e sentimentos de bailarinas e de seus familiares, mostrou como e por que a iniciativa de Elias abriu oportunidades para a realização de sonhos

das jovens bailarinas, afrodescendentes ou não, muitas moradoras de comunidades do subúrbio ou dos morros do Rio:

Para a doméstica Maria Luzacir, uma nortista de 22 anos, não houve gagueira ou tropeço no palco que lhe roubasse o brilho da noite. Era terça-feira, fazia muito frio lá fora, mas ela estava suada e orgulhosa. Algumas horas antes, a ansiedade foi indomável e, só por isso (como justificaria mais tarde no camarim), não sambou como sabia, errou ao falar francês imitando uma africana e deixou de rir sempre que cravava os olhos na plateia – e então se lembrava das instruções da professora e era aquele desastre, acabava rindo em hora imprópria. Mas saiu-se bem, afinal o público que lotou o Oba Oba não foi econômico nos aplausos e Luzacir não teve dúvidas de que agradou – “essas coisas a gente sente, não dá para explicar”. A partir daquela noite, havia se transformado em mulata. Mulata profissional.

Foram 90 horas de curso para Luzacir e mais 41 mulheres, entre 16 e 30 anos, brasileiras, quase brancas ou quase negras, capazes de enquadrar-se na categoria nacional de pele para exportação: mulata. Mas como para ser produto final não basta ter nascido com a cor abençoada por Deus, europeus e americanos, uma das centrais de distribuição carioca de mulatas, o Oba Oba, no Humaitá, transformou-se em sede para seu primeiro curso de profissionalização. Com a coordenação do Senac e apoio da Riotur, a turma que estudou durante os últimos três meses mostrou anteontem ao respeitável público tudo o que as mulatas – depois de aulas de etiqueta e samba – sabem fazer.

Não faltou discurso na noite de formatura, lido pelo emocionado Elias Abifadel, o dono do Oba Oba e idealizador do curso – “precisamos elevar a categoria e sindicalizar as mulatas”. Mas quando o empresário afinal tomou o microfone era mais de meia-noite e a plateia já sabia todas as razões por que havia sido convidada para o espetáculo. No show que durou duas horas, a turma literalmente exibiu sua melhor forma. Usando biquínis de paetês e porta-seios de lamê, fantasias carnavalescas e as infalíveis sandálias com salto de dez centímetros, as mulatas sambaram como destaques de escolas de samba, contorceam-se como filhas de Oxum e alongaram-se numa sessão única de ginástica, como garotas de Ipanema.

Delírio para o *cameraman* Hermann Engel, que filmou o show para a TV alemã ZDF certo de que enviaria um *tape* capaz de enlouquecer seus compatriotas. Alguns metros do robusto Engel, empresários da noite carioca, representantes da Riotur, penetras em geral e tias mulatas emocionavam-se com sobrinhas que cumpriam outro destino: “Ai, como Janete Jane está linda.”

Janete Jane estava desinibida e gostosa, para tormento do noivo, Carlos José Toledo, 21 anos. Discreto em jeans recém-lavados e cabelos úmidos, o ajudante de cozinha foi

ao Oba Oba só para ver sua mulata receber o diploma de mulata. Quase não juntou, mas assegurou que não era por causa do ciúme, não, era só nervoso. E se ela resolver trabalhar mesmo na noite, o noivado continua? Carlos José afirma com a cabeça e o amigo Wagner de Lima vem para socorrê-lo no momento difícil:

– Até que é bom a gente ter uma noiva que todo mundo acha bonita.

Menos sorte que Janete Jane teve Rosimary Pereira Oliveira, de 22 anos, cujo noivo recusou-se a comparecer em noite tão importante. No camarim, entulhado de perucas, plumas e tiras de lamê, Rosimary sentiu falta do garçom com quem namora há dois anos. Ele não iria, mesmo porque não quer vê-la mulata, ainda que ele diga que não tenha só pele, mas também “sangue de mulata”. Essa é uma pedra nas sandálias prateadas de Rosimary, que, mesmo saudosa, não deixou de cair no samba:

– Ah, quando a gente sobe no palco, o sangue ferve, não tem jeito. Quero mais é requebrar, é tão gostoso. Às vezes, a gente não sabe o que fazer, se atrapalha com as outras, mas sempre dá para inventar qualquer coisa.

Se a mulata-mor ouvisse, não iria gostar nada. A roteirista do show e professora de manequim do Senac, Ilan Amaral, quase chegava à histeria a cada vez que suas alunas se atrapalhavam no palco. Aos 34 anos, morando em Paris há quatro anos, onde trabalha como manequim da grife Paco Rabanne, ela diz ter vindo ao Brasil só para coordenar o curso. Durante todo o show, comandava a entrada e saída das mulatas, ajudando-as a cantar no microfone.

Tudo perfeito, se Ilan não fosse do tipo que não suporta falhas:

– Acenda-me um cigarro e diga o que você está achando. Viu como aquela menina não conseguiu falar uma palavra direito em francês? Pelo menos, eu pude segurar, porque, modéstia à parte, sei falar francês muito bem.

Na parte do show em que as alunas precisariam falar várias línguas, cada uma vestida com uma roupa típica de um país, de fato houve motivo para Ilan quase roer suas belas e longas unhas. Mesmo sem precisar converter seu boa noite para outra expressão idiomática, a fiscal Nazareth Claudina, de 30 anos, tímida, nos trajes portugueses, mal conseguiu aproximar-se do microfone. Quase chorou quando a plateia pediu que ela falasse e resolveu desistir da apresentação, indo direto juntar-se às mulatas vestidas de japonesa, africana ou espanhola. Logo Nazareth, que queria tanto dar um show para, quem sabe, vir a ser contratada pelo Oba Oba e dar vida melhor para a mãe, com que mora na Ilha. Constrangida no camarim, Nazareth olha com reprimida inveja para as colegas mais desinibidas. Ela não faltou a um dia de curso e jura ter se esforçado para aprender tudo. Até andar, lembra Nazareth, já andava diferente.

Marcia Andrea, de 18 anos, e Leonora Vida, de 20, mal tinham tempo para prestar atenção a Nazareth. Elas são altas, bonitas e, como confidenciou Ilan, seriam candidatas para trabalhar no Japão e na Itália.

Só para viajar ao exterior que a longa Marcia, de 1,80 m, poderia pensar em seguir a profissão de mulata. Ela assegura ter feito o curso “apenas para incluir mais uma coisa no currículo”, porque sonha mesmo em ser estrela de passarela, como manequim.

Quem não fez o curso com o mesmo objetivo de Marcia só queria saber de portar-se no palco como Gloria Cristal, que sozinha fez uma apresentação durante o show. Porque a Gloria já conseguiu, antes dos 30 anos, dois empregos capazes de causar arrepios de inveja em qualquer mulata recém-formada: é contratada do Oba Oba e atriz da TV Globo. É a própria Gloria, que se considera Sonia Braga das mulatas, quem comentava no camarim, ansiosa:

– Ser mulata é a melhor profissão do mundo, porque você passa a ser dondoca. Todo mundo te trata assim, ó, na palma da mão. Eu às vezes me sinto um bibelô e gosto muito disso. Pagam pouco para os bibelôs em começo de carreira.

Gloria não revela o salário. As mulatas que se formaram agora, se contratadas por qualquer casa noturna do Rio, vão começar recebendo o salário mínimo. Elas reconhecem que a quantia não basta para os sonhos, mas no caso de Maria Luzacir, por exemplo, o salário será o dobro da sua renda atual (ganha Cz\$ 600,00 como empregada doméstica em Copacabana).

“Todo começo é difícil”, lembraria o empresário Elias Abifadel, que não sabe ainda quantas mulatas vai escolher para trabalhar em sua casa, no Humaitá. Há falta de mulatas no mercado, ele assegura, reconhecendo que são muitas as exigências para que elas se transformem em profissionais. Como lembra Marcia Andrea, as 200 candidatas foram examinadas “como cavalos”, não podia ter gordurinhas fora do lugar, celulites ou falhas nos dentes.

Mas o requisito mais importante, afinal, foi temporariamente esquecido porque, senão, o curso seria reduzido a três alunas – mulata de sucesso garantido deve ter traço de branca: “Realmente não é para qualquer uma”, admite Ilan Amaral. Em sua opinião, mesmo que não tenha um nariz afilado e boca bem feita, uma mulata pode ser deslumbrante no palco e imbatível em sua profissão se “aprender a ser mulher”. Essa tarefa a manequim também ensina. Como? “Na aula de etiqueta social”, responde ela. (*O Globo*, “Mulatas passam, indomáveis, pela prova de fogo”, por Isa Pessoa, Caderno B, 10/07/1986, p. 1)

Elias considerou que, após a formatura da primeira turma, a mídia repercutiu de forma muito auspiciosa os esforços das equipes do Senac, da Riotur e do Oba Oba,

no sentido de viabilizar às bailarinas opções de uma vida melhor pela qualificação profissional. Ele estava satisfeito também com os resultados das apresentações das mulatas no exterior, que seguiam triunfantes.

Otimista, Elias de repente se viu diante de um percalço. A presidenta da Sociedade União Internacional Protetora dos Animais (Suipa), Marília Pinheiro, acusou-o de maltratar três casais de aves – papagaios, tucanos e araras – presos em uma enorme gaiola instalada no hall de entrada do Oba Oba. Segundo *O Globo*, de dez de março de 1987, Marília informara que já tinha denunciado ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) a utilização indevida dos animais pela direção da casa.

A acusação de Marília baseava-se no decreto 24.645, de 10 de julho de 1934, que proibia tratar os animais com crueldade e definia como maus-tratos a sua manutenção em lugares anti-higiênicos ou que lhes viessem a impedir a respiração, o movimento, o descanso e lhes privassem de luz solar. De acordo com Marília, as aves, acostumadas a dormir ao anoitecer, estavam convivendo com o barulho dos carros, porque as gaiolas foram instaladas de frente para a rua, com o monóxido de carbono das fumaças e com as lâmpadas da casa acesas, o que as levavam à exaustão. Marília informou ao jornal que as aves já tinham sido retiradas dali, depois que a fiscalização do IBDF visitou o estabelecimento, mas, dois dias depois, elas foram ali recolocadas, com luzes as iluminando à noite. A presidente da Suipa acrescentou que as aves estavam sendo atração turística e que vinham sendo exploradas para reafirmar a linha tropical dos shows da casa.

Elias, na mesma reportagem, negou que as aves estivessem sendo mal e ilegalmente tratadas, informando que, pelo contrário, eram alimentadas com sementes de girassol, suplementos e frutas da época. Quanto à acusação de desrespeito à legislação, Elias confirmou que o IBDF solicitou a remoção das aves das gaiolas até que algumas alterações fossem feitas, como o aumento do seu espaço e a retirada das lâmpadas internas. Ele fez o que os fiscais exigiram, ampliando a gaiola para três metros de largura por dois de altura, dividindo-a em três compartimentos, um para cada casal de aves, e eliminou a luminosidade interna, mantendo apenas a luz, mais fraca, no corredor de acesso ao hall.

“Ganhei estes bichos e fiquei com receio de deixá-los em minha fazenda, em Taubaté, porque meus cachorros poderiam amedrontá-los. Então, pensei que poderiam ficar aqui na casa, como uma forma de divulgação dos animais silvestres do Brasil. Minha

intenção, ao trazê-los para o Oba Oba, foi protegê-los de possíveis maus-tratos. Aqui as aves têm espaço e recebem cuidados de um veterinário.”

Para atender à Suipa, Elias procurou um zoológico interessado, em São Paulo, e doou os animais.

O caso das aves foi uma contrariedade logo superada por novidades positivas. Já a partir deste mesmo mês de março, Peter Vader contratou de novo evento no Oba Oba para a equipe McLaren. O acontecimento teve um brilho inusitado porque, além do pessoal da escuderia, estiveram presentes outras equipes, concorrentes, o que deu uma repercussão especial ao espetáculo das mulatas.

Peter falou de sua satisfação por ter contratado Elias, nesse ano, para fornecer o bufê para a sala VIP da Shell, no Autódromo de Jacarepaguá:

Mais uma vez, Elias foi um grande parceiro da Shell. Éramos exigentes na qualidade dessa gastronomia porque, além de nossa diretoria, recebíamos na sala VIP executivos de grandes clientes – montadoras, empresas aéreas, aviação particular, empresas de transportes rodoviários, autoridades, políticos e artistas. Nesse mesmo ano, contratamos shows de mulatas do Oba Oba para o nosso estande na Festa dos Carreiros, em Guaratinguetá. Mais uma vez, inovamos ao apresentar por três anos seguidos nossos lançamentos, atraindo clientes através de espetáculos apresentados por dançarinas maravilhosas.

Toninho, que trabalhou com Elias no Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, falou com entusiasmo sobre a agitação que viveu ao lado do tio:

No autódromo, começamos servindo ao camarote da Shell e à sua equipe McLaren. Em seguida, passamos a atender a demanda de outros grupos da F1, como a Honda, e às empresas estrangeiras e nacionais de comunicação e televisão. Tínhamos consumidores o dia todo para os nossos bufês.

A transmissão televisiva e a cobertura jornalística da competição começavam às oito horas, no Rio, e às onze horas eram ampliadas para os demais estados. Flashes ao vivo mostravam a animação do público chegando e se acomodando nas arquibancadas, os preparativos das máquinas nos boxes, a movimentação nas pistas. A prova começava a ser transmitida às 12h30, com a imagem de uma câmera instalada em um helicóptero, que exibia uma visão geral do autódromo. Atendíamos à demanda contínua por comidas e bebidas; eram centenas de pessoas em todos os cantos, principalmente nos camarotes. Uma maravilha.

Ainda em 1987, Elias resolveu impor-se uma nova tarefa no sentido de inovar o conteúdo dos espetáculos do Oba Oba no Brasil, tanto no Rio como em outros

estados. Ele aproveitou para implantar mudança na concepção das representações comerciais da marca Oba Oba no país. Eis a notícia auspiciosa:

O Oba Oba, quem diria, está mudando. Antigo templo exclusivo de samba e mulatas, está abrindo hoje sucursal em Recife, sob o comando de Elias Abifadel. Uma sucursal pernambucana da casa de shows, mas com uma novidade – menos samba e muitos números do folclore nordestino. E, como se não bastasse, (Elias) está formando, no Sul do país, um time de bailarinas loiras para dividir com as mulatas o palco da casa no Rio, atendendo a sugestões de seus frequentadores mais assíduos. (*O Globo*, coluna do Swann, 22/07/1987)

A alteração incluiu a representação mais antiga do Oba Oba fora do Rio, a de Foz do Iguaçu, transformada em sucursal, com sócios locais. Em 1988, no início de fevereiro, enchentes devastaram o estado do Rio. Em consequência de desabamentos, foram registradas 273 mortes, sendo 78 no município do Rio, onde o caso mais grave aconteceu no bairro de Santa Teresa, com as toneladas de pedra e terra que rolaram sobre a Clínica Santa Genoveva, soterrando quarenta pessoas, pacientes e funcionários... uma tragédia que traumatizou a população.

A Riotur cancelou o desfile das escolas de samba campeãs, festa que ocorre no Sambódromo, no sábado seguinte às duas noites (domingo e segunda-feira) de competição entre as agremiações carnavalescas.

Em entrevista concedida à imprensa, Elias elogiou diversas providências da Riotur decorrentes do caos que as enchentes trouxeram à cidade e ao turismo local, mas criticou o cancelamento do desfile das escolas campeãs:

Quem se propôs a prestar esses serviços [fornecimento de bufê] em todo o Sambódromo precisou para isto criar uma infraestrutura com apropriação de matéria-prima e de pessoal especializado. No nosso caso, por exemplo, foram contratadas mais de mil pessoas, sem contar a participação indireta de quem nos entregava mercadorias, e do pessoal do transporte.

Veja você que, a partir desse cancelamento, tivemos cortado um terço da programação. Creio que seria muito melhor ter sido realizado o evento com a renda destinada a socorrer os flagelados, mesmo porque isso traria inúmeras vantagens. Primeiro, mostraria ao Brasil e ao mundo que o Rio não se acabou e que a vida continua. Considerando o pequeno fluxo turístico desse ano pela imagem negativa da cidade, com poluição de ar e do mar, falta de segurança, violência urbana, e, se não bastasse, os últimos acontecimentos acompanhados de leptospirose.

Veja você, foram enormes os prejuízos causados à hotelaria, às agências de viagens e a todo o segmento do turismo. E mais: às vésperas de outro grande evento no Rio que é a corrida de Fórmula I (...) Essas imagens negativas fatalmente reduzirão a vinda ao Rio de turistas brasileiros e, principalmente, estrangeiros.

A vida não pode parar! A realização do desfile das campeãs abrandaria essas imagens e devolveria um pouco da tradicional alegria aos cariocas. Acrescente-se a isso que o trabalho sério do presidente da Riotur, Alfredo Laufer, e de toda sua diretoria, levou a entidade a ter lucro pela primeira vez no carnaval e nós empresários, que pagamos para participar do carnaval, sentimo-nos gratificados por ter contribuído para esse lucro. Sentimos que nosso investimento e contribuição não foram em vão, graças à competente direção da Riotur.

Entretanto esse lucro que poderia ser aumentado com o destile de sábado está arriscado a desaparecer ao ser devolvido o que já foi pago pelo público. É claro que, repito, em que pese todo o triste acontecimento das enchentes, o certo seria, em vez de ficarmos lamuriando sobre ele, recuperarmos a imagem da Cidade Maravilhosa, o máximo possível. O desfile das campeãs seria um importante passo nesse sentido. A cidade só se beneficiaria com isso. (*Jornal do Brasil*, coluna Comer&Beber, por Mirson Murad, 23/02/1988)

Pragmático, mas insistente em focar os efeitos sociais de qualquer decisão, sobretudo governamental: era essa a atitude habitual de Elias!

Segundo Toninho, o tio não teve prejuízo com o cancelamento do desfile das campeãs, porque sempre era prudente na programação e gastos com infraestrutura e matérias-primas, mas não lucrou o esperado.



O dia da Abolição da escravatura, 13 de maio, em 1988, caiu numa sexta-feira. O *Jornal do Brasil*, cinco dias antes, homenageara os negros com três importantes textos, escritos por Wilson Coutinho. Vale registrar que o jornalista e crítico de arte Wilson Coutinho foi assessor especial da Secretaria Estadual de Cultura do Rio e crítico de arte do *Jornal do Brasil* e de *O Globo*. Foi curador do Museu de Arte Moderna do Rio e, além de mestre em Filosofia pela Universidade de Louven, na Bélgica, com tese sobre Nietzsche, Coutinho foi curador do Museu de Arte Moderna, sendo um dos responsáveis pela vinda ao Brasil da obra de Camille Claudel. Ele escreveu, em 1998, o perfil literário de João Ubaldo Ribeiro, lançado pela editora Relume-Dumará.

Morreu, em 2005, vítima de enfarto, em seu apartamento, em Laranjeiras (Zona Sul do Rio), quando contava apenas 56 anos.

Mas a abordagem principal da matéria do *Jornal do Brasil* foi uma bela reportagem, a partir do trabalho de Elias Abifadel com as mulatas no Oba Oba. Os outros dois textos foram com o ator e cineasta Zózimo Bulbul (1937-2013) sobre a Abolição e a respeito da pouca presença de negros na tevê e propaganda no Brasil.

Quanto ao Oba Oba, Wilson Coutinho mostrou, que, “unindo miscigenação e sexualidade, a mulata dança em shows noturnos, exporta um tipo de beleza brasileira e não sabe qual é a sua verdadeira cor”:

Os atabaques estão rufando diante de palmeiras pintadas de amarelo, enquanto três negros seguem o ritmo da capoeira. É um ensaio da casa noturna ObaOba, que juntamente com a Plataforma e o Scala são os templos das mulatas no Rio de Janeiro. Meia hora antes, cerca de 150 turistas tinham aplaudido um show em que alguns deles subiram no palco e dançaram com as semidespidas mulatas, ao som de Cidade Maravilhosa.

“ObaOba é a marca mais reconhecida no exterior”, afirma o seu proprietário Elias Abifadel, um fazendeiro de Taubaté. A marca também é cara. Para ter o seu direito, ele a comprou por 220 milhões de antigos cruzeiros, mas parece que foi um bom negócio. Há um ObaOba na Foz do Iguaçu e um show produzido pela casa que ficou sete meses na Itália e irá estreiar na Broadway. O ObaOba é alegria, mas sobretudo é mulata. É este o seu negócio.

Para despi-las, paga caro. Um biquíni de apenas dois centímetros sai por 8 mil cruzados, e o custo do Éden aumenta quando estão no palco, diariamente, das 23h a 1h da madrugada, cerca de 24 moças. O ObaOba vive do turismo e pretende ser sério. “Tirei do show piadas que só brasileiros entendiam e acabei com o negro no pandeiro sorrindo para os bumbuns”, afirma o proprietário. “Colocamos nos nossos shows músicas folclóricas”, completa o maestro Vicente Fraga, que abre o espetáculo com as músicas *Canta Brasil*, de Alcyr Pires Vermelho, e *Tristeza*, de Niltinho e Haroldo Lobo.

O Brasil canta, a tristeza vai embora. É o país do artifício, numa casa de 500 lugares, ornados com 15 painéis que representam mulatas desenhadas por Ziraldo, encimados com uma auréola de neon, onde estão escritos os nomes das vedetes. Flor da pele brasileira, elas dançam, cantam, rebolam, algumas mostrando seios nus, outras o traseiro. Ganhando de 10 mil a 60 mil cruzados por show, elas exibem um dos mais cobiçados produtos do PIB nacional, fugindo da marginalização. O que o futuro reservava para cada uma dessas moças? A casa da madame, a sinhá mandando na cozinha,

enquanto ela trabalha e o ioiô que entra pelo seu quarto de empregada doméstica para experimentar pela primeira vez o amor.

Dançando, estão livres disto. “Mais de mil delas conseguiram ótimos casamentos na Europa, garante Abifadel, lembrando uma de suas dançarinas, que telefonou para ele da Alemanha, do seu próprio automóvel, enrolada em quentes e luxuosos casacos de pele. “Quero que haja muita mulata no Brasil”, pleiteia. “Claro que para abrir dez Oba Oba”, rebate a cenógrafa da casa, a negra Jurandir Palma, da escola de Mercedes Batista e militante do movimento negro. Influência ou não de suas estrelas, o Oba Oba não vai comemorar o 13 de maio (dia da libertação dos escravos). “Mas no dia 20 de novembro, dia de Zumbi dos Palmares, mártir negro, terá festa”, avisa Abifadel. O apresentador do show será um negro”, admite a concessão.

Cenário artificial do Brasil, com suas palmeiras pintadas, paetês e biquínis sumários, o Oba Oba não atrai só os turistas. A antropóloga Sônia Maria Giacomini, do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser), que frequenta a casa noturna, na Rua Humaitá, a fim de coletar material para sua pesquisa “Profissão: mulata”, afirma que elas estão lá porque querem fugir de empregos subalternos e, também, porque gostam de dançar. Já encontrou manicures e até pediatra. “Gueixas dos trópicos? No Japão, existe uma séria iniciação. Aqui, existe uma montagem artificial”, afirma. Há também uma rigorosa seleção estética, diz. Produto brasileiro de exportação, cantada e louvada por autores como Gilberto Freyre ou Jorge Amado, mulata parece ser o momento em que o branco não fica branco, nem o negro fica negro. Ela é a salvação e o álibi mais perfeito da democracia racial, além de ser grande sedutora, servindo para os delírios do leito, enquanto a negra pura vai para o batente e as brancas servem para casar.

Modelo de um país que não pretende ter problemas raciais, a mulata consegue instalar-se em *stands* de festas governamentais, representa a beleza do país no exterior, mostra que estamos à frente dos Estados Unidos e da África do Sul. “É um produto brasileiro, mas nunca é mulher de nenhum diplomata”, lembra Giacomini. A mulata é a visão do paraíso. “Ela é um estereótipo que une mestiçagem com sexualidade”, opina Giacomini. No ObaOba, um italiano pelado pulou uma noite no palco. A Europa se curva. Tinha encontrado o Eden.

“As relações interacionais estabelecem-se fora do casamento, mesmo na África do Sul, onde há o *apartheid*, existe mais miscigenação do que no Brasil. O que há é esta ideologia do embranquecimento”, observa a historiadora Beatriz Nascimento, que conta na sua vida com um casamento com um negro africano e um branco judeu. O racismo foi maior com o negro. “Acontecia nas filas dos ônibus, nos restaurantes e até na rua, quando nós nos beijávamos. Com meu marido branco, as pessoas se assustavam menos, porque podiam me ver como uma prostituta.” O negro, estigmatizado pela sexualidade, sofre

se por acaso a exhibe com outro negro. O branco quer ser o senhor após cem anos da Abolição.

“Quando nós nos expressamos na forma ‘meu nego’, ‘minha neguinha’, o que desejamos inconscientemente é capturar o negro, devolvê-lo à condição de escravo pelo temor que ela seja diferente de nós”, sugere o psicanalista Wilson de Lyra Chebaby, coautor com Carmem Glória da Conceição Dias, do ensaio *Psicanálise e negritude*. O negro, segundo Chebaby, não é só uma realidade externa, mas representa tudo que é obscuro na vida anímica. “O inconsciente é negro”, afirma.

É aí que a mulata entra, símbolo maior da sexualidade, permitindo sonhar com desejos irrefreáveis, corpo devolvido ao estado de servidão. “A mulata tornou-se um fetiche do desejo do branco”, diz, lembrando que a palavra ‘feitiço’ tem sua raiz em ‘fetiche’. A mulata enfeitiça, rebola, dança e canta. O ObaOba e outras casas do gênero faturam.

“Há uma atração do mercado pelo exótico, observa Peter Fry, antropólogo inglês, com 16 anos de Brasil e atualmente representando a Fundação Ford. “O que me chama a atenção é que não existe nenhuma companhia afro-brasileira dançando, mesmo que seja para inglês ver”, nota ele. Para turista ver há o requebro das mulatas em shows de casas noturnas. Pura atração para o corpo. Fry acaba achando que há muita mistificação. “Nunca um amigo meu veio me dizer que gostava de transar com elas”, diz. Dançando entre palmeiras artificiais, vestidas com caríssimos dois centímetros de tecido, vivem na ambiguidade de não serem nem negras, nem brancas. “O ObaOba só aceita mulata bonita”, orgulha-se Abifadel. O espetáculo não pode parar. (*Jornal do Brasil*, Wilson Coutinho, 09/05/1988)

Inflação, congelamento de preços, planos econômicos, custos dolarizados e outras mazelas, misturados à dificuldade com a dívida pública e com a moratória, em 1987, da dívida externa marcaram 1988. Foi um período de novas perdas para a classe média e para o trabalhador. Ruim para o consumo, pior para Elias, que, à frente do Oba Oba, viu, na queda da clientela, o impacto da instabilidade social no país.

Apesar de tudo, prevalecia no horizonte, não apenas para Elias mas para o povo brasileiro, um sopro de esperança em dias melhores, com a discussão e promulgação da nova Carta Constitucional, marco jurídico da transição para a democracia e da institucionalização dos direitos humanos no Brasil.

O ano de 1988 foi de eleições municipais e véspera do primeiro pleito direto, em quase três décadas, para presidente da República. É o que veremos a seguir.



Elias e Maria Angela, prêmio na Alemanha



Elias homenageia a atriz Wilza Carla e o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, no Oba Oba



Sempre de braços abertos...



... Elias recebe os amigos Sérgio Cabral, jornalista e crítico de música, e Ziraldo, no Oba Oba

Vida em movimento

NO FINAL dos anos 1980, Elias amadurecia e refinava a qualidade de seus projetos. Seu entusiasmo era notável, apesar da crise econômica que persistia no país. Ele se fiava mais na volta da democracia, o que, em sua perspectiva e na de grande parte da sociedade, estaria possibilitando uma reorganização social com perspectivas de melhoria na qualidade de vida da população.

A década de 1980, no âmbito da economia, foi de fato de baixo crescimento do PIB, inflação em alta, queda na produção industrial, arrocho no poder de compra dos salários, o que trouxe queda vertiginosa nas médias de crescimento das cinco décadas anteriores. Foram anos difíceis não só para Elias, mas para todos os pequenos e médios empresários – comerciantes e industriais.

Mas, sob o ponto de vista político e social, o período foi muito positivo, pois não apenas se formaram e se firmaram representativas entidades associativas e surgiram partidos políticos populares – como resultado de maiores mobilizações das pessoas – como se abriu uma nova fase histórica para o país. Foi um período marcado pelo fim da ditadura e pela promulgação, em 5 de outubro de 1988, da nova Constituição, aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988.

A Carta ficou conhecida como “Constituição Cidadã”, por ter sido concebida no processo de redemocratização. A cientista política Maria Izabel Mallmann, em *Os ganhos da década perdida*, mostrou com muita clareza as contradições daqueles tempos: “Apesar das dificuldades dos anos 1980, pode-se dizer que a democracia foi um dos ganhos políticos da década economicamente perdida.”

A atividade de Elias era intensa no último trimestre de 1988. Sem tirar a atenção de alguma oportunidade de investimento, ele focava as movimentadas noites do Oba

Oba, os shows das mulatas no Brasil e exterior, o fornecimento de bufês em eventos e as fazendas em Taubaté, isto em meio à agitada vida política do país com eleições em mais de cinco mil municípios.

Sua convivência com Peter Vader, da Shell, já beirava três anos, período em que ambos trabalharam cooperativamente em vários eventos bem-sucedidos da petrolífera. Foi natural, portanto, o surgimento de um relacionamento de profunda confiança entre os dois. Elias, sem perda de tempo, adotou o amigo como seu consultor para pequenos ou grandes negócios.

Peter Vader diz:

Elias perguntava minha opinião assiduamente, qualquer que fosse a iniciativa comercial de seu interesse. Ele admirava a minha experiência como profissional de marketing.

Certo dia, em dezembro de 1988, ele me telefonou e me disse que um ponto comercial, localizado na Avenida Atlântica, iria a leilão. Tratava-se de uma loja que pertencia à Vasp-Viação Aérea São Paulo, empresa aérea que estava em situação falimentar e que era controlada acionariamente pelo governo do estado de São Paulo. A Vasp usava o local para vender passagem. Elias me disse que estava pensando em participar do leilão e queria saber se eu achava que seria um bom negócio, e mais: ele me perguntou o que deveria fazer com o imóvel, caso o arrematasse.

Disse-lhe que poderia, sim, ser uma boa oportunidade de investimento, porque afinal se tratava de um imóvel em uma das praias mais famosas do mundo. Por coincidência, na mesma semana, conheci um trainee do grupo Vendex, multinacional dona da rede Bob's. Estávamos em uma festa de aniversário de um amigo meu do banco holandês ABN.

Convidei o trainee para dar uma volta. Saímos da festa e eu o levei à Avenida Atlântica, mostrei-lhe a loja, na esquina privilegiada com a Rua Djalma Ulrich, e lhe disse que naquela orla da praia de Copacabana não havia loja de fast-food. Ele me disse que seria uma excelente oportunidade para a expansão da rede Bob's no Rio. No dia seguinte, liguei para o Elias e lhe disse que tinha interesse em participar com ele do leilão do imóvel.

Logo vieram o Natal e as festividades de final de ano e *réveillon*. Apesar das atribulações que os eventos traziam para seus negócios, sobretudo nos shows do Oba Oba e serviços de bufê, Elias buscou cumprir com rigor todas as exigências burocráticas inerentes a um leilão de um bem público, no caso a loja da Vasp, empresa estatal.

O ano de 1989 para Elias começou agitado. Ciente de que a loja seria destinada ao Bob's, ficou à frente do planejamento do projeto e buscou formatar o negócio,

definindo os recursos financeiros não só destinados ao leilão, mas também para investir na adaptação do imóvel para uma rede de *fast-food*.

Peter Vader esclarece:

Nós nos associamos. Elias, a sogra dele, dona Angela Monteiro de Carvalho, e eu. Tão logo arrematamos o imóvel, fiz contato com o Vendex e iniciamos o investimento a fim de preparar o local para receber um Bob's de acordo com as especificações técnicas e exigências rigorosas do grupo.

O arquiteto responsável pelo projeto foi o cunhado do Elias, Wadi Gebara. A obra tomou longo tempo, com muitos imprevistos.

Tivemos uma demorada negociação com o condomínio do prédio porque um fast-food poderia gerar incômodos para os condôminos por se tratar de uma loja comercial de alto consumo, ao contrário de um local de venda de passagens aéreas, como ocorria antes com o imóvel.

Por exigência da rede Bob's tínhamos de ter reservatório mínimo de água, o que demandou obra especial. Houve dificuldade junto à prefeitura para finalmente liberarmos a licença da obra. A partir daí, todas as semanas Elias e eu tínhamos reuniões no Oba Oba, à noite, em geral após os shows das mulatas, para analisarmos o andamento da execução do projeto e programarmos os desembolsos necessários.

O ano de 1989 foi de grande significado pois voltaram as eleições diretas para presidente da República e o entusiasmo da volta à soberania popular no país era comum a todo cidadão. Nesse clima tão alvissareiro, Elias, no Oba Oba, levava à frente a iniciativa que considerava especial: o curso de mulatas. Queria as dançarinas preparadas e bem remuneradas, com os direitos trabalhistas garantidos, em atuação no Brasil e no exterior. Sua persistência nesse projeto tinha efeito positivo junto às dançarinas e sambistas, mulatas ou não, e agradava outros empresários da noite que exploravam esse nicho do mercado, com ampla ressonância na mídia e apoio do Senac e da Riotur.

Mesmo assim, Elias enfrentou dificuldade em montar novas turmas para o curso de mulatas. A barreira principal que atrapalhava a consolidação do curso incluía o desencontro de agendas entre as profissionais do samba e as equipes especializadas que deveriam treiná-las. Havia dificuldade também até na disponibilidade do salão do Oba Oba para as aulas. Elias, no entanto, nunca perdeu o entusiasmo; insistia no projeto porque entendia a importância social da ação. Mas os obstáculos foram tantos que ele só conseguiu aglutinar o segundo grupo de dançarinas em abril de 1989, quase três anos após a primeira turma.

Em 1989, o Brasil teve vinte e dois candidatos à presidência da República. Essa quantidade recorde na história do país resultou em uma pluralidade inédita de campanhas, com as mais diversas propostas de governo, nas ruas e nos meios de comunicação, fenômeno que se transformou em saudável eclosão de mobilizações populares.

Apesar da crise, o clima político foi propício para o comércio. Elias, portanto, tinha duplo motivo para seu otimismo... seus negócios seguiam em ritmo normal, enquanto a sociedade vivia feliz a consolidação da transição do regime autoritário para a democracia.

Em setembro de 1989, na primeira terça-feira do mês, Elias, deslocando-se do Oba Oba para casa, por volta de uma e meia da madrugada, perdeu o controle do carro, um Santana, da Volkswagen, batendo-o em uma árvore, na descida do Corte de Cantagalo, na Rua Miguel Lemos, em Copacabana. Um de seus funcionários, que pegara uma carona com ele até o Cantagalo para depois tomar um ônibus, desceu do carro momentos antes e viu o acidente, acorrendo ao local e permanecendo ao lado do patrão, que o orientou quanto ao contato com familiares e conhecidos. Elias pediu que avisasse de imediato ao porteiro-chefe do prédio em que morava, José Diniz Barbosa, que, de pronto, rumou para o local do acidente e ficou à espera de uma ambulância que levasse o acidentado a uma emergência médica.

José Diniz Barbosa narra:

Eu estava em casa dormindo, quando alguém me telefonou e me falou que o sr. Elias tinha sofrido um acidente e estava me chamando. Lá chegando, ele me pediu para não sair de perto dele. Logo vieram seus parentes e apareceu o atendimento médico que providenciou a transferência para o hospital.

O primeiro familiar a chegar foi o cunhado Maurício Chartuni, casado com Ivete. Maurício logo viu que ele tinha fraturado algumas costelas, mas estava bem. O volante do carro quebrou no choque com o peito de Elias. Uma ambulância o levou à emergência do Hospital Miguel Couto. José Diniz Barbosa ficou no local do acidente até a chegada de administradores do Oba Oba, que deram andamento, junto à polícia, aos procedimentos de registro do acidente e reboque do carro.

Passado o susto do acidente, surgiu uma preocupação grave: Elias estava rouco, com alguma dificuldade em falar. O otorrino do Miguel Couto nada viu de errado nas cordas vocais, mas lhe chamou a atenção uma mancha na radiografia do pulmão, razão pela qual solicitou outros exames.

No dia seguinte, Elias, com apoio de Maurício, começou a investigar o motivo da rouquidão. Ao fazer nova radiografia, os médicos observaram alguns sinais que poderiam indicar tumor. Elias fumava muito e sempre teve vida notívaga, com regular convivência junto a outros tabagistas. Após vários exames e tomografias, viu-se que se tratava de um câncer, primário, no mediastino (espaço entre os dois pulmões), de onde se disseminou para os pulmões e fígado!

Elias iniciou tratamento de imediato e em nenhum momento cogitou reduzir o ritmo de trabalho. Dizia que a atividade profissional lhe dava a energia que necessitava para se curar. Diminuiu o cigarro, chegando a abandoná-lo em alguns momentos, mas, nas noites do Oba Oba era um fumante passivo, aspirando fumaça de outros dependentes da nicotina, o que lhe afetaria os pulmões na mesma intensidade, como se ele próprio estivesse com o cigarro na boca.

Dois meses após o diagnóstico e início do tratamento, Elias foi a Nova York – por indicação de seu médico particular, já saiu do Rio com consultas agendadas no Memorial Sloan Kettering Cancer Center, em Manhattan. Estava acompanhado de Maria Angela, Elias Bauschi, cunhado, casado com Aparecida, e Lúcia, cunhada de Maria Angela, casada com Carlos Antonio Gebara. Todos ficaram no mesmo hotel, próximo ao centro médico.

Quando saíram os resultados dos diversos exames e de nova biópsia, Bauschi aventou a possibilidade de Elias realizar lá mesmo a quimioterapia. Os oncologistas locais que o examinaram recomendaram sua volta ao Brasil.

Disseram que o tratamento poderia ser feito no Rio, em condições técnicas semelhantes. Além disso, afirmavam que o fato de Elias permanecer em casa significaria mais conforto para ele, porque, acima de tudo, estaria próximo dos filhos, de outros familiares e amigos, o que o ajudaria na qualidade de vida e em eventual recuperação.

Em seguida, todos foram para o hotel. Maria Angela disse que Elias, ao chegar ao apartamento deles, segurou suas mãos e descompensou:

O laudo foi definitivo. Pouco mais de um ano de vida. Com a hipótese de um tratamento em Nova York descartada, saímos do hospital e seguimos para o hotel. Ao chegarmos a nosso quarto, Elias chorou muito, desesperadamente, de soluçar. Ficou longo tempo aos prantos. Jamais vi alguém naquela situação. Entendi que ele, naquele instante, sofreu por sua situação, por todos nós, familiares, mas, acima de tudo, pelos nossos filhos.

As eleições presidenciais ocorreram em 15 de novembro, resultando como mais votados Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, e eles de pronto começaram suas campanhas para o segundo turno. Elias chegou a se animar com a perspectiva de um novo presidente eleito pelo voto popular, continuou o tratamento oncológico e prosseguiu atuante em suas diversas frentes de trabalho. Mas chamou a atenção de familiares e amigos sua decisão de colocar fim no contrato de arrendamento da fazenda de Pindamonhangaba. Ele gostava dessa propriedade, por isso todos viram no encerramento do negócio um sinal claro de sua preocupação em cuidar mais da saúde. Em nenhum instante, no entanto, abriu mão de estar à frente do Oba Oba.

Maria Fernanda, a filha caçula, guarda forte lembrança da dedicação do pai à casa de shows:

Lembro-me muito do Oba Oba e do orgulho dele em divulgar a cultura brasileira para os turistas. Ele sempre foi visionário, conseguia enxergar além. Eram-lhe inerentes a generosidade, a paixão e a perseverança em seus negócios e trabalho. Sempre incluindo todos à volta, dividindo e compartilhando o sucesso que fazia. Ele era o líder, mas sempre carregava seus soldados.

E, na diversidade de espetáculos que o Oba Oba apresentava, Elias se empenhou de corpo e alma na realização da cerimônia de formatura do segundo grupo do curso das mulatas, solenidade que foi realizada em 6 de novembro. Ele idealizou, com sua equipe, responsável pela coreografia e cenário da casa, apresentações em seis quadros que reproduziam quase que integralmente, mas de forma condensada, os mais importantes espetáculos em cartaz no Oba Oba.

A professora e antropóloga do Iser, Sonia Giacomini, elaborou uma monografia – “Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação” – sobre o espetáculo, para conclusão de curso na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e a publicou em 2006 na *Revista de Estudo Feminista*, órgão do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e do Centro de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Giacomini definiu esses quadros como solos de mulatas profissionais:

Tanto a concepção do show quanto a exibição das alunas procuraram, de forma explícita e evidente, reproduzir um conjunto: o clima, as personagens e seus respectivos papéis, em suma, todos os ingredientes que compõem o ambiente no qual se realiza o trabalho de uma mulata profissional. Com efeito, as alunas entendiam muito bem o sentido da realização daquele show: era uma formatura. Em consequência, a cada momento e no contexto de

cada quadro, procuraram mostrar que tinham realizado a passagem de mulata aluna para mulata profissional.

Os jornais descreveram as apresentações das mulatas com detalhes. O primeiro quadro contou com duas dançarinas, chamadas de Dupla café com leite – uma era mulata e outra de pele clara –, representando parte de uma mesma cultura, “a cultura do samba e da miscigenação”, segundo anunciou efusivamente o mestre de cerimônia. O público acompanhou com entusiasmo a exibição das duas artistas que, ao final do samba, receberam da alegre plateia aplausos calorosos e demorados. Em seguida, foi encenada uma dublagem sensacional por três formandas que, de forma original, reviveram uma cena característica da pequena notável Carmem Miranda. De fato, um espetáculo surpreendente, não só pelo desempenho do trio de dançarinas, mas por se tratar da fabulosa Carmem – nos anos 1930 e 40, a cantora projetou-se no exterior, com seus turbantes, brincos de argolas, babados, saltos plataforma e balangandãs, após se apresentar com sucesso na Broadway.

Outro quadro especial foi o maculelê, quando se demonstrou a importância da manifestação cultural oriunda da cidade de Santo Amaro da Purificação, a terra dos baianos Caetano Veloso e Maria Bethânia. Lembrou-se da existência da comunidade quilombola de Monte Alegre, no sul do município de Cachoeiro de Itapemirim (Espírito Santo), onde o maculelê é passado de geração a geração, com o objetivo de não perder a veia tradicional. É uma expressão teatral que conta, por meio da dança e dos cânticos, a lenda de um jovem guerreiro que sozinho conseguiu defender sua tribo de grupo rival usando apenas dois pedaços de pau, tornando-se herói da tribo. Com notação rítmica diferente do samba, é uma das danças folclóricas brasileiras de origem africana e indígena, o que dá margem à criatividade, ali explorada pelas mulatas.

Na sequência, um quadro que evocou brejeirice nos enormes laços coloridos que enfeitavam a cabeça das participantes que iam rodando as bufantes saias de renda, parecendo imitar as evoluções das velhas baianas das escolas de samba. O show, que trouxe ao palco todas as alunas, orgulhosas, dançando, risonhas e faceiras, agradou ao público também pela coreografia.

O penúltimo quadro, segundo a professora Giacomini, foi marcante! Ao som de uma música cujo refrão repetia “segura no pé dessa nêga” e de uma percussão, se dava a entrada triunfal de uma bela mulata que chegou a fazer vibrar copos, mesas e cadeiras! A professora acrescentou que todos os convidados se levantaram “para aplaudir com entusiasmo o espetáculo, e houve mesmo quem fizesse soar

uma barulhenta corneta (dessas utilizadas por torcidas em estádios); outros, ainda, estenderam uma grande faixa exibindo o nome da formanda. Durante vários minutos, revelando para a plateia as qualidades de uma solista, a mulata preencheu o palco com seus movimentos e tremidinhas, provocando a assistência com movimentos insinuantes seguidos de pausas não menos sugestivas.

O último quadro incluiu uma sanfona dando ritmo a cinco dançarinas, tipo rendeiras, com saíotes, laçarotes, bustiês coloridos e xales de renda. De repente, elas saíram do palco e surgiu uma mulata de biquíni, agora ao som do tamborim, sambando, fogosamente, sozinha, dirigindo-se à plateia. Escolheu alguém para sambar com ela, apontando alguns homens nas fileiras próximas ao palco. Ninguém se prontificou a subir e dividir o palco com a dançarina, muitos por inibição, mas ela viu um jovem mais extrovertido e insistiu com ele que, incentivado por apelos e aplausos não só de seus amigos de mesa mas de pessoas próximas, aceitou o convite, sambando, descontraído e desenvolto, com a ajuda da mulata. O público ovacionou, alegremente.

No dia 7 de novembro, *O Globo* publicou reportagem sobre esta festa de formatura da segunda turma, sob o título “Curso dá a mulatas status de profissão”. Uma semana depois dessa festiva diplomação das dançarinas, Elias anunciou as novidades que iria apresentar na comemoração dos quinze anos de sucesso do Oba Oba, seis dos quais sob seu comando, ali no Humaitá.

Mirson Murad falou das atrações alusivas ao aniversário da badalada casa noturna:

Elias Abifadel, o Bom Beduíno, não cabe em si de contentamento com o retorno ao Brasil de todas as suas mais famosas mulatas. Nunca é demais repetir que o nosso *show biz* tem prestígio internacional. Os turistas que aqui desembarcam já chegam cobrando de seus agentes de viagem levá-los a um show folclórico “*We Want Oba Oba*”. É o que mais se ouve dos gringos. Tem casas boas no Rio, e sempre tem espaço para mais uma na cidade. Entretanto, é inegável que o show brasileiro, o mais animado, no qual o turista tem participação direta, é do Oba Oba, de Elias Abifadel. Por isso, a casa de espetáculos da Rua Humaitá, 110, é representativa das coisas do Brasil junto aos estrangeiros. Foi também o Oba Oba que exportou nossas mulatas para o brilho da fama e da noite do show biz internacional. No próximo dia 8 de dezembro, o Oba Oba estará fazendo 15 anos de sucesso, com sua casa sempre lotada. Há seis anos, no Humaitá. A casa, no Dia Nacional da Mulata, festejará a data com apresentação de todas as mulatas famosas e históricas como Maria Helena, Fatinha Bijou, Márcia Grande, Heloisa Helena, Glaucia, Bernadete, Angela, Yara, Cristina Cris. Será uma noite imperdível. (*Jornal do Brasil*, coluna Comer & Beber, caderno Cidade, 11/11/1989, p. 7)

Siero Neto informava sobre o lançamento, por Elias, do musical *Olé Olá*, no embalo dos festejos de aniversário do Oba Oba:

Dia 8 próximo é uma data grata a todos aqueles que curtem o balacobaco, o ziriguidum, o telecoteco. Exatamente, há 15 anos, surgia o Oba Oba de Ipanema e, há seis, agora no Humaitá, é comandado por Elias Abifadel, seu único proprietário.

Elias, como todos os notívagos sabem, é aquela figura extremamente inteligente, conciliador por excelência, com capacidade de luta, íntegro, idealista e com fascínio pessoal. Foi ele que, há muitos anos, fez do extinto Bierklause a casa-símbolo da noite carioca. Lembra-se?

Agora, aproveitando a efeméride, Elias lança novo musical para o seu Oba Oba: é o alegre *Olé Olá*, com tudo novo, cheirando a tinta. Guarda-roupa riquíssimo, assinado pelo trio Laerte Rafael, Jeferson e Elsa Farina; coreografia especialmente criada pela talentosa Jurandyr Palma; seleção musical que faz todos cantarem e dançarem com as estonteantes mulatas que continuam no mapa em ritmos de todos os rincões do país. A abertura, apoteótica, tem música inédita de Chico Feitosa.

Nesta noitada, Elias, com todo aquele seu coração magnânimo, daí o carinhoso apelido de “Bom Beduíno”, faz questão de receber os amigos e homenagear as mulatas históricas, que ficaram famosas por todo o Brasil: Adéle Fátima, Solange Couto, Théo Montenegro, Maria Helena e muitas outras.

Sempre pontifiquei que o Oba Oba, nestes 15 anos de sucesso, se notabilizou em apresentar um espetáculo diferente de seus congêneres. Show intimista, jovial, bem carioca, com belas mulatas bem despidas, que fazem com que o espectador, brasileiro ou estrangeiro, saia de lá de bem com a vida. E quem há de negar? (*O Globo*, Siero Neto, Segundo Caderno, Agenda Dia&Noite, 02/12/1989, p. 2)

Siero Neto, em 9 de dezembro, dia seguinte à comemoração que anunciara uma semana antes, comentou sobre o que aconteceu na noite, que definiu como “verdadeiro delírio na apoteose”, ilustrando o texto com uma foto de Elias com o Bola, o famoso Rei Momo do carnaval carioca:

Ontem foi o dia de festa no Oba Oba de Elias Abifadel. A estreia de *Olé Olá*, marcando os 15 anos de existência da famosa casa de samba, teve momentos de rara emoção, sendo aplaudido de pé, em vários instantes, e chegando a verdadeiro delírio na apoteose. O show, como todos assinados por Elias Abifadel (na foto com Bola, nosso divertidíssimo Rei Momo) é alegre, com *timing* perfeito, guarda-roupa bem elaborado, apresentadores que transmitem calor humano, cantores afinados, bailarinos perfeitos nas suas evoluções e, principalmente, um time de mulatas que deixa a todos boquiabertos, com seus requebrados, sorrisos fartos, além da beleza do rosto e do corpo.

Como já disse e jamais me canso de repetir, os shows do Oba Oba primam pela sua carioquice sem comparação no mundo, recomendável tanto para o morador do Rio quanto para os turistas brasileiros e estrangeiros. (*O Globo*, Siero Neto, Segundo Caderno, Agenda Dia&Noite, 02/12/1989, p. 2)

Cinco dias depois desta mensagem de Siero Neto, Mirson Murad escreveu sobre o que aconteceu na noite da celebração dos quinze anos do Oba Oba:

Elias Abifadel definitivamente é um *gentleman do show biz*. O bom Elias homenageou todas as suas famosas mulatas que fizeram a noite do Rio. Em seu emocionado discurso, Abifadel prestou-lhes reverência e as recomendou a seus concorrentes. O carinho impecável e a espontaneidade das palavras que Elias Abifadel transmitiu ao público exaltaram a figura de Oswaldo Sargentelli, o pai do ziriguidum. Foi uma festa que ficou na história da noite carioca. (*Jornal do Brasil*, Mirson Murad, Caderno B, 14/12/1989, p. 2)

Após 29 anos, estávamos escolhendo o presidente da República através do voto direto. O segundo turno das eleições para a presidência da República aconteceu em 17 de dezembro de 1989, quando foi eleito Fernando Collor de Mello. A expectativa de dias melhores chegando era gigantesca em todo o Brasil, que viveu as duas últimas semanas do ano em euforia. Eram fortes a esperança e o sonho de consolidação da democracia entre nós.

Assim, o *réveillon* do final da década foi movimentado e Elias, desde a segunda quinzena de dezembro agitava o Oba Oba, com o belo espetáculo, por ele criado e dirigido, *Brasil tropical* com a participação de um elenco top do *show business* carioca, encabeçado por Ataulfo Alves Jr, com apresentação de Luiz Cezar, coreografias de Jura Palmas e fantasias de Laerte Rafael e Silvinho.

Dessa forma, o ano novo estreou triunfante no Oba Oba. Mas, logo em janeiro, na casa de Elias, uma notícia tremendamente angustiante caiu de forma bombástica sobre a família: Maria Angela foi diagnosticada com câncer de mama! Elias se desesperou, não apenas pelos caminhos tortuosos que a esposa teria de trilhar para se livrar da doença, mas sobretudo pela preocupação com os filhos, agora ameaçados de ficarem órfãos de pai e mãe! Mas, a vida seguiu e o casal, com desembaraço e coragem, reagiu de forma positiva contra mais essa triste adversidade.

Os dois primeiros meses de 1990 foram bons para o comércio, com efeitos favoráveis para o Oba Oba. Em 16 de março, uma sexta-feira, feriado bancário, e um dia após tomar posse como o primeiro presidente eleito no país de forma direta e após mais de duas décadas e meia de ditadura, Collor anunciou o confisco dos depósitos bancários e das cadernetas de poupança dos brasileiros. Os saques na

caderneta ou conta corrente foram limitados a 50 mil cruzados novos – a moeda da época. O restante ficaria retido por 18 meses, com correção e 6% de juros ao ano. No caso dos fundos de curto prazo e do *overnight* (aplicação da classe média para se proteger da inflação), o resgate era ainda mais limitado: 20% ou NCZ\$ 25 mil, o que fosse maior, pagando ainda tributação de 8% sobre o valor retirado.

A população reagiu com perplexidade às duras medidas de bloqueio do dinheiro. Ao fim do feriado bancário de três dias, longas filas se formaram nas agências, e os bancos não tinham dinheiro suficiente para cobrir os saques dos clientes. O comércio ficou drasticamente paralisado, os consumidores sumiram.

O impacto foi desastroso para a vida noturna carioca, incluindo o Oba Oba, e estressante para Elias, cuja saúde, já debilitada, agravou-se. Mesmo assim, à noite, ele ia ao Oba Oba, mas foi perdendo vigor e peso, diminuiu o ritmo das atividades e deixou, inclusive, de promover shows no exterior.

Elias tinha para ele e sua família um bom plano de saúde, mas que, segundo Maria Angela, não cobria tratamento oncológico. Por isso, antes de meados de 1990, ele, a fim de dar continuidade aos custos do tratamento contra o câncer e efeitos colaterais, viu-se na contingência de vender sua cota de participação no empreendimento destinado à instalação do Bob's, cujas obras ainda se estenderiam por mais seis meses, e o fez em favor de seu cunhado, Carlos Antonio Gebara.

Patrícia, Elias Jr e Maria Fernanda viviam apreensivos, desolados, às vezes chorosos, esses momentos de angústia e tormento, em que o pai e a mãe lutavam contra o câncer. Maria Angela, por orientação do oncologista que a acompanhava, fez uma cirurgia, em final de fevereiro e, já em março para abril, iniciou os tratamentos de quimioterapia e radioterapia, que se prolongaram até o início do segundo semestre.

A saúde de Elias se agravava. A metástase logo atingiu a coluna. Ele emagreceu, ficou um pouco descuidado com a aparência, deixou a barba crescer, enfim, diferenciou-se muito daquela figura altiva, risonha, saudável, que as fotos de pouco tempo antes mostravam. Mesmo diante das dificuldades físicas, o comportamento de Elias demonstrava uma força de vontade impressionante. Para ele, o problema era passageiro, acreditava na sua capacidade de derrotar a doença. Em seu horizonte, a morte era inadmissível. Não abria mão de visitar a fazenda em Taubaté. O ambiente rural, sua paixão, revigora-o.

É Maria Angela quem diz:

Ví que no Oba Oba, nesse momento em que ele estava mais ausente, por força dos diversos

medicamentos e necessidade de repouso, estavam ocorrendo muitas irregularidades. Era impossível para ele monitorar a situação apenas à distância.

Ofereci-me para ajudá-lo. Mas ele, com uma rispidez exagerada, disse 'não'. Aos brados, falou que não estava morrendo, que iria retomar o controle de tudo. De imediato, ligou para o Oba Oba e orientou os administradores da casa para que não me deixassem dar palpite em nada.

Fiquei muito aborrecida, mas logo entendi a razão do seu comportamento. A saúde dele estava muito delicada. Ele queria viver, retomar os negócios, precisava sentir que tinha condições para tal. Além disso, havia a preocupação dele com o meu tratamento do câncer no seio. Era perfeitamente compreensível a atitude dele.

Os filhos sentiram que, nesse período, Elias, às vezes infeliz, pensativo, ficou mais flexível, queria satisfazer as vontades de todos eles, buscar aproximar-se. Foi um momento difícil, horrível, para a família, com pai e mãe em quimioterapia. Mas Elias, embora fisicamente afetado, mantinha-se ativo, diante de oportunidades de investir em terras, sempre em sua Taubaté, para onde se deslocava, com dificuldades, a qualquer chance de vir a negociar a compra de um novo sítio.

Elias Jr fala do combate audacioso do pai:

Definitivamente, acredito que ele nunca considerou que iria morrer por causa do câncer e fez de tudo para se curar da doença. Foi uma batalha corajosa. Ficamos juntos. Nós os filhos, pouco podíamos fazer, mas estávamos ali, lado a lado, tentando compreender melhor a situação.

Ele permanecia em casa, o que facilitava o nosso convívio, mas também tinha que ir com frequência ao hospital. Enfim foi uma luta dura, que se prolongou por mais de um ano, mas, confesso, não tenho muitas memórias desta época. Com certeza, convivo com bloqueios em relação a diversos fatos ocorridos naqueles meses. Enfim, foi um esforço intenso, contínuo, durante mais de um ano.

Maria Fernanda, embora com apenas 8 anos de idade, recorda-se do abatimento do pai e de sua disposição em se manter ativo, fascinado pelo trabalho, o que, na opinião dela, mantinha-o vivo. Ela fala da importância das terras que o pai deixou não apenas como patrimônio da família, mas como herança que cria um elo entre os irmãos, como se o pai ainda vivesse.

Maria Fernanda trabalha na regularização dos bens e explica que isso acaba fazendo com que a família tenha que aprimorar a sua relação, fazendo com que se aprenda e entenda os limites de um em relação ao outro, respeitando as diferenças. Ela se diz impressionada com o que o pai fez, em como se preocupou com os filhos,

como buscou garantir um futuro para todos, norteando-se por um ditado que ele gostava de repetir: “quem tem um pedaço de terra tem tudo”.

Maria Fernanda enaltece o derradeiro convívio ao lado do pai, considerado por ela verdadeiro legado que a fortaleceu para a vida:

Com o tempo, ele se viu obrigado a ficar mais em casa, no quarto e na cama, e isto foi muito difícil para mim porque eu não sabia exatamente o que estava acontecendo, nem que ele tinha um tempo determinado de vida... ninguém me explicou a respeito, certamente por causa da minha idade. Apenas sabia que ele estava doente e achava que ia passar. Se eu soubesse que era algo definitivo, teria me aproximado mais dele.

Ele foi aos poucos perdendo a força de vida que lhe era própria. A doença o enfraquecia. Lembro-me de rezar todos os dias com a minha avó pela saúde da mamãe e do papai, era como se a qualquer momento eu fosse perder os dois. Isso tudo mexeu muito comigo, um misto de tristeza com insegurança, seguido de uma sensação de solidão muito grande. Mas me ensinou muito. Desde cedo entendi que de repente tudo pode mudar na vida, que nada é para sempre e que os bons podem morrer jovens. Essa fase me fortaleceu e foi sem dúvida o que me fez crescer e assumir responsabilidades desde cedo. Essas experiências determinam muito o jeito como você passa a perceber a vida. Comecei a dar mais valor para as coisas, para a vida, para as pessoas. Entendi que tudo está em um constante movimento e que não temos o menor controle sobre isso. Aprendi a aceitar melhor a realidade e a lidar com as dificuldades de outra posição, muito mais sábia e forte.

A vida de Elias passou a se alternar de casa para o hospital e vice-versa. Ele vivenciou assim o tratamento quimioterápico e seus efeitos, que impõem ao paciente superar uma sequência de percalços, como queda de cabelo, falta de apetite, náusea, feridas na boca ou alteração do paladar, noites de insônia ou mal dormidas, dores grandes e pequenas... e incontáveis idas e vindas a médicos, exames de sangue a cada sessão de quimioterapia.

O sr. José Diniz Barbosa, porteiro-chefe Edifício Saint Angèle, presenciava diariamente o drama de Elias, Maria Angela e dos filhos do casal e recorda um momento em que sentiu ser de despedida:

Com a saúde debilitada e sem a mesma resistência, um dia, ele desceu do apartamento para ir à fazenda e ficou na portaria conversando comigo, me dando conselhos. Recomendou-me que aproveitasse e vivesse cada momento, cada minuto da minha vida. Era como se ele estivesse partindo, definitivamente. Parecia que estava prevendo que não voltaria.

Quando se levantou para ir ao carro, eu o ajudei, aí ele pôs o braço no meu ombro e contemplou o prédio, respirou fundo, olhou para mim e disse: “Me faça um favor, tome conta da minha família.” Neste instante, percebi que poderia não vê-lo mais. Chegando ao carro,

ele olhou para a portaria e apertou a minha mão. Novamente, senti que era de fato uma despedida.

Os dois últimos meses de vida, Elias preferiu ficar na residência da irmã Odete, ali mesmo, em Copacabana. Em casa, ele se preocupava com Maria Angela, que convalescia, e com os filhos. O novo endereço facilitava os deslocamentos, agora mais frequentes, sempre acompanhados pelo cunhado Maurício, não só para as sessões de químio, mas para as consultas de monitoramento e sucessivos exames. Elias, em decorrência da quimioterapia, enfrentou muitas transfusões de sangue sem jamais perder a esperança em dias melhores, segundo Maurício.

Em 5 de novembro de 1990, em uma clínica de hemoterapia em Botafogo, quase ao final de uma transfusão, um coágulo sanguíneo (trombo) se formou em uma veia profunda, alojando-se no pulmão. Complicou-se para embolia pulmonar (tromboembolismo venoso) e Elias foi transferido de ambulância para um pronto-socorro cardíaco, localizado na Rua Real Grandeza, em Botafogo, onde faleceu, no dia seguinte.

O corpo de Elias foi velado no Cemitério São João Batista, em Botafogo, onde foi sepultado no jazigo da família, ao lado dos restos de sua filha Ana Cecília.

O Globo registrou assim a morte de Elias:

Paulista, empresário de restaurantes e casas noturnas, fazendeiro e advogado, deixa viúva Maria Angela e os filhos Patrícia, de 14 anos, Elias Junior, de 12, e Fernanda, de 8. Morreu às 8h30min (...) e foi sepultado, na presença de cerca de duzentas pessoas, a maioria da Associação Comercial e Industrial da Zona Sul (Acisul) e do Rotary Club de Copacabana, entidades de que já fora presidente. Quatorze coroas de flores, três das quais mandadas pelos 50 empregados do restaurante e casa noturna Oba Oba, do Humaitá, que não abriu ontem, foram mandadas ao cemitério. Pioneiro do comércio de restaurantes e casas noturnas do Rio, foi dono do Bierklause, no Lido, na década de 60, na qual foram lançadas as cantoras Alcione e Maria Gata Mansa. (*O Globo*, primeiro caderno, 08/11/1990, p. 18)

No dia da missa de sétimo dia de Elias, o jornalista Walter Rizzo, um dos colunistas mais respeitados e queridos da imprensa do Rio, publicou um artigo tocante, sob o título “Elias Abifadel, uma saudade”:

Ocasões há na vida de um jornalista em que a notícia a ser transmitida emociona e quase o impede de transmiti-la. Hoje, estou diante de uma dessas situações. O amigo Elias Abifadel já não se encontra entre nós. Homem da noite, empresário bem-sucedido, próspero fazendeiro em Taubaté, São Paulo, criador de gado leiteiro. Elias partiu depois

de um longo período de enfermidade, deixando viúva a Sra. Maria Angela Gebara Abifadel e três filhos menores, Patrícia, 14 anos, Elias Junior, 13 anos, e a caçulinha, Maria Fernanda, 8 anos.

Elias dizia para os amigos que o visitavam no Oba Oba uma frase amiga e significativa: “A casa é sua, eu apenas estou administrando”. Ouvi isso muitas vezes. Era uma pessoa incrível, amiga, afável, sempre com um sorriso amável e sincero. Foi ele que nos anos sessenta criou o Bierklause, a casa noturna mais alegre que houve nesta cidade.

Funcionava na Praça do Lido. No andar térreo, era a famosa cervejaria, com uma banda alemã tocando músicas típicas e no sobrado a Boate Fossa, onde cantavam Waleska, Marisa Gata Mansa e Tito Madi, acompanhados pelo saudoso pianista e compositor Ribamar, parceiro da inesquecível Dolores Duran.

Recentemente, Elias criou juntamente com o Senac uma escola para mulatas manequins, que devem a ele o lugar conquistado no cenário artístico e social. Elias Abifadel era um justo, um bom e, acima de tudo, amigo dos seus amigos. Sua partida para o além deixou em cada um de nós uma imensurável saudade. A missa de sétimo dia pelo descanso de sua alma será celebrada hoje, terça-feira, às 11 horas, no altar-mor da Igreja Nossa Senhora da Candelária, na Praça Pio X. É hora de juntos rezarmos pelo amigo que se foi. Descansa em paz, Elias Abifadel. (*Jornal dos Sports*, Walter Rizzo, Bola Social, 13/11/1990, p. 17)

Outro texto relevante sobre Elias foi publicado pelo colunista Horton Sidnei Cunha, de Taubaté. Horton, lembrando outras personalidades taubateanas de projeção nacional, registrou o reconhecimento do município ao trabalho de Elias de forma peculiar:

Uma manhã dessas, comentava-se (...) sobre a importância dos taubateanos na cultura do país, citando-se os nomes que todos conhecem no mundo literário e artístico – Monteiro Lobato, Gentil de Camargo, Cesíduo Ambrogi, Hebe Camargo, Celly e Tony Campello, Cid Moreira, Mazzaropi, Renato Teixeira e Anacleto Rosas – cujos trabalhos fazem parte da nossa cultura até os dias atuais.

Mantendo mais ou menos o mesmo tom, um ilustre taubateano, já falecido, marcou época na vida noturna carioca (que ditava moda para o resto do país), com uma boate [restaurante] Bierklause, localizada na elegante Zona Sul do Rio, que era uma das principais [casas noturnas] da Cidade Maravilhosa.

Elias Abifadel, de tradicional família de nossa cidade, também manteve em Taubaté um restaurante, na Avenida 9 de Julho, o Chamonix, onde hoje está localizada uma clínica médica, restaurante que marcou época pelo profissionalismo reinante. A foto de hoje [publicada na coluna] foi cedida gentilmente pelo nosso leitor Edson Sbruzzi, que

estava presente na ocasião, mostra quando Elias Abifadel (de terno escuro) recebia [no Bierklause], em 1970, dois campeões mundiais de futebol: o capitão Carlos Alberto Torres e o preparador físico Admildo Chirol, recém-chegados do México, onde na belíssima cidade de Guadalajara (estado de Jalisco), nossos canarinhos encantaram o mundo na primeira Copa transmitida diretamente pela televisão para o Brasil.

A cada dia mais e mais exemplos surgem da importância da contribuição taubateana em diversas áreas culturais de nosso país. (*Matéria-Prima*, Horton Sidnei Cunha, Um pouco de história, 1990, p. 2)

Em 1992, a vereadora Judith Mazella Moura (1920-2007) propôs e aprovou na Câmara Municipal de Taubaté que uma rua da cidade fosse denominada Dr. Elias Abifadel. Amigos e familiares de Elias, em Taubaté, consideram que essa homenagem tem especial significado porque Judith, advogada, importante personalidade do município, teve uma trajetória de pioneirismo político forte. Primeira mulher eleita vereadora na cidade, reelegeu-se três vezes, atuou como jornalista no primeiro jornal para mulheres da região e em vários outros veículos de imprensa local, trilhando uma respeitável linha crítica e opinativa.

Eis a justificativa da vereadora para fundamentar sua proposta:

Elias Abifadel, falecido em 6/11/1990, no Rio de Janeiro, foi um cidadão prestante, que nunca esqueceu a terra natal, a sua cidade. Aqui, semanalmente, estava desenvolvendo atividade no setor agropecuário.

No Rio de Janeiro, onde residia, dedicou-se intensamente ao desenvolvimento do turismo. Seu nome era conhecido como “taubateano dinâmico”, que conquistou a simpatia e os aplausos de toda a Cidade Maravilhosa, por suas iniciativas dentro do turismo.

Recebeu o título de Cidadão Carioca e o famoso prêmio Golden Helman da Alemanha. Com o Senac, criou a escola para mulatas e manequins e outros empreendimentos.

Seu nome deverá ser gravado na placa de denominação de uma via pública desta cidade para que a posteridade o leia reverentemente, como justa homenagem póstuma a quem em vida se tornou digno do respeito e da admiração de seus semelhantes.

A Rua Doutor Elias Abifadel fica no bairro Jardim Independência, em Taubaté, São Paulo, CEP 12031- 623.

Bibliografia de apoio

1 Elias Abifadel

CAEIRO, Alberto [pseudônimo de Fernando Pessoa]. “Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia”, in *Poemas inconjuntos*. Lisboa: Ática, 1946.

2 Raízes

ANDRADE, Antonio Carlos de Argollo. “O processo migratório em Taubaté”. In: Taubaté na história nacional. Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico, Prefeitura Municipal de Taubaté, 2012.

GATTAZ, A.C. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005.

MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MORAES, N.L. (Org). *Espírito Santo: História de suas lutas e conquistas*. Vitória: Artgraf, 2002.

OSMAN, S. A. Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida. Tese de doutorado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OSMAN, S. A. Caminhos da Imigração árabe em São Paulo: história oral de vida familiar. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

PRADO, José Benedito. (Org.) *Taubaté, cidade, educação, cultura e ciência*. São Paulo: Noovha América, 2005.

TRUZZI, Oswaldo. *De mascates a doutores: Sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1991.

TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

VILELA, Elaine Meire. Sírios e libaneses: Redes sociais, coesão e posição de status. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n.76, jun 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n76/09.pdf>. Acesso em 25 jul 2017.

Para saber mais

. Sobre a cidade de Zahle, ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Zahl%C3%A9>. Acesso em 9 dez 2018.

. Informações sobre a Sociedade Taubateana de Imigração, o leitor pode encontrar em <http://www.almanaqueurupes.com.br/portal/textos/14-curiosidades-sobre-quiririm-que-voce-nao-sabia/>. Acesso em 25 jul 2017.

. Sobre a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana: resumo, causas, objetivos e característica, ver: http://www.historiadobrasil.net/resumos/revolta_18_forte.htm.

. Informações sobre a Revolta Constitucionalista de 1932 encontram-se disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Constitucionalista_de_1932. Acesso em 25 jul 2017.

. Eddy Carlos, blog Redescobindo o Vale: <http://redescobrindoovale.blogspot.com.br/> Acesso em 25 jul 2017.

. Os fotógrafos conhecidos por lambe-lambe são comentados em: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/2017-03-19-18-18-02/artigos-e-criticas/166-lambe-lambe>

3 Empreendedor

BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB: Memórias de um chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália, 1943-45*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CAMÕES FILHO. *O canto do vento. A história dos prisioneiros alemães nos campos de concentração brasileiros*. São Paulo: Scritta, 1995.

CYTRYNOWICZ, Roney. “A batalha da produção”. In: *Guerra sem guerra*. São Paulo: Edusp, 2000.

Para saber mais

. Sobre as informações de Costa Ferreira, ver: <http://professorgilbertocf.blogspot.com.br/search?q=o+piloto+Fernando+Barros+Morgado>

. Para acessar o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, ver: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/QuedaDeVargas>

4 Líder apartidário

SANTOS, Joaquim de Oliveira dos. *Enquanto houver champanhe, há esperança: Uma biografia de Zózimo Barroso do Amaral*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

Para saber mais

. Site com as informações do historiador e professor Alexandre Bigeli: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/golpe-militar-de-1964-1-elites-e-militares-derrubaram-o-governo-de-jango.htm>

. Sobre a atuação de Carlos Lacerda, ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Lacerda e https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Lacerda

. O blog do taubateano Nilo Sérgio está em: <http://mundomiss.blogspot.com.br/2012/05/ex-miss-universo-ieda-maria-vargas.html>

. A matéria do Luís Nassif pode ser encontrada em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0412200508.htm>

5 Legado

Para saber mais

. Sobre Sérgio Bittencourt, ver: <http://dicionariompb.com.br/ricardo-cravo-albin>
Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9rgio_Bittencourt

. Mais sobre Padilha, ver: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/pdf/recortes/R03392.pdf>

. Informações sobre o turismo em Copacabana, o leitor encontra em: <http://araguaia.com/obra/calçada-de-copacabana/?lang=ptbr>

6 Bierklause e Boate Fossa

WALESKA. *Foi à noite... Música, boemia e outras histórias*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

Para saber mais

. Sobre Waleska, ver: <http://dicionariompb.com.br/waleska/dados-artisticos>

. Elizeth Cardoso, com Sérgio Bittencourt ao violão, interpreta Naquela mesa: <https://www.youtube.com/watch?v=4OUTNlty00w&list=RD4OUTNlty00w>

7 Casamento e filhos

Para saber mais

. Sobre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, conhecida como Grande Rio, ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_do_Rio_de_Janeiro

. Sobre o baile de gala do Municipal, ver Alcyr Cavalcanti, no blog <http://amesqui-alien2.blogspot.com.br/2013/01/o-ultimo-baile-do-teatro-municipal.html> e <http://amesqui-alien2.blogspot.com.br/2013/01/o-ultimo-baile-do-teatro-municipal.html>

9 Vida em movimento

MALLMANN, Maria Izabel. *Os ganhos da década perdida*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

GIACOMINI, Sonia Maria. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. *Revista de Estudo Feminista*, v. 14, n. 1, jan-abr 2006.